

Nunca vi um Cientista: o Engajamento Comunitário no Projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil

Julia Pereira Alves

M

2019



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

**Nunca vi um Cientista: o Engajamento Comunitário no Projeto
Eliminar a Dengue: Desafio Brasil**

Julia Pereira Alves
2019

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientador: João Carlos Pereira Caramelo

Resumo

Este trabalho apresenta-se como um estudo de caso da área de Engajamento Comunitário no projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil. O projeto, parte de um programa internacional sem fins lucrativos, apresenta uma nova forma de controle da dengue, através do uso da bactéria *Wolbachia*, capaz de reduzir a transmissão dos vírus da dengue, Zika e chikungunya de maneira natural, segura e autossustentável. Através da liberação de mosquitos *Aedes aegypti* com a bactéria *Wolbachia*, o Eliminar a Dengue propõe uma substituição de mosquitos na população local que faz com que a maior parte dos mosquitos não possa transmitir dengue. O Engajamento Comunitário vem como ferramenta para que os objetivos que nascem no laboratório sejam compreendidos pelas comunidades e busca estimular a participação através de diversas atividades, personalizadas para cada território. A população tem o poder de apoiar ou não a implementação do projeto e se não for alcançada 70% de aprovação, os mosquitos não são liberados.

Através de análise documental e entrevistas com diversos personagens, busca-se contar uma história que remonta o que foi o Engajamento Comunitário do projeto brasileiro em seus anos iniciais de atuação, de 2012 a 2016, quando houve a liberação nos dois primeiros bairros: Tubiacanga e Jurujuba. Utilizando-se análise de conteúdo, os dados coletados são investigados para que se possa responder quais foram as metodologias empregadas para alcançar e envolver as comunidades, como se deu a participação comunitária, a receção do projeto e a disseminação de informações, a importância da área de Engajamento Comunitário para o sucesso do projeto Eliminar a Dengue e, por fim, a relevância deste tipo de estratégia para outros projetos.

Conclui-se que em cada comunidade foi necessária uma estratégia diferente e que a proximidade da equipe de Engajamento era essencial para uma boa compreensão e envolvimento dos moradores. Quanto mais presente a equipe estava na comunidade, passando informações, atualizações e mostrando-se disponível, mais a população tinha confiança e conhecimento sobre o projeto, assumindo a responsabilidade para tomar decisões conscientes. O que se destacou a todo momento foi a importância de aproximar ciência e sociedade, realizando não apenas uma divulgação de ciência ou de um projeto específico, mas uma verdadeira popularização científica, voltada para o diálogo e a troca. Palavras-chave: Engajamento Comunitário, Participação em pesquisa, Educação em Saúde, Popularização da ciência.

Résumé

Ce document se présente comme une étude de cas de la zone d'engagement communautaire dans le projet Eliminate Dengue: Brazil Challenge. Ce projet, qui fait partie d'un programme international à but non lucratif, introduit une nouvelle forme de contrôle de la dengue grâce à l'utilisation de la bactérie *Wolbachia*, qui peut réduire la transmission des virus de la dengue, du Zika et du chikungunya de manière naturelle, sûre et autonome. En éliminant les moustiques *Aedes aegypti* avec la bactérie *Wolbachia*, Eliminate Dengue propose de remplacer les moustiques dans la population locale, ce qui empêche la plupart des moustiques d'une région donnée de transmettre la dengue. L'engagement communautaire est un outil qui permet aux communautés de comprendre les objectifs du laboratoire et de stimuler la participation à travers diverses activités, adaptées à chaque territoire. La population a le pouvoir de soutenir ou non la mise en œuvre du projet et si l'approbation de 70% n'est pas atteinte, les moustiques ne sont pas libérés.

À travers des analyses documentaires et des interviews de différents personnages, nous cherchons à raconter une histoire qui remonte à ce qu'était l'engagement communautaire du projet brésilien à ses débuts, de 2012 à 2016, lorsqu'il a été diffusé dans les deux premiers quartiers: Tubiacanga et Jurujuba. En analysant le contenu, les données collectées sont examinées afin que nous puissions déterminer quelles étaient les méthodologies utilisées pour atteindre et impliquer les communautés, telles que la participation de la communauté, la réception du projet et la diffusion des informations, l'importance de la région. Engagement communautaire pour la réussite du projet Eliminate Dengue et, enfin, la pertinence de ce type de stratégie pour d'autres projets.

Il en a été conclu qu'une stratégie différente était nécessaire dans chaque communauté et que la proximité de l'équipe de mobilisation était essentielle à la bonne compréhension et à la participation des résidents. Plus l'équipe était présente dans la communauté, transmettant les informations, les mises à jour et la disponibilité, plus la population avait confiance et connaissait le projet, assumant la responsabilité de prendre des décisions éclairées. De tout temps, il importait de rapprocher science et société, non seulement de la promotion de la science ou d'un projet spécifique, mais également d'une véritable vulgarisation scientifique axée sur le dialogue et les échanges.

Mots-clés: Engagement communautaire, participation à la recherche, éducation à la santé, vulgarisation scientifique.

Abstract

This paper presents itself as a case study of the Community Engagement area in the Eliminate Dengue: Brazil Challenge project. The project, part of an international non-profit program, introduces a new form of dengue control using *Wolbachia* bacteria, which can reduce the transmission of dengue, Zika and chikungunya viruses in a natural, safe and self-sustaining way. By releasing *Aedes aegypti* mosquitoes with the *Wolbachia* bacterium, Eliminate Dengue proposes a replacement of mosquitoes in the local population that makes most mosquitoes in each region unable to transmit dengue. Community Engagement comes as a tool so that the goals that are born in the laboratory are understood by the communities and seeks to stimulate participation through various activities, customized for each territory. The population has the power to support or not the project implementation and if 70% approval is not reached, the mosquitoes are not released.

Through documentary analysis and interviews with various characters, we seek to tell a story that goes back to what was the Community Engagement of the Brazilian project in its early years, from 2012 to 2016, when it was released in the first two neighborhoods: Tubiacanga and Jurujuba. Using content analysis, the collected data are investigated so that we can answer what were the methodologies used to reach and involve the communities, as the community participation, the project reception and the dissemination of information, the importance of the area of Community Engagement for the success of the Eliminate Dengue project and, finally, the relevance of this type of strategy to other projects.

It was concluded that in each community a different strategy was needed and that the proximity of the Engagement team was essential for a good understanding and involvement of the residents. The more present the team was in the community, passing on information, updates and being available, the more the population had confidence and knowledge about the project, taking responsibility for making informed decisions. What stood out at all times was the importance of bringing science and society closer together, not only promoting science or a specific project, but a true scientific popularization, focused on dialogue and exchange.

Keywords: Community Engagement, Research Participation, Health Education, Popularization of Science.

"Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxaguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de ter feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer."

Graciliano Ramos (Linhas Tortas, 1962)

Agradecimentos

Ao meu orientador, João Caramelo, que me guiou e acalmou em momentos necessários, acreditando no que poderia fazer e dando incentivo.

Aos professores do Mestrado em Ciências da Educação, que me fizeram refletir em diversos momentos. Principalmente à professora Teresa Medina, que me ajudou na escolha do tema da dissertação e ao professor Paulo Nogueira, que me inspirou tantas vezes com suas aulas cheias de arte e poesia. Os três, contando com Caramelo, são inspirações na área da educação, principalmente pela luta política que assumem.

Ao grupo de brasileiras do mestrado que construíram uma forte e linda rede de apoio, facilitando a mudança, a adaptação e principalmente os momentos finais do curso.

À Carla, Julio, Inês, Pedro e Ghabriel, minha família, pois sem eles não estaria aqui.

Ao Felipe, que me apoiou nos momentos mais difíceis e embarcou em uma jornada incrível e inesperada comigo.

Ao Programa World Mosquito Program e ao projeto brasileiro, por todos os anos de aprendizado e agora por cederem espaço para esta investigação.

Às comunidades de Tubiacanga e Jurujuba por todo acolhimento, carinho, amizade, disponibilidade e parceria. Ao Marcos, Neinha, Cristina, Sônia, Firmino, Máisa e aos dois incríveis contadores de histórias, Dona Carmem e Seu César.

Lista de Abreviaturas

ACS – Agente Comunitário de Saúde
AVS – Agente de Vigilância em Saúde
AMAT – Associação de Moradores e Amigos de Tubiacanga
BG – Armadilha BG Sentinela (nome)
EC – Engajamento Comunitário
ED – Eliminar a Dengue
FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz
PNCD – Programa Nacional de Controle da Dengue
PSF – Posto de Saúde da Família
SUS – Sistema Único de Saúde
WMP – World Mosquito Program

Lista de Quadros e Tabelas

Quadro 1: Entrevistas realizadas.....	37
Quadro 2: Categorias de Análise.....	39
Tabela 1: Características sociodemográficas. Questionário Tubiacanga.....	97
Tabela 2: Conhecimento sobre dengue. Questionário Tubiacanga.....	99
Tabela 3: Engajamento e o Projeto ED, Questionário Tubiacanga.....	103
Tabela 4: Características sociodemográficas. Questionário Jurujuba.....	105
Tabela 5: Conhecimento sobre dengue. Questionário Jurujuba.....	107
Tabela 6: Engajamento e o Projeto ED, Questionário Jurujuba.....	109
Tabela 7: Tubiacanga: Percepção do DLO.....	118
Tabela 8: Jurujuba: Percepção do DLO.....	119

Lista de Figuras e Gráficos

Figura 1: Tipos possíveis de casamento entre macho e fêmea com <i>Wolbachia</i>	42
Figura 2: Tubiacanga vista de cima.....	50
Figura 3: Jurujuba vista de cima, geral.....	52

Figura 4: Jurujuba vista de cima, apenas o Ponto Final.....	52
Figura 5: Quatro áreas escolhidas para iniciar os trabalhos do ED Brasil.....	57
Gráfico 1: Atividades em Tubiacanga e Jurujuba em 2014.....	87
Gráfico 2: Atividades em Tubiacanga e Jurujuba em 2015.....	87
Gráfico 3: Atividades em Tubiacanga e Jurujuba em 2016.....	88
Figura 6: Conhecimento sobre o projeto ED Tubiacanga 2013.....	100
Figura 7: Conhecimento sobre o projeto ED Tubiacanga 2014.....	101
Figura 8: Conhecimento sobre o projeto ED Jurujuba 2015.....	109
Figura 9: Ilustração do Jornal Ilha Notícias, 2015.....	116
Figura 10: Muro da Fiocruz, fevereiro de 2016.....	126

ÍNDICE

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
Organização	14
Objetivos.....	15
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
Educação em Saúde	21
Participação	23
Engajamento Comunitário.....	25
CAPÍTULO II – OPÇÕES METODOLÓGICAS	32
Estudo de Caso	33
Análise Documental	35
Entrevistas	35
Análise de Conteúdo.....	38
CAPÍTULO III - CONTEXTOS	40
O Programa Eliminate Dengue.....	41
O Projeto no Brasil	44
Tubiacanga.....	47
Jurujuba	50
CAPÍTULO IV – CATEGORIAS DE ANÁLISE	53

Planejamento e Organização Interna	54
Entrada na Comunidade: Primeiro Contato	60
Tubiacanga.....	60
Jurujuba	62
Comunicação e Divulgação	67
Atividades junto à Comunidade	75
Tubiacanga.....	75
Jurujuba	80
Quantificando	85
Comitês Comunitários	88
Questionários de Aceitação	95
Tubiacanga.....	96
Jurujuba	105
Liberação	112
Liberação em Tubiacanga.....	113
Dispositivo de Liberação de Ovos e Liberação em Jurujuba	116
O que Ficou	122
CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
LISTA DE APÊNDICES	136
LISTA DE ANEXOS	137

Considerações Iniciais

As primeiras vezes que tentei escrever uma introdução para este trabalho iniciei falando sobre a dengue enquanto doença. Agora, após todo o percurso que passei com esta dissertação, todas as reflexões que fiz e conclusões a que cheguei, percebo que talvez não seja a melhor forma de começar. Ainda chegarei lá, na dengue em si, mas sinto necessidade de apresentar melhor uma proposta antes, porque afinal, apesar de ter o nome no título, este não é um trabalho sobre mosquito.

O que trago aqui é um pouco das minhas inquietações sobre o que é entrar com um projeto científico em um território. Como é uma maneira justa, ética de fazer isso? Como se chega para um bairro e apresenta uma ideia, que até então é uma ideia, e se espera que a população embarque nela? E o que significa “embarcar”? Até onde essa população só está no barco como passageira, até que ponto ela ajuda na manutenção ou mesmo pilota o barco? Ser passageira é pouco?

Ao longo de minhas primeiras redações tentei ser impessoal ou utilizar a terceira pessoa, nunca falando “eu” ou “nós”, como um bom relatório na biologia, minha área de formação. Mas este não é um relato impessoal e não é um relato biológico, e sim sobre uma perspectiva de experiência, que foi socializada com muitas pessoas em um percurso bastante curioso do ponto de vista político, sociológico e educativo. Este trabalho é sobre ciência e sociedade e como um grupo tentou ser a ponte entre um e outro em um projeto, agora sim, sobre dengue.

Bondía (2002: 25) diz que “É experiência aquilo que “nos passa” ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma”. O tema foi escolhido por uma experiência que me transformou, no Projeto Eliminar a Dengue (ED), estando na equipe de Engajamento Comunitário, um grupo que tinha responsabilidade de apresentar para as comunidades com que trabalhava uma nova forma de controle de dengue e nisso tentar envolver as pessoas para que participassem do projeto e decidissem sobre sua implementação. Enquanto uma bióloga “de humanas”, eu sempre tive interesse em questões de divulgação científica, e estando no projeto pude perceber, na prática, que o engajamento ia além disso, além de uma *tradução* do que acontece no laboratório para as comunidades. Assim, estabelecemos desde já: esta dissertação não é sobre mosquito; é o relato de um caso e fala de um lugar específico, com uma pesquisadora que já esteve bem próxima de todo o “objeto de estudo”. Com a licença do leitor, falarei um pouco sobre a dengue, para que possa explicar melhor tudo que aqui proponho.

A dengue é uma doença infecciosa causada por um arbovírus¹, transmitida principalmente pelo mosquito *Aedes aegypti*. Ela se apresenta hoje como uma das doenças mais relevantes do cenário mundial e, segundo dados atualizados do Ministério da Saúde Brasileiro², “estima-se que 2,5 bilhões de pessoas no mundo vivam em área de risco de transmissão do vírus, o que causa entre 50 milhões e 100 milhões de infecções e 20 mil mortes anualmente”. As formas de controle da doença envolvem o controle de seu vetor, sendo utilizados métodos químicos, mecânicos ou biológicos que no geral almejam a eliminação do mosquito.

Sua maior incidência é em zonas tropicais, que apresentam condições climáticas e ambientais favoráveis para a proliferação do mosquito, além de ser mais frequente em regiões com crescimento urbano intenso. Existem atualmente 4 sorotipos dos vírus da dengue que circulam no mundo: DENV1, DENV2, DENV3 e DENV4, podendo manifestar-se como dengue clássica ou hemorrágica, que em casos mais graves pode levar a óbito.

A transmissão do vírus ocorre a partir da picada da fêmea, necessária para a correta nutrição e postura de ovos. Se o sangue consumido estiver infectado, o mosquito vai adquirir o vírus, que passa por intensa replicação em seus tecidos até atingir as glândulas salivares, o que leva, em média, 10 a 15 dias (Sylvestre, 2012: 3-4). Após esse período, a fêmea vira um vetor da doença e pode inocular a saliva infetada quando for realizar a próxima alimentação. Os humanos são a fonte mais procurada no caso do *Aedes aegypti*, que habita principalmente o interior de residências, apresentando um comportamento doméstico e urbano. Além disso, o mosquito não costuma voar longas distâncias, considerando que se encontrar alimentação e ambiente propício para postura de seus ovos, pode viver a vida toda em um mesmo local.

As pesquisas na área da saúde têm valorizado cada vez mais as contribuições das ciências humanas, entendendo que não se trata apenas de fatos médicos, tendo os determinantes sociais grande influência no processo (Pimenta, 2015). No Brasil, o Programa Nacional de Controle de Dengue, o PNCD, vinculado ao Sistema Único de Saúde, SUS, já incluiu a importância de se trabalhar educação, informação e comunicação,

¹ Vírus transmitidos por artrópodes (invertebrados com exoesqueleto rígido e vários pares de apêndices articulados), como os mosquitos.

² Fonte: Portal do Ministério da Saúde, disponibilizado em: <http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/dengue>

a contar com a contribuição de toda a população na luta contra a dengue. Entendendo que o mosquito habita principalmente o ambiente residencial, é necessário que todas as pessoas entendam sobre a doença e como não criar um ambiente propício para a propagação de vetores.

O Projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil faz parte do programa internacional World Mosquito Program (WMP, antigamente chamado de Eliminate Dengue: Our Challenge), iniciativa sem fins lucrativos que busca a redução dos casos de dengue em diversos países do mundo. Iniciado na Austrália, na Universidade de Monash, o programa utiliza uma bactéria chamada *Wolbachia*³, retirada da mosca da fruta para impedir o mosquito *Aedes aegypti* de transmitir o vírus da doença, representando um método natural, seguro e autossustentável para o combate a essa arbovirose, em que o vetor não é eliminado, mas sim utilizado como aliado.

No Brasil, o projeto foi trazido pela Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz – e iniciado em 2012, nas cidades do Rio de Janeiro e de Niterói, onde quatro bairros foram selecionados para participar. Atualmente, o projeto encontra-se em fase de expansão, avançando para outros bairros das duas cidades e cobrindo uma área que abrange mais de 2,5 milhões habitantes. A bactéria *Wolbachia* é transmitida naturalmente da fêmea do mosquito para seus descendentes, portanto, para fazer com que os mosquitos das regiões trabalhadas obtenham a bactéria, é prevista a liberação de *Aedes aegypti* com *Wolbachia* em vias públicas. Para isso, as comunidades têm de compreender o projeto e autorizar a liberação. Assim, o projeto comporta uma área intitulada Engajamento Comunitário (EC), que possui equipe responsável por levar o Eliminar a Dengue até o conhecimento dos moradores dos bairros, explicando, tirando dúvidas e criando parcerias e redes de apoio.

O Engajamento Comunitário tem importante função de comunicar de forma clara e simples os objetivos e métodos do projeto, dando a entender os processos de liberação e de monitoramento dos mosquitos. Tem como desafio a adaptação desta mensagem para diferentes públicos, que incluem pessoas de diferentes idades, regiões, graus de estudo e classes socioeconômicas, adequando estratégias que funcionam melhor em cada localidade. Mais do que de explicar o funcionamento do projeto, o grupo também precisa do apoio e consentimento dos moradores das regiões, para que seja de fato implementado, além de voluntários que auxiliem com o monitoramento, através da guarda de armadilhas

³ Em português pronuncia-se “volbáquia”.

para captura de mosquitos. Desta forma, o Engajamento Comunitário informa e traz a ciência para perto da população, que tem papel ativo para o sucesso desse novo método de controle da dengue. Valle, Aguiar e Pimenta (2015: 5) concordam que “a interação dos pesquisadores, "produtores de ciência", com a sociedade não é meramente uma prestação de contas, mas a base do controle eficiente da dengue, com foco na ação cidadã, em todas as esferas”.

Este trabalho traz um estudo de caso sobre os primeiros anos do Engajamento Comunitário no Eliminar a Dengue: Desafio Brasil. O foco será nos dois primeiros bairros que receberam o projeto, Tubiacanga, no Rio de Janeiro, e Jurujuba, em Niterói, dos anos de 2012 a 2016, período que comporta ações de antes, durante e depois das liberações. De forma a perceber quais foram as estratégias aplicadas, o que resultou e principalmente sistematizar as metodologias de intervenção utilizadas, percebendo como se deu a participação comunitária, recepção, alcance e disseminação das informações pela população participante.

Assim, busca-se investigar, através da análise documental, materiais já produzidos como relatórios de atividades, questionários, protocolos e outros, como foi dado o processo de engajamento. Além disso foram realizadas entrevistas, com os moradores participantes do projeto e com os membros da própria equipe, que contribuíram na época para a implementação nos dois bairros. Esses dois métodos de coletas de dados somaram-se com a experiência dos quase quatro anos em que eu, sem estar como investigadora, trabalhei na equipe de EC.

Mostra-se relevante buscar esse resgate da história do Engajamento Comunitário como forma de perceber a importância fundamental desta área no sucesso do projeto e na sua expansão, assim como sistematizar as estratégias utilizadas ao longo do processo. O programa internacional ainda possui poucos estudos e artigos acadêmicos desta área e pouco foi estudado sobre o engajamento no projeto brasileiro, tornando ainda mais necessário um trabalho que relate os desafios que surgiram e as formas encontradas para superá-los.

Organização

O primeiro capítulo conta com uma definição do posicionamento teórico assumido, passando por autores de educação clássicos e contemporâneos. Em seguida entra em

algumas teorias sobre educação em saúde, participação em pesquisa e engajamento comunitário.

O segundo capítulo aborda as escolhas metodológicas, falando sobre o estudo de caso e os métodos de coleta de dados como entrevistas e análise documental, além do método de análise de conteúdo, utilizado para trabalhar com os dados coletados e produzidos.

O terceiro capítulo fala sobre o Programa internacional, contextualiza o Projeto brasileiro e introduz as duas comunidades trabalhadas, Tubiacanga e Jurujuba, para que sejam situadas histórica e politicamente.

O quarto capítulo entra nos resultados encontrados, dividindo-se em oito categorias de análise, que buscam mostrar todas as fases do engajamento: Planejamento e Organização Interna, Primeiro Contato, Comunicação e Divulgação, Atividades junto à Comunidade, Comitê Comunitário de Referência, Questionário de Aprovação, Liberações e O que Ficou.

O último capítulo conta com as considerações finais e as últimas reflexões são feitas, falando-se um pouco sobre a importância da popularização da ciência. Finalizando com as referências bibliográficas e então todos os apêndices e anexos citados ao longo do texto.

Objetivos

O objetivo principal da dissertação é compreender, de forma geral, como foram os primeiros anos de Engajamento Comunitário do Projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil, e com isso poder perceber melhor:

- 1 – As metodologias utilizadas para alcançar e envolver as comunidades;
- 2 – Como se deu a participação comunitária, a recepção do projeto, o alcance e a disseminação das informações;
- 3 – A importância do Engajamento Comunitário para o sucesso do projeto e sua expansão;
- 4 – A relevância deste tipo de estratégia para outros projetos.

Capítulo I - Fundamentação Teórica

A dissertação encontra-se enquadrada no domínio de Educação, Comunidades e Mudança Social, portanto traz uma visão de Engajamento Comunitário através da educação, pautada em pressupostos da educação em saúde (Shall & Struchiner, 1999; Stoltz, 1993; Vasconcelos, 2001) e participação cidadã (Berger, 2004). Caride Gómez (2007: 159) fala sobre uma educação complexa e heterogênea, capaz de realizar transformações da realidade, enxergando-a como “fundamental no processo de socialização e desenvolvimento”.

“Nesta realidade humana caracterizada pela complexidade e a diversidade, a educação é um conceito que adquire distintos significados semânticos e práticos, na medida em que responde a diferentes experiências dos sujeitos e das sociedades. Em cada caso, em função de uma determinada visão do mundo, uma geografia peculiar e formas políticas, sociais, económicas e culturais próprias; as práticas educativas programam-se em termos de correspondência com cada situação e cosmovisão” (Gómez, 2007:159).

Esse pensamento vai ao encontro dos desafios do Engajamento Comunitário em campo, citados anteriormente, em que tem de se lidar com locais muito diferentes em termos sociais, económicos, culturais e geográficos, adaptando uma mesma mensagem para cada grupo. A área de engajamento, como veremos melhor adiante, pode possuir diversas definições, mas no projeto Eliminar a Dengue entra como estratégia para envolvimento e participação das comunidades, como forma de se alcançar uma ética em pesquisa que valorize os indivíduos e aposte no diálogo e escuta.

Para trabalhar um projeto como este a estratégia do estudo de caso, melhor abordada em secção futura, é o ideal. João Amado (2013) ao falar sobre o método diz que

“A abordagem holística dos estudos de caso, procurando compreender os comportamentos e (ou) atitudes, perspetivas, etc., dos atores em determinadas situações e em interação com os contextos, e tendo em conta que essa interação é determinada por fatores culturais e subjetivos, implica a existência de uma matriz metodológica complexa” (Amado, 2013:134).

Assim, defende que o investigador se situe no paradigma da complexidade, “o único que nos permite reconhecer que tudo é solidário com tudo”. Edgar Morin (2000), que inaugurou a vertente trabalhada esclarece:

“*Complexus* significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando os elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o económico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade” (Morin, 2000:38).

O estudo de caso na perspectiva do paradigma da complexidade trata de diferentes planos - epistemológico, pragmático e ético (Amado, 2013:134), de forma a não cair em reducionismos ou simplificações. A transdisciplinaridade está presente integrando e conectando diversos aspetos que contribuem para uma visão crítica, do início ao fim. É importante admitir o valor do universal e também do particular, ou seja, globalizar, mas também contextualizar.

Assim, a frase de Gestalt que considera que “o todo é maior do que a soma das partes” faz sentido aqui pois aponta para o fato de o “todo” ter algo a mais, que são as *relações* entre as partes. A “setorização” do conhecimento gera especialistas, que não necessariamente compreendem o contexto geral e em nossa sociedade acabamos por deixar nas mãos destes decisões importantes, que muitas vezes poderiam se beneficiar de um olhar mais abrangente. Uma educação transdisciplinar é voltada então para a construção de uma cidadania, para o reconhecimento de responsabilidades e visão crítica de situações contextualizadas, integradas.

“Só um modo de pensar empenhado em ligar e solidarizar conhecimentos separados ou desmembrados é capaz de prolongar-se numa ética da dependência e solidariedade entre os seres humanos. Um pensamento capaz de integrar o local e o específico em sua totalidade, de não permanecer fechado no local e nem no específico, que seja apto a favorecer o sentido da responsabilidade e da cidadania. A reforma do pensamento traz consigo consequências existenciais, éticas e cívicas” (Morin, 2002: 28).

Aproximando-se desse pensamento complexo, trazemos também a ideia da ecologia de saberes de Boaventura de Sousa Santos, que propõe um “diálogo horizontal de conhecimentos”.

“O pensamento pós-abissal pode ser sumariado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul. Confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes. É uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento” (Santos & Menezes, 2010: 44-45).

É fundamental para qualquer projeto que proponha diálogo, considerar o conhecimento do outro. Voltar-se para o sul epistemológico, ouvindo as vozes dos menos poderosos historicamente. Para Boaventura, é essencial a consciência de que a epistemologia que historicamente “conferiu à ciência a exclusividade do conhecimento

válido traduziu-se num vasto aparato institucional – universidades, centros de investigação, sistema de peritos, pareceres técnicos – e foi ele que tornou mais difícil ou mesmo impossível o diálogo entre a ciência e os outros saberes” (Santos & Menezes, 2010: 9). Um projeto científico, acadêmico, que pretende entrar em comunidades diversas, precisa quebrar a barreira, estabelecida por anos, que separa a universidade do território onde se insere, das pessoas a que serve, dos conhecimentos outros, de potências encontradas em outras práticas e experiências.

Além de ser fundamental ouvir e considerar conhecimentos diversos, o autor fala da importância de se ter uma linguagem acessível, algo essencial também no Engajamento Comunitário e na divulgação científica, que pode ser alinhada com a responsabilidade social que se tem na investigação. Investiga-se para quem? Porquê? Assim sendo, a escrita desta dissertação buscará uma certa leveza literária, na tentativa de escapar, mesmo que discretamente, da dureza das publicações científicas que falam para tão poucos. Importante atentar que neste trabalho as citações utilizadas de autores estrangeiros e até alguns termos (como *stakeholder* ou *survey*) serão traduzidos (aqui, por exemplo, tornam-se parceiros ou “partes interessadas” e questionário, respetivamente). Ainda que possa haver alguma perda do sentido original, opto por utilizar tudo na mesma língua na tentativa de deixar a leitura um pouco mais fluida e compreensível. As citações originais podem ser encontradas nos artigos apontados nas referências bibliográficas.

Boaventura traz um conceito muito importante para este trabalho, que é a “utilização contra-hegemônica” da ciência, explorando práticas alternativas que busquem integrar diferentes conhecimentos e saberes. Ele diz que:

“Como produto do pensamento abissal, o conhecimento científico não se encontra distribuído socialmente de forma equitativa, nem poderia encontrar-se, uma vez que o seu desígnio original foi a conversão deste lado da linha em sujeito do conhecimento e do outro lado da linha em objecto de conhecimento” (Santos & Menezes, 2010:48).

O que se entende é que a ciência sozinha não consegue fazer essa superação, ela tem de se integrar a outras áreas e outros conhecimentos para um pensamento pluralista. Reconhecer a importância da participação comunitária e dos conhecimentos dessa população é reconhecer a importância dos saberes populares, dos conhecimentos invisibilizados, que estão “do outro lado” da linha abissal. Não basta uma difusão

equitativa dos conhecimentos, há de se reconhecer o conhecimento do outro, há de se reconhecer todas as relações que se estabelece, o complexo.

Freire (2011) questiona o uso que também se faz da ciência como instrumento de opressão, em que o opressor, com pensamento hegemônico, usa a tecnologia “como força indiscutível de manutenção da “ordem” opressora, com a qual manipulam e esmagam” (Freire, 2011: 65). Ele fala que acreditar no povo, crer em seus saberes, seus conhecimentos, acreditar que “pensam certo” é indispensável à mudança revolucionária. Para se quebrar o paradigma, para ir contra a hegemonia, lutar contra a opressão, é necessário reconhecer que o outro também sabe.

Quando se pensa o Engajamento como uma forma de educação em saúde, ou divulgação da ciência, é importante que se utilize pressupostos da educação popular de Freire, uma educação para a liberdade e não uma educação que produz a dependência do outro. Há de se atentar para a forma como se comunica de maneira a não se cair nos depósitos bancários, *sloganização*, pensamentos prontos que são simplesmente passados aos “educandos”. Em uma proposta de educação libertadora, há de se estimular reflexão, crítica, diálogo, produzindo a *práxis*, reflexão-ação, que é a base da revolução libertadora.

“Ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes.

Desde modo, a presença dos oprimidos na busca de sua libertação, mais do que pseudoparticipação, é o que deve ser: engajamento” (Freire, 2001: 78).

O antropólogo e educador brasileiro Tião Rocha, conhecido pela Pedagogia da Roda⁴, também fala sobre o protagonismo que é necessário que a população assuma para uma educação contra-hegemônica:

“Não será pelo enunciado de nossos objetivos como por exemplo a “melhoria da qualidade de vida da comunidade” que o nosso projeto irá se realizar. Não será pelo repasse do nosso modelo de vida (e que “vida!”) que iremos transformar a vida das comunidades populares.

O povo fará as transformações por si e no momento em que, com nossa militância e cumplicidade, numa prática educativa plural, superar a ideologia do auto-desprezo, resgatar a sua auto-estima, apropriar-se de seus próprios saberes e fazeres, e assumir criticamente a sua linguagem e consciência, hoje em estado latente, sufocada e oprimida, determinando o

⁴ “A pedagogia da roda privilegia o diálogo e a não-exclusão. A matéria-prima de todo o processo de aprendizagem são as pessoas – seus saberes, fazeres e querer – pois educação é algo que só acontece no plural. Cada um é sujeito da aprendizagem com suas diferenças e experiências de vida, contribuindo com sua formação e a dos demais componentes da roda, em um espaço horizontal e igualitário.” Retirado de: <http://www.cpcd.org.br/historico/pedagogias-do-cpcd/>

novo curso da História” (Rocha, 2008:3).

O autor utiliza a expressão “comunidades populares”, mas aqui não falamos apenas delas. Aqui referimo-nos a bairros, comunidades, indivíduos que precisam assumir sua linguagem e consciência em relação à própria ciência, aos projetos que entram em suas casas. Não apenas aceitando de forma passiva uma ordem implementada sem que possa refletir se aquilo é bom, se é desejável e como pode ser melhor adaptado àquele local. É necessário discutir consciência política e participação democrática e cidadã, compreendendo o papel do indivíduo na sua comunidade.

Outro educador popular brasileiro, André Gravatá, fala sobre a questão do empoderamento na educação, chamada por ele de “podência”. A primeira e a última estrofes de seu poema “A podência da educação” explicam melhor seu pensamento:

“Educação é feita principalmente de gente / Gente é feita principalmente de abundância / Freire disse que se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental ela pode / E a educação pode uma podência / Que surgiu bem antes de método ou ciência / A educação tem a podência do esticamento do olhar / Para que ele se abra enorme, do tamanho do mar

A educação tem a podência de conjugar / Um verbo sinuoso, em chamas / O verbo ousadiar / Que é verbo de significância / Verbo de propósito sem demora / Para que nos ousadiemos no agora / E no gerúndio, ousadiando / A qualquer hora” (Gravatá, 2013: 278).

E nessa perspectiva de “podência”, da ética, da complexidade e de valorização do sul epistemológico que se busca responder algumas questões como: o que é o Engajamento Comunitário e como ele se desenvolve no Eliminar a Dengue? Qual o papel das comunidades nesse projeto? Como as comunidades receberam o projeto? Como se alcança de forma eficaz uma população tão grande e tão diversa, em termos de idades, localidades e fatores socioeconômicos e culturais?

Educação em Saúde

A educação em saúde é uma área em que transitam conceitos diversos, tanto da área da educação como da saúde, estando, no Brasil, profundamente associada à educação popular. Segundo Schall e Struchiner (1999: 1), existem duas dimensões que se destacam: a primeira envolve a aprendizagem sobre doenças (no caso da dengue, como se contrai, seus sintomas, formas de tratar e evitar), e a segunda “inclui os fatores sociais que afetam a saúde, abordando os caminhos pelos quais diferentes estados de saúde e bem-estar são construídos socialmente”. Assim, um ponto interessante da educação em saúde é que é um

processo que envolve a participação da comunidade de forma geral, não apenas a parte adoecida, focando em prevenção e cuidado. Para as autoras,

“Uma educação em saúde ampliada inclui políticas públicas, ambientes apropriados e reorientação dos serviços de saúde para além dos tratamentos clínicos e curativos, assim como propostas pedagógicas libertadoras, comprometidas com o desenvolvimento da solidariedade e da cidadania, orientando-se para ações cuja essência está na melhoria da qualidade de vida e na ‘promoção do homem’” (Schall & Struchiner, 1999: 1).

Vasconcelos (2001) fala que a educação em saúde “é o campo de prática e conhecimento do setor Saúde que tem se ocupado mais diretamente com a criação de vínculos entre a ação médica e o pensar e fazer cotidiano da população” (Vasconcelos, 2001: 123). Para o autor, a educação em saúde é um movimento social, político, que fortalece a relação das comunidades com seus movimentos organizados.

A educação popular, importante por romper com uma cultura elitizada de educação em saúde vigente no Brasil até a década de 1970, aparece com forte tendência política na luta de direitos em saúde.

“Ela [a educação popular] busca trabalhar pedagogicamente o homem e os grupos envolvidos no processo de participação popular, fomentando formas coletivas de aprendizado e investigação de modo a promover o crescimento da capacidade de análise crítica sobre a realidade e o aperfeiçoamento das estratégias de luta e enfrentamento” (Vasconcelos, 2001: 124).

Vasconcelos também sustenta que um dos pontos fundamentais é que se toma como ponto de partida os saberes anteriores da população. Assim, “no trabalho, na vida social e na luta pela sobrevivência e pela transformação da realidade, as pessoas vão adquirindo um entendimento sobre a sua inserção na sociedade e na natureza” (Vasconcelos, 2001: 124). Propõe-se um modelo baseado em diálogo, escuta e discussão horizontalizada, permitindo que a população se sinta confortável e mantenha sua iniciativa. Stotz (1993) complementa o mesmo pensamento:

“Na saúde isto significa considerar as experiências das pessoas sobre o seu sofrimento e dos movimentos sociais e organizações populares em sua luta pela saúde nas comunidades de moradia, de trabalho, de gênero, de raça e etnia. Ponto de partida significa reconhecimento, palavra que tem o sentido de admitir um outro saber, tão válido no âmbito do diálogo quanto o saber técnico-científico” (Stotz, 1993: 8).

O autor diz que diversas técnicas podem ser utilizadas para desenvolver formas compartilhadas de conhecimento, mas ainda mais importante do que as técnicas é o

processo em si, “a possibilidade das pessoas manifestarem-se como sujeitos e de sentirem-se capazes de ajudar a encontrar novas soluções ali onde muitas vezes as certezas absolutas tornam-se obstáculos para o desenvolvimento das possibilidades da própria vida” (Stotz, 1993: 9). Assim, o diálogo, as interações sociais, as redes de apoio, tornam-se essenciais para a manutenção de uma (complexa) educação em saúde justa e popular.

Participação

Participar significa mobilizar-se em função de um algo, influenciar de alguma forma um projeto ou organização. *Participação* é um termo ligado às noções de *democracia* e de *cidadania*. Em contextos da década de 1970, a participação popular favorece processos de “desenvolvimento endógeno”, movimento que pensa no local, a partir das próprias pessoas, sendo único daquele território e não uma imitação de um modelo externo.

A partir disso, pode-se estabelecer algumas dimensões da participação, como faz Guy Berger (2004: 16-17). A primeira noção é justamente do Desenvolvimento Endógeno, que não depende de um processo de transmissão vertical, em que o “mais desenvolvido” ensina o “menos desenvolvido” como fazer. A segunda noção é de Centralidade do Homem, mais individual e que contém a questão da educação. A terceira noção é a Participação de Todos, que difere da democracia em que *uns* concebem e *outros* realizam. A quarta e última noção é de Diversidade de Culturas, em que propõe a proteção de identidades culturais, acreditando que não há um modelo universal a ser seguido, portanto “não há um desenvolvimento, mas desenvolvimentos”, que se inscrevem em culturas, em histórias próprias.

Assim, para Berger, a ideia de participação sofre mudanças no sentido de que não existe apenas no caso de mobilização para projetos grandes, mas vai fazer parte de todos os momentos da vida social: “participar passará a ser participar tanto na concepção como na elaboração e na realização e, como é evidente, também na avaliação e na reorientação das diferentes atividades” (Berger, 2004: 18).

As associações de pessoas possibilitam então que cada um, cada participante, elabore, realize, avalie e tenha controle do que acontece, representando “um meio e uma finalidade da ação social”. Berger afirma que como resultado, “a participação se torna uma pedagogia e exige uma pedagogia” (Berger, 2004: 18).

O fortalecimento de associações, que empoderam-se na valorização de seus conhecimentos faz com que o sentido de “local” tenha grande poder e é através da comunidade, da sua história, da sua cultura e dos seus hábitos, que “o modelo local participativo vai opor-se ao modelo da sociedade dominante que é o modelo dos peritos” (Berger, 2004: 19). Para ele, assim como para outros autores citados anteriormente, a Universidade impõe-se com saberes “incontestáveis” que desprezam saberes de fora da academia. O que propõe é uma nova forma de pensar organização, uma nova “espécie de peritagem que proponha a elaboração comum” (Berger, 2004: 20-21), surgindo uma aliança entre a universidade e a comunidade.

Especificamente em relação à participação em pesquisa, Rowe & Frewer (2000) discutem o envolvimento do público em assuntos de ciência e tecnologia:

“O envolvimento pode ser alcançado de diferentes maneiras: no nível mais baixo, o público pode ser direcionado com informações aprimoradas (por exemplo, sobre riscos). Em níveis mais altos, visões do público podem ser solicitadas ativamente através de mecanismos como exercícios de consulta, grupos focais e questionários. Em níveis ainda mais altos, membros do público podem ser selecionados para participar de exercícios que lhes proporcionem grau de autoridade de tomada de decisão” (Rowe & Frewer, 2000:3, tradução nossa).

Embora a simples comunicação de ideias esteja no nível mais baixo de participação, envolvendo uma direção única e hierarquizada de informação, ainda é importante o foco em uma comunicação clara e adequada, sendo este o alvo de muitos estudos de participação. Quanto mais o público entende o que os especialistas querem dizer, mais preparado para opinar e decidir ele estará.

Os autores buscam entender a ascensão da participação pública em assuntos técnicos e constataam que esta pode derivar do reconhecimento dos direitos humanos básicos em relação à democracia e justiça, ou simplesmente do reconhecimento de que implantar políticas impopulares (como liberar mosquitos) pode gerar protestos e redução na confiança em órgãos públicos.

No mesmo artigo, Rowe & Frewer (2000: 6-7) analisam a definição de Smith (1983) sobre participação pública, que diz abranger “um grupo de procedimentos destinados a consultar, envolver e informar o público para permitir aqueles afetados por uma decisão possam contribuir para essa decisão”. Para eles, no caso o que diferencia os

métodos de participação de outras estratégias de comunicação é justamente a questão da *contribuição* nas decisões.

Jardim e Schall (2015: 317) ao identificarem o significado de participação social no controle de dengue, apontam para a mudança de comportamento em relação aos ambientes onde o vetor se reproduz. Ou seja, para o controle clássico de dengue, participar significa assumir responsabilidades sobre disseminação de vetores nas residências, eliminando todo possível foco dos mosquitos. O que então será que significa a participação em um projeto como o Eliminar a Dengue?

Engajamento Comunitário

O Engajamento Comunitário é uma estratégia central muito utilizada na promoção de saúde e bem-estar, mas também em desenvolvimento e planejamento de comunidades por governos, contando com diversas definições possíveis, muitas vezes confundindo-se simplesmente com termos como “participação” ou “envolvimento”. De facto, é uma abordagem que engloba os dois termos, mas busca ir além, como tentaremos desvendar através de alguns autores. Antes, porém, é importante compreender que “comunidade” é aqui entendida como grupos de pessoas que compartilham uma mesma localidade de residência (rua, bairro, território), interesses em comum (religião, esportes, afinidades diversas) ou identidade (etnia, gênero, idade) (Popay, 2006; Hashagen, 2002; Guildford UK, 2011). Tindana (2007) ainda completa ao dizer que “mesmo que a comunidade seja amplamente determinada por tradições e valores compartilhados, as comunidades não são estáticas e podem acomodar interpretações múltiplas e até conflitantes de suas próprias tradições e valores” (Tindana et al., 2007: 1451, tradução nossa).

Em relação ao Engajamento Comunitário, Popay (2006), com uma definição mais voltada para área da saúde diz que é um “termo guarda-chuva que abrange uma variedade de diferentes abordagens para envolver comunidades de lugares e/ou interesses em atividades que buscam melhorar a saúde e/ou reduzir as desigualdades em saúde, desde o simples fornecimento de informações até o controle total da comunidade” (Popay, 2006: 2, tradução nossa). Assim, aponta para existência de uma gradação de formas de engajamento, do mais simples ao mais complexo.

O Centro de Controle e Prevenção de Doenças norte americano (CDC), em parceria com o National Institutes of Health, destacou em documento o Engajamento Comunitário:

“O processo de trabalhar de forma colaborativa com e através de grupos de pessoas afiliadas por proximidade geográfica, interesse especial, ou situações semelhantes para abordar questões que afetam o bem-estar dessas pessoas é um poderoso veículo para provocar mudanças ambientais e comportamentais que vão melhorar a saúde da comunidade e de seus membros. Muitas vezes envolve parcerias e coligações que ajudam a mobilizar recursos e sistemas de influência, relações de mudança entre os parceiros, e servem como catalisadores para a mudança de políticas, programas e práticas” (CDC, 2011, tradução nossa).

O Engajamento Comunitário é então visto como constituindo um conjunto de práticas que mobiliza pessoas, recursos, aliados, promove uma comunicação, cria redes de apoio e de divulgação e em certo nível pode contribuir com o empoderamento de dado indivíduo ou grupo.

Mais algumas visões sobre engajamento são úteis para se entender o contexto em que surge e também perceber que não há um consenso estabelecido ou definição fechada. Em 2011 diversos pesquisadores da área reuniram-se para debater sobre Engajamento Comunitário pela instituição Wellcome Trust e algumas considerações foram feitas. Daniel Glaser comenta: “O engajamento comunitário é versátil, mutável e adaptável. Desempenha um papel escorregadio, desempenha muitos papéis úteis para nós, mas é difícil de compreender. Como uma barra de sabão, escorrega de nossas mãos” (Wellcome Trust, 2011, tradução nossa).

Numa tentativa de dar melhor definição ao termo, o documento (Wellcome Trust, 2011:8, tradução nossa) diz: “Então o que é engajamento? Em seu cerne, engajamento desafia a noção de comunidades como ‘receptores’ e tem o potencial para que membros da comunidade sejam ‘agentes’ da mudança em relação à ciência pelo processo de ‘conscientização’”. Esse pensamento vai de encontro ao que outros autores pensam a respeito:

“Em nossa visão, a concepção de engajamento em pesquisa vai além da participação comunitária; é o processo de trabalhar colaborativamente com parceiros relevantes que compartilham de objetivos e interesses em comum. Isso envolve “construir autênticas parcerias, incluindo mútuo respeito e participação ativa e inclusiva; divisão de poder e equidade; benefício mútuo ou encontrar uma possibilidade de ganho para os dois lados em iniciativa colaborativa” (Tindana et al., 2007:1452, tradução nossa),

Tindana (2007) ainda faz um quadro de comparação de diferentes definições de institutos em que destaca:

“Centros de Controle e Prevenção de Doenças (EUA): Um processo de trabalho colaborativo com e para grupos de pessoas afiliadas por proximidade geográfica, interesse especial ou situações semelhantes para lidar com questões que afetam o bem-estar dessas pessoas.

Instituto Tamarack (Canadá): Um método para melhorar as comunidades, identificando e abordando ideias, preocupações e oportunidades locais.

University of Central Lancashire, Projeto de Engajamento Comunitário do Departamento de Saúde (Reino Unido): O engajamento simultâneo e multifacetado de comunidades com suporte e recursos adequados e agências relevantes em torno de um problema ou conjunto de problemas, a fim de aumentar a conscientização, acessar e articular as necessidades, e alcançar uma prestação sustentável e equitativa de serviços apropriados” (Tindana et al., 2007: 1452, tradução nossa).

Também a cidade de Guildford, na Inglaterra, possui um documento em que explicita estratégias para engajamento comunitário, dessa vez voltado para *planejamento* e não *pesquisa*, em que diz que este deve “garantir que as pessoas se envolvam e tomem parte em uma variedade de formas no planejamento, desenvolvimento e entrega de serviços. Vai além de informar e consultar pessoas locais, buscando permitir comunidades a ter uma parte ativa em influenciar tomadas de decisão e entrega de serviços” (Guildford UK, 2011).

O documento destaca que os principais níveis de engajamento são: informar, consultar e envolver. Como as pessoas da comunidade conhecem o seu território e sabem o que este precisa, através do envolvimento com projetos, são elas que podem garantir que o melhor está sendo feito para a sua comunidade.

Hashagen (2002) diz que Engajamento vai além das limitações de consulta e de envolvimento. Para ele, “a consulta sugere simplesmente fornecer informações a uma comunidade e solicitar feedback, mas não implica que haja alguma mudança no que é feito ou como é feito” (Hashagen, 2002:2). Já o envolvimento carrega uma mensagem mais forte, que as comunidades precisam estar envolvidas para melhor compreensão de suas necessidades e problemas, mas ressalta algo importante: “No entanto, o envolvimento implica que o “governo” tenha decidido as estruturas e o processo de tomada de decisão, e que as comunidades precisam ser incentivadas a se envolver nelas. A comunidade não

participa da decisão sobre a adequação dessas estruturas ou processos” (Hashagen, 2002:2).

Ou autor diz que o Engajamento sugere um tipo diferente de relacionamento, em que há um sistema de “governança” e um de “comunidade” e que para construir um relacionamento de colaboração, o sistema da “governança” precisa compreender as dinâmicas das comunidades com que está trabalhando de forma a desenvolver planos que sejam acessíveis e relevantes para aquela comunidade especificamente. Assim, uma das principais características do engajamento é que não se deve fazer pressupostos sobre as comunidades, o que, portanto, requer diálogo (Hashagen, 2002:2). Não são só as comunidades que devem se envolver com os projetos do “governo”, mas este também deve se envolver com a comunidade. Devido a essa “personalização” do engajamento em cada comunidade que trabalha, Hashagen diz que os modelos de EC devem ser entendidos como modelos de processo, em vez de modelos de resultados (Hashagen, 2002:4).

McNaughton (2012) fala o mesmo, concordando que não existe uma abordagem única que sirva para todos, ou seja, o que funciona em uma comunidade, não necessariamente vai funcionar na outra. Ela segue dizendo que “talvez a razão mais convincente para isso seja que diferentes comunidades têm divergentes expectativas, preocupações, tendências políticas, estruturas e sensibilidades culturais que precisam ser entendidas, respeitadas e levadas em consideração para que se possa se envolver com sensibilidade, ética e eficácia” (McNaughton, 2012: 2, tradução nossa).

Hashagen (2002) destaca que existem diferentes níveis de engajamento comunitário, mas é importante atentar que ele se refere a engajamento no caso de *planejamento comunitário*, ou seja, um plano governamental para que as comunidades sejam engajadas e construam benefícios de forma mais geral, não estando voltada a um projeto em específico. O primeiro nível seria o mais passivo e unidirecional, em que as pessoas são informadas do que já foi decidido, tomando como um exemplo os materiais de divulgação. O nível seguinte seria de consulta, em que as pessoas são consultadas para alguma ação ou respondem a perguntas, como em grupos focais ou questionários. O terceiro nível é de participação proativa, em que as comunidades influenciam prioridades, uso de recursos e prestação de serviços, como em grupos de planejamento. O nível a seguir seria um trabalho em parceria, interativo, em que as pessoas participam de análises

conjuntas e desenvolvimento de planos de ação, tendo acesso a maiores conhecimentos e treinamentos. O quinto nível é de mobilização de comunidade, em que as pessoas participam tomando iniciativas de modo independente, como em campanhas políticas. O sexto e último nível envolve o controle comunitário confiado, em que a comunidade tem voz na determinação de prioridades na política (Hashagen, 2002: 5-6).

Como dito, esses níveis referem-se ao caso de EC no planejamento comunitário, diferindo um pouco do engajamento que é possível ser praticado no caso de pesquisas científicas, em que já há grande parte das ações definidas anteriormente. Nestes casos, o EC vem como um requerimento ético em casos de pesquisa que envolvam humanos. Tindana destaca que, no caso de pesquisa, “as atividades de Engajamento Comunitário representam esforços para garantir a autorização e a permissão autênticas e apropriadas para a pesquisa realizada em comunidades específicas, com níveis adequados de envolvimento e apropriação da comunidade nessas atividades” (Tindana et al., 2007: 1452, tradução nossa). Dickert e Sugarman (2005) identificam alguns dos objetivos éticos do EC, como aprimorar a proteção, aprimorar os benefícios, criar legitimidade e compartilhar responsabilidades.

O que pode se tirar em comum em todas as definições, é que o engajamento vai além de uma participação superficial, significando um envolvimento profundo com um projeto ou plano, em que as pessoas tenham uma consciência e um conhecimento do que está sendo feito de forma que através de pensamento crítico podem realizar intervenções ou ter poderes de decisão que beneficiem a comunidade. Também importante atentar que é uma prática voltada para a *comunidade*, não exatamente para *indivíduos*, portanto as responsabilidades são de todos e a prática conta com relações, diálogos, parcerias e redes de apoio.

No entanto, também é possível observar o impacto que a participação em engajamento comunitário tem sobre indivíduos, o que Popay (2010: 250, tradução nossa) faz em seu estudo, apontando para algumas consequências positivas, tais como “benefícios para sua saúde física e psicológica, autoconfiança, autoestima, senso de empoderamento pessoal e relações sociais” e algumas negativas não intencionais, como “exaustão e estresse, pois o envolvimento esgotou níveis de energia dos participantes, bem como tempo e recursos financeiros”, além de fadiga e decepção. A investigadora continua dizendo que

“para algumas pessoas, o engajamento pode envolver um processo de negociação entre ganhos e perdas”.

Kolopack et al. (2015) investigam o Engajamento Comunitário do Programa Eliminar a Dengue na Austrália e mostram como a estratégia foi montada em conjunto com a comunidade, através de grupos focais e atividades que buscassem ouvir como aquele grupo gostaria de participar e se engajar. Uma das primeiras ações do EC foi tentar compreender o conhecimento que os moradores tinham sobre dengue e a partir daí, começaram a pensar em estratégias de aproximação (como mostram McNaughton et al., 2010). Segundo Kolopack, a ideia central do EC no Eliminar a Dengue, desde o planejamento até a liberação, era que o Engajamento Comunitário tinha de ser “significativo para os participantes e não simplesmente útil para os investigadores” (Kolopack et al., 2015: 7). Assim, foram identificados nove compromissos e valores que serviram como base ética e orientaram atitudes e atividades do EC:

- 1: A tecnologia não seria "impingida" à comunidade;
- 2: Seria adotada uma visão inclusiva de quem constitui uma “parte interessada” /participante;
- 3: A equipe do ED se colocaria à disposição dos participantes;
- 4: Os participantes seriam ouvidos e suas perspectivas seriam levadas a sério;
- 5: O programa ED responderia às perguntas e preocupações dos participantes;
- 6: Os participantes teriam a oportunidade de moldar a maneira como gostariam de ser engajados;
- 7: Seriam criadas oportunidades de diálogo e deliberação entre participantes e os membros da equipe do ED;
- 8: Respeito;
- 9: Transparência e honestidade.

(Kolopack et al., 2015: 8-9, tradução nossa)

Sales (2014), ao investigar o Engajamento Comunitário e o entendimento público da ciência, enxerga o EC no projeto Eliminar a Dengue em uma “perspetiva dialógica entre a ciência e a sociedade”, tendo, além de uma importância de participação, uma importância política “onde a decisão dos sujeitos de participar ou não do projeto faz parte do processo”, assim, “é resultado de um processo de parceria e construção coletiva entre a ciência e a sociedade, que se propõe decidir por ações que convergem em um futuro comum” (Sales, 2014:32).

A autora também elenca as 10 palavras que mais aparecem em artigos de engajamento no mundo, sendo a primeira, com maior frequência, “saúde”. Em terceiro lugar aparece a palavra “educação”, seguida do termo “pesquisa participativa baseada na comunidade”. As palavras “população” e “sociedade” aparecem, respectivamente, em 9º e 10º lugar. Entre os países que mais produzem artigos na área, em primeiro lugar, bem distante dos outros colocados, aparece os Estados Unidos, seguido por Austrália, Inglaterra e Canadá. Nenhum país da América do Sul entra na lista, o que aponta para a necessidade de mais trabalhos na área para uma perspectiva contra-hegemónica.

Capítulo II - Opções Metodológicas

Estudo de Caso

A principal estratégia de investigação utilizada neste trabalho foi o estudo de caso único, a fim de resgatar uma história do início do Engajamento Comunitário no Projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil. Com uma abordagem qualitativa, pressupõe uma perspectiva mais interpretativa e construtivista, reconhecendo a importância das complexas inter-relações que compõem o estudo. Em relação a esse tipo de abordagem, Richardson (1999: 80) escreve:

“A análise qualitativa tem como objeto situações complexas ou estritamente particulares. Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de um determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender a classificação processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos” (Richardson, 1999:80).

Yin (2005: 32) define a metodologia de estudo de caso dizendo que: “é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Para o autor, essa estratégia é adequada quando se tem perguntas de “como” e “por que” e quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos, surgindo do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos. Assim, a metodologia é adequada para uma investigação que preserve as características holísticas dos eventos da vida real, que é o que se deseja aqui.

Schramm (1971: 6) diz que: “a essência de um estudo de caso é tentar esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões: o motivo pelo qual foram tomadas, como foram implementadas e com quais resultados”. Para isso, serão adotadas algumas estratégias, tais como análise documental (de relatórios diversos, questionários, protocolos, vídeos, atas de reuniões, depoimentos, materiais de divulgação e comunicação) e entrevistas com participantes do projeto, em uma tentativa de compreender o histórico do projeto e as diferentes perspectivas que o formam.

Uma das características do estudo de caso é lidar com uma ampla variedade de evidências, utilizando-se de diferentes materiais para análise e diferentes formas de analisar esses materiais, realizando uma triangulação em que os dados vão convergir para gerar resultados mais confiáveis em um método que parece, a princípio, tão subjetivo.

Através de uma perspectiva naturalista e fenomenológica, pode-se interpretar os dados qualitativos e quantitativos recolhidos para compreender o fenômeno como um todo e contar com diferentes pontos de vista.

Yin (2005: 116), quando fala do papel do investigador destaca também o uso da observação participante:

“Para alguns tópicos da pesquisa, pode não haver outro modo de coletar evidências a não ser através da observação participante. Outra oportunidade muito interessante é a capacidade de perceber a realidade do ponto de vista de alguém de “dentro” do estudo de caso, e não de um ponto de vista externo” (Yin, 2005:116).

Por se tratar de um recorte de uma época passada, 2012 a 2016, a observação participante propriamente dita não será possível, no entanto, como fiz parte da equipe de engajamento comunitário no período de 2014 a 2017, acompanhando de perto diversas etapas aqui relatadas, talvez possa me considerar uma “participante observadora”. Importante destacar que este facto traz uma profundidade na análise que não seria possível apenas com entrevistas ou levantamento histórico, portanto a proximidade com o objeto de estudo pode ser benéfica neste caso.

Para Edgar Morin, no paradigma da complexidade, o sujeito e o objeto são interconectados e estão em uma relação simbiótica, permitindo que vá além da objetividade científica. Para ele, “as teorias científicas não são o puro e simples reflexo das realidades objetivas, mas os coprodutos das estruturas do espírito humano e das condições socioculturais do conhecimento” (Morin, 2005: 137).

Ao contrário do pressuposto positivista de uma ciência neutra, em que o investigador é externo ao caso e imparcial, aqui, a perspectiva será de um papel mais construtivista, onde o investigador é sujeito e ator político, apresentando uma visão que se encontra claramente posicionada, ainda que tenha um papel de relatar, descrever e analisar criticamente trazendo também diferentes olhares de outros participantes e envolvidos.

A escolha por um estudo de caso vem para tentar esclarecer o início e crescimento de um grupo inovador na Fundação Oswaldo Cruz, em que um projeto não é simplesmente implementado sem consulta da comunidade, mas que é apresentado, discutido e construído em conjunto com a população, como um exemplo de participação comunitária em pesquisa. A importância desse resgate é para que se entenda o caminho percorrido e qual

foi seu impacto, buscando compreender aspectos educativos no processo.

Análise Documental

O primeiro passo para que esses objetivos sejam alcançados é a análise de documentos existentes do projeto. Os documentos foram disponibilizados pela coordenação do projeto brasileiro e também pela coordenação do programa global, com base na Austrália. Foram inúmeros documentos analisados, mas por serem de uso interno eles não constarão como anexos, para proteger a confidencialidade. No entanto, como foram utilizadas algumas passagens ou escritos de alguns textos, farei um recorte em uma grelha de documentos que constará na seção de apêndice.

Os documentos utilizados foram de vários tipos e de várias áreas do projeto, não apenas produzidos pelo Engajamento Comunitário. Ainda que não haja menção de todos nesse trabalho, eles foram importantes para que se construísse uma história, percebendo como o projeto se foi construindo no processo. Assim, os principais documentos analisados foram protocolos e textos oficiais do projeto, relatórios (mensais ou específicos de cada atividade), questionários realizados com moradores e materiais de divulgação (desde folhetos até vídeos).

Amado (2013: 277) fala que esses dados não devem ser tratados apenas como informação, mas como “produtos sociais”, que revelam uma complexidade e abrangência, apontando para um contexto e um conjunto de relações próprio que gerou o documento em si. Dessa forma é ainda mais significativo reunir todos esses documentos para iniciar a investigação e aos poucos ir traçando e compreendendo a história que se deu.

Entrevistas

Além da análise de documentos, a produção de entrevistas como técnica de recolha de dados é fundamental. Aqui, opta-se por algumas entrevistas com moradores dos bairros alcançados e membros da própria equipe do projeto Eliminar a Dengue que estiveram presentes neste começo.

Denzin e Lincoln (2000: 645) dizem que “entrevistar é um dos mais comuns e poderosos caminhos para entender os seres humanos”. Na literatura fala-se de três tipos principais de entrevistas, que variam de acordo com a organização mais ou menos fechada

de um guião. No caso, utilizamos entrevistas semi-estruturadas, com um guião base, em que as perguntas podiam sofrer alteração no percurso, seguindo mais como uma conversa com os entrevistados, de forma com que ficassem confortáveis e pudessem falar o que quisessem sobre o assunto.

O método de entrevista mostra-se aqui relevante considerando que o que se quer saber diz respeito diretamente ao indivíduo e suas percepções, o que não é algo encontrado em relatórios de atividades ou de reuniões. Neste trabalho, cada entrevista deu-se de uma maneira, sendo utilizada a melhor forma de acordo com a disponibilidade e proximidade do entrevistado. Para a entrevista com os moradores dos bairros, Tubiacanga e Jurujuba, optou-se pela modalidade em grupo, de forma a deixar os participantes mais confortáveis e para que as falas se complementassem, estimulando o diálogo e aguçando memórias. Os entrevistados desses grupos eram todos conhecidos, entre si e da entrevistadora, sendo escolhidos por seu grande envolvimento no projeto. No bairro de Tubiacanga, conversei com apenas um morador e pedi para que ele escolhesse os outros entrevistados, sendo que dois dos convidados por ele não puderam comparecer. No restante das entrevistas, apenas dois dos entrevistados não eram conhecidos da investigadora, o antigo membro de Engajamento Comunitário do Brasil, e o membro de Engajamento Comunitário e Comunicações da Austrália.

As entrevistas presenciais foram áudio gravadas para facilitar a transcrição e contaram com a assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice 2), lido antes de iniciadas, autorizando a gravação e também a utilização do conteúdo da conversa, sendo os participantes orientados sobre a opção de anonimato. No entanto, devido às características deste trabalho, e ao facto de que todos concordaram em serem identificados, achamos melhor não utilizar o anonimato, dando nome e crédito a quem de facto ajudou a construir o projeto. Para a entrevista à distância, também foi produzido um termo de consentimento, em inglês, que foi assinado e entregue junto com as questões respondidas por escrito.

Foram realizadas cinco entrevistas, com um total de 11 pessoas, organizadas da seguinte forma:

Número	Grupo	Tipo de Entrevista	Entrevistado(s)	Data	Duração	Local
Ent.1	Coordenação Geral	Presencial, individual e semi-estruturada	Luciano Moreira	05/12/2018	21'17"	Fiocruz
Ent.2	Membro de EC no Brasil	Presencial, individual e semi-estruturada	Ricardo Dantas	20/12/2018	45'20"	Fiocruz
Ent.3	Membro de EC na Austrália	Distância, por e-mail, individual, estruturada	Kate Retzki	06/02/2019	-----	E-mail
Ent.4	Moradores de Tubiacanga	Presencial, de grupo, semi-estruturada	Marcos Rogério da Silva, Maria Cristina de Oliveira, Marilea Lopes, Paulo César de Mello, Sônia Rottas	30/03/2019	1:00:46	Casa do Seu César, Tubiacanga
Ent.5	Moradores de Jurujuba	Presencial, de grupo, semi-estruturada	Carmen Sader, Firmينو de Oliveira, Maísa Vasconcelos	18/07/2019	2:16:34	Igreja de São Pedro, Jurujuba

Quadro 1: Entrevistas realizadas.

Durante a entrevista e sua transcrição, que se pretendeu o mais fiel possível, buscou-se ter uma escuta sensível, atenta não apenas ao que foi dito com palavras, mas com tons de voz e outros sinais. Amado (2013:219) atenta para essa sensibilidade quando diz: “Mas não ter esse cuidado deve considerar-se uma falta de respeito e ética, ao mesmo tempo que pode dar azo a uma interpretação menos correta do discurso registrado”. Durante o momento da entrevista em si, também buscou-se diminuir o que Bourdieu (1992) chama de “violência simbólica”, principalmente nas entrevistas com moradores: “todo poder que chega a impor significações e ao impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força” (Bourdieu & Passeron, 1992: 19-20). Assim, as

entrevistas ocorreram nos locais escolhidos pelos próprios entrevistados, em que lhes era cómodo e em que se sentiam confortáveis, além de todo o processo se dar como uma conversa, em que qualquer um poderia falar a qualquer momento e as perguntas serviam apenas de guia.

Considerando a entrevista uma técnica importante para coleta de dados em um estudo de caso, Yin (2005: 110) destaca a prática, mas adverte de seus problemas, recomendando que seja apenas mais uma fonte entre outros tipos.

“As entrevistas, no entanto, devem sempre ser consideradas apenas como relatórios verbais. Como tais, estão sujeitas a velhos problemas, como preconceito, memória fraca e articulação pobre ou imprecisa. Novamente, uma abordagem razoável a essa questão é corroborar os dados obtidos em entrevistas com informações obtidas através de outras fontes” (Yin, 2005:110).

Portanto, a junção da análise documental, com as entrevistas e ainda meus próprios registos e conhecimentos enquanto antigo membro da equipe busca possibilitar um bom conjunto de dados que garanta uma análise completa.

Análise de Conteúdo

Todos os dados coletados foram analisados utilizando-se a Análise de Conteúdo, caracterizada por João Amado (2013) como “uma técnica que aposta claramente na possibilidade de fazer inferências interpretativas a partir dos conteúdos expressos, uma vez desmembrados em ‘categorias’, tendo em conta as ‘condições de produção’ desses mesmos conteúdos, com vista à explicação e compreensão dos mesmos”.

Assim, os dados passaram por diversas leituras e uma organização sistemática, em que foram categorizados e interpretados de acordo com a base teórica utilizada. João Amado (2013: 304) cita uma definição abrangente de Robert e Bouillaguet (1997):

“A análise de conteúdo *stricto sensu* define-se como uma técnica que possibilita o exame metódico, sistemático, objetivo e, em determinadas ocasiões, quantitativo, do conteúdo de certos textos, com vista a classificar e a interpretar os seus elementos constitutivos e que não são totalmente acessíveis à leitura imediata” (Robert & Bouillaguet, 1997 in Amado 2013:304).

As categorias foram organizadas através de um tipo aberto de procedimento, induzido a partir da análise e buscam obedecer às seis regras de que Amado (2013: 335-336) fala: exaustividade, exclusividade, homogeneidade, pertinência, objetividade e produtividade, de forma a possibilitar a validade e a confiabilidade dos dados e das

conclusões apresentadas. Após diversas mudanças e experimentações, foram 8 categorias estabelecidas, com o intuito de organizar os dados de forma cronológica (ou o máximo possível, já que alguns momentos se sobrepõem), possibilitando a observação de uma linha de raciocínio que foi tomada na época estudada, em uma tentativa de compreender como se chegou a determinados resultados.

Categoria	Título	O que traz
1	Planejamento e Organização Interna	Primeiros passos do EC no projeto, organização e estudo dos territórios e do que é engajar.
2	Entrada na Comunidade	Primeiros contatos estabelecidos com as comunidades de Tubiacanga e Jurujuba.
3	Comunicação e Divulgação	Materiais produzidos pela Comunicação do projeto e distribuídos para a população, seja para informar, convidar ou agradecer.
4	Atividades junto à Comunidade	Atividades que o projeto produziu nos períodos antes, durante e pós liberações, nos bairros de Tubiacanga e Jurujuba.
5	Comitê Comunitário	Grupos formados por moradores nas duas comunidades que auxiliavam as ações do projeto dentro dos bairros.
6	Questionário de Aceitação	Análise dos questionários de aceitação aplicados nos dois bairros antes das liberações de mosquitos.
7	Liberações	Metodologias de liberação utilizadas e como os moradores lidaram com o período.
8	O que ficou	Impressões dos moradores sobre o processo após 3 anos das liberações e discussão de resultados.

Quadro 2: Categorias de Análise

Desta forma, espera-se que seja possível produzir um estudo de caso completo que de facto retrate o que foi o processo de Engajamento Comunitário nos primeiros anos do Projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil, possibilitando visões de pesquisadores, moradores, voluntários e parceiros do projeto.

Capítulo III – Contextos

O Programa Eliminate Dengue

O Projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil faz parte do Programa Internacional Eliminate Dengue, que hoje em dia é apresentado como World Mosquito Program (WMP⁵). O programa, dirigido pelo professor Scott O'Neill, é uma iniciativa da Universidade de Monash, na Austrália e conta como um dos financiadores a Fundação Bill e Melinda Gates. Seu objetivo é auxiliar no controle da dengue através da substituição de mosquitos *Aedes aegypti* das regiões trabalhadas por *Aedes aegypti* que contenham a bactéria *Wolbachia*, capaz de bloquear a transmissão do vírus da dengue pelo mosquito.

As bactérias do gênero *Wolbachia* são intracelulares e infetam grande parte dos artrópodes e nematódeos⁶, causando alterações reprodutivas nestes. Estima-se que cerca de 60% destes animais na natureza possuam naturalmente a bactéria *Wolbachia*, o que inclui antigos conhecidos, como borboletas, abelhas, aranhas, moscas da fruta e o próprio pernilongo, mas não está naturalmente presente no *Aedes aegypti*. Os estudos com a *Wolbachia* iniciaram na década de 1920 e comprovam a segurança de seu uso, visto que, por ser intracelular, não sai durante a picada do mosquito, e não sobrevive fora das células de alguns animais específicos, sendo uma bactéria restrita a invertebrados.

Foi observado que a bactéria podia reduzir o tempo de vida dos animais que infetava e essa foi a base da primeira tentativa para controlar a dengue. Um mosquito vive em média 30 dias, sendo que, se consumir um sangue com vírus da dengue, esse vírus demora de 10 a 15 dias para chegar no ducto salivar do mosquito e poder ser transmitido a outras pessoas. Considerando esse tempo de incubação, é possível que se diminua consideravelmente os casos da doença se o tempo de vida do mosquito passar de 30 para 15 dias (Sinkins & O'Neill, 2000; Rasgon et al., 2003; Cook et al., 2008). Estudos foram feitos para verificar a efetividade na prática e duas importantes questões foram verificadas: 1 - a bactéria utilizada causava queda no desempenho biológico (o fitness) do mosquito e isso dificultava a manutenção do método, já que interferia na procriação; 2 – a bactéria bloqueava a transmissão do vírus da dengue, uma descoberta inesperada e muito oportuna (Texeira et al., 2008; Moreira et al., 2009; Walker et al., 2011). A partir daí, os cientistas começaram a fazer testes com outra cepa, ou seja, uma outra variação da bactéria

⁵ <https://www.worldmosquitoprogram.org/>

⁶ Dois filos de animais invertebrados

Wolbachia e viram que esta não interferia no tempo de vida do mosquito e nem no seu desempenho, mas mantinha-se a característica de reduzir a transmissão da dengue.

Todo o procedimento foi realizado em laboratório, mas como então fazer com que todos (ou quase todos) os mosquitos de uma dada localidade possuíssem também esta bactéria? Por ser intracelular, a *Wolbachia* possui transmissão vertical sendo, no caso, passada apenas da fêmea para a prole. Ou seja, o macho com *Wolbachia*, se acasalar com uma fêmea sem a bactéria, não poderá transmiti-la para os descendentes. Nesse caso entra uma característica chamada “incompatibilidade citoplasmática”, que favorece a bactéria e acelera seu estabelecimento no ambiente: machos com *Wolbachia* que acasalam com fêmeas sem *Wolbachia* fazem com que os óvulos fertilizados morram, o que garante que apenas descendentes com a bactéria nasçam, provocando uma substituição mais acelerada da população.

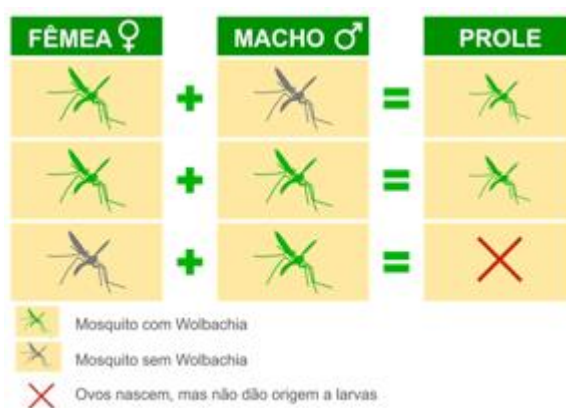


Figura 11: tipos possíveis de casamento entre macho e fêmea e como prole nasce. Retirado do site WMP (<http://www.eliminatedengue.com/brasil/wolbachia>)

Por isso o projeto realiza a liberação de mosquitos nas regiões em que trabalha e utiliza tanto machos como fêmeas, de forma que a estratégia seja sustentável a longo prazo. Mas é preciso que estes mosquitos se estabeleçam no ambiente, o que requer um tempo, com liberações regulares. O projeto prevê um período de 20 a 30 semanas de liberações para que a bactéria se estabeleça na população de mosquitos, sendo que a quantidade de mosquitos liberados vai depender do tamanho do bairro e suas características.

Ao longo dos anos de projeto os estudos nunca pararam e foi descoberto que a bactéria *Wolbachia* não é eficaz apenas para a dengue, mas também para Zika (Aliota et al., 2016; Dutra et al., 2016), chikungunya (Moreira et al., 2009; Aliota & Walker et al., 2016), febre amarela (Moreira et al., 2009) e febre mayaro (Pereira et al., 2018), o que torna ainda mais importante o sucesso do método.

É interessante atentar para todas as fases que o programa mundial passou. Na Austrália, foi iniciado oficialmente em 2009, mas antes disso já havia passado por anos de estudo da *Wolbachia*, sendo que apenas para conseguir inserir a bactéria dentro do ovo do mosquito foram necessários 4 anos. As primeiras liberações, realizadas em dois bairros na cidade de Cairns, em 2011, contam até hoje com resultados positivos, em que mais de 90% da população de mosquitos local possui a capacidade reduzida para transmissão de doenças (O'Neill, 2018). Desde então o método sofreu diversos pequenos ajustes e experimentos, incluindo dois métodos de liberação, o de adultos e de ovos. Cada fase e experimentação contou com trabalho em equipe, e isso inclui não apenas os cientistas do projeto, mas também a população de moradores que participava principalmente como voluntária na hospedagem de armadilhas para coleta de mosquitos (as BGs) ou de ovos (ovitrapas) e também na hospedagem de Dispositivos de Liberação de Ovos (DLO).

Quando o Brasil entrou no programa, oficialmente em 2012, eram 5 os países que o compunham, hoje já contando com 12 países, incluindo Austrália, Brasil, Colômbia, México, Indonésia, Sri Lanka, Índia, Vietnã, Kiribati, Fiji, Vanuatu e Nova Caledônia. Cada projeto é composto por pesquisadores especialistas nas áreas de entomologia, que trata dos mosquitos, mas também por profissionais de diagnóstico, comunicação e engajamento comunitário.

Todas essas áreas estão interconectadas e em constante diálogo, com suas ações ocorrendo ao mesmo tempo. Porém, para que fique clara uma ordem simplista do processo, o primeiro a entrar no território é o Engajamento Comunitário, que deve se aproximar das comunidades e investigar melhor os locais. A equipe de entomologia já entra também na área a fim de instalar armadilhas para estudar a população de mosquitos local em conjunto com a equipe de diagnóstico enquanto o engajamento é realizado. Durante alguns meses, o engajamento será bem presente no território, em conjunto com a área de comunicação, que produzirá os materiais necessários para melhor divulgação e alcance. Após um

questionário de aceitação, o período das liberações pode começar e todas as equipes se mantêm no território para monitoramento e apoio com dúvidas de moradores. Após as semanas de liberação, a equipe de diagnóstico, que monitora semanalmente a percentagem de mosquitos com a bactéria *Wolbachia*, pode dar o resultado final imediato (que tende a mudar positivamente depois de mais algum tempo) e as equipes de engajamento e comunicação podem dar a devolutiva para as comunidades e ir aos poucos deixando o contato tão frequente no local para passar para o próximo.

O Engajamento Comunitário, foco deste trabalho, vem como importante ferramenta para interagir com as populações locais, estimulando participação e verificando sua aprovação (ou não) do projeto. Kate Retzki é Assessora de Comunicação e Engajamento, tendo integrado o time Eliminate Dengue/WMP em 2014, implementando os primeiros passos de um engajamento em larga escala, o PAM (Public Acceptance Model, ou Modelo de Aceitação Pública). Em entrevista, ela fala sobre a importância do Engajamento no programa:

“Comunicação e Engajamento Comunitário são fatores críticos para a implementação bem-sucedida do método *Wolbachia* do WMP. Quando realizadas de maneira eficaz, a Comunicação e o Engajamento Comunitário levam ao apoio das autoridades, principais partes interessadas, influenciadores locais e comunidades. (...) A realização de uma Comunicação e um Engajamento Comunitário fortes constroem e mantêm uma reputação positiva para o WMP e demonstram nosso compromisso com a prática ética, reduzindo o risco de oposição e permitindo que as atividades operacionais sejam realizadas sem interrupção (ajudando a manter cronogramas e orçamento no caminho certo). Além disso, Comunicação e Engajamento Comunitário de qualidade colocam a organização em uma luz favorável aos financiadores atuais e potenciais” (Kate Retzki, Apêndice 3, Entr.3).

O Programa internacional demonstra ter uma visão mais prática do Engajamento, destacando sua utilidade estratégica para os objetivos do programa como um todo. Em documentos do projeto brasileiro, explorados mais para frente, veremos uma visão um pouco mais social da área, pelo menos em seus primeiros anos. No entanto, 5 princípios que compõem o PAM são a base de todo o Engajamento, em qualquer país que o programa esteja: respeito, transparência, inclusão, participação e responsividade.

O Projeto no Brasil

No Brasil, as campanhas de dengue já são regulares e grande parte da população conhece as medidas de prevenção da doença, mas em todas elas tenta-se combater o vetor, o mosquito, e não a doença em si. São conhecidos os métodos mecânicos, em que são

eliminados os criadouros dos mosquitos ou então os próprios mosquitos adultos, com o uso de raquetes elétricas ou outros dispositivos; os métodos químicos, com inseticidas caseiros, larvicidas ou os chamados “fumacês” que a prefeitura passa nas ruas; e por fim os métodos biológicos, sendo o mais conhecido o uso de peixes ou outros animais que se alimentam das larvas dos mosquitos. Em todos estes o mosquito morre ou é impedido de nascer ou se desenvolver, o que ainda é considerada a melhor solução para controlar as doenças (principalmente a eliminação de focos). No entanto, o método que utiliza a *Wolbachia*, que também é um tipo de controle biológico, pretende atacar o vírus e não exatamente o mosquito, fazendo com que este seja um aliado.

Braga & Valle (2007) nos contam que as primeiras campanhas contra o *Aedes aegypti* iniciaram-se em 1902 com Oswaldo Cruz em relação à febre amarela e previam a eliminação de focos do vetor. Desde 1846 já se ouvia falar sobre dengue no Brasil e o país conseguiu eliminar o mosquito duas vezes: em 1955, através da campanha de erradicação continental do *Aedes aegypti*, e em 1973, após novas incidências no norte e nordeste. Em 1976, o mosquito voltou a assolar o país e desde então tem sido alvo de programas do Ministério da Saúde. Em 1996, o Plano de Erradicação do *Aedes aegypti* foi criado e incluía uma área de Informação, Educação e Comunicação Social, que acabou por não ser implantada. Foi apenas em 2002, com Programa Nacional de Controle da Dengue (PNCD) que a participação da população no controle do mosquito começou a ser trabalhada, de forma ainda gradual, e isso envolvia campanhas que responsabilizavam cada um pelo controle dentro de sua própria casa (Braga & Valle, 2007). Hoje em dia, campanhas como os “10 minutos contra a dengue”, de 2011, pretendem trabalhar mais ativamente a participação, convidando a população a criar uma rotina de inspeção de criadouros e eliminação dos focos, buscando ir além da mera informação (Valle, Aguiar e Pimenta, 2015: 349-351).

Assim, temos anos de história que nos ensinam a eliminar o mosquito. Como pode um projeto querer soltar mosquitos? Colocar mais desses insetos no ambiente, sendo que ainda por cima possuem uma bactéria implantada em laboratório? Que sucesso teria um projeto que chegasse em um local e sem conversa abrisse potes e mais potes cheios de mosquitos “da dengue” toda semana?

O Engajamento Comunitário torna-se essencial, não apenas como uma atitude ética, mas também como uma forma de viabilizar o trabalho. A Fundação Oswaldo Cruz foi a instituição de pesquisa que trouxe o programa para o Brasil. Em seu site⁷, a Fundação define seus principais objetivos: “Promover a saúde e o desenvolvimento social, gerar e difundir conhecimento científico e tecnológico, ser um agente de cidadania”. Com início em 1900, a Fiocruz é uma das instituições de educação e pesquisa mais respeitadas da América Latina e quando contamos a história de qualquer doença no país, é ela quem está como atriz principal no controle. Seus cursos envolvem ensino técnico e diversas pós-graduações, que vão de diversos temas em biologia, passando por comunicação, sociologia e divulgação científica. Sua estrutura conta com um museu, aberto a toda a população e que conta com transporte gratuito para escolas públicas, de forma a incentivar as visitas, e centenas de laboratórios, onde cotidianamente se desenvolve a maior parte das pesquisas em saúde do Brasil. Em seu entorno estão as favelas de Mangueiras e da Maré, grandes comunidades marcadas por desigualdade social e violência. A fundação possui muitos trabalhos com as duas regiões e busca assumir uma responsabilidade social de incluir suas populações em ciência e pesquisa, sendo muitos de seus estudantes e investigadores dessas localidades, o que traz um referencial importante.

Formados por profissionais e pesquisadores da Fiocruz, o Projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil passou por rigorosas avaliações sobre segurança para a saúde e o meio ambiente e conta com aprovações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

O projeto conta com financiamento do Ministério da Saúde, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), possuindo ainda recursos diretos da Fundação Bill & Melinda Gates. A Secretaria Municipal de Saúde de Niterói e a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro também atuam como parceiros locais.

Para as primeiras liberações no Brasil foram escolhidas 4 áreas iniciais: os bairros de Tubiacanga, Urca e Vila Valqueire na cidade do Rio de Janeiro e o bairro de Jurujuba,

⁷ <https://portal.fiocruz.br/fundacao>

na cidade de Niterói. O foco deste trabalho é nos primeiros anos do projeto brasileiro, portanto de 2012 a 2016, que apenas inclui a liberação nos bairros de Tubiacanga e Jurujuba. A seguir, os dois bairros serão apresentados para que se entenda o contexto em que estão inseridos, sendo a maior parte das informações fornecidas pelos próprios moradores nas entrevistas. Concordamos com Berger (2004: 19) quando diz que “não há local historicamente identificável que possa existir se não através da comunidade”.

Tubiacanga

Tubiacanga é um bairro da Ilha do Governador, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, Brasil, que foi formado no final dos anos 50, com aumento de sua população nas décadas de 60 e 70 a partir de uma remoção de duas comunidades para a construção da pista do Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim, o Galeão. A remoção ocorreu de forma arbitrária e retirou moradores principalmente das comunidades de Flexeiras e Itacolomi, havendo muitas famílias que perderam tudo no percurso.

Em entrevista, os moradores, que também viveram o processo, contam que a maior parte dos habitantes de Tubiancanga é filho de funcionários da aeronáutica (as regiões em que moravam eram da aeronáutica) ou de pescadores. Sônia relembra: “foi uma coisa assim tão absurda, que eles não avisam não, chega assim, nós vamos precisar dessa área, vocês vão para Tubiacanga, já estava na obra. Aí quando foi um belo dia de manhã, chegaram, tá, hoje é dia do senhor, Seu Antônio. Ué, mas eu não tenho nada arrumado.” (Sônia, Apêndice 3, Ent. 4, p.56). Seu César também conta com pesar a rapidez com que agiram: “Tirei meu pai, entregamos a chave à prefeitura. Foi tirar os móveis, a prefeitura entrou e derrubou. (...) Casas maravilhosas, coisa de louco. Cada vila eram 54 casas...” (César, Apêndice 3, Ent. 4, p.56).

Foram milhares de casas destruídas e as pessoas foram distribuídas por diversas áreas do Rio de Janeiro, não só Tubiacanga. Marilea conta sua história:

“Todo mundo foi removido para a construção do aeroporto. Onde eu... a minha casa era a casa dos meus avós, onde eu nasci, me criei, casei, tive meus filhos e eles derrubaram assim que eu saí. (...) Botou tudo mesmo, geladeira ainda com tudo dentro. Botou dentro do caminhão, trouxe para uma casa que não tinha nem chão, não tinha nem piso. (...) Nós que tivemos que fazer” (Marilea, Apêndice 3, Ent. 4, p.57).

Sônia conta que apesar de ter tido de sair, sua antiga casa continua de pé no mesmo lugar, porém cheia de mato e Marilea diz que a sua foi destruída, mas não fizeram nada no

lugar. Os moradores tiveram de sair de suas casas, onde cresceram e constituíram família e história, casas que arrumaram de seu jeito, com esforço e trabalho e da noite para o dia tiveram de sair. Não houve explicação suficiente aos moradores, não houve diálogo, não houve uma garantia de serem realocados de forma justa.

Em 2013 surge a notícia de que haveria a construção de uma terceira pista do aeroporto e com isso a possibilidade de mais uma remoção, dessa vez em Tubiacanga. Os moradores rapidamente se organizaram e montaram a comissão “Não à Remoção”, que reunia um representante de cada rua. A comissão lutou dia e noite contra mais uma remoção e começou a se envolver de forma mais política nos assuntos, indo atrás de representantes que pudessem ajudar na causa e estudando tudo em relação aos seus direitos, leis e até mesmo noções de aeronáutica para que pudessem argumentar quando necessário. Os moradores disseram que assim, munidos de conhecimentos, conseguiam discutir “de igual para igual” e os representantes do aeroporto foram surpreendidos: “A questão é essa, que eles vieram achando que fossem encontrar aqui pessoas leigas (...) E a gente estudava muito para também saber o que falar” (Cristina, Apêndice 3, Ent. 4, p.62).

Junto com o ministro Moreira Franco⁸, a comissão conseguiu que se retirassem a obrigatoriedade da terceira pista e se introduzisse uma cláusula no contrato que diz que, se provarem a necessidade real da pista, através da demanda de Pousos e Decolagens, o aeroporto teria que dialogar com os moradores e entrar em um acordo. Eles dizem que ainda não estão totalmente seguros em Tubicanga, mas estão fortalecidos para qualquer batalha.

A Associação de Moradores de Tubiacanga estava desativada desde 2007, quando o antigo presidente faleceu. Desde então o bairro não estava sendo representado, mas com o surgimento da comissão “Não à Remoção”, o sentimento de união e luta reacendeu e o grupo se candidatou como uma chapa para eleição da Associação de Moradores, sendo eleito com quase unanimidade pelo bairro. Desde 2014 então, Tubiacanga tem uma

⁸ Wellington Moreira Franco, é um político afiliado do MDB (Movimento Democrático Brasileiro, antigo PMDB). Entre seus cargos, já foi prefeito de Niterói, deputado federal e governador do Rio de Janeiro. Seus cargos mais recentes foram como Ministro-Chefe da Secretaria-Geral da Presidência do Brasil e Ministro de Minas e Energia do Brasil, no Governo de Michel Temer. No período relatado pelos moradores, Moreira Franco era Ministro-Chefe da Secretaria de Aviação Civil do Brasil, no governo Dilma Rousseff.

Associação de Moradores forte e presente, com 15 membros, em que dizem não haver um presidente, todos são diretores, com igual poder.

Quanto a estrutura de Tubiacanga, esta é constituída de 14 ruas e possui cerca de 887 residências, com poucos comércios (na época não havia uma farmácia, por exemplo) e apenas uma Escola Municipal com Ensino Fundamental e uma Unidade de Saúde que atende a região apenas em local fora do bairro. O transporte é precário, havendo somente um ônibus oficial que atende a área, contando mais com o serviço de vans, que também é limitado.

Quando o projeto chegou no bairro, em 2012, ainda não havia uma Associação de Moradores e eram poucas as instituições que se podia contar, havendo apenas a escola e o clube Flexeiras, onde ocorriam alguns eventos do bairro e também aulas de judô para crianças, oferecidas pelo Instituto Reação. Foram identificados 3 grupos de futebol que reuniam moradores, principalmente homens, e também alguns grupos religiosos.

A instauração da nova Associação de Moradores trouxe para o bairro uma nova conformação social e política, que ajudou muito a entrada mais efetiva do projeto a partir de 2014. Com uma Associação presente, que todos os moradores confiavam, e que realmente lutava pelo bairro e se inteirava de tudo que acontecia, o projeto conseguiu uma ótima aliada. A AMAT, Associação de Moradores e Amigos de Tubiacanga, abraçou o projeto Eliminar a Dengue, entendeu seus objetivos e foi a maior multiplicadora e apoiadora deste.



Figura 12: Tubiacanga vista de cima. Retirado dos arquivos do Eliminar a Dengue, 2009.

Jurujuba

Jurujuba é um bairro da cidade de Niterói no Estado do Rio de Janeiro, Brasil, cujo nome, de origem indígena, significa “papagaio amarelo”. É uma comunidade originalmente pesqueira, sendo conhecida também pela criação de mariscos, apresentando praias muito famosas e bonitas, além de ser um relevante pólo gastronômico. A região apresenta grande área de Mata Atlântica preservada e ainda dois fortes, que historicamente serviram para defender o local de invasões estrangeiras.

Em entrevista, Maísa, moradora antiga e defensora de Jurujuba, ressalta as atrações do bairro, que já foi também um grande pólo industrial com 3 fábricas de sardinha. Ela conta que Jurujuba já hospedou um hotel muito famoso onde hoje em dia funciona o Instituto Graef, organização que busca democratizar esportes náuticos para jovens, e também possui ainda o Jurujuba Iate Clube. Para Maísa, o bairro ainda é pacato e bucólico, embora saiba que talvez não seja sempre assim:

“E aí a gente tem essa formação de Jurujuba, ainda é um bairro com as suas características originais ainda, mas que a modernização tem tentado chegar, mas a gente tá tentando não deixar eles se fixarem, porque vai realmente acabar o nosso bairro. Então por enquanto,

enquanto a gente puder resistir a essa mudança aí do mundo, a gente vai resistindo. A gente não sabe até quanto tempo vai ficar Jurujuba nesse bairrozinho ainda assim...” (Maísa, Apêndice 3, Ent. 5, p.92).

Maísa ainda é uma das poucas pessoas que se envolve verdadeiramente no bairro, sendo responsável pela organização de diversos tipos de eventos, desde os mais políticos aos mais festivos, como a conhecida Festa de São Pedro, padroeiro dos pescadores.

Em termos de instituições, a Associação de Moradores do bairro não é considerada muito representativa, embora seja ativa. O posto de saúde local tem força e é muito reconhecido e procurado, contando com Agentes Comunitárias de Saúde (ACS) que fazem atendimento domiciliar e conhecem todos do bairro. Há também duas escolas, uma Municipal e uma Estadual e 2 creches, além de uma instituição recente, o CEU, Centro de Artes e Esportes Unificados, inaugurado em 2014 e que agrega diversas atividades para jovens fora do horário escolar.

O bairro de Jurujuba possui cerca de 1196 habitantes e pode ser dividido em 8 regiões ou “sub-bairros”: Ponto Final, Cascarejo, Ponta da Ilha, Várzea, Peixe Galo, Salinas, Brasília e ainda a região da praia de Adão e Eva. O projeto Eliminar a Dengue ocorreu inicialmente apenas no Ponto Final, que é o foco deste trabalho, mas em 2016 também se estendeu ao restante das áreas. O Ponto Final é constituído por dois perfis geográficos, possuindo uma parte plana e uma parte no morro, que apresenta ruas estreitas e difíceis de definir e mapear. Nesta região há a presença da Igreja de São Pedro, alguns restaurantes conhecidos, pequenos comércios e o restante de residências, além de ser o ponto final de uma linha de ônibus, que conecta o bairro ao centro da cidade de Niterói.

Sendo uma região pequena, todos os moradores se conhecem, mas grande parte utiliza Jurujuba como dormitório durante a semana, visto que passam a maior parte do tempo em trabalhos fora do bairro e também precisam sair para lazer ou compras. A proximidade dos moradores pode ter ajudado de certa forma a entrada do projeto ED, mas o fato de a maioria das pessoas não ser tão conectada ao bairro pareceu uma barreira logo no início. Pessoas como Maísa e Firmino, e também amigos do bairro, como Carmen, trabalham cotidianamente para trazer o espírito de comunidade para o local, seja ajudando moradores, organizando grupos culturais ou lutando por direitos e interesses de todos.



Figura 13: Jurujuba vista de cima, geral. Retirado dos arquivos do Eliminar a Dengue.



Figura 14: Jurujuba vista de cima, apenas o Ponto Final. Retirado dos arquivos do Eliminar a Dengue.

Capítulo IV – Categorias de Análise

Planejamento e Organização Interna

A primeira coisa a se fazer em qualquer projeto de pesquisa é o planejamento para que a execução posterior seja adequada. A equipe de Engajamento Comunitário teve um longo período de preparo e estudo antes de qualquer ação dentro dos bairros, a fim de ter uma base forte e direcionada, com um ponto de partida bem estabelecido.

Em documento intitulado “Projeto para Controle Alternativo de Dengue” de 2012, é escrito que a primeira etapa do projeto contará com “diagnóstico da comunidade e desenvolvimento de estratégias para estabelecimento de um canal de comunicação e um vínculo de confiança entre a população e os envolvidos no projeto”. Já em um segundo momento, com as informações levantadas serão desenvolvidas ações “de acordo com as metodologias de construção compartilhada do conhecimento (Valla e Stotz, 1993), do processo educativo como pedagogia da autonomia (Paulo Freire) e da educação como fonte para participação social e cidadania (Boaventura de Souza Santos)” (Apêndice 4, Doc.01).

A base teórica do Engajamento Comunitário é, portanto, pautada na valorização do sujeito, em seu conhecimento e na criação conjunta de estratégias que representem aquela comunidade específica, e não em ações pré estabelecidas antes de se chegar no território.

“Ouvir e valorizar o que a população conhece sobre o território, sobre a dengue, sobre prevenção, sobre cuidado de si, dentre outros aspectos, é de suma importância para desenvolver estratégias sustentáveis. (...) Será por meio desse olhar criterioso para o território, dessa escuta cuidadosa do outro e da abertura para um aprendizado conjunto que um novo sentido orientará a produção de estratégias de informação e comunicação sustentáveis, configurando-se como uma robusta estratégia de inovação social” (Apêndice 4, Doc.01).

Com essa linha de pensamento, a equipe de Engajamento Comunitário iniciou suas atividades de maneira bastante cuidadosa, buscando conhecer mais sobre os territórios antes de entrar neles e buscando artigos e teorias sobre EC, participação social e educação em saúde, além de estudar bastante os aspectos científicos do projeto.

Em entrevista com Ricardo, um dos antigos membros da equipe de engajamento (Apêndice 3, Entr.2), é explicado que durante todo o primeiro ano foi importante recolher alguns dados de campo e desenhar a melhor forma de realizar o trabalho, que era algo ainda muito novo. O objetivo inicial era de “operacionalizar propostas teóricas e

metodológicas”, que estavam sendo estudadas na época. Para o entrevistado, o engajamento comunitário relacionado a um tipo inovador de pesquisa com dengue é algo que ainda falta na literatura e ressalta que há uma interação muito diferente no Eliminar a Dengue, pois nesse caso, diferente do que normalmente se encontra nos estudos em saúde, o engajamento não vem para um tratamento, como é o caso muitas vezes com Aids e Tuberculose, mas propõe uma prevenção de doença, que é ainda a longo prazo. Ou seja, como os resultados são coletivos e não sentidos instantaneamente, é mais difícil uma participação ativa e constante da população, pois o benefício pessoal é menos óbvio.

Durante esse período de estudo e pesquisa, as áreas em que o Eliminar a Dengue atuaria ainda estavam sendo delineadas. No nascimento do projeto brasileiro, foram 28 os bairros considerados para receberem os mosquitos com *Wolbachia*. Entre os critérios para a escolha pensou-se em áreas que tivessem casos de dengue, que fossem diferentes socioeconomicamente entre si, áreas de preferência isoladas geograficamente de alguma forma para que se pudesse facilitar o estudo dos mosquitos locais e na maioria das áreas a Fiocruz já tinha alguma atuação, o que facilitava a entrada.

Muitas foram as etapas até que se chegasse nas quatro áreas finais, sendo que variados critérios, tanto de entomologia como de engajamento, foram considerados. Diversas informações foram levantadas sobre as áreas cogitadas, como análise dos censos com perfis da população, histórico dos últimos anos de casos de dengue, segurança e acesso, formas de organização social e outros. Na etapa final, entre abril e maio de 2012, havia 9 localidades a serem escolhidas e ambas as equipes fizeram visitas para contatar os moradores e estudar de perto a área, como mostra relatório:

“As duas equipes foram em conjunto para as nove áreas pré-selecionadas, contando com o auxílio dos agentes de saúde. Como metodologia conjunta de trabalho, foi acordado previamente que os agentes abordariam as residências estabelecendo o primeiro contato com os moradores, apresentando as equipes da Fiocruz. A equipe da Entomologia fez a instalação de ovitrampas e mosquitrap⁹ para a coleta de ovos / mosquitos, e a equipe do Engajamento Comunitário aplicou um questionário por domicílio. As duas ações foram simultâneas, pois enquanto os agentes e entomólogos faziam a instalação das armadilhas um pesquisador do Engajamento Comunitário aplicava o questionário” (Apêndice 4, Doc. 02).

461 questionários foram realizados e também a marcação de pontos no GPS para a produção de mapas das localidades. O questionário continha perguntas sobre

⁹ Dois tipos de armadilhas, utilizadas para estudar os mosquitos das regiões.

conhecimentos de dengue e sobre o apoio em uma possível nova forma de controle. As respostas coletadas na primeira parte mostraram que os moradores apresentavam bom conhecimento sobre a arbovirose e sua prevenção e também tinham preocupação em contrair dengue, sendo que mais da metade já havia tido a doença. Sobre apoiar uma nova forma de controle, quase a totalidade das pessoas respondeu positivamente e 93% gostaria de receber informações sobre a estratégia, sendo os principais meios através de reuniões (49%), palestras (45%) e TV (41%). (Apêndice 4, Doc. 02)

Alguns indicadores de campo foram estabelecidos pela equipe de Engajamento Comunitário para que diferenças quanto ao potencial de engajamento nas áreas fossem melhor percebidas:

- Atitude da população em relação ao trabalho de campo: humor / recepção;
- Fácil identificação das lideranças comunitárias; disseminadores de informações; aglutinadores da população local;
- Verticalidades sócio-territoriais (Milton Santos): difusão de informações no território (espaços / artefatos que promovem a dinâmica social);
- Estruturas formais de organizações comunitárias: exemplo: associações de moradores - relevância legitimidade / papel desempenhado na vida comunitária;
- Vida cotidiana em comum (amizade, pontos de encontro) - conhecidos / amizade / bairro / trabalho na própria área de residência.

Além disso, também houve a distinção das áreas em dois grupos: “reativas”, em que “não há tanto questionamento inicial, os moradores aceitam passivamente as iniciativas de fora, sem demandar muitas informações” e “pró-ativas”, locais onde “a população é participativa, colocando questões em todas as interações com a equipe do projeto”. Dessa forma, a demanda era que se escolhessem áreas dos dois tipos para que fossem desenvolvidas estratégias diversificadas. O relatório segue dizendo que:

“A partir desses indicadores, foram atribuídas notas de 1 a 5, do muito ruim ao muito bom, para cada área, e ao final do somatório chegamos às quatro áreas com maior pontuação. Como estratégia inicial para o engajamento comunitário, ficou estabelecido que a atuação em áreas diferentes deve ser acompanhada de estratégias distintas, observando as características específicas e percepções para construir o trabalho de campo ao longo do tempo, sendo o primeiro passo para o envolvimento da comunidade que ela nos permita entrar” (Apêndice 4, Doc. 02).

Assim, cada localidade deve seguir um modelo próprio de engajamento, estabelecido em conjunto com a comunidade e suas necessidades específicas, o que é a base do Engajamento Comunitário. De acordo com a organização social de cada área,

como presença de instituições ou de indivíduos representativos, pontos de encontro, formas de difusão da informação, o trabalho é moldado e construído.

Após avaliação das notas e conceitos das áreas de entomologia e engajamento comunitário sobre cada localidade, chegou-se ao consenso de três áreas na cidade do Rio de Janeiro: Tubiacanga, Urca e Vila Valqueire e uma em Niterói: Jurujuba, Ponto Final.

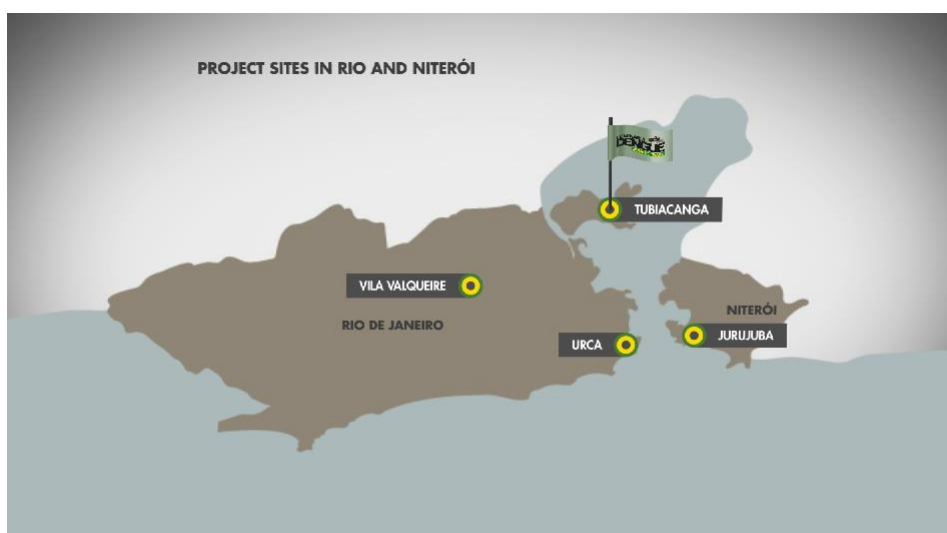


Figura 15: Quatro áreas escolhidas para iniciar os trabalhos do ED Brasil. Imagem retirada dos arquivos do projeto. Tubiacanga apresenta uma bandeira por ser o primeiro bairro a receber liberação.

Uma das primeiras atitudes para se aproximar dos territórios e praticar a escuta e a troca foi com os Agentes de Vigilância em Saúde (AVS), iniciando um trabalho conjunto. Os AVS são responsáveis da prefeitura (alguns eram cedidos de órgãos diferentes) por ir até as casas e realizar o trabalho com os moradores de prevenção, evitando focos de mosquitos com água parada e muitas vezes utilizando larvicidas para impedir a proliferação dos transmissores de arboviroses. Em relatório de 2012, é possível perceber em diversos momentos que houve grande dificuldade de trabalhar com os agentes na instalação das armadilhas e aplicação dos questionários, que não ficaram satisfeitos de seguir o cronograma da equipe. Assim, juntar esses agentes e iniciar o engajamento por eles, foi essencial.

Em outubro de 2012, a equipe de Engajamento organiza um grupo focal com os AVS, para que todos possam se conhecer e entender melhor o trabalho a ser construído. No dia anterior à reunião, o grupo havia tido também uma conversa com a equipe de entomologia, obtendo mais detalhes sobre a parte científica do projeto. Em fala inicial com

esse grupo, Maria Cristina Guimarães, a primeira coordenadora de Engajamento Comunitário, apresenta a proposta de engajamento incentivando um trabalho inovador e delineando melhor uma visão voltada para a escuta e saberes do outro no território:

“E é impossível, literalmente impossível de pensar qualquer estratégia de combate à dengue que não passe por gente, pela primeira vez a gente tá começando um projeto e dizendo, de base, que nós temos que olhar pro vetor e que nós temos que olhar pras pessoas. (...) A expectativa é de que no olhar do conjunto de pessoas mais o vetor, a gente tenha a possibilidade de fazer um trabalho mais duradouro e mais sustentável” (Apêndice 4, Doc. 3).

A noção de sustentabilidade, inclusive já citada anteriormente, é muito importante aqui. Tanto do ponto de vista entomológico, em que a bactéria *Wolbachia* é passada da fêmea para a prole de forma a ser uma estratégia autossustentável a longo prazo, assim também deve ser o engajamento. Pensar em uma estratégia que envolva de facto as pessoas e que haja troca de aprendizados e experiências é algo essencial e se bem-sucedido, esse tipo de intervenção não se perde, é algo duradouro.

A coordenadora continua, destacando a importância de ter ciência e sociedade juntos, pois ela é, em si, uma coisa só:

“O que é engajar? O que significar ir pra esse projeto? O que supostamente nós vamos fazer no território que é diferente daqui, do que a gente tá fazendo? (...) O que este projeto traz, em uma perspectiva internacional, é que não é possível abraçar qualquer perspectiva de futuro, ou de uma ciência, ou de uma produção de conhecimento, que é a ponte do futuro, sem que a sociedade vá junto com o mesmo. Então, o convite é que nós... Nós, somos Estado, ciência e política pública. Todos nós. Nós estamos juntos nisso. E o grande desafio pra nós é como nós vamos interagir com a sociedade, que somos nós também” (Apêndice 4, Doc. 3).

O cientista, o pesquisador, deve sempre entender que, além de fazer algo *pela* sociedade, ele também *é* a sociedade. Mais adiante, Cristina segue aprofundando no significado de engajar, que define, de maneira ampla, como “uma forma de dizer ‘estamos juntos’”. Para ela, “o sentido de engajamento é, fundamentalmente, fazer com que cada uma dessas pessoas no território tenham uma decisão e saibam, tenham uma tomada de posição em relação a alguma coisa.” Assim, o que se leva para as pessoas é a possibilidade de participar de um projeto de pesquisa em que elas, detendo todas as informações que são passadas e construídas coletivamente, têm o poder de decisão, de dizer que apoiam ou não o projeto.

“Tudo que a gente vai levar pro território nesses quatorze ou dezasseis meses é uma potência. Pode ser que a gente vai soltar um mosquito e pode ser que a gente não vá soltar um mosquito. Mas o que é importante construir ao longo desses meses? É importantíssimo que a gente entenda não só da qualidade dos vetores e essa coisa toda que vocês são especialistas, mas é fundamental que cada uma das comunidades entenda o que a gente vai fazer. Cada uma dessas comunidades tem o direito de dizer: ‘Eu não quero. Não quero que solte o mosquito aqui na minha casa’” (Apêndice 4, Doc. 3).

No grupo focal com os AVS, houve uma longa discussão para que todos se conhecessem e entendessem a importância do diálogo no campo. Assim, as perguntas foram direcionadas para entender como cada agente percebia seu trabalho no campo, como os moradores correspondiam e até que ponto se interessavam. Os agentes compartilharam experiências e histórias muito interessantes, mas que por uma questão de privacidade e ética serão preservadas. O grupo serviu para que se compreendesse melhor a dinâmica das áreas em que o projeto atuaria e para que se mostrasse o que estava sendo planejado. A equipe do projeto pôde entender o trabalho dos AVS e estes puderam entender o trabalho do ED, construindo um diálogo que gerou apoio real dos agentes, que passaram a ver a importância do projeto e seu papel nele, não enxergando apenas como uma função extra que a prefeitura dava a eles. Além disso, as contribuições foram importantes, nesse e em outros encontros, para construir os primeiros materiais de divulgação, pensando conjuntamente as melhores formas de abordagem, as melhores palavras para se utilizar e a maneira como isso deveria chegar em cada comunidade, já que cada uma apresentava um perfil diferente, que os agentes conheciam com propriedade.

Os primeiros passos do Engajamento Comunitário foram bastante medidos, estudados, pautados em literaturas, mas ainda pouco arriscados no sentido de tentar atividades e alcançar mais pessoas. Em entrevista com o coordenador geral do projeto (Apêndice 3, Ent.1), nos dois primeiros anos de EC quiseram entender “muito a parte teórica” e uma parte do projeto acreditava que o grupo estava sendo muito acadêmico, burocrático e pouco prático, o que mais tarde ocasionaria em uma mudança de perfil da equipe. Relembremos Freire (2011) que nos fala sobre a importância da *práxis*, ação e reflexão em conjunto, para que não caíamos em ativismos nem verbalismos, que impedem a educação libertadora voltada para o diálogo.

Nas próximas seções a teoria será aplicada à prática com os primeiros contatos e atividades da equipe com os territórios.

Entrada na Comunidade: Primeiro Contato

O primeiro contato com a população ocorreu no mesmo período nas 4 áreas selecionadas, em 2012. O primeiro contato de facto foi relatado na última secção, com os AVS e equipe de entomologia instalando armadilhas e a equipe de Engajamento aplicando os questionários. No entanto o diálogo foi algo mais aberto, comunicando ainda como um “estudo de nova forma de controle da dengue” e ainda não um aprofundamento sobre o projeto em si, embora se o morador perguntasse mais a fundo, não seria negada explicação. Com os bairros escolhidos oficialmente, ficaram cerca de 30 armadilhas em cada, as quais recebiam manutenção semanal, geralmente de um membro da equipe de entomologia ou agente de vigilância em saúde com um membro do Engajamento Comunitário. Assim, enquanto a armadilha era inspecionada, o morador também podia passar qualquer comentário, sugestão ou reclamação ou mesmo conversar e ser ouvido.

O primeiro contato para além das armadilhas foi um pouco depois, quando algumas pessoas ou instituições de referência já haviam sido mapeadas. Cada comunidade tinha uma dinâmica diferente, portanto o primeiro contato poderia ser com uma associação de moradores, uma escola, algum local religioso, um posto de saúde ou mesmo com um indivíduo muito envolvido na comunidade. Não foram encontrados registos que marcam precisamente as primeiras conversas com moradores, mas nas entrevistas essa foi uma questão, portanto o registo aqui será de memória dessas pessoas, que são as que permanecem engajadas no projeto até hoje.

Tubiacanga

Em Tubiacanga, a associação de moradores não era muito representativa na época, em 2012, então os primeiros contatos não surtiram muito efeito, havendo maior diálogo logo após com a escola e com comerciantes locais. Em entrevista com grupo de moradores (Apêndice 3, Ent. 4, p.40), Cristina relembra que seu primeiro contato foi em um encontro da comissão “Não à Remoção”, no início de 2014. Nessa época, o engajamento passava por uma troca de coordenação e a figura marcante do novo coordenador é muito falada a todo momento. Sônia relembra que, no entanto, antes de 2014 já havia movimentação do projeto no bairro: “Mas bem antes...o pessoal já andava gente da Fiocruz aqui dentro, mas sem o Jorge. Aí quando começamos com o Não à Remoção, que nós tivemos mais contato, até teve uma reunião que eles participaram e tudo, aí o Jorge já estava” (Sônia, Apêndice 3,

Ent. 4, p.40). Marilea concorda e acrescenta: “Foi... teve várias reuniões com os moradores, sempre lá no clube... mostrando...o porquê do projeto...explicando como ia ser o funcionamento do mosquito... tudo isso foi explicado bem antes” (Marilea, Apêndice 3, Ent. 4, p.40). O primeiro contato desses moradores então foi logo no início das ações do projeto no bairro, entre o final de 2012 e 2013.

O grupo também compartilhou seus motivos para apoiar o projeto e Cristina logo responde: “Acreditar no projeto. Confiar, né, saber que isso, a gente ia tá melhorando para a saúde. Foi basicamente isso” (Cristina, Apêndice 3, Ent. 4, p.41). Algo que esteve sempre muito presente em todas as comunidades, inclusive nas próprias equipes do projeto foi a confiança. Confiar na eficácia do projeto e na seriedade das instituições responsáveis. A confiança dos moradores passava tanto pela equipe do projeto, que acreditava totalmente no que estava sendo feito, mas também, e principalmente, por terem disponíveis todas as informações necessárias. Compreender o projeto em sua totalidade e dispor de todas as informações de forma transparente dava uma segurança ao morador do que estava sendo feito. Marilea segue dizendo que a equipe era muito querida no bairro: “As pessoas também, os funcionários, eram maravilhosos (...) É tudo nossa família” (Marilea, Apêndice 3, Ent. 4, p.41). O bom relacionamento sempre foi a base do engajamento e da mesma maneira que a equipe era querida pelos moradores, ela também foi muito bem recebida por estes, que sempre davam apoio e atenção. “É...tanto que as pessoas mesmo elogiavam, a receptividade né, como que o pessoal aceitava... foi muito bem aceito aqui, todo mundo falava a *mesma* coisa, todos eles. Adoravam chegar em Tubiacanga que eram muito bem recebidos” (Sônia, Apêndice 3, Ent. 4, p.41)

Outro fator de grande importância é o respeito que as pessoas no Rio de Janeiro têm com a Fundação Oswaldo Cruz, como ressalta Marcos:

“Acho que também tem um pouco da credibilidade da Fiocruz né, eu acho que é uma instituição que passa confiança em tudo que faz. A princípio até gerou um pouco de desconfiança dos moradores, projeto novo, piloto, coisa nova, mas depois que o pessoal começou a engajar...as palestras...é...a coisa começou a crescer. Com o apoio da associação, depois teve um apoio muito forte da associação de morador, aí ficou maior ainda. Acho que por aí...projeto bem bacana” (Marcos, Apêndice 3, Ent. 4, p.41).

A confiança que as pessoas têm na Fiocruz, em conjunto com a confiança da Associação de Moradores mais a responsabilidade de levar o projeto de forma acessível, com palestras abertas a toda comunidade, resultou no sucesso do projeto em Tubiacanga.

Jurujuba

Em Jurujuba, a confiança na Fiocruz também foi citada, sendo a instituição reconhecida por seu trabalho com saúde, principalmente na área de vacinas.

“Então a gente vê que é uma coisa de referência. Você vê lá Fiocruz, quando eu falo lá o projeto, a Fiocruz, a gente enche a bola também, porque, né, a gente vê da Febre Amarela, foi feito esse trabalho todo, essa da criação das vacinas, poxa... é Fiocruz, que tá...” (Maísa, Apêndice 3, Ent. 5, 83-84).

O primeiro contato de Maísa foi logo no início do projeto, em 2012, através da equipe de engajamento que lhe explicou o projeto e pediu apoio e espaço na igreja de São Pedro para poder reunir a comunidade:

“(...) chegaram aqui... como assim, a igreja sempre é um ponto...referencial. E aí, eu como faço parte do...assim, não tenho nada a ver com a Associação, mas porque eu amo Jurujuba e aí eu quero...tudo que tem aí para Jurujuba a gente tá abraçando. Aí teve também a facilidade de abrir o espaço aqui para fazer as primeiras reuniões em relação a isso. Então, aí... a ideia que colocaram para a gente, é que justamente fazer com que...a gente eliminasse a dengue. E como Jurujuba tava bem alto o índice...do mosquito, da doença. E isso foi com o que a gente ficou mais assim...é...esperançosos, né, queria ajudar o projeto” (Maísa, Apêndice 3, Ent. 5, p.65).

Maísa destaca que não pertence a uma instituição, como Associação de Moradores, embora seja em parte responsável pela igreja católica, mas foi convidada a participar mais ativamente por suas ações em Jurujuba, sempre envolvida com atividades diversas do bairro. Nas entrevistas com os moradores é possível perceber que os mais engajados no projeto são também os mais engajados em todos os assuntos referentes aos bairros. São pessoas que se dedicam à sua comunidade e percebem a importância de se pensar no bem comum, de trabalhar com e para o grupo. Como é destaque em outro momento da entrevista, também é percebido que as pessoas mais envolvidas são de uma geração mais antiga, sendo que os jovens não demonstram muito interesse em se envolver em atividades comunitárias.

Para Firmino, o projeto chegou de forma muito parecida. Por ser uma referência em Jurujuba, dono de venda, conhecido em todo bairro e sempre disposto a ajudar todos, a equipe percebeu que seria uma parceria muito importante.

“Da mesma forma... Mas, é... chegaram... se reuniram na capela, no salão da capela. E passamos a conhecer a necessidade de ajudar o projeto, eliminar o mosquito da dengue e... pareceu uma coisa muito boa, não só para o nosso bairro, como também para o nosso município e a pesquisa, sempre que tem uma pesquisa é para melhorar né, para as coisas melhorarem. Então a gente se engajou nesse projeto (...) só deixou alegria, satisfação de

trabalhar e também aprendemos muitas coisas, porque, quando a gente se reúne com o grupo, a gente não tá dando ensinamento, tá recebendo ensinamento, isso é muito importante que as informações, as coisas que você consegue aprender, só vai dar respaldo pro futuro, e passar também essa informação para outras pessoas. Foi o que nós procuramos fazer dentro desse projeto. Passar para as pessoas, que não estavam dentro do grupo, o que nós conhecemos...o que a gente tava aprendendo aqui. Então a gente informava os moradores como ia funcionar, como seria o benefício, não só para a nossa comunidade, mas para outras comunidades. O projeto foi crescendo, foi... fomos caminhando juntos” (Firmino, Apêndice 3, Ent. 5, p.66).

Firmino conta que após conhecer melhor o projeto já tinha uma missão: espalhar as informações para que todo o bairro soubesse, entendesse e apoiasse o Eliminar a Dengue. O primeiro contato de grande parte dos moradores foi, então, por meio dos próprios moradores, multiplicadores do projeto que explicavam da sua forma, com suas palavras, o que haviam compreendido. Esse tipo de comunicação tinha uma grande importância, pois era ainda mais acessível do que a equipe conseguia pensar e muito se aprendeu nessa troca. Caminhar junto, como Firmino ressalta, era a base de todo o processo.

Um ponto curioso da fala dele é “sempre que tem uma pesquisa é para melhorar”, revelando o pensamento hegemônico da nossa sociedade, que é a fé na ciência. Acreditar que toda pesquisa é boa, que traz benefício ou que o cientista tem apenas boas intenções ao realizar uma investigação. É a valorização do “comprovado cientificamente”, com que sempre temos de ter muito cuidado. Essa crença na ciência como algo positivo ajudou e abriu portas para que o projeto entrasse, mas uma vez dentro da comunidade foi importante mostrar como a ciência realmente funciona. Contar a história do projeto, de todos os passos, todos os anos que levou dentro do laboratório, de todos os erros que tiveram de existir, foi muito importante para mostrar que a ciência é construída por humanos e passível de falhas.

O primeiro contato de Carmen foi em 2014, na biblioteca, quando fazia trabalhos por lá e foi abordada pela equipe, que explicou a proposta do projeto. Sua primeira impressão foi de encantamento, querendo mostrar para outras pessoas. “não dá para você escutar (...) como funcionaria o projeto que você não se entusiasmasse, não tinha como. Isso não é uma coisa que você guarda para você, isso você tem que espalhar, né” (Carmen, Apêndice 3, Ent. 5, p.67). Ela então marcou uma reunião com professores e outros funcionários da biblioteca e da escola ao lado e a equipe pôde apresentar o projeto para pessoas que não necessariamente moravam em Jurujuba, mas que frequentavam o bairro

cotidianamente. A fala de Carmen é muito marcante pois mostra o incrível poder de fascínio que a ciência tem. Descobertas científicas podem ser incríveis e quando apresentadas de maneira acessível elas realmente empolgam e fazem refletir. Carmen também destaca que se sentiu orgulhosa de ter sido convidada a participar mais ativamente do projeto. “E aí, eu assim, eu entrei porque realmente a coisa me empolgou, fazer parte... eu fiquei super orgulhosa de ter sido convidada para fazer parte, mesmo não sendo moradora do bairro” (Carmen, Apêndice 3, Ent. 5, p.67). O orgulho em participar também é apontado nas entrevistas dos dois bairros, estando muito ligado à importância que o projeto pode ter no futuro. Se for algo que realmente traga benefícios efetivos e duradouros, Tubiacanga e Jurujuba estarão na história como os primeiros bairros do Brasil a receberem o projeto. São, como os moradores enfatizaram algumas vezes, pioneiros.

Os motivos que os levaram a participar foram basicamente dois: importância de se combater a dengue, Zika e chikungunya e o interesse que o projeto despertou. A primeira resposta é a mais simples e honesta: “eu aceitei participar porque eu não queria morrer.” (Maísa, Apêndice 3, Ent. 5, p.70). Maísa já teve dengue, assim como seus filhos e já sofreu bastante com a doença, fazendo com que se engajasse facilmente. Um dos principais fatores para o apoio dos moradores é o medo da doença ou a esperança de não sofrer mais com ela, já que grande parte já teve dengue ou viu pessoas próximas terem, sendo que muitos já perderam entes queridos desta forma.

Para Firmino, o maior motivo foi a expectativa de melhora das doenças causadas pelo *Aedes aegypti*. Sendo uma pessoa que sempre ajuda a comunidade, essa foi mais uma forma de colaborar.

“(...) me veio aquela esperança, me veio uma coisa... que é nocivo, inclusive para a humanidade, né. Que é um mosquito que mata, é nocivo a humanidade. Aí eu falei, não, eu tenho que participar disso aí, eu tenho que ajudar, eu tenho que incorporar aí também, porque isso é uma coisa boa, tudo que é bom a gente tem que assimilar” (Firmino, Apêndice 3, Ent. 5, p.71).

Já o motivo de Carmen foi o interesse que o projeto lhe causou: “Mas o meu também, que me fez continuar foi essa coisa do conhecimento, sabe, isso é uma coisa que me empolgou muito. Eu nunca fui a melhor estudante do mundo não, mas eu sempre gostei de conhecer e saber das coisas...” (Carmen, Apêndice 3, Ent. 5, p.71). E diz que se ainda desse aulas, passaria para suas turmas. Maísa concorda que o projeto desperta interesse: “É fascinante saber dessa...esse cruzamento, a *Wolbachia*, é fantástico isso. A parte científica

é muito legal.” (Maísa, Apêndice 3, Ent. 5, p.71). É importante perceber como a ciência cativa e pode ser apresentada de maneira simples para que as pessoas se sintam atraídas e não intimidadas por ela. Apresentar uma descoberta científica de forma acessível, descomplicada, apresentar o cientista, mostrar o laboratório, levar para ver todo o processo, é mais do que divulgar ciência, é popularizar a ciência.

Quando explicado em linhas gerais, o projeto é muito simples, mas é incrível perceber a complexidade e os anos de estudo e trabalho que houve até chegar no que se tem hoje. O mais incrível é perceber que é possível pegar toda essa complexidade e torná-la extremamente acessível. O Engajamento Comunitário conversava com grupos que iam de crianças bem pequenas até pessoas de idade avançada. De pessoas sem nenhuma instrução formal até pessoas com pós-doutorado. Todas podiam compreender o projeto e ajudar a construí-lo naquela comunidade de alguma forma.

Mas nem todos os primeiros contatos foram fáceis. Em registro de uma reunião de dezembro de 2012, em que a equipe apresenta o projeto para membros da Associação de Moradores e para o Posto de Saúde local, a fala de uma agente de saúde se destaca:

“(como moradora) eu me sentiria com medo. É uma coisa nova que está chegando por aí, Jurujuba não tem saída, tem uma saída e uma entrada só. Nós vamos ficar presos praticamente aqui dentro, enquanto lugares abertos, bairros e cidades, e por que Jurujuba? Se não der certo fecham a gente aqui dentro da ilha...” (ACS, Apêndice 4, Doc.04).

A questão do medo foi razoavelmente presente nos primeiros contatos com moradores e também com instituições. O “medo do desconhecido”, como relata Luciano em sua entrevista (Luciano, Apêndice 3, Ent. 1, p.13), por introduzir no ambiente um mosquito, que é o que tentamos combater e eliminar há anos e este ainda por cima conter uma bactéria, que por mais que esteja na natureza, ainda assusta, é algo que deixa qualquer um com desconfiança. Alguns moradores tinham o receio do mosquito transmitir uma nova doença ou se sentiam cobaias por ter o projeto pela primeira vez em seu bairro. Os primeiros locais a receberem liberação no Brasil foram bairros mais afastados, geralmente com uma entrada e uma saída, pois dessa forma o controle sobre os mosquitos liberados seria maior, já que estes não voam longas distâncias. No entanto isso despertou receio em alguns moradores, que acreditaram que se o projeto não desse certo, eles ficariam fechados em um bairro sem saída. Explicar sempre os critérios de escolha das áreas era muito

importante nessa etapa. Quanto mais informação era disponibilizada para o morador, mais seguro ele ficava.

Um ponto muito importante de se observar é que em todos esses primeiros contatos, os moradores expandiram a rede e contaram para outras pessoas sobre o Eliminar a Dengue ou abriram espaços para que a equipe fosse até a comunidade explicar. Ricardo conta que essa difusão de informação através dos próprios moradores era essencial: “a gente tentou desenhar uma estratégia que a gente pudesse lidar com os espaços coletivos e representações coletivas e que ampliasse (...) é uma forma também de entrar na comunidade sem tanta...como é que pode dizer...sem tanto *alarde*, em certo sentido” (Ricardo, Apêndice 3, Ent. 2, p.21).

Além de contar com moradores ou representantes locais para aumentar a “capilaridade”, o antigo membro conta que parte importante da estratégia era também estar muito presente na comunidade, até mesmo em festas e eventos locais que não eram necessariamente ligados ao projeto e também estar sempre disponível para esclarecer quaisquer dúvidas. Quanto a isso, os próprios moradores apontaram como sendo parte essencial: “Não, eles não se negavam para diluir dúvidas de ninguém. Se nós tivéssemos em reunião, no clube, onde for, se alguém tivesse alguma dúvida... Eles sabiam, esclareciam tudo” (César, Apêndice 3, Ent. 4, p.54). Em relação à presença na comunidade, Freire (2011) também aponta para algo parecido, quando fala sobre a investigação em campo nos seus primeiros momentos, quando ainda busca conhecer a comunidade:

“Essa decodificação ao vivo implica, necessariamente, que os investigadores, em sua fase, surpreendam a área em momentos distintos. É preciso que a visitem em horas de trabalho no campo; que assistam a reuniões de alguma associação popular, observando o procedimento de seus participantes, a linguagem usada, as relações entre diretoria e sócios; o papel que desempenham as mulheres, os jovens. É indispensável que visitem em horas de lazer; que presenciem seus habitantes em atividades esportivas; que conversem com pessoas em suas casas, registrando manifestações em torno das relações marido-mulher, pais-filhos; afinal, que nenhuma atividade, nesta etapa, se perca para esta compreensão primeira da área” (Freire, 2011:146).

O primeiro contato com os dois territórios foi muito parecido: encontrar pessoas chave dentro da comunidade e explicar, de forma clara e simples, os objetivos do projeto, perguntando se a pessoa ou instituição gostaria de apoiar a proposta e ajudar na difusão de informações. Ricardo fala que depois do estudo mais geral sobre a comunidade, existem

apenas dois passos definidos à priori: “na verdade acho que são dois passos claros, primeiro mapeamento das instituições chave e depois *ir* às instituições chave daquela comunidade. E depois acho que é muito caminhar junto com essas...com essas...com essas instituições, com essas pessoas de referência” (Ricardo, Apêndice 3, Ent. 2, p.24).

Em qualquer comunidade a primeira tarefa em campo será alcançar pessoas ou instituições de referência, conversar de forma transparente e seguir junto com o que a comunidade possibilita. Se em alguns locais haverá uma Associação de Moradores representativa e a melhor atividade será uma reunião com apresentação geral, em outra pode ser que indo de porta em porta funcione melhor. Em outra ainda pode ser que as pessoas não fiquem muito em casa, mas tenham hábito de leitura, portanto sendo possível distribuir informativos por correio. Talvez em outra a melhor forma seja passar informações através de uma escola ou posto de saúde, ou ainda através de outros moradores. Cada comunidade vai mostrar como prefere ser engajada e quais grupos serão mais ativos e participativos.

É ilusão, no entanto, pensar também que todas as pessoas e grupos de um território serão ativos na construção do projeto. Certamente muitos vão preferir ou apenas terão a possibilidade de “receber a informação” e a partir disso decidir se apoiam e concordam ou não. Por isso é importante que a construção da estratégia seja em conjunto com alguns representantes dessa comunidade, de forma a compreender as melhores formas de incluir a todos de forma justa. Se a maior parte das pessoas não tem tempo, disponibilidade ou mesmo interesse de participar mais ativamente, como podemos alcançá-las para que não fiquem excluídas do processo? Como construir uma comunicação que atinja cada grupo (crianças, idosos, trabalhadores, comerciantes, dono(a)s de casa, etc.) de forma efetiva?

Comunicação e Divulgação

A comunicação do projeto Eliminar a Dengue, desde sua origem na Austrália, sempre esteve associada com o Engajamento Comunitário. Comunicar bem é essencial para engajar e para informar e as duas equipes sempre trabalharam em conjunto para criar materiais de divulgação, eventos, matérias e tudo que fosse necessário para passar a mensagem da melhor forma possível. Nesta secção, no entanto, não aprofundaremos tanto nos processos e metodologias de comunicação, mas em quais materiais eram utilizados e como eles comunicavam para o público alvo.

Ao longo do tempo, a comunicação produziu diversos FAQ (perguntas frequentes), tanto para o site oficial¹⁰, como para imprensa e também para as equipes do projeto, que deveriam estar alinhadas em um mesmo discurso para passar clareza a quem perguntasse. Houve FAQ gerais e também os específicos, como para instalação de armadilhas, para a época das primeiras liberações, para instalação do dispositivo de liberação de ovos, para quando surgiu epidemia de Zika, entre outros. Luciano Moreira (Apêndice 3, Ent. 1). lembra que havia reuniões semanais em que todas as equipes se encontravam para discutir tudo que estava sendo feito no projeto. Nessas reuniões também discutia-se o que e como seria falado para a população em determinadas épocas, sendo sempre muito importantes, pois traziam pontos de vista diferentes, de quem está fora e de quem está dentro do campo, de quem trabalha com biologia, de quem é de comunicação, de quem é da sociologia, enfim, diferentes contribuições aconteciam e o produto final era criado em conjunto com todos.

Já como material entregue para a população, alguns modelos foram desenvolvidos. O primeiro panfleto (Anexo 1) sobre o projeto era algo mais institucional e mais denso. Apesar de bastante completo, não funcionava tão bem para distribuir em grande número, para os moradores. O material traz um recado do coordenador geral, explica o projeto, seus objetivos, mostra que é natural, seguro, autossustentável e sem fins lucrativos, explica as etapas que já foram cumpridas, as que estão em andamento e as que virão, além de contar a história do projeto, o programa no mundo, falar de compromisso, parceiros e financiadores. É um material bem rico e interessante, mas pouco fácil ou prático, funcionando melhor para quem quer saber mais a fundo sobre o projeto, como instituições parceiras, principalmente as que passam as informações para seu público, como postos de saúde ou escolas.

Em seguida, os materiais começaram a ter, literalmente, a cara dos bairros em que trabalhavam. A chamada “*newsletter*” era um informativo dirigido para a comunidade em que atuava, utilizando logo na capa o nome do bairro e fotos dos moradores e parceiros do projeto. No material de Tubiacanga uma moradora anfitriã de armadilha estampava a capa e um morador também anfitrião e a diretora da escola estampavam a última página com frases de apoio ao projeto. No de Jurujuba a capa contava com uma foto com moradora

¹⁰ <http://www.eliminatedengue.com/brasil/perguntas-frequentes>

anfitriã e outra com a equipe do posto de saúde da família. Na parte de trás, dois moradores, uma enfermeira e uma agente de saúde, também moradora, davam seus depoimentos. Em ambos os materiais, a parte de dentro também continha muitas fotos e imagens ilustrativas e o texto, apesar de conter todas as informações importantes, foi reduzido e simplificado.

Para os moradores isso fazia grande diferença, pois via-se que o projeto era pensado para aquele bairro em específico e despertava o interesse em de fato ler o material. Como os dois bairros eram pequenos, todos reconheciam os rostos estampados e sempre que apresentados para os materiais, os moradores comentavam sobre seus vizinhos estarem ali.

“Inclusive os panfletos eram elaborados até com a nossa fotografia. Aí quando você bota uma coisa dentro da comunidade, que aquela pessoa ali dentro da comunidade, ele vê que tá envolvido naquilo. Ele tem curiosidade de olhar, de ver, de ler o que está escrito ali. Isso foi muito importante, entendeu, esse trabalho aqui, isso tudo, que eu acho que isso que deu certo” (Firmino, Apêndice 3, Ent. 5, p.80).

Carmen relembra dos momentos de discussão do grupo para decidir as melhores formas de comunicar:

“Existia essa preocupação com as mudanças nos cartazes, nas propagandas, que foram muitas também que houve, sempre procurando facilitar cada vez mais o entendimento de quem ia ler aquilo, de quem ia olhar (...) era uma construção... ‘ah é, as pessoas vão olhar, vão entender melhor...em vez de palavra bota desenho’, entendeu?” (Carmen, Apêndice 3, Ent. 5, p.80).

Era muito importante adaptar as mensagens, para que ficassem claras e simples de entender por qualquer um. Quando os próprios moradores ajudam nessa construção, eles dizem o que é acessível e o que não é e a forma como preferem conhecer algo. Como diz Freire, a linguagem tem de “sintonizar com a situação concreta dos homens a quem falam” (Freire, 2011: 120), para não ser simplesmente um discurso vazio e que não será ouvido ou entendido.

Além do material específico de cada bairro, o projeto também contava com um panfleto mais geral, sendo menor, sem tantas informações, mas que serviam para introduzir o assunto (Anexo 4). Muitos desses panfletos foram deixados em comércios locais para que os clientes pegassem e também eram sempre distribuídos pela equipe de Engajamento Comunitário aos moradores.

Os dizeres logo na capa do panfleto já despertam curiosidade e convidam para participar: “Imagine um mosquito que não transmite a dengue. Em breve, a Fiocruz vai testar uma nova forma de controle da dengue no seu bairro. Venha participar conosco!”. No interior, o conteúdo é sucinto, bem ilustrado e colorido, tornando o panfleto agradável, mas fazendo necessária uma pesquisa do assunto ou mesmo uma explicação de um dos membros de EC, que geralmente entregava o panfleto e explicava melhor o projeto. Essa explicação conjunta era importante não apenas para detalhar melhor os objetivos do Eliminar a Dengue, mas também para esclarecer detalhes sobre a liberação, como por exemplo, que só ocorreriam se a comunidade aprovasse, e também apresentar a bactéria *Wolbachia*. O fato de ser uma bactéria já assusta muitas pessoas, que tendem a associar a palavra com sujeira, doença, problemas de saúde. Além disso, é um nome difícil de entender e de pronunciar nas primeiras vezes, portanto é ideal que a pessoa ouça o nome antes de ler e ter alguma dificuldade ou resistência.

Muitas das vezes, no entanto, o *Aedes* com *Wolbachia* era chamado simplesmente de “mosquito do bem”, o que facilitava não só o entendimento e fala, mas também já trazia uma ideia positiva, de que o mosquito não iria prejudicar. Eventualmente o nome deixou de ser utilizado nos materiais oficiais, por razões burocráticas, mas continuou sendo falado pelos moradores, que demonstravam até mesmo carinho pelos mosquitos quando foram liberados. Mais tarde, o projeto adotou em seus materiais o nome de “mosquito aliado”.

Os cartazes (Anexo 5) também eram parte do material de divulgação, mas eram utilizados mais para chamar atenção para o projeto do que de fato explicar, já que continham apenas a chamada inicial do panfleto e um convite a participar e se informar mais, com os telefones, e-mail e site disponíveis. Quando vemos um cartaz assim, sabemos que ali têm de estar as informações mais importantes, já que são poucas as frases utilizadas. Com isso, podemos destacar algumas palavras, expressões ou ideias principais que a comunicação quis evidenciar.

O logo do projeto vem em destaque no início e logo em seguida, em letras grandes, a frase “Imagine um mosquito que não transmite a dengue”. A maioria dos mosquitos não transmite a dengue, mas a frase mexe com algo interiorizado no brasileiro, que vê um mosquito e já imagina que ele vai transmitir alguma doença, por isso é mais simples colocar essa frase do que explicar tudo em detalhes. Em seguida vem a frase “Em breve, a

Fiocruz vai testar uma nova forma de controle da dengue no seu bairro”. “Fiocruz” aparece em destaque, para ficar bem claro que o projeto vem de uma instituição conhecida e em que as pessoas já confiam. A terceira frase aprofunda um pouco mais “Utilizamos um mosquito *Aedes aegypti* ‘do bem’ que bloqueia a transmissão do vírus”. Aí já se fala na espécie do mosquito, que por já ser muito conhecida por todos os brasileiros, não corre o risco de deixar o texto muito “científico”. Utiliza a expressão “do bem”, que passa a impressão de um mosquito bom, que não vai passar doenças, e refere que ele impede, bloqueia, a transmissão do vírus. Em destaque e com letras grandes, a frase “Venha participar conosco!”, apontando parceria, seguida de todos os contatos do projeto e uma frase sobre a participação da comunidade ser fundamental. O cartaz também conta com algumas pequenas ilustrações e a de maior destaque é de um pesquisador soltando um pote com mosquitos perto de casas, o que indica a liberação, mesmo que não tenha nada escrito sobre ela.

Ainda em relação aos cartazes, também foram desenvolvidos modelos para anunciar os resultados, parciais e finais, das liberações em cada área (Anexos 6 e 7). Nestes, há um curto texto falando sobre a liberação dos mosquitos e que o resultado mostra o percentual de mosquitos no bairro que contém a bactéria *Wolbachia*, ou seja, que não transmitem dengue. O cartaz também explica que esses resultados são conseguidos através das armadilhas que os moradores hospedam e agradece a colaboração de todos. Esses cartazes estiveram presentes nos bairros durante a etapa de liberação, após 12 semanas, e ao final da liberação, após 20 semanas. Em anexo constarão apenas os cartazes de Tubiacanga, que foram possíveis de resgatar nos arquivos do projeto, mas as duas áreas receberam cartazes personalizados.

Os cartazes eram distribuídos para os parceiros locais e para os multiplicadores, sendo colocados em comércios, associação de moradores, escolas, postos de saúde, clubes, igrejas, salões de beleza, portões e quaisquer outros locais que os moradores achassem apropriado e que tivesse boa visualização.

Além dos materiais mencionados, o projeto também tinha mais duas formas de comunicação com os moradores: os cartões comemorativos e as cartas (Anexos 11 e 12). Os cartões eram destinados aos anfitriões e parceiros do projeto, sendo entregues em datas comemorativas, como dia das mães, dos pais, final de ano, páscoa, entre outros. Neste

caso, os cartões não tinham intenção de informar, apenas manter uma boa relação com as pessoas que contribuíam com o projeto. Eram sempre feitos pela comunicação e entregues em mãos pelos membros do Engajamento, nas visitas semanais.

As cartas eram normalmente escritas pelo coordenador do Engajamento Comunitário ou pelo coordenador geral, Luciano Moreira, mas sempre passavam pela avaliação da equipe de comunicação. Foram muitas as cartas que os bairros receberam, sempre tentando facilitar a aproximação com os moradores. Algumas cartas encontradas em registo, eram institucionais, dirigidas às escolas, prefeitura, forte militar ou posto de saúde. Outras eram cartas convite, para chamar os moradores para alguma reunião, exposição ou atividade junto ao projeto. Um outro tipo de carta era para agradecimento de participação, por exemplo, se o morador tivesse respondido a alguma pesquisa, ou tivesse hospedado uma armadilha ou mesmo o agradecimento a todos os moradores pelo apoio. Também havia as cartas que anunciavam algo, como o início ou o término das liberações, o uso de alguma metodologia diferente ou esclarecimento de alguma dúvida geral. A ideia era sempre informar todos os moradores de cada passo e chamar para participar de reuniões, fosse de atualização, fosse de construção.

Em Tubiacanga, que foi o primeiro bairro a receber o projeto, muitas foram as cartas distribuídas e todas pessoalmente colocadas em cada casa pela equipe de EC. No entanto, viu-se que as cartas não eram sempre lidas e as pessoas continuavam perguntando ou não sabendo de algo que havia sido comunicado dessa forma. Em Jurujuba, o uso de cartas não foi tão frequente, contando-se mais com o “boca a boca” que os multiplicadores ajudavam a espalhar.

Se as cartas não eram uma estratégia tão interessante, certamente um vídeo¹¹ em animação de cerca de 3 minutos era um bom material. O vídeo criado pelo programa, mostra uma animação que conta a história e os objetivos do Eliminar a Dengue, de forma didática e simples, com ilustrações que tornam mais fácil o entendimento. O vídeo era muito utilizado em reuniões e principalmente em escolas, sendo um resumo ilustrado de tudo que era conversado. Esse vídeo também era um ótimo material para se passar através

¹¹ Vídeo World Mosquito Program - *Conheça o Nosso Método* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NjrMT4cDLWY>

das redes sociais, como *Facebook* e *Whatsapp*, sendo muitas vezes requisitado por moradores para que pudessem mostrar a outras pessoas.

Outro material que auxiliava a explicação em escolas era uma cartilha de brincadeiras (Anexo 13). A cartilha foi desenvolvida para trabalhar o projeto com crianças pequenas, que ainda não conseguiriam ler o panfleto, mas que podiam ser incluídas por meio de desenhos e jogos. Na peça, a criança liga os pontos para desenhar o mosquito com *Wolbachia*, colore uma imagem da equipe conversando com os moradores, revela o nome da Fiocruz como instituição responsável, pinta a palavra dengue e o nome de seu bairro, segue o labirinto para levar a equipe até a escola, ao clube e as casas e no final pode brincar com um jogo da memória. A cartilha chega nas escolas com a própria equipe de Engajamento Comunitário conversando com as crianças antes, perguntando se alguém ali já teve dengue, se eles conhecem a doença e fazendo analogias didáticas para que eles entendam os objetivos do Eliminar a Dengue. Com isso, as crianças participam do projeto e também compartilham o que aprenderam com os pais, aumentando ainda mais a divulgação.

Por último, a comunicação fazia um trabalho essencial, que era divulgar o projeto para jornais, televisão e rádio, ampliando seu alcance. O Eliminar a Dengue apareceu em diversos jornais impressos e de televisão muito importantes, em diferentes emissoras e editoras, abrangendo um público muito grande e recebendo um retorno muito positivo dos próprios moradores, que reconheciam ali o próprio bairro e tinham uma segurança maior de ser algo grande e confiável. Na maioria das vezes também os próprios moradores parceiros eram convidados a dar entrevistas e assim passava ainda mais credibilidade.

Na entrevista com os moradores de Tubiacanga, César fala sobre a importância de o projeto estar na mídia, que fez até mesmo o bairro ser mais conhecido.

“É, porque o bairro passou a ser visto de outra maneira, crescemos. Tubiacanga foi divulgada para o mundo todo (...) a imprensa escrita, falada e televisada. Então o povo da comunidade passou a dar mais apoio. Antes ficaram com o pé atrás, receosos do que seria soltar... Pô, Tubiacanga, experiência? Botar um mosquito com uma bactéria aqui para combater a outra... quer dizer, o *desconhecimento*. Mas depois veio a imprensa escrita, falada, televisada...quando a comunidade viu, passou a ter mais credibilidade e através da associação, a Fiocruz fez o seu trabalho que foi PI-O-NEI-RO!” (César, Apêndice 3, Ent. 4, p.41).

Com essa fala, César destaca alguns pontos muito falados, tanto na entrevista de Tubiacanga como de Jurujuba: como se sentiam orgulhosos com a divulgação do próprio bairro, que é pequeno e pouco conhecido; a importância de divulgar o projeto em grande mídia para que mais pessoas conhecessem; o receio inicial, que é quebrado com a aparição em jornais e tv, aumentando a credibilidade e, por fim, a importância da construção em conjunto com os próprios moradores para que o trabalho obtivesse sucesso.

Em pesquisas com moradores, e mesmo ao conversar informalmente com estes, sempre havia um destaque para as grandes mídias. Muitos se interessavam pelo projeto e comentavam sobre como seria importante que estivesse na televisão. Quando alguma matéria saía, muitos comentavam que viram e identificaram o projeto e sempre era muito falado nos primeiros dias. No entanto, era observado que, se a matéria já tivesse saído há alguns meses, as pessoas já não lembravam mais. Muitas foram as vezes que ouvi, enquanto participante da equipe, que o projeto deveria estar em jornais de grande destaque, sendo que há apenas algumas semanas ou poucos meses havia tido matérias grandes em veículos muito acessados. Isso mostra um pouco que, embora tenha grande importância, esse tipo de comunicação também é efêmera, de curta memória, não sendo possível confiar apenas nisso para informar uma população.

Algo interessante de se notar também na comunicação do projeto Eliminar a Dengue é a forma como o mosquito é apresentado. É comum vermos em campanhas de dengue uma imagem negativa, em que o mosquito parece vilão, com cara de mau ou assustador de alguma forma, como comentam Assis, Schall e Pimenta (2013) em análise do conteúdo de materiais educativos sobre dengue. Para as autoras, “A utilização de imagens grotescas em materiais educativos e didáticos não é oportuna, pois acabam favorecendo o alarmismo e o desenvolvimento de visões deturpadas em torno dos organismos vivos e/ou fenômenos sociais” (Assis, Schall e Pimenta, 2013: 17). No logo do projeto opta-se por utilizar uma imagem com o mosquito real, sem caracterizações, negativas ou positivas, simplesmente como é. Já em alguns materiais, encontra-se o mosquito desenhado com um aspeto mais amigável, como um personagem simpático, que não causa mal. Essa forma de representação tenta desconstruir a imagem que se criou ao longo dos anos de um *Aedes aegypti* como malvado e apresenta uma possibilidade de mosquito “do bem” ou “aliado”.

Atividades junto à Comunidade

Após o mapeamento das áreas e a ida ao campo com identificação de alguns indivíduos ou instituições de referência, a equipe de Engajamento começou a planejar, com a ajuda desses elementos, suas primeiras ações nos bairros. A primeira atividade, como já relatado, foi o contato com os anfitriões voluntários de armadilhas.

Nas visitas semanais, muitas vezes esses moradores recebiam gráficos da quantidade de mosquitos coletados na semana anterior no bairro ou até mesmo um gráfico com a quantidade coletada apenas em sua residência. Era uma forma de manter o interesse das pessoas e aproximá-las mais um pouco da pesquisa. Em conjunto com os cartões comemorativos mencionados na seção anterior, o relacionamento com o anfitrião era fortalecido.

Em relatório de 2013 (Apêndice 4, Doc. 06), a equipe comenta as atividades iniciais explicando que as equipes de Engajamento Comunitário e de Entomologia se reuniram com mobilizadores e líderes para apresentar o projeto, abrindo então portas e recebendo convites para a participação mais ativa nos eventos da comunidade. Neste mesmo relatório consta que uma estratégia bem-sucedida foi a visita dos representantes nos laboratórios de pesquisa, mas não entra em detalhes quanto à atividade. O relatório realiza um balanço quantitativo das atividades da equipe nos meses de janeiro até agosto de 2013 (não considera aqui o que foi realizado em 2012). No entanto, o balanço é de atividades nas quatro áreas trabalhadas, Tubiacanga, Jurujuba, Urca e Vila Valqueire:

“No período de janeiro a agosto de 2013, as atividades de EC incluíram:

- 2400 visitas aos anfitriões de BG's
 - 54 reuniões com mobilizadores e líderes comunitários nas 4 áreas
 - 8 atividades com o Programa de Saúde da Família (PSF) em Jurujuba
 - 9 atividades com professores e estudantes em Jurujuba, Vila Valqueire e Tubiacanga”
- (Apêndice 4, Doc. 06)

Tubiacanga

Apesar do trabalho ter começado ao mesmo tempo nas quatro áreas, com instalação de armadilhas e contato com grupos de referência, as atividades mais focadas ocorreram antes em Tubiacanga, que seria o primeiro bairro a receber a liberação de mosquitos. Ao

longo do primeiro ano (outubro de 2012 a dezembro de 2013) foram realizadas, além das visitas a anfitriões, 5 reuniões na escola (há apenas uma no bairro), 6 eventos e celebrações comunitárias e 23 conversas informais com membros da comunidade e mobilizadores religiosos. Foram mapeados 10 mobilizadores de diferentes atuações no bairro, como grupos de futebol, membros de associação de moradores, líderes religiosos, professores e membros de outras organizações. Em todas as atividades foram distribuídos materiais de divulgação que explicavam o funcionamento do projeto e continham telefone de contato e e-mail.

Em dezembro de 2013 foi realizada uma pesquisa que “teve por finalidade avaliar o grau de apoio à liberação nesta área de mosquitos com a bactéria *Wolbachia*” (Apêndice 4, Doc. 07). A pesquisa tinha o intuito de verificar o grau de conhecimento e apoio da população ao projeto Eliminar a Dengue e também compreender o que aquela população entendia sobre a doença. Os resultados desta pesquisa serão tratados em outra categoria, mas serviu para que as atividades fossem redefinidas logo no início do próximo ano marcando um novo momento de ações no bairro.

Em abril 2014 a equipe foi reformulada, entrando uma nova coordenação e novos membros para a equipe de Engajamento Comunitário, com a intenção de iniciar um momento mais prático. Neste primeiro mês de trabalho (Apêndice 4, Doc. 08), a equipe percorreu as 14 ruas do bairro para realizar uma atividade de “porta a porta”, ou seja, ir de casa em casa explicando o projeto, seu funcionamento e objetivo e esclarecendo quaisquer dúvidas que os moradores poderiam ter. Nessas visitas também era perguntado ao morador se este gostaria de ser eventualmente um anfitrião de armadilha, para ajudar mais ativamente o projeto e era distribuído o material de comunicação, para estes e também para os moradores que não atendiam. De 16 de abril de 2014 até o dia 9 de maio de 2014, houve um total de 539 residências visitadas e 414 moradores efetivamente contatados, com um índice de 76% de aproveitamento. Dos 414 moradores que receberam explicações diretas, 184 aceitaram ser anfitriões, representando o que o relatório apontou como “44% de participação” (Apêndice 4, Doc. 08). Muitos alegaram apoiar o projeto, porém não teriam disponibilidade semanal para hospedar a armadilha.

Segundo o relatório interno de abril/maio (Apêndice 4, Doc. 08), a comunidade recebeu muito bem a equipe e muitos moradores demonstraram já conhecer o projeto. Há

um apontamento para a satisfação com o material oferecido, como referido na secção anterior, devido ao reconhecimento das pessoas na capa. Foram identificados mais alguns parceiros e houve a percepção de que pessoas que vivem na mesma casa não trocam informações sobre o projeto. Se o projeto era explicado para um marido, por exemplo, sua esposa não ficaria sabendo por ele. Aqui cabe um questionamento do porquê a informação não era passada aos outros moradores da casa. Poderia ser falta de interesse no assunto? Poderia ser pela complexidade do tema que dificultaria sua transmissão?

O residentes entrevistados acreditam que havia, de facto, falta de interesse dos moradores, mas não apenas neste tema, “gerais, não só deste, qualquer assunto” (Cristina, Apêndice 3, Ent. 4, p.46). E que por isso poucos eram os que compareciam em reuniões de atualização do projeto ou pouco conversavam com seus familiares sobre a questão. O grupo, no entanto, identificou a atividade de porta a porta como a mais efetiva para alcançar toda a comunidade e destacou o cuidado que o grupo de EC tinha ao passar tudo de forma muito clara, bem explicada e segura. Também destacaram o fato de ser uma equipe “entrosada”, que tinha bom relacionamento com todos e que sempre estava disponível a tirar dúvidas e ouvir a comunidade, além de que todos da equipe tinham o conhecimento para responder a qualquer pergunta. “Estavam coesos” (César, Apêndice 3, Ent. 4, p.54).

Neste mesmo mês houve duas visita de moradores, que seriam multiplicadores do projeto (um total de 25 indivíduos), às dependências da Fiocruz e seus laboratórios. No relatório o coordenador da equipe escreve:

“Os multiplicadores avaliaram esta atividade de forma muito positiva, se sentiram muito valorizados e mostraram-se ainda mais receptivos ao Projeto. Esta iniciativa do Engajamento Comunitário mostrou-se como uma forte estratégia para fortalecer os laços de união e confiança entre a Comunidade, a Instituição e o Projeto” (Apêndice 4, Doc. 08).

Os entrevistados também lembraram as visitas à Instituição como algo memorável e especialmente interessante para as crianças: “Depois também foi as visitas que a Fiocruz abriu dos centros de pesquisa de vocês. Aquilo ali foi uma coisa que as crianças ficaram estarecidas. Então uma criança passando para a outra, como o neto da Neinha, que ele é falante. (...) aquilo ali foi uma coisa... demais mesmo, fantástico, fantástico” (César, Apêndice 3, Ent. 4, p.53). Algo muito presente nas entrevistas é o sentimento de importância que havia em determinadas atividades. Um convite para visitar

as instalações da Fiocruz, seu museu, seus laboratórios, ver em primeira mão a pesquisa se desenvolvendo, foi muito especial e valorizador para os moradores.

Uma outra atividade bastante apreciada pela comunidade, que se sentiu mais prestigiada foi a palestra sobre o projeto que o próprio coordenador geral deu, tirando todas as dúvidas dos moradores. A primeira, em 20 de maio de 2014, ocorreu em conjunto com a reunião da Associação de Moradores e contou com mais de 100 pessoas. Segundo o relatório “Essa visita foi de fundamental importância para elucidar dúvidas, angariar mais apoio dos moradores e mostrar mais ainda o compromisso, a ética e a transparência do Projeto com a comunidade de Tubiacanga” (Apêndice 4, Doc. 08). Essa foi a primeira palestra com presença do coordenador, mas todas as que se seguiram com atualizações importantes do projeto também contaram com esta figura, que fazia questão de estar em contato direto com a comunidade. Foi observado, no entanto, que nas outras reuniões de atualização que houve, o número de pessoas que compareciam já era bem mais baixo.

Atividades com grupos religiosos também tiveram algum destaque no processo, embora bem menos do que se esperaria dado o número de grupos encontrados. No mês de maio foram visitadas 5 igrejas e templos (entre evangélicas, pentecostais e católica). Em todas houve abertura para conversar com o líder e distribuir material informativo para os fiéis, mas apenas na igreja católica foi conseguido um espaço para falar diretamente com as pessoas em uma missa de domingo.

O questionário para aprovação do projeto foi realizado em julho de 2014 e seus resultados serão discutidos mais adiante. Após a análise do resultado, que foi positivo para a liberação, as atividades diminuíram sua intensidade nessa área para que o grupo pudesse focar nas próximas áreas, Jurujuba e Urca.

Em agosto, a equipe entrou em contato com o museu da Fiocruz, o Museu da Vida, que contava com uma exposição chamada Território em Transe. Essa é uma exposição itinerante que conta a história de Manguinhos, onde a Fiocruz se localiza, e convida o público a remontar a história de seu próprio território. A ideia da equipe era levar algo diferente para o bairro e conversar com os moradores sobre sua história e também se mostrar presente e acessível. A exposição ocorreu em setembro em dois locais de Tubiacanga: na escola e na rua, em frente à Associação de Moradores, onde havia grande movimentação no dia devido aos preparativos de um evento do próprio bairro. Os

moradores gostaram da proposta e interagiram bem com o museu, apesar de ter sido em um momento que todos estavam muito ocupados.

Também em setembro houve mais duas atividades com a escola. A primeira foi uma ação com as crianças da cartilha de atividades citada na seção anterior. Para esta atividade, houve uma reunião um dia antes com os professores da escola para apresentar a cartilha e desenvolver a melhor forma de conversar com as crianças sobre o projeto. A ação foi um sucesso e o material foi muito utilizado em diversos outros momentos da escola, sendo, nestes casos, os professores os responsáveis por explicar para os alunos. A segunda atividade na escola neste mês foi uma reunião com pais e responsáveis para que o projeto fosse apresentado mais uma vez, com atualizações.

Uma outra atividade deste mês foi uma reunião com um grupo de homens do bairro, que se reunia mensalmente para confraternização, chamado “Pau Molão”. Em atividade de “porta a porta” já havia sido identificado um morador com resistência ao projeto, que por acaso era casado com uma das maiores apoiadoras do Eliminar a Dengue. A equipe conversou mais uma vez com o morador, que aos poucos se interessou mais e convidou o Engajamento para conversar também com seu grupo. Assim, a equipe conseguiu marcar uma reunião para apresentar o projeto ouvindo o que estes moradores tinham a dizer e seus receios. Em relatório (Apêndice 4, Doc. 09), é dito: “Ficou claro que em geral, os participantes do Grupo, devido à episódios anteriores têm resistência à atuação (ou falta) do Poder Público no bairro”, mostrando que grande parte do problema está na desconfiança que se tem com atuações públicas em geral. Em outros momentos, moradores até de outras localidades, já haviam demonstrado seu receio com projetos que aparecem na área e somem logo depois. O relatório continua: “Após feitos os esclarecimentos, eles esperam que o Projeto dê certo. Disseram que agora se sentem mais confortáveis em apoiar o Projeto em Tubiacanga. Até mesmo porque os resultados na Austrália vêm se mostrando promissores”. Uma última observação relatada é bastante importante: “Os integrantes do grupo Pau Molão ficaram muito sensibilizados com a forma como a Equipe do Engajamento está trabalhando e ficou claro para eles que toda a equipe está muito envolvida e que prezamos pela transparência do Projeto perante os moradores”. Há de se dar destaque ao cuidado com que a equipe conduzia o Engajamento, demonstrando atenção e de facto dialogando com os moradores. A reunião em questão havia sido na parte da noite, fora do horário de trabalho, evidenciando o esforço feito para

alcançar o grupo e a importância de estar presente quando convidado. A reunião também foi fundamental para alcançar uma parte da população que normalmente não era encontrada em casa no horário comercial em dia de semana, quando a equipe fazia suas visitas.

As liberações no bairro iniciaram-se no final de setembro e a equipe de Engajamento continuou no bairro de forma mais pontual até 2016. Além das visitas semanais aos anfitriões de armadilhas, houve mais 4 reuniões abertas na comunidade com esclarecimentos e atualizações da pesquisa com o coordenador geral, 6 atividades de “porta a porta” para entregar pessoalmente atualizações, agradecimentos ou convites, conversando com os moradores que estivessem disponíveis, 2 reuniões com posto de saúde, 2 visitas dos multiplicadores à Fiocruz, participação na festa de natal da escola e em abril de 2016, 2 exposições sobre o projeto foram montadas na escola e no clube do bairro, sendo que esta última contou apenas com 6 moradores visitantes.

Após esse período, a equipe foi ao bairro apenas em momentos específicos, mas que não estão mais no enquadramento deste trabalho. A equipe de entomologia, no entanto, em conjunto com os AVS continuou com presença semanal no bairro, realizando a manutenção das armadilhas.

Jurujuba

Em Jurujuba, o contato também foi iniciado em 2012, com a instalação das armadilhas, em outubro. Como não seria a primeira comunidade a receber a liberação, as atividades nessa área ficaram pontuais e caminharam mais lentamente até 2014. Foram realizadas algumas reuniões para primeiro contato, com posto de saúde, escola, associação de moradores, igreja e com moradores específicos, mas nenhuma grande atividade. Alguns desses contatos inclusive tiveram de ser refeitos, pois, por exemplo, houve mudança de diretoria da escola. Em relatório (Apêndice 4, Doc. 6) consta que foram realizadas 8 reuniões com o posto de saúde, sendo esta uma instituição bastante presente na vida da comunidade e de grande importância estratégica para o projeto. No entanto, alguns dos que trabalhavam no posto tinham resistência à liberação de mosquitos, algo que aos poucos foi quebrado e convertido para grande apoio. Como a Associação de Moradores não era tão presente, os maiores parceiros eram o posto e a Igreja de São Pedro, localizada no Ponto Final.

Em 2014, com a etapa mais prática da equipe de engajamento, a divulgação começou a ser mais massiva na área. A equipe teve de mapear novamente o bairro, conversando aos poucos com os anfitriões, com os comerciantes, com instituições e pessoas na rua para entender o funcionamento do local.

Em relatório de 2014 (Apêndice 4, Doc. 10) é dito que “A comunidade em geral, sabe muito pouco sobre o projeto, exceto os anfitriões e algumas lideranças locais”. E que “A comunidade não vê com bons olhos a questão sobre a soltura dos mosquitos”. É relatado que houve contato novamente com o posto de saúde, que ainda estava resistente, com a Associação de Moradores, que passava por uma mudança de presidência, com os colégios Estadual e Municipal, com a creche, com a biblioteca, com a Administração Regional e com a Fortaleza de Santa Cruz. O relatório destaca o contato com o Projeto Graiel, Organização Não Governamental (ONG) que tem como objetivo democratizar o acesso aos esportes náuticos, com estímulo à profissionalização e à inclusão social. A ONG recebeu o Projeto ED muito bem e se colocou à disposição, tanto como parceira multiplicadora como apoio logístico. O coordenador de Engajamento Comunitário aponta 3 motivos importantes dessa relação: importância da instituição e interação com a comunidade de Jurujuba; localização (não ficava na área que era trabalhada naquele momento, mas seria uma área de atuação futura); política – o irmão do presidente da ONG era vice-prefeito de Niterói.

Analisando as atividades que se deram antes do questionário de aceitação, quando as ações são mais intensas no bairro, vemos que a estratégia foi um pouco diferente de Tubiacanga. Jurujuba conta com mais instituições e também é mais setorizada, não havendo um grande pólo que una todos os grupos. Assim, a maior parte das atividades neste bairro começou com contatos institucionais, para apresentar o projeto a um responsável e logo após entrar em algum evento do local falando do projeto ou mesmo realizar uma palestra própria. A Associação de Moradores, no entanto, por não ser uma instituição muito representativa para aquele local, não teve grande destaque, havendo apenas uma reunião em que 10 moradores estavam presentes.

A atividade de maior destaque em termos quantitativos em Jurujuba foram as palestras com alunos do Colégio Estadual da região, havendo um total de 7 dias de palestras com alcance de 641 alunos. Além das palestras, também houve uma visita da

escola à Fiocruz com 66 alunos e 6 professores. Essa atividade, no entanto, merece uma observação. Embora tenha sido investida muita energia com as palestras, a maior parte dos alunos não era da área trabalhada naquele momento. A escola fica em outra área de Jurujuba, mais afastada do Ponto Final e a maioria de seus alunos vem de outras regiões de Jurujuba ou mesmo de outras regiões da cidade de Niterói. Isso não tira a importância da atividade em si, mas talvez não tenha contribuído tanto para o sucesso do projeto no Ponto Final.

Em agosto, Jurujuba também se reuniu com o Museu da Vida, e a exposição Território em Transe foi recebida em 3 locais: Biblioteca Popular, Colégio Estadual Fernando Magalhães e Projeto Graef. Nesses locais, no entanto, o Projeto ED não acompanhou a exposição, como em Tubiacanga, apenas foi proporcionado o encontro para as instituições terem a oportunidade de receber a atividade.

Em 2015, por 5 dias no mês de junho houve o “porta a porta” no bairro, em que a equipe se dividiu para visitar todas as residências falando sobre o projeto e sobre as formas de liberação do mosquito, pois nessa época já se considerava a liberação de ovos, o que vai ser explicado em seção futura. Foram visitadas quase 300 residências, das quais 72 se ofereceram como anfitriãs para o projeto. A atividade de “porta a porta” em Jurujuba não se mostrou, no entanto, tão eficiente como em Tubiacanga. Muitas foram as casas onde não se encontrava morador, pois grande parte do bairro trabalha fora e mesmo nas casas onde houve sucesso, os moradores mostraram-se menos interessados no processo.

O questionário para aprovação do projeto pela comunidade ocorreu em meados de agosto de 2015, e com o sinal verde a liberação ocorreu ao final do mesmo mês, estendendo-se até janeiro de 2016.

Nesta época, em agosto, uma atividade é destacada no relatório interno. 14 palestras foram realizadas para 326 alunos do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Lúcia Maria. O relato aponta para o interesse dos alunos, que fizeram muitas perguntas e para o esforço da escola em manter temas atualizados sobre saúde e meio ambiente. A escola também acolhe alunos com necessidades especiais, havendo na atividade uma professora e três alunos não ouvintes, o que fez atentar para o fato de que o projeto não tinha nenhum material inclusivo, seja para pessoas com necessidades auditivas, visuais ou de qualquer outro tipo. “Foi possível perceber, em sua grande maioria, a receptividade dos professores e

alunos. No entanto, percebemos a importância da produção recursos e apoio especializados para garantir a comunicação com os alunos com necessidades especiais” (Apêndice 4, Doc. 11). Atualmente, a equipe conta com um vídeo¹² de apresentação na língua brasileira de sinais (libras), mas ainda não há materiais para outras necessidades.

Nos meses de agosto e setembro de 2015 a equipe também participou da construção da ação “Jurujuba Mais Limpa”, projeto originado no posto de saúde, de autoria das agentes comunitárias locais. A atividade contou com a participação de moradores, como a entrevistada Maísa, que criou o slogan da campanha: “Jurujuba: Quem Ama Cuida”, e também com outras instituições, como a Companhia de Limpeza de Niterói (Clin), a Escola Municipal e também o Projeto Grael. As reuniões foram iniciadas em agosto e semanalmente o grupo se reunia para discutir a ação e os avanços. No evento, a equipe do Eliminar a Dengue se dividiu, ficando parte nos estandes e parte com a equipe de limpeza, que ia de casa em casa conscientizando cada morador da questão do lixo e falando um pouco sobre o projeto. No entanto, a atividade ocorreu em outro ponto de Jurujuba, o Peixe-Galo, uma parte que ainda receberia o projeto. Assim, poucos foram os moradores do Ponto Final alcançados, embora tenha sido de grande importância estar presente em um evento como este, fruto de organização dos próprios moradores e trabalhadores, que se importam com o bairro.

Durante e após o período de liberação, a equipe investiu em atividades voltadas para outras regiões de Jurujuba, que receberiam o projeto logo depois. Dessa forma, a equipe estava sempre presente no bairro, disponível para qualquer morador que tivesse dúvidas, mas as ações eram voltadas para outras áreas. A equipe investiu mais em reuniões com os multiplicadores, sendo estes que realmente comunicavam para o bairro as atualizações sobre o projeto. Na próxima seção a formação desse grupo será mais explorada.

Seguindo esta linha, em janeiro de 2016, o projeto Eliminar a Dengue desenvolveu, em parceria com o coordenador do Projeto Grael, um curso para os alunos do Grael com temas variados, de saúde, pesquisa e meio ambiente. Não foram encontrados documentos que explicassem o intuito do curso ou mesmo contivesse uma avaliação sobre este, porém

¹² WMP em Libras: https://www.youtube.com/watch?v=AkKI1B0hBW8&feature=youtu.be&fbclid=IwAR13c-uVtsYpd1k_1sWiGFeAcj9suYV-pWvve4LyPVFV2lXqzUbXR6kfx3I

ele foi desenvolvido pensando nas áreas futuras que o projeto alcançaria e não no Ponto Final de Jurujuba. Assim, não houve uma investigação maior quanto a este conteúdo.

Analisando as atividades da equipe no bairro, as únicas atividades diretamente no Ponto Final foram duas reuniões na igreja e o “porta a porta”. Todo o resto foi em outros espaços e não era voltado maioritariamente para o público do Ponto Final. Assim, a ação dos multiplicadores pareceu mesmo essencial, como destaca Firmino, que conta que os contatos do projeto eram principalmente eles, que representavam os interesses da comunidade e depois passavam informações e atualizações para esta: “Aqui escolheram as pessoas certas para participar, né, do comitê, e a nossa função era só é...ser representante dentro...dos moradores. Os moradores tinham contato com a gente, não com o projeto” (Firmino, Apêndice 3, Ent. 5, p.86). A estratégia é interessante, pois envolve mais os multiplicadores como agentes ativos, mas ao mesmo tempo parece preocupante o relato de que os moradores não tinham tanto contato com o projeto, já que o pressuposto do EC era estar presente.

Para os entrevistados, o “boca a boca” foi o que deu mais certo para que o bairro ficasse sabendo do projeto. Uma fala de Máisa chama a atenção para o facto de que às vezes uma conversa simples e diretamente com as pessoas tem muito mais impacto do que uma apresentação para a comunidade toda, com uso de *slides*, por exemplo.

“É, porque às vezes você numa reunião aqui, você vai, vê o slide, essa coisa toda, mas o que fica é a conversa com você, no portão, na esquina...eu acho isso que pega muito mais. Como deu certo? Escolheram os representantes e dali eles foram os espelhos, para irem a campo... eu tô com esse pessoal, sinal que Jurujuba toda tá sabendo do que tá acontecendo. E daqui a gente começou a multiplicar e eles tiveram essa facilidade de entrar aqui” (Máisa, Apêndice 3, Ent. 5, p.86).

Firmino concorda e acrescenta que o uso de tecnologias pode afastar do que é importante, que é o contato pessoal.

“Não sou contra, não sou contra a tecnologia, a tecnologia veio para ficar, e vai ficar cada vez melhor, mas tem muita gente... eu, pelo menos, vou ser franco, eu não sou muito de ficar antenado, eu gosto muito da conversa, do boca a boca, do contato, isso que é importante. Agora, eu acho que hoje em dia o projeto ele tá usando mais a tecnologia do que o contato. Assim, entendeu, com as pessoas, cara a cara, boca a boca. Isso talvez deixe um pouco a desejar. Não sei, essa é a minha opinião” (Firmino, Apêndice 3, Ent. 5, p.87).

Em sua fala, referia-se, além das apresentações por slides, das atualizações do projeto, que eram mais através da página do *Facebook* e do *Whatsapp*, ferramentas que

não tem o costume de utilizar. Para ele, o contato próximo, com visitas e conversas regulares, era a melhor forma de o projeto estar presente no bairro.

Há de se ressaltar que as atividades no bairro de Jurujuba encontraram algumas dificuldades. A primeira foi estar dividindo o mesmo tempo com o bairro da Urca e logo depois com outras áreas de Niterói, não sendo possível que a equipe se dedicasse exclusivamente à região. A segunda dificuldade foi de acesso aos moradores, já que muitos não ficavam em casa no período de visitas. A geografia do local também foi um empecilho em alguns momentos, visto que o bairro não é organizado por ruas retas ou paralelas, havendo uma parte sendo construída em morro, o que muda a configuração espacial e torna o acesso às casas mais complicado. Além disso, o fato de se estar trabalhando apenas em uma pequena região do bairro é complicado, já que as instituições que o representam estão em localidades que abrangem muitas outras pessoas.

Se em Tubiacanga, o que mais deu certo foi o contato direto e constante com os moradores, através de “porta a porta”, materiais de divulgação e reuniões com a Associação de Moradores, em Jurujuba o acesso foi mais através de instituições representativas e principalmente moradores multiplicadores que faziam a ponte direta entre o projeto e a comunidade. A entrevistada Carmen diz que a presença constante da equipe no bairro também ajudava, mesmo não realizando atividades grandes: “Julia, vocês também estavam sempre muito presentes, vocês visivelmente presentes. E isso também ajudava muito, os moradores viam vocês aqui. (...) Foi assim um trabalho...era exaustivo” (Carmen, Apêndice 3, Ent. 5, p.75).

Quantificando

As atividades de Engajamento Comunitário que precederam a fase de liberação serviram para conhecer a comunidade e fazer com que esta conhecesse o projeto e sua equipe. O contato pessoal, seja pelo “porta a porta” em Tubiacanga ou pelo “boca a boca” em Jurujuba, serviu para falar pessoalmente com grande parte dos moradores e poder sentir como a comunidade recebia o projeto, além de passar maior confiança para a população.

A entrada na comunidade através de pessoas já respeitadas no bairro também se mostrou não apenas válida como a maior estratégia, pois era através desses multiplicadores que as atividades eram planejadas e executadas. Importante ressaltar, no entanto, que nem

todas as atividades consideradas foram possíveis de se realizar, já que algumas que já faziam parte dos bairros ocorriam à noite ou aos finais de semana, o que nem sempre era fácil para a equipe.

Também foi percebido que a presença do coordenador geral, dos próprios cientistas que atuavam no laboratório e de pesquisadores internacionais do projeto era muito especial para a população: “quando nós recebemos Doutor Luciano, achei FANTÁSTICO, sabe? (...) ele é o pai da criança, entendeu? Ele pôde contar aquela historinha desde o comecinho e foi uma coisa extremamente esclarecedora. (...) A visita dos financiadores também, aquilo foi muito importante.” (Carmen, Apêndice 3, Ent. 5, p.80).

Os gráficos a seguir foram produzidos para facilitar a visualização das atividades em termos quantitativos ao longo dos anos. Considerando que não foram encontrados relatórios de meses individuais para os anos de 2012 e 2013, os gráficos serão apenas de 2014, 2015 e 2016, quando as atividades começaram a ficar mais intensas nos dois bairros. Nestes gráficos foram incluídas mesmo as atividades apenas com anfitriões, como entrega de cartões, já que eram ações que aproximavam do bairro e mostravam presença. Há de se atentar, no entanto, para o fato já mencionado de que, em Jurujuba, as atividades não eram realizadas apenas com o público alvo, do Ponto Final, havendo nessa contagem diversas atividades que se deram para outros públicos, embora fosse o mesmo bairro. Também se contabiliza aqui as reuniões, que não eram propriamente eventos para a comunidade e sim outras formas de atuação do projeto nas áreas.

É possível perceber que as atividades tendem a aumentar a frequência antes dos questionários de aceitação e em torno das liberações. As imagens dos gráficos parecem cortar um pouco as explicações de cada mês, mas os marcos são: Junho de 2014 – Questionário de aceitação em Tubiacanga; Setembro de 2014 – 1ª Liberação em Tubiacanga; Janeiro de 2015 – Fim das Liberações; Agosto de 2015 – Questionário de aceitação em Jurujuba e início das liberações em Jurujuba e retorno a liberações em Tubiacanga; Janeiro de 2016 – Final das liberações nos dois bairros.

Após o término das liberações também há certas atividades para atualização, e depois são atividades de manutenção apenas. É notável que em 2016 as atividades em Jurujuba em maio, junho e julho aumentam bastante, mas é devido à ação em outras regiões do bairro, que receberam o projeto logo depois.

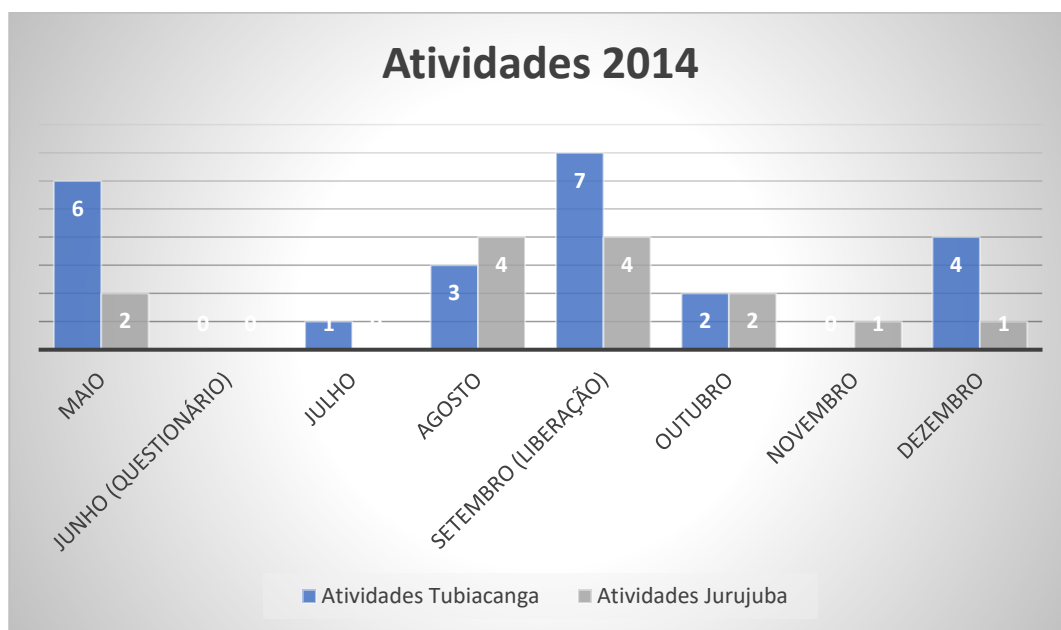


Gráfico 1: Número de atividades em Tubiacanga e Jurujuba ao longo dos meses de 2014.



Gráfico 2: Número de atividades em Tubiacanga e Jurujuba ao longo dos meses de 2015.

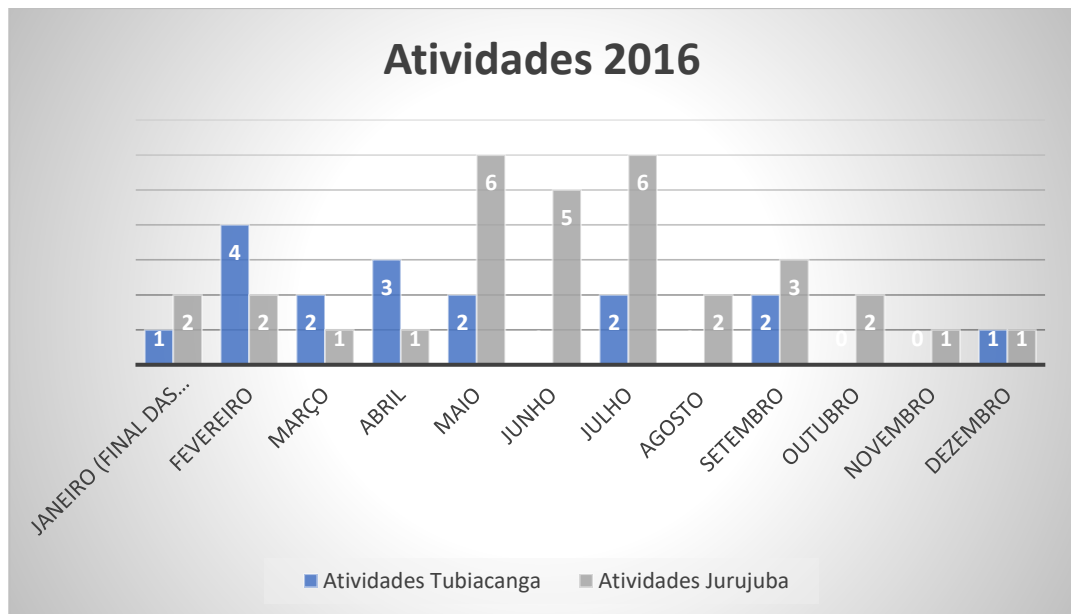


Gráfico 3: Número de atividades em Tubiacanga e Jurujuba ao longo dos meses de 2016.

Comitês Comunitários

Em meados de 2015, foram criados nos dois bairros os Comitês Comunitários, grupos que contavam com diferentes atores das comunidades para representar a população e ajudar na implementação do projeto. Esses grupos eram baseados nos conselhos consultivos (Community Advisory Board, CAB), comuns em pesquisas clínicas. Segundo o termo de referência para criação dos comitês (Apêndice 4, Doc. 12), estes tinham caráter consultivo e seu objetivo principal era “possibilitar uma comunicação direta e transparente entre o Projeto e os residentes” de Jurujuba e Tubiacanga.

O documento destaca 5 objetivos do grupo (o exemplo foi especificamente do bairro de Jurujuba, mas está escrito da mesma forma para Tubiacanga):

- “1 – Representar os residentes de Jurujuba junto ao Projeto;
- 2 – Apoiar a divulgação de informações sobre o Projeto aos residentes de Jurujuba;
- 3 – Auxiliar na definição e implementação das ações de engajamento comunitário;
- 4 – Auxiliar na identificação das dúvidas, preocupações e impressões dos residentes de Jurujuba sobre o Projeto;
- 5 – Auxiliar a garantir que o Projeto realize suas atividades de acordo com o mais alto padrão ético” (Apêndice 4, Doc. 12)

A criação de um grupo comunitário de referência já era planejado desde 2012, mas só chegou a ser uma realidade em maio de 2015 para Jurujuba e em Julho de 2015 para Tubiacanga. A ideia era ter em sua composição ao menos um representante de cada grupo de relevância dentro da comunidade, como um morador anfitrião, um representante do comércio, um da área da saúde, um da educação, um líder religioso, um da prefeitura, um do grupo de pescadores, e qualquer outro grupo ou instituição que fosse importante dentro da comunidade. As pessoas eram convidadas a participar do grupo e podiam aceitar ou declinar o convite para participar das reuniões mensais. Também era aceito indicações de outros moradores ou representantes e uma vez estabelecido o grupo, todos assinavam documentação referente à confidencialidade e regras gerais.

Houve uma formação inicial em que todos receberam atualizações do projeto no Brasil e no mundo e uma explicação sobre pesquisa clínica, a importância da participação comunitária, questões éticas e aprovações regulatórias. O coordenador geral, Luciano Moreira foi convidado para explicar mais a fundo o projeto, com sua história e todos os detalhes da descoberta e o grupo discutiu qual era a melhor forma de passar essas informações para a comunidade. Maísa relembra “A gente teve essa formação também para poder chegar para a população, para os nossos vizinhos e comunicar o que está acontecendo. E aí foi... os líderes foi eu, foi Firmino, é... assim, foi pegando cada um de um lugar” (Maísa, Apêndice 3, Ent. 5, p.66).

Para Firmino, eles funcionavam como “interlocutores” dentro da comunidade e puderam sentir o apoio dos moradores:

“Então foi escolhido... as pessoas para participar do grupo, e essas pessoas que tavam participando do grupo, tavam em contato com a comunidade, explicando como era o projeto, como tá sendo feito e tal... conscientizando eles do valor deles apoiarem também. Não houve rejeição, mas um apoio da comunidade” (Firmino, Apêndice 3, Ent. 5, p.86).

Firmino diz que nas reuniões eram discutidas as peças de divulgação e o grupo, por ter mais conhecimento do território, escolhia os locais onde deixar o material: “normalmente fazia as reuniões e elaborava os cartazes, né? E a gente que escolhia o lugar para colocar, porque a gente tem mais conhecimento, onde é mais visível” (Firmino, Apêndice 3, Ent. 5, p.79).

Marilea fala sobre o contato com o grupo sempre ocorrer antes de passar qualquer coisa para o resto da comunidade: “Eles tinham muito cuidado em fazer as coisas. Antes deles fazerem aqui, eles testavam, eles vinham, conversavam. Antes deles mostrarem para a população, primeiro eles vinham, conversavam, explicavam...” (Marilea, Apêndice 3, Ent. 4, p.54).

Ainda sobre o contato com o grupo, algo interessante de ressaltar é que muita da comunicação com o comitê fora das reuniões era feito por *Whatsapp*, em grupos em que todos podiam discutir, perguntar e trocar informações, assim não ficavam restritos aos dias das reuniões presenciais. Alguns materiais de divulgação também eram passados por esse meio para que os participantes pudessem enviar a outros moradores, como acontecia com o vídeo de animação e resultados em diferentes etapas da liberação.

Firmino define o que faziam no comitê:

“Essa reunião servia para mostrar o projeto, como ele seria implantado e como nós deveríamos passar para a comunidade o aprendizado que nós estávamos tendo aqui, a orientação, entendeu? E isso foi muito bem aceito, porque nós...é que nem eu disse, nós temos esse entendimento do lugar, de todo mundo, então a gente tá divulgando. Você só vende um produto se divulgar, se não divulgar fica parado na prateleira, a propaganda é a alma do negócio. Então nós fazíamos a propaganda do projeto. Trabalhava nesse setor de propaganda, de orientar, de falar...botava o cartazinho ali, o pessoal parava para olhar, a gente ia lá e ‘ô, isso aqui é isso, isso e tal...’. Conversava, aí daqui ele já falava para outro e ia esse trabalhinho de formiguinha era muito bom” (Firmino, Apêndice 3, Ent. 5, p.79).

Pelas falas nas entrevistas e analisando as atas das reuniões, a equipe normalmente chegava com alguma ideia ou material quase pronto e pedia para o grupo avaliar sua efetividade, não sendo em todo momento uma construção conjunta, e sim mais uma consulta. O papel de multiplicador fora do grupo era comunicar à população o que era o projeto e como dito algumas vezes ao longo das entrevistas “convencer que seria uma boa ideia”. Por mais que a comunidade tivesse direito a aprovar ou não a liberação, o que nos dá a entender em alguns momentos é que à maior parte desta restava apenas a informação e opinião, mas não tanto participação no processo, ainda que as impressões da comunidade fossem sempre registradas pela equipe em campo e multiplicadores e levadas em consideração em decisões futuras.

Ainda assim, os grupos eram compostos por pessoas muito interessadas e participativas na comunidade, que também davam ideias e contribuía com o que poderia

ser feito para aumentar o contato com os moradores. Em reunião de agosto de 2015 em Jurujuba (Apêndice 4, Doc. 13), foi perguntado ao grupo qual seria “a melhor forma dos moradores de Jurujuba se comunicarem com o Comitê Comunitário”. Uma das coordenadoras do projeto havia sugerido a criação de um e-mail, a ser gerido pelo próprio grupo, porém a ideia não foi aprovada, “pois como é um bairro de pescadores e com muitos idosos, nem todos usam a internet” (Apêndice 4, Doc. 13). Os representantes decidiram então por colocar “urnas” com papel e caneta em que os moradores poderiam escrever e depositar suas opiniões e três locais para implantação das urnas já ficaram acordados: Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU), posto de saúde e comércio no Ponto Final.

Foram registados 26 comentários nas urnas, sendo que a mais utilizada foi a deixada no posto de saúde, local que agrega moradores de todos os pontos de Jurujuba, não só o Ponto Final. Dos 26 comentários, apenas 5 pareciam ser de pessoas com conhecimento sobre o projeto, sendo 4 destes de apoio e um que demonstrava receio e alertava para o aumento de mosquitos:

“Todo projeto contra a dengue é sim muito bem-vindo. Porém acho que tem aumentado o número de mosquitos aqui na localidade. Sei que foi comprovado cientificamente que essa bactéria “implantada” nos mosquitos seja para o bem, é difícil acreditar que os mosquitos com essa bactéria não transmitam a dengue ou qualquer tipo de doença. Porém acredito muito nas antigas formas de tentar eliminar os focos de dengue e assim as fazemos em nossa residência. Infelizmente nem todos as fazem e assim acaba prejudicando também quem realmente se preocupa” (Comentário 4, Apêndice 4, Doc. 14).

Alguns dos comentários foram de outras regiões do bairro, que ainda não haviam recebido o projeto, mas as pessoas diziam conhecer e aprovar. Dos 26, 4 foram os que pediram por mais informações. E também 4 foi o número das pessoas que pediram para que se passasse o carro “fumacê”, com inseticida, demonstrando não conhecer os objetivos do projeto e nem os malefícios dos inseticidas, além de demonstrar mais uma vez que a população prefere algo que elimina o vetor, mas não a exatamente a doença. 6 ressaltaram a necessidade de educar a população para as formas de combate: “Enquanto nosso povo não for educado, a dengue será nossa febre amarela” (Comentário 23, Apêndice 4, Doc. 14). Um destes chamou a atenção por preferir métodos de combate que passam por prevenção e educação e também por confundir o projeto, acreditando que se tratava de

mosquitos inférteis, um erro bem comum na época, já que havia projetos assim em outras partes do Brasil.

“Não sou a favor do carro fumacê, gosto das equipes que dão atenção aos moradores. Projetos de educação e tratamento das águas para evitar a proliferação do mosquito. Incentivo as crianças a fiscalizar a comunidade na prevenção do mosquito. Fora que gostei muito desse projeto com mosquitos que são inférteis, porém tem muito receio” (Comentário 13, Apêndice 4, Doc. 14).

Neste caso, a forma de combate inovadora causa desconfiança, o que talvez pudesse ser contornado com a orientação correta sobre o projeto.

Nenhum dos comentários foi contrário ao projeto, mas percebe-se como a quantidade de mosquitos no bairro era um incômodo. Não é possível saber, no entanto, se a quantidade sentida era devido a liberação ou não, dado que os comentários poderiam ser de qualquer região do bairro. Um morador escreve: “Jurujuba está com muitos mosquitos, às vezes penso que eles vão nos colocar para fora de casa. Por que tanto mosquito? O que podemos fazer para eliminar os mosquitos? Esses mosquitos são da dengue?” (Comentário 12, Apêndice 4, Doc. 14). Aqui cabe atentar para a importância da educação básica sobre dengue, que ajuda as pessoas a distinguir o pernilongo (*Culex*) do *Aedes aegypti* e também para o fato de que, mais uma vez aparece clara a ideia de que deve-se matar os mosquitos, o que passa não só por questão de saúde, mas também por incômodo causado pelas picadas.

Embora tenha sido uma boa experiência, não há registro sobre atitudes tomadas em relação às respostas da urna. Não houve um relatório de avaliação e as atividades planejadas nas semanas seguintes não sofreram alteração, não havendo indício de aproveitamento da ação.

Em entrevista, discutiu-se a questão da participação das pessoas no bairro e todos concordaram que, embora fosse um local em que todos se conhecem, não é um bairro unido, sendo pouca a participação em atividades de interesse da comunidade. Maísa conta:

“É muito difícil. A participação, que eu digo, aqui em Jurujuba, é que a gente que gosta, por exemplo... eu *amo* isso aqui. Eu quero que Jurujuba seja *transformada* (...) Isso aqui vai acontecer porque pessoas como a gente, que gosta, abriu mão para que o projeto entrasse realmente aqui, a gente começou a batalhar ‘não, pô, você quer morrer? Vamos fazer isso? Vamos deixar o projeto vir para cá, vamos fazer isso...’. Começamos a fazer essa propaganda e conseguiu a gente atingir todo mundo aceitando cooperar o projeto. Mas tem coisas que...Jurujuba parece que está dormindo ainda. (...) O dia que o mundo pensar em comunidade, em ajudar, vai ser diferente...” (Maísa, Apêndice 3, Ent. 5, p.89).

Todos concordam que a participação é algo complicado para qualquer local, mesmo em um bairro pequeno e receptivo como Jurujuba ou Tubiacanga. Firmino, no entanto, aponta para o fator de acolhimento que o projeto trouxe, principalmente no comitê comunitário:

“O que nós tivemos...eu acho que o mais importante do ser humano é você acolher e ser acolhido. (...) Porque hoje em dia o ser humano tem medo de se relacionar, medo de conversar, medo de participar, entendeu? É por isso que às vezes estamos tão distantes um do outro, entendeu? E essa aproximação, nesse projeto aí foi maravilhoso” (Firmino, Apêndice 3, Ent. 5, p.73).

Essa parece ser uma impressão geral quando se analisa outros comentários, que diziam que as reuniões eram acolhedoras, às vezes festivas, e que deixaram muitas memórias boas, além de boas amizades.

Por questões de expansão do projeto para outras áreas do Rio de Janeiro e de Niterói, os comitês locais, de Jurujuba e Tubiacanga deixaram de se reunir para que houvesse comitês maiores, abrangendo outras áreas das cidades ao mesmo tempo. Existe por exemplo, um comitê de Niterói, que inclui Jurujuba e um da Ilha do Governador no Rio de Janeiro, que inclui Tubiacanga. Em cada um desses comitês maiores, chamados de Comitês Consultivos, não mais Comunitários, há ao menos um representante dos comitês menores.

Para Carmen, que frequenta o comitê de Niterói, o clima das reuniões é diferente, mais frio e distante, servindo apenas para passar informações. Ela e o resto do grupo em diversos momentos da entrevista mostram um certo ressentimento por não haver mais reuniões no bairro, dizendo-se esquecidos e abandonados.

“Aí começou também a expansão do Rio, aí já começou também a ficar meio complicado porque começou a ter muita gente, eles começaram a espaçar mais, aqui ficamos totalmente esquecidos. Nós fomos totalmente esquecidos, porque a gente achou que ia ficar aquela coisa boa, mas acho que eles não tiveram como... a expansão...” (Carmen, Apêndice 3, Ent. 5, p.67).

Ela também sugere que os comitês deveriam ter continuado locais, em vez de fazer por cidade, pois assim focaria melhor em cada região e as pessoas poderiam ter a formação e a proximidade necessárias para um trabalho melhor. Em algumas regiões o projeto encontrou dificuldades de liberar os mosquitos e ela acredita que com um comitê mais

forte em cada localidade isso teria sido melhor resolvido, embora entenda que seria impossível por questões de tempo e tamanho da equipe.

Carmen complementa, dizendo que por mais que não haja mais reuniões do comitê, o grupo continua mobilizado e pronto para ajudar, sendo essa participação na pesquisa algo muito especial:

“Eu achei assim, era tudo muito cui-da-do-sa-men-te feito, tá? (...) isso é um diferencial muito significativo no lugar, entendeu? Acho assim, até quem é morador, que participa do comitê... eu não acho que o comitê acabou, eu acho que o comitê existe, sabe? Que no momento que eles quiserem mobilizar realmente todo mundo novamente, todo mundo vai querer vir, todo mundo vai querer participar. (...) Não, eu acho assim... que... no momento que o grupo é chamado, as pessoas vão estar disponíveis, porque isso é importante, é uma coisa séria” (Carmen, Apêndice 3, Ent. 5, p.80 e 83).

Nos dois bairros, os comitês foram comprometidos e realmente abraçaram o projeto, sendo os maiores defensores e multiplicadores. Além disso, a amizade e o companheirismo entre todos eram muito interessantes. Os dois comitês chegaram a se conhecer e fazer reuniões conjuntas, inclusive conhecendo um o bairro do outro. Juntos, os componentes formaram um grupo no *Whatsapp* chamado “Super Comitê” e nos finais de ano todos se reuniam na Fiocruz para uma reunião conjunta. Em uma das reuniões até foi feito pelos moradores lembrancinhas personalizadas escritas “Super Comitê”.

Para mim, pessoalmente, enquanto membro da equipe de Engajamento Comunitário, foi realmente emocionante acompanhar estes dois grupos que se tornaram um. A proximidade, o acolhimento e o carinho foram condutores para que se houvesse uma educação científica diferente, amorosa. O neto de Marilea, que inclusive foi o primeiro a abrir, junto com o então presidente da Fiocruz, Carlos Gadelha e o coordenador geral Luciano Moreira, o pote com mosquitos com *Wolbachia*, disse para mim, assim que o conheci que queria ser biólogo. Poder incluir uma criança de 7 anos com esse sonho em todo o processo e mostrar de perto um projeto científico, seu laboratório e todo o acompanhamento foi realmente incrível. Por isso peço desculpas ao leitor, mas nem toda redação desta dissertação pode ser distante ou neutra e aproveito para agradecer mais uma vez aqui a todos os participantes do comitê. Não só por contribuírem com este trabalho disponibilizando tempo para as entrevistas, mas por mostrarem ser possível o envolvimento, quando eu mesma duvidei de que haveria um grupo tão comprometido que por mais de um ano se reunisse mensalmente em prol de uma pesquisa.

Questionários de Aceitação

Para que a liberação de mosquitos em uma determinada área ocorresse, era necessária uma aprovação de ao menos 70% da população local. Como o consentimento individual não era possível, foi calculada uma amostra de cada bairro e então aplicado um questionário que procurava aferir o grau de apoio das comunidades, assim como avaliava seus conhecimentos sobre dengue, envolvimento com questões comunitárias e conhecimentos sobre o projeto Eliminar a Dengue em si.

Este questionário foi elaborado pela primeira coordenação de Engajamento Comunitário e aplicado pela primeira vez ao final de 2013, de forma a entender um pouco melhor a comunidade em que estava e medir a efetividade do trabalho feito até então. Em relatório é dito na justificativa:

“A aceitabilidade comunitária com relação a implantação desta estratégia é necessária em função das: possíveis perturbações decorrentes do maior número de mosquitos; do compartilhamento tanto dos riscos envolvidos nos testes, quanto na participação nos benefícios do possível sucesso da estratégia; e, da constituição de uma proposta de relação entre ciência e sociedade, na qual esta última é agente fundamental na construção de novos conhecimentos, especialmente no âmbito da saúde pública” (Apêndice 4, Doc. 07).

Portanto, é importante que a comunidade esteja ciente do que é o projeto, seus objetivos e se aprova ou não a liberação, pois lhe é atribuída tal responsabilidade.

Para o cálculo realizado, utilizou-se uma amostragem de 30% das residências, sendo consideradas 266 no questionário de 2013 e 268 no questionário de 2014, de um total de 877 residências. Foram considerados apenas respondentes maiores de idade (acima de 18 anos) e a seleção de domicílios ocorreu sistematicamente, iniciando-se com um aleatório e então 1 a cada 3 era escolhido para responder. Se o escolhido não atendesse era passado para a casa ao lado. Os questionários foram realizados de segunda a sexta, em horário comercial.

No caso do primeiro questionário aplicado em Tubiacanga em 2013, os entrevistadores eram membros do Engajamento Comunitário, porém não haviam tido contato anterior com a comunidade. Já para o segundo questionário em Tubiacanga e também para o de Jurujuba, uma equipe externa, que auxiliava o projeto em outra cidade, foi chamada para realizar a tarefa, minimizando possíveis vieses nas respostas devido à proximidade.

O questionário aplicado na pesquisa em Tubiacanga foi constituído por 46 questões e o questionário em Jurujuba por 39 questões, passando por uma redução em seu conteúdo. As questões foram distribuídas em três domínios: A) Contexto Sócio demográfico, B) Dengue e C) Engajamento Comunitário/Projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil. A redução sofrida no questionário de Jurujuba serviu, segundo o coordenador geral (Luciano, Apêndice 3, Ent. 1, p.14) para deixar o processo mais rápido, para que as pessoas não desistissem de responder e permaneceu com as questões que achou mais importantes, excluindo Estado Civil, Religião, Cor da Pele e onde trabalha (no caso dos que responderam que trabalham fora do bairro).

A metodologia pode ser melhor compreendida em documento do apêndice (Apêndice 4, Doc 07). No entanto, o único relatório encontrado foi o de 2013, referente à primeira coordenação. O segundo questionário, realizado em 2014 em Tubiacanga não possui relatório ou planilha com resultados, visto que a equipe apenas analisou as respostas referentes à liberação. Para esta dissertação, analisei cada questionário e contabilizei seus resultados, o que consta logo adiante. Em relação ao questionário de Jurujuba, também não foi realizado um relatório, porém os dados estavam disponíveis em uma tabela de Excel, que serviu para comparações.

Tubiacanga

Em Tubiacanga, nos dois anos, a maioria dos respondentes foi do sexo feminino, católica, parda, com até o Ensino Médio completo, que tem preocupações públicas com o bairro e não trabalha fora. Isso já nos dá um bom panorama das pessoas que eram mais facilmente contatadas pelo projeto e, portanto, as que recebiam a equipe em visitas de “porta a porta” por exemplo, dando também um sinal de quais grupos deveriam ser alcançados com outras atividades. Analisando no questionário de 2014 quais as maiores preocupações do bairro, transporte e saneamento são as mais citadas, seguidas de falta de posto de saúde na área, assim como falta lazer e problemas com animais na rua, seja animais abandonados ou problemas com ratos. Apenas 9 pessoas (4,56%) citaram “dengue” e 4 (2,03%) citaram “mosquitos” como preocupação no bairro. A maior parte, 95 pessoas ou 48,22%, diz não relatar a ninguém sobre essas questões e 70, 35,53%, relata à Associação de Moradores, reafirmando que esta era bastante presente para o bairro.

Nas tabelas a seguir, comparei os resultados obtidos em 2013 com os de 2014,

sendo divididas pelos 3 domínios estabelecidos no questionário. Nem todas as respostas estão representadas abaixo, constando o que foi considerado mais relevante para este trabalho e o que era possível colocar em formato de tabela. Outros resultados serão citados de maneira discursiva.

Tabela 1. Características sociodemográficas. Questionário Tubiacanga, dezembro de 2013 e julho de 2014

CARACTERÍSTICA	CATEGORIA	N 2013	% 2013	N 2014	% 2014
SEXO	Feminino	173	65,0	143	53,36
	Masculino	93	35,0	125	46,64
RELIGIÃO	Católica	124	46,6	111	41,42
	Evangélica	82	30,8	69	25,75
	Espírita	19	7,1	17	6,35
	Sem Religião	31	11,7	22	8,21
	Outras	10	3,8	35	13,05
	Em branco	0	0	13	4,85
COR DA PELE	Preta	24	9,0	21	7,84
	Branca	114	42,9	109	40,67
	Pardo	122	45,9	132	49,25
	Outra	0	0	6	2,24
	Não responde	6	2,2	0	0
GRAU DE ESCOLARIDADE	Sem escolaridade	4	1,6	5	1,87
	Fundamental incompleto	62	23,3	71	26,49
	Fundamental completo	48	18,0	41	15,30
	Médio incompleto	29	10,9	23	8,58
	Médio completo	84	31,6	92	34,33
	Técnico Incompleto	0	0	1	0,37
	Técnico Completo	12	4,5	7	2,61
	Superior Incompleto	11	4,1	13	4,85
	Superior completo	10	3,8	15	5,60
PREOCUPAÇÃO PÚBLICA	Outros	2	2,2	0	0
	Sim	199	74,8	197	73,51
TRABALHA FORA DO	Não	67	25,2	70	26,12
	Em branco	0	0	1	0,37
	Sim	72	27,1	97	36,19

BAIRRO					
	Não	194	72,9	164	61,19
	Em branco	0	0	7	2,61
TOTAL		266	100%	268	100%

A Tabela 2 apresenta os dados referentes ao conhecimento sobre a dengue. Há uma diferença na primeira questão nos dois questionários, pois no de 2013 a pergunta era se o morador já havia tido dengue, já no de 2014, a pergunta é mais aberta, se o morador já teve dengue ou conhece alguém que teve, aumentando o número de respostas positivas. A maioria dos moradores já teve dengue ou conhece alguém que teve (63,81%), sabe que é transmitida pelo mosquito e quase 100% respondeu que pode levar à morte. O método mais citado de prevenção à dengue foi a eliminação de criadouros, com mais de 90% das respostas. No Brasil são muito comuns e frequentes as propagandas de combate à dengue, o que leva a um bom conhecimento no assunto. É importante destacar, no entanto, como Jardim e Shall (2015) apontam que conhecimento ou informação não estão necessariamente atrelados a uma mudança de hábitos ou atitudes, principalmente em prevenção da dengue. Ou seja, não basta uma intervenção que ofereça informação, pois se quiser efetiva, ela precisa vir pautada em atitudes, oferecendo às pessoas atividades que envolvam participação e principalmente construindo com elas o que pode ser feito.

Para as escalas relativas ao grau de importância para o problema de dengue no bairro e o grau de preocupação em contrair dengue, foi analisado que, embora o problema de dengue no bairro não pareça ser tão alarmante do ponto de vista dos respondentes, a preocupação em contrair a doença é bem alta, o que parece ajudar no envolvimento com o projeto.

Algo curioso de se observar é que apenas 1,12% afirmou utilizar inseticida para controle dos mosquitos e, no entanto, foi justamente o uso intenso deste produto que fez a equipe atentar para a necessidade de melhora na metodologia, como será visto na seção seguinte.

Tabela 2. Conhecimento sobre dengue. Questionário Tubiacanga, dezembro de 2013 e julho de 2014

CARACTERÍSTICA	CATEGORIA	N 2013	% 2013	N 2014	% 2014
TEVE DENGUE/ TEVE OU CONHECE ALGUÉM QUE TEVE	Sim	141	53,0	171	63,81
	Não	125	47,0	96	35,82
	Em branco	0	0	1	0,37
SABE COMO É TRANSMITIDA	Sim	254	95,5	245	91,42
	Não	12	4,5	23	8,58
TRANSMISSÃO	Pessoa a pessoa	Não tem essa opção	0	2	0,74
	Água	35	13,2	30	11,19
	Ar	Não tem essa opção	0	1	0,38
	Mosquitos	210	78,9	209	77,98
	Saliva	Não tem essa opção	0	0	0
	Água e mosquitos	8	3,0	Não tem essa opção	0
	Não sabe	13	4,9	7	2,62
	Em branco	0	0	19	7,09
PODE LEVAR A MORTE	Sim	262	98,5	266	99,25
	Não	0	0	0	0
	Não sabe	4	1,5	2	0
<u>PREVENÇÃO DA DENGUE</u>					
ELIMINA CRIADOUROS		244	91,7	244	91,04
CHAMA O FUMACÊ		1	0,4	1	0,37
USA REPELENTE		75	28,2	3	1,12
USA RAQUETE		40	15,0	0	0
USA INSETICIDA		89	33,5	3	1,12
RECEITA CASEIRA		3	1,1	1	0,37
DENUNCIA VIZINHOS		Não tem	0	0	0

	essa opção			
OUTROS	7	2,6	13	4,85
TOTAL	266	100%	268	100%

A última categoria refere-se ao Engajamento e ao Projeto Eliminar a Dengue, mostrando um aumento considerável no conhecimento da população sobre o projeto. Em dezembro de 2013, verificava-se que, dos 266 moradores, 83 (31,2%) conheciam o projeto. Em julho de 2014, apenas 6 meses depois, 173 moradores (64,55%) afirmavam conhecer. Algo que se mostrou uma realidade ao analisar todas as respostas, é que diversas pessoas que inicialmente diziam não conhecer o projeto, depois demonstravam saber do que se tratava. Isso talvez tenha a ver com o fato de muitos moradores não reconhecerem o projeto pelo nome e sim muitas vezes como “o projeto *Wolbachia*” ou “o projeto da Fiocruz”. Era percebido que, conforme as perguntas iam avançando, os moradores passavam a identificar mais o projeto. No entanto, muitos também confundiam o objetivo do ED.

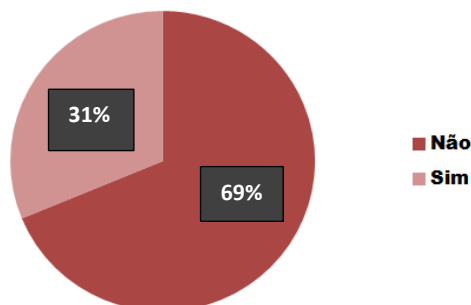


Figura 16: Distribuição da amostra de acordo com o conhecimento sobre o projeto “Eliminar a Dengue: desafio Brasil”. Retirado de Relatório Survey Tubiacanga, dezembro 2013.

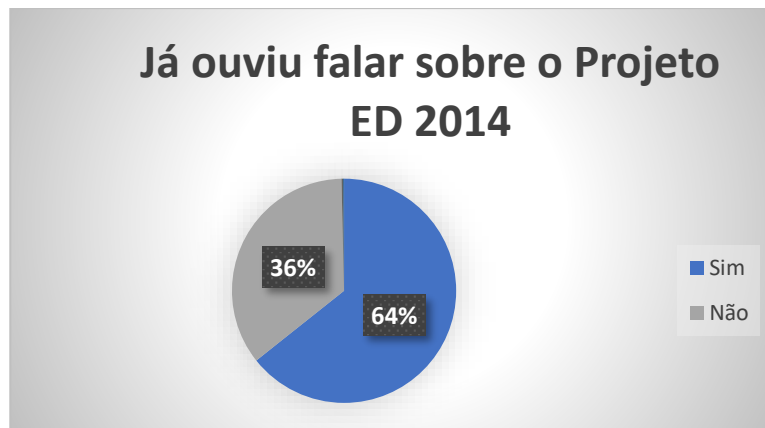


Figura 17: Distribuição da amostra de acordo com o conhecimento sobre o projeto “Eliminar a Dengue: desafio Brasil”, Tubiacanga, Julho de 2014.

A tabela 3 a seguir considera apenas os moradores que dizem conhecer o projeto, sendo perguntas voltadas para o Projeto Eliminar a Dengue. No entanto, há uma diferença de metodologia entre os questionários aplicados em 2013 e 2014. No de 2013, todo o domínio C (Engajamento Comunitário/Projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil) é trabalhado apenas com o total de conhecedores do projeto (83 pessoas), o que inclui a pergunta sobre apoio da liberação de mosquitos. Ou seja, neste questionário, embora esteja registrado 73,5% de aprovação, este número se refere apenas às pessoas que conhecem o projeto. Se considerasse o número total, o apoio seria de 22,93%, embora não seja justo comparar, já que os não conhecedores do projeto não tiveram a chance de responder. Já no questionário de 2014, as questões são direcionadas apenas aos conhecedores do projeto até a questão “sobre o que se trata o projeto”. Logo após já vêm as questões sobre liberação que são abertas a todos os respondentes do questionário. Assim, a primeira parte conta com um total de 173 respondentes e a segunda com 268.

Como esperado, após o trabalho mais intenso de engajamento em Tubiacanga no início de 2014, os números relativos ao conhecimento do ED melhoraram. Se antes 61,4% dos conhecedores sabiam que o projeto estava sendo desenvolvido no bairro, em 2014 esse número subiu para 82,65%. Em relação a como conheceram o projeto, a maior parte, 60,69%, conheceu através da equipe de EC e 21,96% através de material impresso de divulgação, um aumento considerável perto dos 4,8% de 2013. Reuniões e eventos no bairro também têm destaque com 25,43%, mostrando que as atividades de engajamento realmente fizeram diferença para alcançar os moradores. Quanto ao responsável pelo

desenvolvimento do projeto, nos dois anos a maior parte das respostas apontava para Fiocruz, mas o número subiu mais de 30% em 2014, mostrando maior conhecimento.

Se em 2013 a maioria das pessoas não conhecia os responsáveis pelo projeto no bairro, em 2014, 66,47% dos moradores tinham contato com a equipe, grande parte encontrando-os semanalmente. Nos dois anos, a maioria dos conhecedores do ED sabia que o projeto utilizava armadilhas e uma parte (aproximadamente 20%) já era anfitrião. Em relação ao método utilizado pelo projeto, em 2013 a maior parte (36,1%) dos moradores acreditava se tratar de “destruição de criadouros”, enquanto em 2014, 61,84% sabia se tratar de “liberação de mosquito com bactéria”. Nesta questão, 16,18% dos respondentes disse se tratar de outra coisa e grande parte associou à eliminação dos mosquitos, seja por meio de armadilhas, de “remédios” ou utilização de um mosquito para “combater” o outro. Alguns deram suas próprias explicações, que mesmo não estando 100% corretas, tornavam perceptível que a pessoa havia assimilado a explicação do projeto. Todas as respostas dadas podem ser conferidas em anexo (Apêndice 4, Doc. 15).

As questões sobre liberação, no entanto, não podem exatamente ser comparadas pelos motivos já explicitados, portanto focaremos mais no questionário de 2014, que foi o oficialmente utilizado. 65,67% dos respondentes sabiam sobre a liberação de mosquitos no bairro e 87,69% foram a favor da liberação, um número maior do que o necessário para a aprovação. Destes, 63,06% deram 10 no grau de apoio, dizendo apoiar fortemente a liberação no bairro. 83,58% gostariam de saber mais sobre o projeto e as perguntas registradas puderam ser divididas em 7 grupos: Geral (moradores que querem todas informações sobre o projeto de forma abrangente); Método (como será a liberação, qual a modificação realizada no mosquito, como funciona armadilha); Dengue (perguntas gerais sobre dengue e mosquito); Segurança (se o mosquito vai transmitir outra doença ou se ainda pode passar dengue, consequências negativas); Eficácia (comprovação de que funciona); Resultados (se deu ou vai dar certo); Datas (data de liberação) e Andamento (acompanhamento de ações do projeto no bairro e de resultados). Para receber atualizações, os 3 meios mais escolhidos foram Televisão (37,07%), Reuniões na Comunidade (26,87%) e Material Informativo Impresso (15,30%).

Tabela 3. Engajamento e o Projeto “Eliminar a Dengue: Desafio Brasil”, Questionário Tubiacanga, dezembro de 2013 e julho de 2014.

CARACTERÍSTICA	CATEGORIA	N 2013	% 2013	N 2014	% 2014
DESENVOLVIDO NO BAIRRO	Sim	51	61,4	146	82,65
	Não	32	38,6	27	15,60
<u>COMO CONHECEU</u>					
MATERIAL IMPRESSO DE DIVULGAÇÃO		4	4,8	38	21,96
MÍDIA ELETRÔNICA		1	1,2	2	1,15
TELEVISÃO		24	28,9	19	10,98
CONVERSA COM MORADORES		16	19,3	16	9,24
CONVERSA COM AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE		7	8,4	4	2,31
CONVERSA COM AGENTES DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE		5	6,1	1	0,57
REUNIÕES E EVENTOS NO BAIRRO		9	10,8	44	25,43
CONVERSA COM EC ESCOLAS		27	32,5	105	60,69
IGREJAS		4	4,8	4	2,31
UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE		6	7,2	6	3,46
	Não tem essa opção		0	0	0
RESPONSÁVEL PELO PROJETO	Secretaria do Est. de Saúde e Def. Civil	1	1,2	5	2,89
	Fiocruz	45	54,2	155	89,59
	Secretaria Municipal de Saúde	5	6,1	2	1,15
	Ministério da Saúde	3	3,6	8	4,62
	Outros	3	3,6	0	0
	Não sabe	31	37,3	3	1,73
CONHECE AS PESSOAS DO PROJETO	Sim	37	44,6	115	66,47
	Não	46	55,4	58	33,52
FREQUÊNCIA DO	Semanalmente	23	27,7	60	34,68

ENCONTRO					
	Quinzenalmente	10	12,0	26	15,02
	Mensalmente	6	7,3	23	13,29
	Nunca	6	7,3	8	4,62
	Outro	7	8,4	14	8,09
	Não sabe	31	37,3	42	24,27
SABE QUE O PROJETO USA ARMADILHA	Sim	64	77,1	151	87,28
	Não	19	22,9	22	12,71
TEM ARMADILHA EM CASA	Sim	17	20,5	33	19,07
	Não	66	79,5	140	80,92
PROJETO TRATA DE:	Inseticida	3	3,6	6	3,46
	Destruição de criadouros	30	36,1	7	4,04
	Larvicida	8	9,6	2	1,15
	Mosquito com bactéria	15	18,1	107	61,84
	Fumacê	8	9,6	1	0,57
	Outro	3	3,6	28	16,18
	Não sabe	16	19,3	22	12,71
TOTAL				173	100%
SABE SOBRE A LIBERAÇÃO DE MOSQUITO COM BACTÉRIA	Sim	40	48,1	176	65,67
	Não	40	48,1	83	30,97
	Não sabe	3	3,6	8	2,99
	Não responde	0	0	1	0,37
É A FAVOR DA LIBERAÇÃO	Sim	61	73,5	235	87,69
	Não	6	7,2	20	7,46
	Não sabe	16	19,3	9	3,36
	Não responde	0	0	4	1,49
GOSTARIA DE SABER MAIS DO PROJETO	Sim	70	84,3	224	83,58
	Não	13	15,7	44	16,42
TOTAL		83	100%	268	100%

É importante atentar para todos esses números e perceber o que dizem, para além do número “principal” de 87% que aprova a liberação. O número de pessoas que disse conhecer o projeto ou que sabia que o projeto estava no bairro é mais baixo do que o número de pessoas que aprova a liberação. 65% da comunidade sabia sobre a liberação, o que mostra que um número considerável que não sabia sobre os objetivos do projeto ou sua metodologia, decidiu-se na hora e aprovou mesmo assim. Há de se pensar o porquê disso. Seria por uma confiança na Instituição? Ou na ciência em si? Será que “sempre que tem uma pesquisa é para melhorar”? Ou porque a comunidade confiava na Associação, que apoiava o projeto? Faltou questionamento ou criticidade? Ou o projeto passou confiança? Quantos dos 87% de fato estavam engajados? Quantos levaram à sério o questionário e acharam que suas opiniões realmente interferiam em algo?

Jurujuba

Em Jurujuba, o questionário ocorreu em agosto de 2015 e apresentou um modelo com algumas diferenças (Anexo 19) como dito anteriormente. Foram 214 respondentes, dos quais a maioria era do sexo masculino, com até o Ensino Médio completo, com alguma preocupação pública com o bairro e que trabalhava fora. Entre as maiores preocupações estão saneamento básico e água, segurança e saúde. Apenas 5 moradores (2,03%) citaram dengue ou mosquitos como uma preocupação pública. Dos que tem preocupação (57,47%), a maior parte, 21,95%, não a comunica ninguém e 8,13% comunica à Prefeitura.

Nas próximas tabelas são colocados lado a lado os resultados de Jurujuba com os de Tubiacanga em 2014, para evidenciar diferenças de perfil e também o resultado de abordagens diferentes que ocorreram nas duas comunidades.

Tabela 4. Características sociodemográficas. Questionário Jurujuba, agosto de 2015 e Tubiacanga, julho de 2014

CARACTERÍSTICA	CATEGORIA	N JURU	% JURU	N TUBI	% TUBI
SEXO	Feminino	90	42,05	143	53,36
	Masculino	124	57,94	125	46,64
GRAU DE	Sem escolaridade	5	2,33	5	1,87

ESCOLARIDADE	Fundamental incompleto	48	22,42	71	26,49
	Fundamental completo	36	16,82	41	15,30
	Médio incompleto	17	7,94	23	8,58
	Médio completo	70	32,71	92	34,33
	Técnico Incompleto	1	0,46	1	0,37
	Técnico Completo	4	1,86	7	2,61
	Superior Incompleto	16	7,47	13	4,85
	Superior completo	15	7,00	15	5,60
	Outros	0	0	0	0
	Não responde	1	0,46	0	0
PREOCUPAÇÃO PÚBLICA	Sim	123	57,47	197	73,51
	Não	84	39,25	70	26,12
	Não sabe	1	0,46	0	0
	Em branco	6	2,80	1	0,37
TRABALHA FORA DO BAIRRO	Sim	107	50	97	36,19
	Não	101	47,19	164	61,19
	Em branco	6	2,80	7	2,61
TOTAL		214	100%	268	100%

A Tabela 5 apresenta os dados referentes ao conhecimento sobre a dengue e podemos ver que não difere muito das respostas dadas por Tubiacanga. A maioria dos moradores já teve dengue ou conhece alguém que teve (64,01%), sabe que é transmitida pelo mosquito e quase 100% respondeu que pode levar à morte, assim como no questionário de 2014. O método mais citado de prevenção à dengue foi a eliminação de criadouros, com 80,84%. Os moradores consideram o problema de dengue no bairro elevado, com 53,73% tendo marcado a questão B2 como “10 - muito importante” e 63,55% tem muito medo de contrair a doença, tendo marcado com “10 – me preocupa muito” a questão B3.

Tabela 5. Conhecimento sobre dengue. Questionário Jurujuba, agosto de 2015 e Tubiacanga, julho de 2014

CARACTERÍSTICA	CATEGORIA	N JURU	% JURU	N TUBI	% TUBI
TEVE OU CONHECE ALGUÉM QUE TEVE	Sim	137	64,01	171	63,81
	Não	75	35,04	96	35,82
	Em branco	0	0	1	0,37
SABE COMO É TRANSMITIDA	Sim	198	92,52	245	91,42
	Não	16	7,47	23	8,58
TRANSMISSÃO	Pessoa a pessoa	2	0,93	2	0,74
	Água	26	12,14	30	11,19
	Ar	0	0	1	0,38
	Mosquitos	164	76,63	209	77,98
	Saliva	0	0	0	0
	Sexualmente	0	0	0	0
	Não sabe	2	0,93	7	2,62
	Em branco	20	9,34	19	7,09
PODE LEVAR A MORTE	Sim	210	98,13	266	99,25
	Não	1	0,46	0	0
	Não sabe	1	0,46	2	0
	Não responde	2	0,93	0	0
<u>PREVENÇÃO DA DENGUE</u>					
ELIMINA CRIADOUROS		173	80,84	244	91,04
CHAMA O FUMACÊ		1	0,46	1	0,37
USA REPELENTE		2	0,93	3	1,12
USA RAQUETE		0	0	0	0
USA INSETICIDA		1	0,46	3	1,12
RECEITA CASEIRA		0	0	1	0,37
DENUNCIA VIZINHOS		0	0	0	0
OUTROS		14	6,54	13	4,85
NÃO RESPONDE		23	10,74	0	0
TOTAL		214	100%	268	100%

A tabela 6 é referente ao conhecimento dos moradores sobre o Engajamento e o Projeto ED. Considerando que 108 (50,46%, figura 18) respondentes, apenas um pouco

mais da metade, conhecia o projeto, a próxima tabela trabalha com esse número como o total até as questões sobre liberação, que são abertas a todos os respondentes. É válido dizer que a primeira questão do domínio C foi alterada para que os moradores pudessem reconhecer melhor o nome do projeto, mesmo que não fosse o oficial. Portanto, a questão deixou de ser “Você já ouviu falar sobre o projeto de pesquisa “Eliminar a Dengue: Desafio Brasil?” e passou a ser: “Você já ouviu falar sobre o projeto de pesquisa “Eliminar a Dengue: Desafio Brasil da Fiocruz”/ Também chamado de Projeto ED ou Projeto Wolbachia ou Projeto Fiocruz?”.



Figura 18: Distribuição da amostra de acordo com o conhecimento sobre o projeto “Eliminar a Dengue: desafio Brasil”, Jurujuba, agosto de 2015. Azul=sim, Cinza=não

Destes 108, 71 (65,74%) sabiam que o projeto estava sendo desenvolvido no bairro, um número consideravelmente mais baixo que Tubiacanga. Em relação à forma como tomou conhecimento, 32,40% refere ter sido através do Engajamento Comunitário, 11,11% por televisão e 9,25% através de conversa com outros moradores. Esse resultado faz gerar dúvidas quanto a estratégia de usar menos “porta a porta” e mais “boca a boca” com os multiplicadores, considerando que apenas 10 moradores relataram essa fonte.

Como responsável pelo projeto, 53,70% sabia ser a Fiocruz, mas a quantidade que não sabia responder à questão também foi bastante expressiva, com 42,59%. A maior parte, 54,62% não conhece a equipe do projeto e apenas 20,37% encontravam semanalmente um membro do ED, sendo que 27,77% possuíam uma armadilha em casa. Um bom número, 75,92% sabia sobre a expectativa de liberação e 40,74% sabia que o projeto utiliza a bactéria Wolbachia, embora 33,33% não sabia dizer o método de controle utilizado.

É possível perceber uma queda em relação ao engajamento se comparado com Tubiacanga, evidenciando que a falta de atividades diretamente no Ponto Final de Jurujuba afetou o quanto os moradores conheciam o projeto. A quantidade de respostas “não sabe” ou “não responde” também é maior ao longo de todo questionário de 2015 (Apêndice 4, Doc. 16).

Em relação à liberação de mosquitos, 52,33% do total de 214 respondentes sabem sobre a liberação e 92,05% são a favor da liberação com 72,89% dos respondentes marcando grau 10 de apoio. O apoio em Jurujuba foi ainda maior do que em Tubiacanga, embora as pessoas demonstrassem conhecer menos e estarem menos engajadas de maneira geral. 77,57% disseram querer saber mais sobre o ED, no entanto as dúvidas dos moradores na questão “O que você gostaria de saber sobre o projeto?” foram bem menos elaboradas do que em Tubiacanga, sendo 69,27% apenas “saber tudo/geral”. As dúvidas restantes foram referentes à metodologia (Apêndice 4, Doc. 16).

Comparar os questionários é complicado por diversos motivos, mas é interessante perceber como diferentes estratégias podem levar a diferentes resultados, embora o resultado final, de aprovação, tenha sido semelhante. No entanto, ao longo da análise individual de cada questionário, foi possível perceber tendências nos dois grupos que talvez digam mais sobre quem aplicou o questionário do que do próprio entrevistado. As equipes nos dois anos foram diferentes, assim como o tempo (em termos de cronograma) que tinham para aplicar os questionários, portanto isso pode ter interferido, embora não seja possível afirmar, em algumas questões e no facto de haver muitas perguntas sem respostas ou com respostas curtas e genéricas nas questões discursivas no grupo de Jurujuba.

Tabela 6. Engajamento e o Projeto “Eliminar a Dengue: Desafio Brasil”, Questionário Jurujuba, agosto de 2015 e Tubiacanga, julho de 2014.

CARACTERÍSTICA	CATEGORIA	N JURU	% JURU	N TUBI	% TUBI
DESENVOLVIDO NO BAIRRO	Sim	71	65,74	146	82,65
	Não	37	34,25	27	15,60
<u>COMO CONHECEU</u>					

MATERIAL IMPRESSO DE DIVULGAÇÃO		9	8,33	38	21,96
MÍDIA ELETRÔNICA		1	0,92	2	1,15
TELEVISÃO		12	11,11	19	10,98
CONVERSA COM MORADORES		10	9,25	16	9,24
CONVERSA COM AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE		4	3,70	4	2,31
CONVERSA COM AGENTES DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE		2	1,85	1	0,57
REUNIÕES E EVENTOS NO BAIRRO		17	15,74	44	25,43
CONVERSA COM EC ESCOLAS		35	32,40	105	60,69
IGREJAS		1	0,92	4	2,31
UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE		2	1,85	6	3,46
OUTROS		0	0	0	0
RESPONSÁVEL PELO PROJETO	Secretaria do Est. de Saúde e Def. Civil	0	0	5	2,89
	Fiocruz	58	53,70	155	89,59
	Secretaria Municipal de Saúde	1	0,92	2	1,15
	Ministério da Saúde	3	2,77	8	4,62
	Não sabe/não responde	46	42,59	3	1,73
CONHECE AS PESSOAS DO PROJETO	Sim	34	31,48	115	66,47
	Não	59	54,62	58	33,52
	Não responde	15	13,88	0	0
FREQUÊNCIA DO ENCONTRO	Semanalmente	22	20,37	60	34,68
	Quinzenalmente	1	0,92	26	15,02
	Mensalmente	1	0,92	23	13,29
	Nunca	1	0,92	8	4,62
	Outro	8	7,40	14	8,09
	Não sabe/não responde	75	69,44	42	24,27
SABE QUE O PROJETO USA ARMADILHA	Sim	82	75,92	151	87,28

	Não	23	21,29	22	12,71
	Não responde	3	2,77	0	0
TEM ARMADILHA EM CASA	Sim	30	27,77	33	19,07
	Não	70	64,81	140	80,92
	Não responde	8	7,40	0	0
PROJETO TRATA DE:	Inseticida	3	2,77	6	3,46
	Destruição de criadouros	3	2,77	7	4,04
	Larvicida	2	1,85	2	1,15
	Mosquito com bactéria	44	40,74	107	61,84
	Fumacê	2	1,85	1	0,57
	Outro	18	16,66	28	16,18
	Não sabe	36	33,33	22	12,71
TOTAL		108	100%	173	100%
SABE SOBRE A LIBERAÇÃO DE MOSQUITO COM BACTÉRIA	Sim	112	52,33	176	65,67
	Não	89	38,31	83	30,97
	Não sabe	12	5,60	8	2,99
	Não responde	1	0,46	1	0,37
É A FAVOR DA LIBERAÇÃO	Sim	197	92,05	235	87,69
	Não	6	2,80	20	7,46
	Não sabe	10	4,67	9	3,36
	Não responde	0	0	4	1,49
GOSTARIA DE SABER MAIS DO PROJETO	Sim	166	77,57	224	83,58
	Não	43	20,09	44	16,42
	Não responde	5	2,33	0	0
TOTAL		214	100%	268	100%

O resultado de 92,05% de aprovação é surpreendente se se considerar que apenas pouco mais da metade dos respondentes conheciam o projeto e não demonstraram tanto engajamento ao longo das questões. Mais uma vez importa perguntar o que gera esse apoio “espontâneo”, que aprova sem conhecimento. Talvez o “boca a boca” dos multiplicadores tenha auxiliado na questão do “convencimento”, mesmo que os moradores não soubessem

muito bem do que se tratava o projeto. No entanto, o intuito do Engajamento não é apenas informar a população ou convencê-la a aceitar algo, e sim de fato envolver a população chamando para participar do projeto, sendo esta ativa na criação de algo conjunto. Através das respostas destes questionários vemos que este objetivo não foi alcançado em grande número, mas pode-se concluir que a presença do EC dentro da comunidade faz grande diferença no envolvimento dos moradores, assim como no conhecimento e entendimento que estes têm do projeto.

Liberação

Com a aprovação da comunidade, o projeto ficava apto a realizar liberações nos bairros por até 30 semanas, que poderiam ser pausadas ou ininterruptas. Assim, em Tubiacanga as liberações ocorreram de setembro de 2014 a janeiro de 2015, enquanto em Jurujuba o período foi de agosto de 2015 a janeiro de 2016. Em Tubiacanga, no entanto, houve um imprevisto que fez as liberações retornarem de agosto de 2015 a janeiro de 2016, o que será discutido mais adiante.

Inicialmente estava planejado apenas um método de liberação, através de mosquitos adultos que eram soltos em vias públicas dos bairros. Assim foi realizado na primeira liberação em Tubiacanga. O programa, porém, nunca parou de aperfeiçoar seus métodos e na Austrália começou a ser testada uma nova forma de liberação, onde eram levados os ovos dos mosquitos para o bairro e estes nasciam no próprio local, através de um compartimento com água e comida. Vários foram os modelos testados para realizar a liberação da melhor forma, considerando tamanho do compartimento, material, quantidade de água, quantidade de ovos, quantidade de mosquitos, entre outros fatores. Os testes no Brasil foram inicialmente realizados na própria Fiocruz e depois contaram com a ajuda dos moradores, para saber se o modelo dava certo em situação real de campo.

Assim, em 2015, o Engajamento Comunitário buscou voluntários que poderiam hospedar o chamado Dispositivo de Liberação de Ovos, DLO, um balde plástico com tampa e quatro furos, que permitiam que os mosquitos saíssem quando adultos, mas sem que o local virasse criadouro para outros mosquitos. Os testes com o DLO, ou baldinho, como muitos moradores chamavam, foram realizados em Tubiacanga, Jurujuba e também Urca, mas sem que houvesse liberação de mosquitos ainda.

Liberação em Tubiacanga

A liberação em Tubiacanga, em setembro de 2014, foi a primeira a ser realizada pelo projeto brasileiro, a primeira do programa nas Américas, dando ao bairro o título de pioneiro. Inicialmente alguns moradores ficaram receosos, percebendo o local como cobaia para uma experiência que podia não ser segura, mas ao longo do tempo, com a maior parte do bairro apoiando, com matérias saindo em jornais e televisão, com segurança da Associação de Moradores e com conversas com o Engajamento Comunitário, o bairro começou a ter orgulho de receber primeiro o projeto.

Conversando com os moradores em entrevista, o maior receio era quanto a aumentar muito o número de mosquitos no bairro e se estes causariam outros problemas, como uma nova doença, por exemplo. Uma questão que a Associação de Moradores e também a equipe de Engajamento costumavam ouvir era se se podia matar os mosquitos. O projeto sempre orientou para que os moradores continuassem com seus métodos de proteção, como raquete, inseticida, repelente, ou o que quer que fosse, já que os mosquitos com *Wolbachia* deveriam ter a mesma chance de sobrevivência que os mosquitos do bairro.

No dia da liberação houve grande evento no bairro, com imprensa de diversos países, muitos jornalistas, fotógrafos, emissoras de televisão e muito movimento na rua. Sônia relata como um dia “histórico” e relembra:

“Nós fomos para lá... enquanto a gente tava na entrevista lá na Fiocruz já estava começando a chegar o pessoal. Quando nós chegamos na van aqui, que olhamos aquela esquina... falei gente...a gente tá em Tubiacanga mesmo? É muito bom né. Foi muita gente” (Sônia, Apêndice 3, Ent. 4, p.53).

No dia da primeira liberação a Associação de Moradores de Tubiacanga estava na Fiocruz, para comitiva de imprensa que registrava as falas destes, assim como do presidente da Fiocruz e dos pesquisadores responsáveis pelo Eliminar a Dengue. Os membros da Associação, como multiplicadores principais do projeto, eram os porta-vozes da comunidade e os que davam entrevistas para diversos veículos. Após este momento na Fiocruz, a Associação e a equipe se dirigiram ao bairro, onde a outra parte da equipe do projeto já estava organizando tudo e recebia imprensa e moradores.

O momento da primeira liberação foi histórico e ficou registado com pesquisadores e comunidade abrindo juntos os primeiros potes com mosquitos. Após esse primeiro momento, a liberação ocorria uma vez por semana, na parte da manhã.

Ao longo do período de liberação as opiniões dos moradores variavam, havia os que não percebiam diferença alguma e os que se incomodavam com os mosquitos. A equipe sempre liberava os mosquitos de manhã cedo, às 6h, para evitar desconforto dos moradores e também para que os mosquitos tivessem mais chance de sobrevivência devido ao clima.

Em Tubiacanga, no entanto, o período de setembro a dezembro foi atípico em relação ao clima, com um calor maior do que em outros anos e com a invasão de outros insetos, que chegavam no bairro através de plantas trazidas pelo mar. Muitos moradores relataram estar sendo picados por insetos e a equipe foi investigar. As armadilhas coletadas semanalmente evidenciavam um aumento grande no número de mosquitos, mas não eram de *Aedes aegypti* e sim do pernilongo comum.

As equipes de Entomologia, Comunicação e Engajamento Comunitário trabalharam juntas para encontrar uma solução que acalmasse os moradores. Assim, foi desenvolvido um material que explicava didaticamente a diferença entre os dois insetos e mostrava que os pernilongos estavam em quantidade muito maior naquela época (Anexo 10). A equipe de Engajamento Comunitário realizou um trabalho de “porta a porta” com o material e conversou com cada morador a respeito da mudança, esclarecendo quaisquer dúvidas que poderia haver. A Associação de Moradores também foi acionada para que recebesse as devidas explicações e para que ficasse ciente caso algum morador perguntasse. Além disso, uma reunião com os moradores foi organizada no clube local para tirar todas as dúvidas e esclarecer melhor o que estava ocorrendo.

O incômodo, no entanto, era grande e a população fez uso frequente de inseticida nesse período, o que ficou mais evidente quando a equipe viu os resultados da liberação. Semanalmente a equipe de diagnóstico analisava o conteúdo das armadilhas, permitindo estudar o percentual de mosquitos com a bactéria *Wolbachia* no bairro. Para a comunidade os resultados foram divulgados em apenas dois momentos, para que não houvesse ansiedade caso a percentagem diminuísse ou aumentasse de uma semana para outra, considerando que a flutuação é normal e esperada.

O resultado parcial, com 12 semanas de liberação, foi de 46% dos mosquitos do bairro com bactéria *Wolbachia* e o resultado final, após 20 semanas de liberação foi de 65% dos mosquitos possuindo a bactéria. Para a comunidade esses resultados eram distribuídos de casa em casa com informativo e uma versão em cartaz também foi produzida para ser afixada em comércios e outros locais. Além dos informativos, a equipe também realizou reuniões com os moradores para que os resultados fossem explicados em maior profundidade.

Após as 20 semanas de liberação, a equipe, que continuava monitorando a variação de mosquitos com *Wolbachia* através das armadilhas, percebeu uma queda no número de 65%, o que levou a uma investigação. O que foi descoberto é que os mosquitos liberados pela equipe eram menos resistentes a inseticidas do que os mosquitos já encontrados no campo (Garcia, Sylvestre, et al., 2019). O motivo é que os mosquitos do bairro já estavam acostumados ao produto e desenvolveram resistência, mas os liberados pelo projeto tinham ascendência australiana e mesmo tendo sido acasalados com os mosquitos brasileiros, ainda apresentavam mais fragilidade em relação ao inseticida.

A descoberta fez com que a equipe de entomologia realizasse mais cruzamentos com os mosquitos de forma a deixá-lo mais parecidos com os encontrados na região e, portanto, mais resistentes. O plano então era liberar mais mosquitos que tivessem essa resistência, mas para isso a população precisaria aceitar novamente o processo.

Como ocorreu a todo momento, a Associação de Moradores foi contatada e soube da situação antes de todos. Com seu apoio, a equipe de Engajamento fez mais uma vez o trabalho de ir de porta em porta explicando o que havia ocorrido e convidando para mais uma reunião comunitária. Os moradores compreenderam a situação e apoiaram um segundo momento de liberação no bairro. Talvez essa tenha sido a maior prova da efetividade do trabalho do Engajamento Comunitário e da relação de confiança que se estabeleceu entre a equipe e a comunidade, pois com diálogo e transparência, foi conseguida ainda maior aprovação da comunidade (90%) em mais um questionário de aceitação (Garcia, Sylvestre, et al., 2019). Para esta dissertação, no entanto, estes questionários não foram encontrados, portanto não constam na secção anterior.



Figura 19: Ilustração enviada pelo grupo de entrevistados. Imagem retirada do Jornal Ilha Notícias, 2015.

O segundo momento de liberação ocorreu então ao mesmo tempo que Jurujuba, de agosto de 2015 a janeiro de 2016, desta vez misturando dois métodos de soltura: em uma parte do bairro a liberação seria de mosquitos adultos, como a primeira liberação, e em outra parte do bairro os Dispositivos de Liberação de Ovos seriam utilizados. Os resultados deste segundo momento de liberação foram bem promissores e apontaram para um total de 80% de mosquitos com a bactéria *Wolbachia* no final.

Dispositivo de Liberação de Ovos e Liberação em Jurujuba

Os Dispositivos de Liberação de Ovos – DLO – testados e aprovados para liberação em campo eram uma estratégia interessante para a equipe de entomologia, como aponta relatório: “A grande vantagem deste método é a possibilidade do envio de ovos de mosquitos *Aedes aegypti* com *Wolbachia* para áreas remotas, sem a necessidade de existência de insetários para a produção de mosquitos” (Apêndice 4, Doc. 17).

Para a equipe de Engajamento Comunitário, a estratégia representava um grande desafio: ter autorização da população para que se solte mosquitos “da dengue” no bairro já era difícil, mas pedir que as pessoas criassem mosquitos em suas casas era um passo ainda maior.

A grande questão dos DLO é que seria muito arriscado deixá-los apenas em vias públicas, pois poderiam sumir, serem levados por chuva, virados ou sofrerem uma série de ações que fariam com que os ovos de mosquitos não pudessem crescer e sair. Assim, o

mais seguro seria deixar nos quintais ou outras áreas externas de propriedades de moradores voluntários.

Através do diálogo do “porta a porta”, foram conseguidos 50 voluntários em Tubiacanga (o que cobria a parte que receberia esse tipo de liberação) e 120 em Jurujuba, já que neste bairro a liberação de ovos seria a única estratégia utilizada. Nos dois bairros os DLO foram divididos em dois grupos e recebiam manutenção a cada duas semanas, tempo suficiente para que os mosquitos se desenvolvessem na fase aquática (4 estágios larvais mais a fase de pupa) e virassem adultos.

A manutenção era sempre realizada por um membro da Entomologia ou um AVS e um membro de Engajamento, a fim de ajudar no processo e coletar impressões dos moradores. Em entrevista, Maísa, de Jurujuba, conta a impressão que o bairro, e ela mesma enquanto anfitriã voluntária, tiveram com os DLO:

“É... o que nós estranhamos *muito* em relação ao DLO depois foi que apareceu *mosquito pra ca-ram-ba! (...)* Porque começou...a criação... E a gente, “tem que matar, tem que matar”... porque o que acontece? Estamos em pesquisa, a gente não pode deixar de fazer...a importância que eles sempre falam para gente, ‘não deixe de usar os seus métodos, raquete, inseticida...’” (Maísa, Apêndice 3, Ent.5, p.73).

O incômodo pela presença dos mosquitos também foi destacado por Firmino, que tentava conversar com os moradores que reclamavam:

“Eu fiquei preocupado também, tive muita conversa com a comunidade na soltura dos mosquitos, porque foi uma sensação de mosquito fora do normal, né, muita coisa. Então o pessoal ficava reclamando, ‘poxa, é muito mosquito, o mosquito tá me mordendo’. Mas foi aquele mosquito que veio com a...entendeu? Que veio com a... bactéria para poder...não ser nocivo” (Firmino, Apêndice 3, Ent.5, p.73).

Nas visitas de manutenção foram registradas muitas reclamações sobre a quantidade de mosquitos e o incômodo que causavam, havendo casos até mesmo em que o morador fechava os buracos no balde para que os mosquitos não saíssem. Foi percebido também que alguns moradores haviam aceitado o Dispositivo de Liberação de Ovos acreditando que seria uma armadilha para capturar mosquitos e não para liberar. Mesmo durante o período de liberação muitos pareciam ainda acreditar que o dispositivo coletava os mosquitos e comentavam que havia menos mosquitos na casa.

Como forma de perceber se as comunidades realmente haviam compreendido o intuito do DLO, foi elaborada uma estratégia em que se ouvisse os moradores e fosse

possível a partir disso produzir um discurso de mais fácil entendimento. O objetivo final da proposta seria produzir um vídeo em que os próprios moradores explicassem o DLO de forma clara e que seria transmitido aos que ainda tivessem dúvidas.

Um questionário simples (Apêndice 4, Doc. 18) foi produzido e a equipe de Engajamento se organizou em dias diferentes ao longo do mês de novembro de 2015 para conversar com os anfitriões. A metodologia envolvia uma conversa simples com morador em que este pudesse expressar suas opiniões sem que houvesse interferência. Se fosse percebida falta de compreensão sobre o dispositivo, o membro de Engajamento poderia ao final explicar o funcionamento do DLO ou mesmo do projeto como um todo.

Para o desenvolvimento desta dissertação os questionários foram individualmente analisados, visto que o relatório produzido pela equipe não foi encontrado. Assim como não houve nenhum relato sobre o que se fez com o resultado desta investigação. Ao que parece, a proposta foi aceita e colocada em prática apenas pela metade, considerando que foi feito o questionário com a comunidade, mas não houve retorno prático disso, com mudança no discurso ou criação de material específico.

Os resultados podem ser encontrados na íntegra em tabela no apêndice (Apêndices 6 e 7), mas aqui destacaremos as principais observações de acordo com cada bairro:

Tabela 7: Tubiacanga: 49 questionários aplicados

PERGUNTA	SIM	NÃO	NÃO RESPONDE
1.A: Você conhece como funciona o projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil?	46 (93,87%)	3 (6,12%)	0
1.B: E os outros moradores da casa?	38 (77,55%)	5 (10,20%)	6 (12,24%)
3: Você sabe o que o dispositivo faz?	40 (81,63%)	9 (18,36%)	0
4: Você sentiu alguma diferença depois que colocou o DLO?	24 (48,97%)	25 (51,02%)	0

Tabela 8: Jurujuba: 70 questionários aplicados

PERGUNTA	SIM	NÃO	NÃO RESPONDE
1.A: Você conhece como funciona o projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil?	52 (74,28%)	18 (25,71%)	0
1.B: E os outros moradores da casa?	51 (72,85%)	17 (24,28%)	2 (2,86%)
3: Você sabe o que o dispositivo faz?	54 (77,14%)	16 (22,85%)	0
4: Você sentiu alguma diferença depois que colocou o DLO?	47 (67,14%)	22 (31,42%)	1 (1,43%)

A primeira observação a ser feita é sobre o número total de questionários em cada área, que corresponde ao número de anfitriões. Em Tubiacanga eram 50 anfitriões, portanto falta um questionário. Não se sabe se um mesmo anfitrião possuía dois baldes nesta área ou se houve algum erro na coleta de respostas. Em Jurujuba alguns dos DLO foram instalados em vias públicas ou em locais em que o espaço era grande suficiente para receber mais de um balde, portanto um anfitrião poderia responder por dois ou mais DLO.

Com a percentagem, no entanto, podemos comparar melhor esses primeiros resultados e logo se percebe que, no geral, a comunidade de Tubiacanga parece conhecer e compreender melhor o projeto e o funcionamento do DLO. Se em Tubiacanga quase a totalidade dos anfitriões (93,87%) conhecia o projeto, em Jurujuba esse número caiu para 74,28%. Quantificar isso é importante pois mostra que mesmo as pessoas que recebiam semanalmente (ou quinzenalmente) o projeto em casa poderiam ainda não saber do que este se tratava. É relevante dizer que o entrevistado para o questionário não necessariamente era a pessoa que havia permitido a instalação, mas que o esperado seria que todos na casa conhecessem o projeto e o funcionamento do DLO independente disso, o que aponta para uma falha na comunicação dentro da mesma casa, como já explicitado em seções anteriores. A questão sobre se as outras pessoas da casa conheciam o projeto confirma a necessidade de maior comunicação: 77,55% para Tubiacanga e 72,85% para Jurujuba.

Em relação ao entendimento sobre o próprio DLO vemos que 81,63% das pessoas em Tubiacanga sabem como funciona, enquanto em Jurujuba o percentual é de 77,14%,

um pouco menos. Alguns moradores afirmaram conhecer o funcionamento do dispositivo, mas ao explicar confundiam com armadilha ou algo que eliminava os mosquitos. Nestes casos, mesmo que o morador dissesse conhecer, o membro de EC marcaria a questão como “não” e após o término explicaria mais uma vez ao anfitrião.

Na última pergunta, a diferença foi bem maior, considerando que em Tubiacanga apenas quase metade dos moradores percebeu diferença (48,97%), enquanto em Jurujuba a maior parte (67,14%) sentiu diferença com a presença do DLO. Essa maior percepção pode ter diversas causas, inclusive em relação à própria geografia dos bairros, já que em Tubiacanga os DLO foram instalados em locais mais abertos, enquanto em Jurujuba, grande parte dos DLO teve de ser instalado em locais com menos espaço, em que havia mais casas perto e a circulação do mosquito não era tão grande. No entanto, a percepção de incômodo também pode ter relação com o quanto o morador foi engajado antes de receber o dispositivo.

Analisando as respostas discursivas, nas questões 2 (O que te levou a ter um DLO em casa?) e 4B (Qual diferença o morador sentiu com a presença do DLO), além das observações realizadas, é possível perceber que os moradores mais envolvidos no projeto se sentiam menos incomodados com os mosquitos.

O principal motivo que levou os moradores do bairro de Tubiacanga a aceitar o DLO foi para “ajudar o projeto”, sendo 69,38% das respostas com esse intuito. Em Jurujuba também vemos com frequência essa resposta (67,14%), mas também percebemos algumas respostas “porque pediram” (8,57%), apontando para um não envolvimento real com o projeto. Uma outra parte (7,15%) neste bairro também disse aceitar porque acreditou se tratar de um tipo de armadilha.

Algo relevante de apontar em Jurujuba é que a instalação dos Dispositivos de Liberação ocorreu muito rapidamente, logo após o “porta a porta” e a aprovação do questionário principal. Assim, alguns dos anfitriões foram conseguidos no momento da instalação, sem que houvesse uma conversa anterior do engajamento com o morador, um trabalho “às pressas”, que deixou resquícios importantes, como a observação feita em um dos questionários:

“Disse que ninguém nunca explicou o projeto para ela, apenas colocaram o balde lá. Depois que expliquei ela entendeu e achou interessante, mas disse que vai explicar para o

marido para ver se eles mantem ou tiram o balde. (Atualização: o balde foi retirado e outro anfitrião substituiu)” (Obs. do DLO 6, Anexo 7).

No entanto, muitos também foram os comentários de apoio e de interesse pelo projeto, dando destaque para as explicações recebidas, como apontam algumas das respostas na questão 2: “Achou fantástico o projeto e acredita que a comunidade deve abraçar o ED, que é um grande benefício para a comunidade de forma gratuita.”; “Pelo engajamento, gostei do projeto e resolvi ajudar.”; “A maneira como foi explicado e a vontade de ajudar.”; “Explicação do projeto.”; “Sua esposa explicou o projeto e ele achou ótimo.”.

Na questão 4B, eram relatadas as diferenças que o morador sentia e o aumento no número de mosquitos foi o mais apontado em Jurujuba, com 54,28%, enquanto em Tubiacanga o aumento foi destacado por 28,57% dos anfitriões. Em ambos os bairros, no entanto, alguns moradores disseram não se incomodar, mesmo percebendo aumento, ou diziam entender, já que era “para o bem”. Como houve casos em que se confundia o DLO com uma armadilha, também tiveram algumas repostas que afirmavam diminuição no número de mosquitos: 7,15% em Jurujuba e 6,12% em Tubiacanga. Algumas das respostas em Tubiacanga eram referentes à diferença que o projeto causou no bairro e não quanto ao dispositivo em si, portanto vemos respostas dizendo que o problema de dengue no bairro melhorou desde a chegada do projeto.

Infelizmente não foi encontrado registo de resposta a esses questionários e não é possível saber se o discurso em relação ao DLO ficou mais claro e se as próximas áreas a receberem os dispositivos ficaram mais engajadas. No entanto, pela análise feita, é possível perceber que a maioria conhecia o projeto e entendia o dispositivo, ainda que não fossem todos, como seria ideal. No geral, o que se percebe pelos relatos é que as duas comunidades apoiavam bem o projeto e mesmo com algum incômodo elas entendiam que seria para um bem futuro e continuavam sendo parceiros.

Com esse apoio, ao final das liberações em ambos os bairros, o estabelecimento da bactéria *Wolbachia* já havia acontecido em 80% da população de mosquitos e devido à autossustentabilidade do método, mesmo após meses sem liberação, o número continuou crescendo, sendo que hoje em dia nos dois bairros, mais de 90% dos mosquitos possuem a bactéria e, portanto, não transmitem dengue, Zika ou chikungunya.

Antes de encerrar a questão é importante ressaltar que as formas de contato de Jurujuba e Tubiacanga durante as liberações foi bem diferente. Se em Tubiacanga a equipe constantemente levava informações e atualizações de porta em porta e realizava reuniões com a comunidade, em Jurujuba o contato foi principalmente com o Comitê Comunitário, que passava as informações adiante para os outros moradores. Também foram produzidos cartazes com resultados que eram afixados pelos multiplicadores, mas não foram encontradas cópias destes para que pudesse colocar aqui. Na próxima seção veremos que o retorno com atualizações foi algo que a comunidade de Jurujuba sentiu falta e que poderia ter sido melhor trabalhado mesmo com os membros do comitê.

O que Ficou

Para esta última categoria de análise quis trazer um pouco para reflexão do que foi este primeiro momento de Engajamento Comunitário no Projeto Eliminar a Dengue. Ficou claro ao longo do processo de investigação que o EC foi sendo construído aos poucos, na tentativa e erro, crescendo com o projeto e se adaptando ao que fosse preciso, seja encarando uma organização social diferente de um bairro para outro ou tendo de lidar com imprevistos de liberação.

Nas entrevistas que fiz perguntei um pouco sobre o que ficou para os bairros e o que foi importante e marcante. Do coordenador geral, ouvi que existiu muito aprendizado e que algumas práticas do engajamento ainda são mantidas até hoje, mas que para uma expansão em larga escala, era preciso um amadurecimento do grupo, afinal é impossível bater de porta em porta em uma cidade inteira. De Tubiacanga a resposta foi simples: “Conhecimento, foi muito conhecimento” (Marilea, Apêndice 3, Ent. 4, p.42). O grupo ressaltou que o projeto proporcionou mais educação sobre dengue, sobre o mosquito e as formas de se evitar a doença, que a comunidade começou a prestar mais atenção. Também foi ressaltado o quanto diminuiu a incidência de dengue no bairro, o que o grupo chama de “cura”, embora entenda que não é garantia de que ninguém ali terá as doenças. Em Jurujuba os entrevistados também utilizaram a mesma palavra, “cura”, para se referir aos resultados do projeto no bairro. Além disso, eles destacaram como “Foi interessante participar da *evolução* desse trabalho” (Carmen, Apêndice 3, Ent. 5, p.72), acompanhando todo o processo de descobertas e investigações. Destacaram as idas à Fiocruz e seus

laboratórios e a participação dos comitês em diversas etapas, como por exemplo, no desenvolvimento do DLO.

Carmen, ao ouvir uma fala de Firmino sobre as diferentes regiões do bairro na entrevista, ressalta algo muito importante no processo: “(...) que me chamou atenção na fala do Firmino, é essa questão de cumprir também uma tarefa social, sabe? O projeto, claro que é científico e tudo, mas ele também trouxe essa oportunidade, né?” (Carmen, Apêndice 3, Ent. 5, p.73). Para ela, o projeto ter juntado pessoas de várias regiões de Jurujuba foi muito importante, pois aproximou em um grupo diferentes interesses, idades, profissões, pessoas que talvez nunca estivessem juntas em um grupo, mas que nesse caso estavam e podiam acrescentar de forma única para a discussão.

O grupo de Jurujuba, no entanto, demonstrou diversas vezes uma sensação de abandono e apontou para o fato de que não há mais atualizações do projeto na região nem uma “propaganda” dos resultados de Jurujuba para outros lugares que o projeto está chegando, o que, na opinião deles, poderia facilitar a entrada. Maísa relembra uma última reunião que o comitê fez para discutir casos de chikungunya na região, mas que só ocorreu por iniciativa dela: “Essa reunião que teve aqui... foi porque eu fiquei insistindo, falando com ele dessas coisas... porque não tem mais satisfação para a gente. Esqueceram realmente a gente” (Maísa, Apêndice 3, Ent. 5, p.76).

Firmino defende que o trabalho no bairro continua, pois ainda existem armadilhas no bairro:

“Esse recolhimento, é a continuação ainda dos primeiros passos que eles deram para a pesquisa. Que eles estão pesquisando os mosquitos para ver se estão infectados com... os novos e velhos. Então continua no bairro ainda um trabalho nosso ainda, nosso trabalho não parou, nosso trabalho continua...” (Firmino, Apêndice 3, Ent. 5, p.77).

Para Maísa, não basta ter as armadilhas, já que ela sequer sabia que ainda existiam no bairro, e gostaria de um contato regular com o projeto para saber as atualizações. Carmen concorda e continua: “(...) a gente não tá sabendo. Eles vêm aqui e pegam, e aí, como é que fica? Falta o retorno. Que seria, ó, de 3 em 3 meses, 4 em 4 meses, o percentual tá em tanto...” (Carmen, Apêndice 3, Ent. 5, p.77).

O grupo, no entanto, diz que ainda está unido e disponível para qualquer ação do projeto e acredita que sem o Engajamento Comunitário nos bairros, não daria certo realizar

a liberação: “Eu acho que se, vamos supor, vai fazer uma reformulação, já mudou nome, já mudou *nanana*, aí agora não vai ter mais equipe de engajamento. Não vai funcionar não. Em lugar nenhum. Acho que não funciona não.” (Carmen, Apêndice 3, Ent. 5, p.75). Para o grupo de Tubiacanga, perguntei se o projeto receberia apoio sem as atividades do EC e a resposta foi imediata: “De maneira nenhuma” (César, Apêndice 3, Ent. 4, p.44); “O povo ia barrar a entrada. Não, isso foi essencial” (Cristina, Apêndice 3, Ent. 4, p.44). Tubiancanga acabava de se organizar e fortalecer como uma associação presente, que havia impedido um projeto de remoção em sua área. Esse percurso e o empoderamento que proporcionou ao bairro tornou a comunidade mais atenta e com certeza quem tentasse instalar qualquer projeto sem diálogo não teria sucesso.

Os dois bairros ressaltam a importância de terem sido pioneiros nesta nova forma de controle de dengue “O polo pioneiro foi aqui” (César, Apêndice 3, Ent. 4, p.48); “Não importa o nome, né, começou foi em Jurujuba. Pode parar...na outra galáxia, mas... A visibilidade que deu, que sempre Jurujuba vai ter, né... É uma coisa inegável.” (Carmen, Apêndice 3, Ent. 5, p.84). Os moradores passam uma sensação de orgulho e de seriedade do projeto e se mostram dispostos a ajudar sempre, pois confiaram no projeto e ele realmente entregou resultados em relação à diminuição das doenças, embora investigações epidemiológicas ainda estejam em andamento.

Por último, o que ficou do projeto nos dois bairros, Marcos resume bem: “Acho que mais relevante que a amizade que ficou é impossível...” (Marcos, Apêndice 3, Ent. 4, p.55). Tubiacanga e Jurujuba atentaram para os laços que foram construídos no projeto. As entrevistas contaram com citações carinhosas a antigos membros do Engajamento Comunitário que passaram pelos bairros, além de admiração pela figura de Luciano Moreira, um cientista acessível, presente, de fala clara e segura. A equipe de EC em diversos momentos buscou estabelecer uma relação de proximidade com as comunidades e foram criados laços que permanecem até hoje, inclusive entre os membros dos dois comitês.

Um projeto científico de dengue não é só sobre mosquito. É sobre mosquito, mas é principalmente sobre gente. Sobre gente e seus hábitos, sobre gente e seus conhecimentos, sobre gente e suas interações sociais, sobre gente e como essa gente lida com o mundo e como a gente lida com a gente. Como a gente, que é ciência, mas é sociedade, lida com a

gente, que é sociedade e se sente intimidada muitas vezes pela ciência, ou pela Academia. Como Ricardo fala em sua entrevista, pagamos “o preço das formas de relação da Academia com a sociedade e da Academia com a sociedade *no Brasil*” (Ricardo, Apêndice 3, Ent. 2, p.21), o que nos faz voltar a toda a nossa discussão na fundamentação teórica, com a hegemonia do saber acadêmico. A universidade relaciona-se muito pouco com a sociedade, menos ainda de maneira horizontal. Para alterar essa conformação é difícil dos dois lados, da academia, que deve igualar-se e ouvir e da sociedade, que deve se abrir e estar disposta a participar.

Uma das falas de maior impacto que ouvi de um morador em Tubiacanga enquanto ainda estava na equipe como participante foi “Muitos aqui nunca tinham visto um cientista”. Essa frase me marcou, cheguei a anotar em um caderno de campo na época, embora percebo que não era preciso. Que cientista inalcançável é esse? Naquele momento, embora a comunidade já tivesse contato com diversos pesquisadores da Fiocruz e de outros lugares (inclusive havia um doutorando de física que morava no bairro), a figura de cientista foi identificada apenas quando veio alguém que saiu do laboratório e falou em termos técnicos (a equipe de EC não era considerada cientista). É curioso pensar na imagem que construímos, todos nós, em algum nível, do que é a ciência e o cientista.

Também a surpresa de Carmen, moradora de Jurujuba, ao descobrir que “Doutor Luciano” não era médico, e sim pesquisador:

“Eu me lembro de uma reunião, essa foi uma surpresa grande para mim, quando eu descobri que Doutor Luciano não era médico. Eu fiquei...eu fiquei assim...para mim foi a maior surpresa... ele era DOUTOR Luciano, era médico, mas *Doutor* Luciano não é médico né?” (Carmen, Apêndice 3, Ent. 5, p.72).

O título acadêmico é algo que as pessoas não estão acostumadas e como se confunde com o título de médico e algumas vezes no Brasil, de advogado, o “doutor” passa a ter outro significado, o que foi curioso de perceber, uma vez que estando dentro da universidade, dificilmente nos atentamos de como pode soar estranho ou surpreendente para quem não está familiarizado.

Ao entrar em contato novamente com essas duas falas marcantes, mais uma me veio à memória, a que, para mim, foi mais intensa. No muro da Fiocruz, onde existe um ponto de ônibus em que eu e outros milhares de trabalhadores paravam todos os dias, tinha uma frase: “Fica você com seu sonho de doutor”. Parte retirada de uma música (“Tô

ouvindo alguém me chamar” – Racionais Mcs) que conta a história de um homem que, nunca encontrando seu lugar na escola e na sociedade, entra para o mundo do crime. A Fundação, com seu imponente castelo fica no meio de duas grandes comunidades em que prevalece a violência e a falta de acesso a direitos básicos, como de uma educação completa. Ao ver essa frase é impossível não repensar qual é o papel de quem está ali e como esse muro escrito, que divide duas realidades, é simbólico.

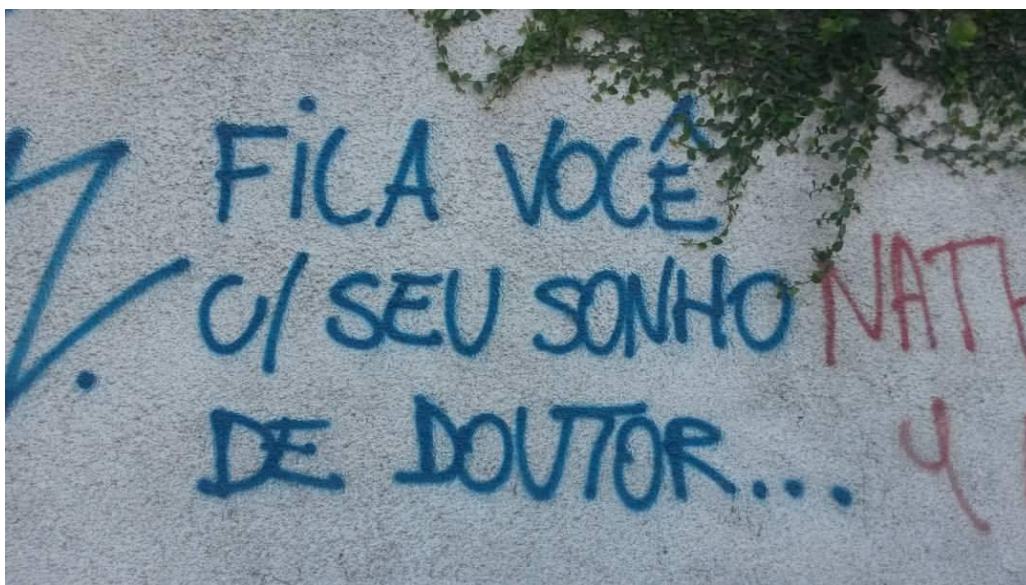


Figura 20: Muro da Fiocruz, fevereiro de 2016.

Uma dissertação inteira poderia surgir dessas três frases, mas deixo aqui apenas uma observação sobre a importância fundamental que é levar a ciência para perto da sociedade. Desconstruir a imagem do cientista genial fechado no laboratório fazendo grandes descobertas. A ciência precisa descer do pedestal, sair do castelo, precisa estar junto com as pessoas a que serve, precisa ser acessível, clara, humana. E precisa trazer essas pessoas para dentro, mostrar que elas também podem investigar. A popularização da ciência e o engajamento comunitário se mostram então essenciais para qualquer projeto que se proponha impactar a vida de pessoas com responsabilidade social.

Um trecho um pouco longo, porém essencial, de um texto da pesquisadora Kizi Araújo (2019) fala sobre o distanciamento da academia com a sociedade:

“Distanciamento, não restrito à divulgação dos resultados de pesquisa para o público não especialista, mas principalmente concernente à falta de interlocução, de troca, de imersão no território, fato que nos afasta das reais necessidades e prioridades de pesquisa da população. Produzimos conhecimento de forma hierarquizada, muitas vezes, sem entender se e como aquele conhecimento será incorporado às práticas sociais e à resolução de

problemas. Vivemos encastelados em nossos laboratórios, cada vez mais preocupados com a produção de papers, rankings, números e indicadores que norteiam a avaliação da ciência e do cientista; avaliação esta que nos confere reconhecimento e prestígio acadêmico. Preocupamo-nos, cada vez menos, com as aplicações dos resultados da pesquisa e com as consequências reais/sociais geradas por essa produção, em outras palavras, deixando à margem o compromisso social da ciência.

Precisamos refletir, enquanto comunidade acadêmica, que ciência estamos fazendo. Para que e para quem estamos produzindo conhecimento?

Uma ciência voltada para promoção da cidadania e resolução de problemas sociais tem de buscar entender as reais necessidades da população; este é o compromisso social da ciência! Para tal, é imperativo uma aproximação, a criação de pontes entre a academia e a sociedade (ponte no sentido de troca – via de mão dupla), com vistas a fomentar a participação social no processo de construção de conhecimento e possibilitar de fato a construção de uma ciência cidadã” (Araújo, 2019:355).

Capítulo V - Considerações Finais

Após todas essas secções, talvez seja interessante retornar aos nossos objetivos, estabelecidos no início deste trabalho para ver se foram cumpridos. O primeiro dizia respeito às metodologias utilizadas para alcançar e envolver as comunidades, enquanto o segundo questionava como a participação acontecia e como a comunidade havia recebido o projeto. Quanto às metodologias, vimos que o primeiro passo foi o de estudar a comunidade, identificar instituições e pessoas influentes e então aproximar-se desses grupos para apresentar o projeto e começar a traçar estratégias juntos. As atividades diferiam um pouco para cada comunidade, sendo que em uma ir de casa em casa de cada morador foi mais efetivo, enquanto em outra, contar com a ajuda de moradores multiplicadores teve grande destaque, ainda que não tenha mostrado tanto resultado em termos numéricos (como revelou o questionário). Atividades com escolas sempre estiveram presentes e em cada comunidade houve mais alguma instituição forte e representativa que assumiu grande parte da divulgação. A maior parte das atividades mostrou-se mais como divulgação do projeto, no sentido de distribuir as informações para o maior número de pessoas.

Os Comitês Comunitários contribuíram para que representantes das comunidades fossem uma ponte entre estas e o projeto e fizeram parte de uma construção conjunta de materiais em alguns momentos. As armadilhas e os dispositivos de liberação de ovos também contaram como método de envolvimento e participação das comunidades, que recebiam o projeto semanalmente dentro de casa e contribuíam para seu funcionamento. Um outro instrumento para participação foram os questionários, de caráter decisório na implementação do projeto. Os moradores também tinham, ao menos semanalmente (em alguns momentos diariamente), contato direto com as equipes do projeto e davam opiniões, sugestões e tiravam dúvidas a qualquer momento. Também eram constantemente convidados para reuniões em que atualizações eram dadas e havia espaço para diálogo e trocas, além de visitas à Fiocruz e aos laboratórios de pesquisa.

O terceiro e quarto objetivos buscavam saber, respetivamente, se o Engajamento havia influenciado no sucesso do Eliminar a Dengue e se seria uma estratégia interessante também para outros projetos. Considerando que sem aprovação comunitária não haveria liberação e que nos dois casos houve aprovação, já seria suficiente para considerar a importância da equipe. No entanto percebemos através das análises dos questionários, que quanto mais contato direto com a comunidade o EC tinha, mais consciente do processo

estava a população e, portanto, mostrava-se mais engajada e mais satisfeita com a ação do projeto no bairro. Segundo os próprios moradores entrevistados, era essencial haver o diálogo e o cuidado que o EC teve ao propor a implementação do projeto. Quanto a ser uma estratégia relevante para outros projetos, acredito firmemente que sim. Além de ser benéfico para o projeto no sentido de que com menos resistência da comunidade, fica mais fácil atuar, é de grande relevância social incluir a população em processos de decisão da ciência.

O Engajamento Comunitário vai além da simples divulgação quando pressupõe um envolvimento político. No caso do Eliminar a Dengue, as populações, munidas de todo conhecimento e tendo vivenciado o projeto de perto, têm o poder de decidir se querem ou não a continuação dos trabalhos em seu bairro. Há não apenas participação em decisão de atividades ou voluntariado com hospedagens, mas uma responsabilidade da escolha, de compreender do que se trata e optar. Essa responsabilidade, no entanto, não deve ser confundida com culpabilização. Uma vez, quando ainda estava no projeto, porém em outro bairro, em 2017, ouvi de uma profissional da saúde que as pessoas estavam estranhando esse poder de escolha. O questionário, nessa visão, serviria no caso de o projeto proporcionar algum problema e então poderia “culpar” a comunidade, dizendo que foi ela que aceitou, afinal de contas. É curioso, pois em todo esse tempo eu jamais teria tido essa ideia e, no entanto, soou tão natural naquele local, possivelmente por algum histórico.

A população no Brasil, no geral, não está acostumada a autonomia, a assumir responsabilidade política, a investigar antes de aceitar ou votar em algo. Por isso talvez o engajamento ainda demore um pouco para tomar toda a sua forma potencial, mas é essencial que continue e que cada vez mais projetos, da área da saúde ou não, continuem com o contato direto com as comunidades em que trabalham, comunicando, informando, mas principalmente envolvendo as pessoas, trazendo para seus laboratórios ou salas de pesquisa, mostrando como fazem cada etapa, aproximando ciência e sociedade.

Moreira (2006) cita Sagan ao falar sobre a importância da divulgação da ciência para a inclusão social:

“Construímos uma civilização global na qual os elementos mais cruciais dependem profundamente da ciência e da tecnologia. Arranjamos as coisas de modo que quase ninguém entende a ciência e a tecnologia. Essa é uma prescrição para o desastre. Em todos os usos da ciência é insuficiente, e na verdade é perigoso, produzir somente uma confraria

de profissionais altamente competentes e bem pagos. Ao contrário, alguns entendimentos fundamentais dos achados e métodos da ciência devem estar disponíveis na escala mais ampla” (Sagan apud Moreira, 2006:16).

Germano e Kulesza (2006) separam noções de *divulgação* e *popularização* da ciência. Para eles, a diferença é a mesma entre uma concepção de uma educação bancária de uma voltada para a liberdade. Eles argumentam que popularizar é muito mais do que informar ou divulgar, e sim colocar a ciência “no campo da participação popular e sob o crivo do diálogo com os movimentos sociais” (Germano e Kulesza, 2006: 20).

Então aqui voltamos mais uma vez para a questão da participação e ao longo de todo o processo, o que mais busquei entender foi o sentido de participação neste caso. Em algumas escalas na literatura a participação efetiva só se dá quando a população tem total controle para qualquer planejamento e decisão. Mas isso não é possível em um projeto científico, em que a maior parte das decisões já está tomada, e a participação tem de acontecer em menor nível, mais consultivo ou de forma a auxiliar processos.

A participação maior da comunidade foi em relação ao Engajamento Comunitário em si e talvez não ao projeto como um todo. A população não ajudou a pensar na melhor forma de inserir a bactéria no mosquito, nem em como seria a liberação ou o posterior diagnóstico. Mas a população estava o tempo todo dizendo como preferia ser engajada, dizendo os grupos que poderiam ser envolvidos, com quem falar, onde falar, que tipo de atividades poderiam atrair as pessoas, que tipo de material seria interessante e principalmente se eles gostariam de colaborar com o projeto. Se eles gostassem da ideia que já havia sido pensada, dos objetivos e métodos do projeto, eles tinham a opção de se envolver mais, de conhecer mais a fundo, de ter uma armadilha, de dizer se queriam ou não o projeto e contribuir com opiniões, sugestões e ideias. A participação se dá no contato direto e na troca constante e necessária entre ciência e sociedade. Com uma sociedade ativa e interessada e uma ciência empática e atenta.

É válido dizer que ao longo do processo de escrita da dissertação e passando por algumas falas e situações, entendi que relatar, contar uma história do Engajamento era pouco perto de todos os caminhos que se abriram. Yin (2005) fala como poucos estudos de caso terminarão da forma como foram planejados, considerando que o projeto pode ser alterado devido a novas informações e constatações que são descobertas no processo,

embora isso não deva alterar as perguntas de partida. De facto, apesar de algumas conceções que mudaram, minhas perguntas continuaram as mesmas e acredito ser necessário haver um trabalho base como este para poder explorar em outros trabalhos as outras perguntas que se abriram.

Muitos foram os temas abordados nesta dissertação, passando uma visão geral do que foi o Engajamento Comunitário do projeto Eliminar a Dengue, mas não aprofundando em nenhuma categoria em específico. Reconhecemos que trabalhos mais complexos podem ser tirados de diferentes secções, como materiais de divulgação, atividades, comitê comunitário, questionários de aprovação e diversos outros temas, que merecem atenção, até mesmo uma análise dos discursos orais utilizados pelas equipes em campo para apresentar o projeto. Assim, fica para o futuro a oportunidade de explorar melhor as categorias ou mesmo avançar na história do próprio projeto e fazer uma análise ou comparação do que é o Engajamento Comunitário hoje, durante uma expansão em duas cidades do Estado do Rio de Janeiro.

Como última observação, acho importante acrescentar, ainda mais se falo sobre trabalhos futuros na mesma área, que os documentos de Engajamento Comunitário apresentavam um arquivo falho e incompleto, em que muitos parecem perdidos. Além disso, diversos dados coletados na época não foram devidamente analisados, considerando que eu mesma tive de produzir relatórios e análise de questionários. É importante que o trabalho do Engajamento seja levado a sério também no sentido de produção de conhecimento, não apenas de trabalho prático em campo. Compreendo que a equipe possa ter ficado sobrecarregada em alguns momentos, com territórios de atuação maiores e mais complexos, porém uma melhor estruturação e cuidado com os arquivos é essencial para estudos futuros.

Referências Bibliográficas

- Aliota, Matthew; Peinado, Stephen; Velez, Ivan e Osorio, Jorge (2016). *The wMel strain of Wolbachia Reduces Transmission of Zika virus by Aedes aegypti*. Nature, Sci. Rep. 6, 28792.
- Aliota, Matthew; Walker, Emma; Yepes, Alexander; Velez, Ivan; Christensen, Bruce e Osorio, Jorge (2016). *The wMel Strain of Wolbachia Reduces Transmission of Chikungunya Virus in Aedes aegypti*. PLoS Negl Trop Dis 10(4): e0004677.
- Amado, João (2013). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra
- Assis, Sheila Soares; Schall, Virgínia Torres e Pimenta, Denise Nacif (2013). *As Representações Visuais da Dengue em Livros Didáticos e Materiais Impressos*. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde – RECIIS 7(3): 1-22,
- Berger, Guy (2004). *Reflexões sobre Democracia, Participação e Cidadania*. Cadernos Ice “Inovação, Cidadania e Desenvolvimento Local” 7, 13-30.
- Bondía, Jorge (2002). *Notas sobre a Experiência e o Saber de Experiência*. Revista Brasileira de Educação, 19, 20-28.
- Bourdieu, Pierre, & Passeron, Jean-Claude (1992). *A Reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Braga, Ima Aparecida & Valle, Denise (2007). *Aedes aegypti: Histórico do Controle no Brasil*. Epidemiol. Serv. Saúde, 16(2), 113-118. ISSN 1679-4974.
- Centers for Disease Control and Prevention (CDC) (1997). *Principles of Community Engagement* (1st ed) Atlanta (GA): CDC/ATSDR Committee on Community Engagement.
- Cook, P.E., McMeniman, C.J., O'Neill, S.L. (2008). *Modifying Insect Population Age Structure to Control Vector-Borne Disease*. Adv. Exp. Med. Biol, 627, 126-40.
- Denzin, Norman; Lincoln, Yvonna (2000). *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, Califórnia: Sage Publications.
- Dickert, Neal & Sugarman, Jeremy (2005). *Ethical Goals of Community Consultation in Research*. American Journal of Public Health, 95(7), 1123–1127.
- Dutra, Heverton; Rocha, Marcele; Dias, Fernando; Mansur, Simone; Caragata, Eric e Moreira, Luciano (2016). *Wolbachia Blocks Currently Circulating Zika Virus Isolates in Brazilian Aedes aegypti Mosquitoes*. Cell Host & Microbe, 19, 771-774
- Freire, Paulo (2011). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- Garcia, Gabriela Azambuja; Sylvestre, Gabriel; Aguiar, Raquel; da Costa, Guilherme Borges; Martins, Ademir Jesus; Lima, José Bento Pereira, et al. (2019). *Matching the*

Genetics of Released and Local Aedes aegypti Populations is Critical to Assure Wolbachia Invasion. PLoS Negl Trop Dis 13(1): e0007023.

Germano, Marcelo Gomes; Kulesza, Wojciech Andrzej (2002). *Popularização da Ciência: uma revisão conceitual*. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Físicas e Matemáticas. Departamento de Física, 19(1), 7-25.

Gómez, José Antonio Caride (2007). *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local. Perspectivas Pedagógicas e Sociais da Sustentabilidade*. Porto: Profedições.

Gravatá, André et al. (2013). *Volta ao Mundo em 13 escolas*. São Paulo: Fundação Telefônica

Hashagen, Stuart (2002). *Models of Community Engagement*. Scottish Community Development Centre.

Jardim, João Bosco & Schall, Virginia Torres (2015). Participação Social no Controle da Dengue: A Importância de uma Mudança Conceitual. In *Dengue: Teorias e Práticas*. Valle, Denise; Pimenta, Denise e Cunha, Rivaldo Venâncio. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Kolopack, Pamela; Parsons, Janet; Lavery, James (2015). *What Makes Community Engagement Effective?: Lessons from the Eliminate Dengue Program in Queensland Australia*. Plos Neglected Tropical Diseases, 9(4): e0003713 .

McNaughton, Darlene (2012). *The Importance of Long-Term Social Research in Enabling Participation and Developing Engagement Strategies for New Dengue Control Technologies*. PLoS Negl Trop Dis. 6(8): e1785.

Moreira, Ildeu de Castro (2006). *A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil*. Revista Inclusão Social, Brasília, 1(2), 11-16.

Moreira, L.A.; Iturbe-Ormaetxe, I.; Jeffery, J.A.L.; Lu, G.; Pyke, A.T.; Hedges, L.M.; Rocha, B.C.; Hall-Mendelin, S.; Day, A.; Riegler, M.; Hugo, L.E.; Johnson, K.N.; Kay, B.H.; McGraw, E.A.; van den Hurk, A.F.; Ryan, P.A. e O'Neill, S.L. (2009). *A Wolbachia symbiont in Aedes aegypti limits infection with dengue, Chikungunya and Plasmodium*. Cell 139, 1268-1278.

Morin, Edgar & de Almeida, Maria da Conceição (2002). *Educação e Complexidade: os Sete Saberes e Outros Ensaios*. São Paulo: Cortez.

Morin, Edgar (2000). *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez: Brasília, D.F.: UNESCO.

Morin, Edgar (2005). *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

Pereira, Thiago; Rocha, Marcele; Sucupira, Pedro; Carvalho, Fabiano e Moreira Luciano (2018). *Wolbachia Significantly Impacts the Vector Competence of Aedes aegypti for Mayaro Virus*. Nature, Sci Rep., 8(6889).

- Pimenta, Denise Nacif (2015). A (Des)Construção da dengue: de Tropical a Negligenciada. In *Dengue: Teorias e Práticas*. Valle, Denise; Pimenta, Denise e Cunha, Rivaldo Venâncio. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Popay, Jennie (2006). *Community Engagement for Health Improvement: Questions of Definition, Outcomes and Evaluation*. A background paper prepared for nice by professor jennie popay.
- Rasgon, J.L., Styer, L.M., Scott, T.W. (2003). *Wolbachia-induced Mortality as an Mechanism to Modulate Pathogen Transmission by Vector Arthropods*. J Med Entomol. 40(2), 125-132.
- Richardson, Roberto Jarry (1999). *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Rocha, Tião (2008). *Você é Educador?* Disponibilizado em: <https://pt.scribd.com/document/2974464/Voce-e-educador-por-Tiao-Rocha>.
- Rowe, Gene & Frewer, Lynn (2000). *Public Participation Methods: A Framework for Evaluation*. Science, Technology, & Human Values, 25(1), 3-29.
- Sales, Carla Paolucci (2014). *Engajamento Comunitário e Entendimento Público da Ciência: Primeiras Anotações para uma Agenda de Pesquisa*. Dissertação de mestrado, Fundação Oswaldo Cruz, ICICT, Rio de Janeiro, Brasil
- Santos, Boaventura de Sousa.; Meneses, Maria Paula (2010). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.
- Schall & Struchiner (1999). *Educação em Saúde: Novas Perspectivas*. Cad. Saúde Pública, 15(2), Rio de Janeiro.
- Schramm, Wilbur (1971). *Notes on Case Studies of Instructional Media Projects*. Working paper, the Academy for Educational Development, Washington, DC: ED092145.
- Scott O'Neill (2018). The Use of *Wolbachia* by the World Mosquito Program to Interrupt Transmission of *Aedes aegypti* Transmitted Viruses. In R. Hilgenfeld, S. G. Vasudevan (eds.), *Dengue and Zika: Control and Antiviral Treatment Strategies, Advances in Experimental Medicine and Biology*, Springer Nature Singapore Pte Ltd, 355-360.
- Sinkins, S.P., O'Neill, S.L. (2000). *Wolbachia* as a vehicle to modify insect populations. In *Insect Transgenesis: Methods And Applications* A.A. James, ed. (Boca Raton, CRC Press), 271-287.
- Stotz, Eduardo Navarro (1993). Enfoques sobre educação e saúde. In: Valla, Victor e Stotz, Eduardo Navarro (org.). *Participação Popular, Educação e Saúde: Teoria e prática*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Sylvestre, Gabriel (2012). *Impacto da Infecção com o Vírus Dengue 2 no Comportamento Alimentar, Longevidade e Fecundidade de Fêmeas de Aedes aegypti*. Dissertação de mestrado, Fundação Oswaldo Cruz, IOC, Rio de Janeiro, Brasil.

- Texeira, Luís; Ferreira, Álvaro; Ashburner, Michael (2008). *The Bacterial Symbiont Wolbachia Induces Resistance to RNA Viral Infections in Drosophila melanogaster*. PLoS Biol 6(12): e1000002
- Tindana, Paulina; Singh, Jerome; Tracy, Schawn; Upshur, Ross; Daar, Abdallah, et al. (2007). *Grand Challenges in Global Health: Community engagement in research in developing countries*. PLoS Med 4(9): e273.
- Valle, Denise; Aguiar, Raquel; Pimenta, Denise (2015). *Lançando Luz sobre a Dengue*. Ciência e Cultura, São Paulo, 67(3), 4-5.
- Vasconcelos, Eymard Mourão (2001). Redefinindo as Práticas de Saúde a partir da Educação Popular nos Serviços de Saúde. In: Vasconcelos, Eymard Mourão (org.) *A Saúde nas Palavras e nos Gestos*. São Paulo: Hucitec.
- Walker, T.; Johnson, P.H.; Moreira, L.A.; Iturbe-Ormaetxe, I.; Frentiu, F.D.; McMeniman, C.J.; Leong, Y.S.; Dong, Y.; Axford, J.; Kriesner, P.; Lloyd, A.L.; Ritchie, S.A.; O'Neill, S.L. e Hoffmann, A.A. (2011). *The wMel Wolbachia Strain Blocks Dengue and Invades Caged Aedes aegypti Populations*. Nature (476) 450–453.
- Wellcome Trust 2011. *Community Engagement - Under the Microscope*. Relatório colaborativo, disponibilizado em: https://wellcome.ac.uk/sites/default/files/wtvm054326_0.pdf.
- Yin, Robert. (2005). *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Web Bibliografia

- Portal Ministério da Saúde, *Dengue* (2018). Disponibilizado em: <http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/dengue>.
- Site do Projeto Eliminar a Dengue Desafio Brasil (2019). Disponibilizado em: <http://www.eliminatedengue.com/brasil>.
- The Guildford Community Engagement Strategy (2011). Guildford Uk. Disponibilizado em: <https://www.guildford.gov.uk/article/16952/Community-Engagement-Strategy>
- Vídeo World Mosquito Program - *Conheça o Nosso Método* (2018). Disponibilizado em: <https://www.youtube.com/watch?v=NjrMT4cDLWY>

Lista de Apêndices

Apêndice 1: Guiões de Entrevista.

Apêndice 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Apêndice 3: Transcrições de entrevistas.

Apêndice 4: Tabela de Documentos.

Apêndice 5: Percepção dos Anfitriões sobre o DLO – Tubiacanga

Apêndice 6: Percepção dos Anfitriões sobre o DLO - Jurujuba

Lista de Anexos

Anexo 1: Primeiro panfleto do projeto ED.

Anexo 2: “Newsletter” – Panfleto informativo direcionado para o bairro. Tubiacanga.

Anexo 3: “Newsletter” – Panfleto informativo direcionado ao bairro. Jurujuba.

Anexo 4: Panfleto – Comum a todos os bairros e instituições visitadas.

Anexo 5: Cartaz – Venha Participar Conosco.

Anexo 6: Cartaz – Resultados Parcial e Final Tubiacanga – Primeira Liberação.

Anexo 7: Cartaz – Resultado Final Tubiacanga – Segunda liberação.

Anexo 8: Cartaz – Esclarecimento – Monitoramento pós liberação.

Anexo 9: Panfleto Resultados Parciais Tubiacanga – Entregues em todas as casas (frente e verso).

Anexo 10: Panfleto de esclarecimento – diferença entre mosquito da dengue e pernilongo comum (entregue para cada morador).

Anexo 11: Exemplo de Cartão Comemorativo entregue aos anfitriões (no caso, dia da mulher).

Anexo 12: Exemplo de Carta entregue aos moradores (no caso, agradecimento do coordenador geral após o encerramento de liberação de mosquitos).

Anexo 13: Cartilha de atividades para crianças (apenas a capa).

Anexo 14: Materiais simples de divulgação – Imã de geladeira com telefone e panfleto com site.

Anexo 15: Gráfico – Monitoramento de mosquitos em Tubiacanga (exemplo de um dos gráficos entregues aos anfitriões).

Anexo 16: Gráfico – Monitoramento de mosquitos em Jurujuba (exemplo de um dos gráficos entregues aos anfitriões).

Anexo 17: Matéria de Jornal – exemplo enviado por morador de Tubiacanga (Jornal Ilha Notícias, 2015).

Anexo 18: Questionário de Aceitação Tubiacanga.

Anexo 19: Questionário de Aceitação Jurujuba.

APÊNDICES

ÍNDICE DE APÊNDICES

Apêndice 1: Guiões das Entrevistas	3
- População Tubiacanga e Jurujuba	3
- Pesquisadora australiana.....	4
- Membro de Engajamento Comunitário no projeto brasileiro.....	5
- Investigador principal do projeto brasileiro	6
Apêndice 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	7
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Português).....	7
- Free and Informed Consent Form (Inglês)	8
Apêndice 3: Transcrição das Entrevistas.....	10
Entrevista 1 – Coordenador Geral do Projeto	10
Entrevista 2 – Antigo membro do Engajamento Comunitário.....	17
Entrevista 3 – Membro do Engajamento Comunitário da Austrália.....	31
Entrevista 4 – Moradores de Tubiacanga	40
Entrevista 5 – Moradores de Jurujuba	65
Apêndice 4: Tabela de Documentos.....	95
Apêndice 5: Percepção dos Anfitriões sobre o DLO – Tubiacanga.....	119
Apêndice 6: Percepção dos Anfitriões sobre o DLO – Jurujuba.....	124

Apêndice 1: Guiões das Entrevistas

Guia de Orientação para Entrevistas

Entrevistador:

Entrevistado:

Data:

Local:

- População Tubiacanga e Jurujuba

Primeira parte: introdução da proposta de investigação. Os dois grupos já me conhecem e se conhecem entre si. Após toda a explicação, será lido o termo de consentimento em conjunto e se concordarem, continuaremos com as perguntas, que servem como uma linha para conduzir, mas trata-se de um roteiro semi-estruturado, havendo flexibilidade nas perguntas.

1. De que maneira primeiro ficou sabendo do Projeto Eliminar a Dengue? Como foi o primeiro contato?
2. O que te levou a participar ativamente desse projeto?
3. O que achou mais interessante de conhecer com esse projeto?
4. Você sentia que os outros moradores do bairro também apoiavam?
5. Dos que ainda tinham dúvidas e receios, o que mais se ouvia? Quais eram as críticas mais frequentes ao projeto?
6. Quais foram os maiores desafios para atingir as pessoas?
7. Que tipo de atividades achou que funcionaram mais nesse bairro para que as pessoas conhecessem o projeto?
8. O projeto informou bem e deu devolutivas de andamento? E de resultados?
9. O que sentiu falta durante a ação do projeto no bairro? O que poderia ter sido diferente?
10. Percebe resultados do projeto no seu bairro? De que forma?
11. Acha que o projeto contribuiu com algo novo para a comunidade?
12. Hoje em dia você ainda acompanha o andamento do projeto? Como?
13. Gostaria de acrescentar algum comentário, observação ou crítica que considera necessário para que se entenda a ação do Engajamento Comunitário junto ao bairro?

- Pesquisadora australiana

Contato por e-mail, me apresentando e explicando a intenção da pesquisa. As perguntas foram traduzidas para inglês, mas aqui constam em português para entendimento mais fácil.

1. Qual era a sua função no projeto Eliminate Dengue?
2. O que levou o projeto a utilizar o engajamento comunitário?
3. Apoiou-se em qual base teórica e metodológica?
4. Na sua prática em campo, percebeu diferenças daquilo que esperava pela teoria?
5. A equipe de engajamento era formada por profissionais de que áreas?
6. Eram quantos membro da equipe e para alcançar qual tamanho de população?
7. Quanto tempo de engajamento foi necessário antes da primeira liberação de mosquitos? Pode falar um pouco sobre as fases até a aprovação da comunidade?
8. Que tipos de técnicas funcionaram melhor para alcançar a comunidade?
9. Que tipos de técnicas não funcionaram muito bem?
10. Quais as maiores dificuldades encontradas?
11. A população se envolveu? De que forma?
12. O projeto ainda dá feedback para as comunidades em que iniciou o projeto? De que forma?
13. Você conheceu o engajamento comunitário de outros países? Acha que é muito diferente?
14. De que forma o Engajamento Comunitário foi passado para os outros países? Houve um documento guia para replicar a experiência?

- Membro de Engajamento Comunitário no projeto brasileiro

Primeiro contato por e-mail, me apresentando e apresentando o projeto. Entrevista individual.

1. Qual era a sua função no projeto Eliminar a Dengue?
2. As primeiras ações do engajamento no Brasil foram pautadas em algum documento da Austrália?
3. Que outras bases teóricas foram utilizadas?
4. Sentiu diferença entre a teoria e depois o que viu em campo?
5. Como a primeira equipe foi formada? Eram profissionais de que áreas e quantos?
6. Uma das preocupações no início da Austrália era entender a relação e conhecimentos que determinada comunidade tinha com a dengue. Houve algo semelhante no Brasil?
7. Fale um pouco sobre os primeiros passos que se tinha em cada comunidade, por favor.
8. Que tipos de técnicas funcionaram melhor para alcançar a comunidade?
9. Que tipos de técnicas não funcionaram muito bem?
10. Quais as maiores dificuldades encontradas?
11. A população se envolveu? De que forma?
12. Você conheceu o engajamento comunitário de outros países? Acha que é muito diferente? Se sim, em que sentido?

- Investigador principal do projeto brasileiro

O contato já foi estabelecido desde o início do projeto, tendo pedido o aval para investigar o engajamento do Eliminar a Dengue, coletado documentos, entre outros. O entrevistado está familiarizado com as propostas e lhe será explicado o termo de consentimento.

1. Qual é a sua função no projeto Eliminar a Dengue e como o projeto chegou ao Brasil?
2. Quais foram os critérios de escolha das primeiras comunidades?
3. O Engajamento Comunitário foi uma especificação da Austrália?
4. Como foi pensar em colocar um grupo assim na Fiocruz? Foi o primeiro?
5. Os pesquisadores do projeto brasileiro receberam bem a ideia?
6. Que tipo de preocupações iniciais tinha o engajamento no Brasil? Mapear conhecimentos sobre dengue? Conhecer sociopoliticamente a comunidade? Aprovar a liberação?
7. Quais foram as principais dificuldades de aceitação do projeto nos meios de instituições e outros órgãos, fora das comunidades trabalhadas?
8. De que forma o trabalho de engajamento comunitário é importante para a entomologia e outras áreas do projeto?
9. Qual foi o papel da comunicação nos primeiros anos? Ela construía o material baseado em estudos realizados pelo engajamento, em conjunto com este ou de forma independente?
10. O grupo de referência comunitária foi uma demanda da Austrália. Qual foi a importância no engajamento do Brasil?
11. O survey aplicado em Jurujuba foi diferente do de Tubiacanga. Porquê?
12. Desde 2012 a entomologia produziu muitos artigos com os estudos em laboratório. Por que o engajamento comunitário não fez o mesmo?
13. Hoje em dia o projeto está em uma fase de expansão e o engajamento comunitário teve de mudar bastante para atender públicos muito maiores e mais diversos, engajar e comunicar em massa, para muitos bairros ao mesmo tempo. Você acha que o engajamento realizado no início foi importante para a construção dessa nova fase? De que forma?

Apêndice 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Português)

O Engajamento Comunitário no Projeto Eliminar a Dengue Desafio Brasil, um Estudo de Caso dos Primeiros Anos

Pesquisadora Responsável: Julia Pereira Alves

Contato: Tel: (21)99995-2910 / E-mail: juliaalves.ce@gmail.com

Instituição: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto

Você está convidado(a) a participar da investigação intitulada **O Engajamento Comunitário no Projeto Eliminar a Dengue Desafio Brasil, um Estudo de Caso dos Primeiros Anos**, pois foi parte fundamental do processo de Engajamento Comunitário nos bairros de Tubiacanga e/ou Jurujuba, participando ativamente do Projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil.

Esta pesquisa visa a compreensão do que foi o processo de Engajamento Comunitário nos dois primeiros bairros em que o Projeto atuou, de modo a perceber a eficácia e organização das diferentes metodologias utilizadas para alcançar a população.

Este estudo não lhe trará nenhuma despesa, seu anonimato será garantido se assim desejar e seus dados serão sigilosos, não possuindo nenhum risco acrescido. Na presente etapa, a contar com a sua participação, as informações recolhidas serão efetuadas através de uma entrevista que terá o áudio gravado para permitir uma melhor compreensão dos fatos e possibilitar a futura transcrição. A sua participação neste estudo é voluntária e pode retirar-se a qualquer altura, sem que tal fato tenha consequências para si.

Os resultados desta pesquisa constituirão a dissertação de mestrado em Ciências da Educação da discente e pesquisadora Julia Pereira Alves, sob orientação do professor Doutor João Carlos Pereira Caramelo, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, no domínio Educação, Comunidades e Mudança Social. A dissertação será enviada de forma eletrônica para os participantes, assim como um relatório síntese com os principais resultados descritos de forma acessível.

(Julia Pereira Alves)

Depois de ouvir as explicações acima referidas, declaro que aceito participar desta investigação e estou ciente que posso retirar quaisquer dúvidas ou solicitar esclarecimentos para a pesquisadora responsável a qualquer momento, assim como retirar minha participação.

Assinatura: _____ Data: _____

- Free and Informed Consent Form (Inglês)

The Community Engagement in the Eliminate Dengue Challenge Brazil Project, a Case Study of the Early Years

Researcher Responsible: Julia Pereira Alves

Contact: Tel: +55 21 99995-2910 / E-mail: juliaalves.ce@gmail.com

Institution: Faculty of Psychology and Educational Sciences, University of Porto

You are invited to participate in the research entitled The Community Engagement in the Eliminate Dengue Challenge Brazil Project, a Case Study of the Early Years, as it was a fundamental part of the Community Engagement process in Australia.

This research aims at understanding the process of Community Engagement in the first two Brazilian neighborhoods in which the Project worked, in order to perceive the effectiveness and organization of the different methodologies used to reach the population.

This study will not charge you any expense, your anonymity will be guaranteed if you wish and your data will be confidential, with no added risk. Your participation in this study is voluntary and can be withdrawn at any time, without this having consequences for you.

The results of this research will constitute the Education Sciences master's thesis

of the student and researcher Julia Pereira Alves, under the guidance of Professor João Carlos Pereira Caramelo, from the Faculty of Psychology and Educational Sciences of the University of Porto, in the field of Education, Communities and Social Change. The dissertation will be sent electronically to the participants, as well as a summary report with the main results described in an accessible manner.

(Julia Pereira Alves)

After hearing the above explanations, I declare that I agree to participate in this investigation and I am aware that I can withdraw any questions or request clarification from the responsible researcher at any time, as well as withdraw my participation.

Signature: _____ Date: _____

Apêndice 3: Transcrição das Entrevistas

Entrevista 1 – Coordenador Geral do Projeto

Data: 05 de dezembro de 2018

Hora: 11:00 am

Local: Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz

Participantes: Julia Pereira Alves (entrevistadora) e Dr. Luciano Moreira (entrevistado)

Duração: 21'17''

J: A primeira pergunta, que é justamente para ter mais o registro, é qual é a sua função no projeto Eliminar a Dengue e como que o projeto chegou no Brasil.

L: Eu sou coordenador geral, vou falar meu nome, é Luciano Moreira, sou coordenador geral do Programa no Brasil e... começou... está gravando?

J: Tá, tá gravando.

L: E começou....quando eu voltei... da Austrália com a ideia de fazer a implementação no Brasil. Eu voltei na cidade no final de 2010 e comecei os primeiros passos em 2011, mas em 2012 foi mais efetivo, montando equipe e tudo mais.

J: E lá na Austrália você trabalhava com... no laboratório mesmo?

L: Então, eu fui fazer um pós doc, mas foi um pós doc longo, eu fiquei dois anos e meio e eu trabalhava no laboratório..... foi quando eu cheguei tinham acabado de botar a Wolbachia no mosquito e eu fiz os primeiros testes para a dengue, que a gente queria saber se os mosquitos iriam bloquear ou não, poderia se tornar um super vetor de dengue com a Wolbachia... e aí foi a grande descoberta, eu participei dessa descoberta de que os mosquitos com Wolbachia bloqueiam a dengue.

J: Lá você chegou a participar de alguma... já algum teste de campo, ainda não?

L: Nada, não tinha nada nessa época, era só pesquisa.... eu participei, eu lembro, na época, logo antes de eu sair, estavam fazendo o logo, aí as pessoas vinham com várias artes diferentes para a gente escolher ...qual que seria.... bem no início, foi realmente bem no começo. E aí depois eu voltando eu comecei a fazer parte da equipe, assim, eu coordenava no Brasil, mas começando a fazer as reuniões, quando tinha reunião dos países que começaram também, aí seria Austrália, no começo Tailândia também tava, mas depois saiu... no começo, bem no início, o Vietnã e a Indonésia, era só isso. E depois foi crescendo.

J: Entendi. E aí aqui já no Brasil, quais foram os critérios das...daqueles... dos bairros que começaram? Começou com uma lista grande e aí foi reduzindo?

L: É, tinha 28 áreas e aí a gente queria mostrar a diversidade do Rio de Janeiro, a gente queria... que tivessem áreas... é... que tivessem casos de dengue... áreas...é...que fossem um pouco isoladas também, porque como a gente era teste piloto, facilitaria também na parte regulatória, para a gente soltar os mosquitos e ter controle do confinamento,

digamos assim, dos mosquitos de uma determinada área, poder estudar mais a nível local. E aí, dentro das áreas, dessas 28, a gente chegou nessas 4, que eram Jurujuba, em Niterói, e aqui no Rio a gente tinha Tubiacanga, Urca e Vila Valqueire. Foram as áreas que a gente trabalhou mais, fez o trabalho de engajamento mais para preparar as áreas para fazer a liberação.

J: Eu lembro, eu não estava nessa época, mas eu lembro de alguém me falar que teve um surveyzinho também para saber se os bairros aceitavam. Teve nos 30? Ou não? (deveria ser 28)

L: Não, acho que não... não, survey mesmo eu não tô lembrado agora, Julia, mas o survey mesmo depois...

J: Era um para saber se as pessoas já aceitavam um projeto diferente entrando...

L: Aaah não, tipo, isso eu acho que... acho que... foi, eu não lembro se foram nos 28, mas nos 4 com certeza. Se as pessoas tinham interesse... e tudo mais.

J: Entendi. E isso já feito pelo engajamento? Pela equipe de engajamento?

L: Eu acho que já pelo engajamento. E depois, só nas duas últimas áreas que a gente soltou, Tubiacanga e Jurujuba, que foi feito um survey mesmo, um questionário maior, para poder realmente ver se as pessoas aprovavam e foi feito por equipe externa.

J: É, nisso eu já tava. E aí, o engajamento comunitário em si, ele foi uma especificação da Austrália? O projeto australiano teve essa...

L: É, é sempre a grande...é... preocupação, assim, e responsabilidade do projeto era sempre ter... nunca soltar mosquitos na área sem que as pessoas estivessem engajadas e aprovassem aquele processo. Então isso já veio assim, era um pré requisito de que as áreas fossem engajadas antes. Então, lógico que a gente adaptou para as condições locais, né, as atividades, mas já era um critério de engajamento, era um critério, assim, a primeira coisa a se fazer numa área.

J: Sim, já pré-determinado... E aí aqui, também na época eu ouvi, foi o primeiro grupo de engajamento comunitário da Fiocruz. Não sei se foi isso mesmo. Mas como que foi então colocar um grupo desse tipo aqui? Porque normalmente os projetos com mosquito já liberavam mosquito sem muito essa preocupação de engajamento, então teve algum desafio, você acha, de colocar um grupo desse tipo?

L: Você fala que foi...você fala na Fiocruz foi criado, por exemplo, dentro do programa aqui a gente criou uma equipe de engajamento, é isso?

J: É, porque eu tinha escutado que não existia nenhum projeto ainda, na Fiocruz, isso eu não sei, que tivesse engajamento. Então seria completamente uma coisa nova

L: Ah tá, era uma coisa nova, sim. Foi, realmente... a gente, acho que tinha...como a gente sempre teve muito contato com a Austrália, assim, a gente trocava muito experiência, assim. A gente montou e a ideia era realmente...fazer um processo para poder chegar e liberar os mosquitos. Assim, isso também vai muito do perfil da pessoa

que coordena o engajamento, então no início, a gente tinha uma pessoa que era bastante acadêmica, teórica, então a gente...ela...queria entender muito os processos, muito a parte teórica mesmo e diferente de...da segunda pessoa que já era mais prática, assim, faz um engajamento não muito com subsídio teórico para poder ir aqui ou ali aplicando teorias de...de... então acho que isso também muda muito de pessoa a pessoa.

J: Entendi. E aí como o engajamento veio... para você que coordenou, assim, de escolher pessoas para cada área e tudo mais, você pensou nisso, de ser alguém mais acadêmico, talvez ou foi realmente alguém que tinha proximidade simplesmente com a área.

L: É... não...é...eu não lembro, Julia, assim, qual foi...como eu cheguei na Cristina, na primeira coordenação...eu não sei se foi alguém que indicou...que já fazia alguma coisa...é...talvez... eu conhecia a Denise Pimenta, você conheceu a Denise Pimenta? Então, a Denise Pimenta, ela é filha de um pesquisador, é...de um pesquisador...hoje ela tá lá no René Rachou, e ela...trabalhava aqui por um tempo, ela tava fazendo doutorado no ICICT com a Cristina. Talvez ela...foi o contato que eu tive, assim, porque, isso foi uma dificuldade, quando eu cheguei aqui, como eu era de Belo Horizonte, eu não conhecia muitas pessoas, então foi difícil assim, foi mais por indicação daqui e dali, quem que eram as pessoas para compor a equipe.

J: Entendi. E você acha que os pesquisadores daqui, do projeto, enfim, os pesquisadores brasileiros, no geral, tiveram alguma dificuldade de receber essa ideia de engajamento? Por exemplo, a entomologia, que normalmente não está acostumada a pedir autorização, por exemplo, pedir apoio, alguma dificuldade de entender?

L: Tinha um pouco, assim, acho que tinha um pouco, era um pouco de mudança, assim, né, às vezes achando que estava sendo um pouco burocrático, né, de burocratizando o processo mas, é...mas a gente...foi mostrada a importância, tudo...lógico que tinha discussões, a gente via a melhor maneira de fazer as atividades para seguir esse cronograma. Mas acho que no fundo, depois foi visto, que era necessário, e eu acho que isso também é um diferencial *do nosso* projeto com outros projetos do mundo, que liberam mosquitos...os transgênicos, que foram muito criticados, você deve ter lido muito sobre isso, e...em vários países por não fazerem engajamento na população.

J: Exato, exatamente. E que tipo de preocupações iniciais tinha o engajamento no Brasil? Que pelo que eu tava vendo aqui nesses artigos...dessa moça...eles se preocupavam muito, em por exemplo, mapear conhecimentos de dengue que a população tinha...ou conhecer sociopoliticamente a região, coisa do tipo. Aqui no Brasil, é...fizeram pesquisas desse tipo? Por exemplo, conhecer o que a população sabia, de Tubiacanga, o sabia de dengue, ou coisa do tipo, ou...foi mais...

L: Sim, sim, teve. Você teve acesso a esse material o início...?

J: Não, não, eu queria saber justamente onde ficou guardado isso, porque eu não tenho.

L: Nossa, eu lembro que tinha de cada área um estudo assim, mostrando... descrição exatamente de cada área... O Ricardo, essa pessoa que eu te falei, ele seria uma pessoa boa... ele montou isso...

J: Vou ter que ir atrás dele, pois é

L: Ricardo Dantas

J: Vou procurar, Ricardo Dantas

L: É, eu lembro que tinha esse relatório, que falava, acho que das 28 áreas.

J: E aí o engajamento que foi atrás disso, procurar ou...

L: Acho que foi o Ricardo. Correndo atrás....no início, a gente tinha outras pessoas que também ajudaram, por exemplo, essa área, identificar essas áreas, tinha o Bento, que não era do projeto, era da entomologia, Bento que é do IOC, a Denise Valle, então pessoas que já trabalhavam nessas áreas, principalmente nessa área de mosquito, já conheceu....

J: Já tinha né? A Fiocruz já tinha bastante trabalho em Tubiacanga né

L: Já, já...desde 2004. Em Vila Valqueire...em outras áreas, em Belford Roxo, que era uma das áreas, várias áreas.

J: É, isso é importante. E você que conversou também com instituições e outros órgãos, além da população em si, quais as dificuldades que você acha que teve, assim, em relação à aceitação do projeto? Em instituições que você foi falar, enfim, quando o projeto *chegou* mesmo aqui.

L: Eu acho que é, mais assim, o medo do desconhecido né, de você também entender como uma ideia que nunca foi testada aqui e você trazer, colocar uma bactéria, que apesar de estar naturalmente encontrada na natureza e em outros insetos, colocar no mosquito que nunca teve, como é essa parte, aprovação regulatória disso, e aí foi todo um trabalho que a gente teve que fazer com o governo, com pesquisadores, com órgãos do governo para entender quem que ia fazer o processo de...de aprovação, para a gente utilizar. Então acho que...e aquelas outras...sempre perguntas, né, assim, será que esse mosquito não vai um dia parar de bloquear, ou será que ele vai bloquear dengue, mas vai ser muito suscetível para outro vírus...assim, perguntas que ficavam nessa....mas o que ajudou, nessa área, a gente teve análise de risco, que foi feito muito...pelos órgãos independentes, que é publicamente disponível pela Austrália, análise de risco...é....foi feito também no Vietnã, a gente usou esse material também para poder trazer como...constituir um dossiê para a gente ter essas aprovações.

J: Ah isso é bem bacana. E o engajamento, você acha que o trabalho do engajamento também foi importante para outras áreas do projeto? Para entomologia...enfim, para outras...adiantou alguma coisa para o trabalho das outras áreas?

L: Eu acho que...a gente...começou um processo que a gente faz até hoje, que é uma...um processo de corrente né, então você tem a onda de engajamento, passa por uma área... e comunicação, que está bastante atrelado né, acho que trabalhando juntos aí, o apoio da comunicação é o engajamento. Aí tendo o ok, o sinal verde para soltar, entra a entomologia, e aí monitoramento, a gente tem também toda a parte de dados, que corre paralelo e vai fazendo todo o estudo daquelas áreas de mapas e tudo mais, e depois hoje a gente tem, não tinha naquela época, além disso, a gente está vendo agora a parte epidemiológica, que a gente tá em áreas maiores, a gente tá vendo o impacto que o projeto

vai causar, né, na produção dos casos de arboviroses.

J: Falando de comunicação, então, nos primeiros anos, a comunicação, ela construía aqueles materiais, a newspaper, essas coisas, baseados em estudos do engajamento ou em conjunto com o engajamento ou era uma coisa separada....

L: Eu acho que é em conjunto e tipo, se a necessidade surgir, é discutido com a comunicação e a comunicação faz esses materiais para ajudar no processo. Um exemplo, ah a gente precisa falar sobre o DLO, que é aquele dispositivo de liberação de ovos, aí a comunicação trazia material, fazia para poder ajudar nisso.

J: Ela fazia de forma separada e *depois* passava pelo critério do engajamento, o engajamento analisava ou era tudo junto?

L: Não, a gente tinha sempre reuniões juntos, até a entomologia também, é...junto. A gente tinha reuniões semanais dos coordenadores de cada área, então, por exemplo, tem uma demanda, para a comunicação. Aí a comunicação trazia opções por e-mail antes e as pessoas falavam “ah isso tá legal”, “não tá”, e aí voltava e...para adaptar a nossa realidade, a necessidade.

J: Ah, legal. Eu lembro também, eu não tava nessa época, acho que foi a Nathália que me falou que eles fizeram até um grupo focal, uma coisa assim para analisar alguns...alguns...materiais, por exemplo, identificou *palavras* que as pessoas não reconheciam. Em Tubiacanga, às vezes a palavra “residência”, a pessoa não sabia o que era. Então eles redefiniram todo o material...isso foi também um trabalho em conjunto comunicação e engajamento?

L: Sim

J: Entendi. E aí depois o survey, ele foi aplicado em Tubiacanga e Jurujuba, eu já estava nas duas fases também, só que o de Jurujuba, ele foi um pouco diferente do de Tubiacanga, ele foi mais...enxuto, eu acho. Você lembra o porquê foi isso? Qual foi a...por que que foi diferente um pouco?

L: É...mais enxuto você fala, como, com menor amostragem?

J: Não, não, amostragem na verdade eu não sei como....

L: Aaah você está falando do survey, acho porque....o...eu acho que foi o seguinte, é...como eu te falei, a primeira coordenação de engajamento era bastante teórica, então ela queria estudar muito a população, assim, era uma coisa muito...criteriosa em termos de estudar, vários parâmetros, aquela população...

J: Que não necessariamente eram do projeto em si, mas...

L: Mais amplo. Então, a gente achou que tava muito loongo, o questionário todo e a gente reestruturou o questionário para ficar mais enxuto, para demorar menos, para ser menos...que às vezes as pessoas até desistiam de...de responder porque era muito longo.

J: Teve casos desse em Tubiacanga, de a pessoa falar “ah não...”

L: Eu acho que...ou não entendia, porque tava muito complexo...eu acho que tiveram alguns casos assim. E aí a gente tentou enxugar para pegar as informações importantes, mas ser...tipo assim, ter o mínimo necessário para a gente poder falar. Eu acho que depois, hoje já é diferente mais ainda, foi mais sucinto.

J: Então Tubiacanga foi feito pelo próprio engajamento, uma coisa um pouco mais metódica e tal e o de Jurujuba foi uma empresa já? Ou não?

L: Não, Jurujuba foi o pessoal de BH, que veio para fazer

J: Não, mas a formulação

L: Ah não, fomos nós mesmos

J: E aí, agora, partindo questão de produção...de artigo, produção acadêmica, justamente. Que desde 2012, a entomologia produziu vários artigos, né, os estudos de laboratório que eles fizeram... Mas o engajamento acabou não produzindo. Eu não sei se na época da... da Cristina teve produção...

L: Ela teve, chegou a ter um projeto da Faperj...assim, para...que ela ia trabalhar nisso, mas ela...acho que não levou a frente... Assim, foi...assim, eu sempre...assim, eu achava muito importante essa coisa de publicar e tudo, eu sempre incentivava, mas assim...não dependia só de mim, né, de correr atrás, as pessoas tinham que ter iniciativa. E não aconteceu...assim, não aconteceu. Por exemplo, hoje o Guilherme tá, também vem falando, falando, falando...esse ano ele começou a escrever um artigo e.... e tá ainda escrevendo. Sobre realmente o engajamento, desse negócio de território, e tudo mais. Tá saindo um artigo em conjunto de Tubiacanga, foi aprovado agora, a gente pode até ver, o Gabriel pode te passar o pdf. Que tem uma sessão de engajamento e comunicação.

J: Ah isso é ótimo...escrito aqui, pelo pessoal do...

L: Foi...

J: Ah que bacana, muito legal isso...

L: Pessoal antigo, que já saiu também da equipe

J: Ah legal, eu vou pedir isso então, porque eu tava vendo assim, no geral...

L: Mas é sucinto, não é muito não

J: Sim, sim. É que quando a gente olha até na...na aba mesmo do site, do engajamento global, se você olha só a parte dos artigos, aí tem um monte de páginas e páginas e páginas e você vai no engajamento, tem quatro ou cinco... mas gente, é tão importante, por que tem pouca produção...?

L: É, eu concordo com você, concordo com você

J: Não é só daqui, eu acho que global... tem pouca gente...falando né

L: É, exatamente, eu concordo, eu acho que é...e... Eu não sei se você já viu o artigo novo de Townsville, que fala do...que saiu na Gates Open Reserch...

J: Não, o último que eu vi foi 2015

L: Não, saiu um agora que ele já fala do PAM. Entendeu, ele mostra como funciona o PAM

J: Ah isso é bem legal. Então, falando justamente também dessa fase de expansão, agora o engajamento também já é totalmente diferente daquela engajamento, mudou várias vezes né, a forma de engajar e tudo. Mas você acha que foi...o que foi realizado lá no início, tanto com a Cristina, depois com o Jorge, enfim, toda a base do engajamento né, Jurujuba e Tubiacanga, foi importante para a construção dessa nova fase? De engajamento?

L: Eu acho que sim, eu acho sim, eu acho que foram também fazia parte da... da realidade do que era no momento e também do...da escala que era no momento...a gente, lógico que a gente não poderia nunca, a gente tentou lá em Tubiacanga e Jurujuba, praticamente...conversamos, a gente batia de porta em porta, conversava com todo mundo, mas pensa em áreas que a gente tá hoje, é impossível, então assim tem que ter um...uma mudança, uma *maturidade*, eu acho que seria isso, no processo, eu acho que é isso que tá acontecendo hoje.

J: Você acha então que teve aprendizados suficientes pra..

L: Com certeza, para tirar coisas, tem coisa que a gente mantém...

J: Ah bacana. As minhas perguntas...eram mais essas mesmo, para tentar entender um pouquinho, mas se você achar que tem alguma outra coisa que possa...contribuir

L: Eu acho que você cobriu tudo, Julia. Se você tiver mais alguma coisa pode me mandar depois, eu respondo por e-mail

J: Tá ótimo, porque a ideia é justamente entender como o engajamento chegou e como ele foi construído, no início, nos primeiros bairros e tal. Então é isso, muito obrigada, Luciano

L: Tá ótimo, eu que agradeço

Entrevista 2 – Antigo membro do Engajamento Comunitário

Data: 20 de dezembro de 2018

Hora: 14:00h

Local: Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz

Participantes: Julia Pereira Alves (entrevistadora) e Ricardo Dantas (entrevistado)

Duração: 45'20''

Julia: Então, primeiro, qual era a sua função no projeto Eliminar a Dengue?

Ricardo: É...minha função...foi, ah, fazer uma coordenação de campo no engajamento comunitário. E tentando transformar essa discussão, é...algumas propostas teóricas, metodológicas, de como fazer, numa, numa...operacionalizar isso, né, nas diferentes comunidades.

J: Uhum. E nisso você estava junto com a Cristina, ou era...

R: Com a Cristina. Eu trabalhava diretamente com a Cristina e tinha uma outra equipe junto, né, tem a Michelle Nacif e tinha a Denise...Denise...Denise Nacif também. Que atualmente ela tá na Fiocruz... na Fiocruz Minas. Então era... Tá, aí tinham várias outras pessoas envolvidas, mas pessoas tavam envolvidas em outros projetos da Cristina Guimarães, mas que em algum momento se envolveram no engajamento comunitário lá.

J: E essa... pode falar

R: Em algum momento, é...com excesso de situações que a gente tinha que ir ao campo e ficar registrando coisas e...isso me tomava muito tempo e ao mesmo tempo tinham outras cobranças. É...e aí eu negocieei um pouco com a Cristina, é...de ficar mais fazendo as tarefas...é... as tarefas que tinham que ser feitas, por exemplo, levantamento do número de casas, mapeamento...é...alguns trabalhos de levantamento de informação socioeconomica e menos no campo, eu tava no campo em menos situações e aí quem acabou coordenando o campo um pouco foi a Michelle Nacif.

J: Sim, é a Michelle, eu acho que cheguei a conhecer...ela tava saindo quando eu entrei.

R: Ela foi fazer doutorado na... federal do Espírito Santo.

J: Isso, foi isso. E aí, essa primeira equipe então era formada por pessoas de áreas distintas ou tinha uma... linha em comum, eram pessoas da mesma área de pesquisa, mais ou menos...?

R: Mais ou menos... tinham pessoas de várias formações...

J: É, pois é, eu lembro que tinha alguém de educação física, alguém de...então eu não sabia muito bem como era... a proposta da...

R: Isso, eu não vou saber dizer exatamente qual era a área de formação de cada um, mas não, certamente não era, até porque eu talvez seja... a formação... eu sou geógrafo. E na verdade eu fui chamado *como* geógrafo.

J: Ah sim, mais de mapeamento mesmo.

R: É, uma seleção de um geógrafo que pensava... a ideia acho que era alguém que pudesse fazer esse trabalho no campo, de levantamento de informações, então mais...mais ampliado nesse sentido.

J: Entendi. E aí, vocês tinham... eu lembro que tinha uma questão de uma lista de 28 bairros que eles tinham pensado mais ou menos, eu não sei, entrou até Paraty nessa... nessas hipóteses de áreas que poderiam ser. No final foram só quatro. Jurujuba, Tubiacanga, é...

R: Urca

J: É, Vila Valqueire e Urca, exatamente. Essas duas últimas acabou não tendo liberação ainda, mas... deve ter no futuro. E aí, vocês fizeram esse mapeamento só *nessas* quatro áreas ou vocês acabaram fazendo antes, até mais...coisas *para* chegar nessas quatro áreas? O engajamento atuou aí?

R: Não, a gente levantou...eu vou tentar lembrar....pelo que eu me lembre, o levantamento mais de campo, é...estando presente nos lugares, acabou sendo só nessas quatro. Esse levantamento anterior foi feito....mais...um levantamento, é...mais aberto, sem necessariamente ir até o local, mas juntando informações que estão disponíveis. É, eu nessa fase que tinham 28... 28 né? Quando eu cheguei, já não eram 28 mais, eram 16, 17, aí depois foi reduzido para 4, essas 4 que a gente...que a gente foi.

J: Entendi. Você chegou logo no início do engajamento, ou por acaso eles já tinham começado alguma outra coisa e *depois* o engajamento...

R: Eles já tinham começado essa área...essa parte de definição, que tinha mais a ver com critérios...de ocorrência de dengue e de critérios entomológicos, né, do pessoal do IOC, do que propriamente uma dimensão socioeconômica. Esse trabalho...eu cheguei no *começo* desse processo já de levantamento, de definição das áreas e... e aí já um trabalho de campo nas áreas, né, de engajamento.

J: Entendi. Lá no início, eu tava vendo uns artigos e tudo mais, da Austrália, e eles estavam muito preocupados em entender a relação que as pessoas tinham com a dengue, de *conhecimento*. Então eles até aplicaram alguns surveys, é, para ver o quanto as pessoas conheciam do mosquito, ou da dengue em si. Você lembra se teve isso aqui? Esse tipo, assim, *básico*....

R: Teve um primeiro, que era relacionado a um trabalho de instalação de armadilhas nas casas. É... mas é uma sondagem que eu acho, se eu não me engano, era mais simples do que a feita na Austrália, porque as pessoas aqui tem um conhecimento mais profundo do que é dengue, porque tem propaganda, tá na mídia e tal, no cotidiano das pessoas com muito mais...é, muito mais intensidade do que na Austrália. O número de casos na Austrália é menor do que o número de casos no Município do Rio de Janeiro.

J: Uhum. Então não teve exatamente essa preocupação de uma coisa tão...

R: Tão refinada não, mas teve... assim, não vou dizer para você que não teve, a gente quis entender o conhecimento que as pessoas tinham, até porque isso é importante para o trabalho...

J: Da dengue em si

R: Da dengue em si, da dinâmica, do mosquito, das formas de prevenção... Mas assim, eu digo que é menos aprofundado do que foi feito na Austrália. Eu tenho essa impressão. Mas o que foi feito aqui foi uma coisa sim de entender...entender um pouco essa...

J: Entendi. E as primeiras ações do engajamento, elas foram pautadas em algum documento que veio da Austrália ou eles deixaram um pouco mais livre para o Brasil construir...o que achasse necessário? Não sei se teve um...alguma coisa guia assim...

R: Não. Não, tanto que...não, a gente teve que mais ou menos inventar, com aspas né, e tentando produzir uma situação que a gente encontrou.... (Os mosquitos aqui são com wolbachia hahah tem muito). Mas o...é...o que eu tava falando, fui fazer a piada, esqueci...

J: Se teve algum documento que foi usado...

R: Não, é, não, foi uma coisa mais...tentando encontrar referências da literatura e a partir de algumas experiências que as pessoas já tinham tido e conversando sobre isso que a gente vai tentando def...tentando desenhar uma estratégia. É... isso, isso é o tipo de coisa que me falta na memória. Eu lembro que tinha o primeiro questionário, que eu não lembro se teve essa passagem da Austrália para cá. Mas a gente tinha uma dificuldade, que a gente não tinha...experiência nesse sentido. O que a gente conhecia, a gente tinha uma relação com a... GHS(?) (tentando lembrar o nome)

J: Sim, exato, o Luciano lembrou, eu nem lembrava mais, da Mônica, do...

R: Isso, da Mônica, do Alexandre... que tinha algumas experiências de engajamento, mas principalmente com essa comunidade...de...de soropositivos. É... e aí eles trocavam algumas experiências para a gente tentar...fechar de alguma maneira. A gente cobrou muitas vezes essa...essa...essa troca de experiências com o que ocorria nos outros pontos do projeto, afinal ele tava em vários lugares da Ásia e tal. E a gente acabou tendo...em janeiro de 2013 (tentando lembrar), que a gente teve uma grande reunião das equipes de engajamento comunitário dos diversos países para discutir questões relacionadas ao engajamento comunitário... Foi para a Austrália e sentou com esse pessoal...que trabalhava no Vietnam, que trabalhava na própria Austrália, que trabalhava...

J: Interessante. E você achou diferente, bem diferente, o que vocês estavam fazendo aqui do que tavam fazendo lá em outros lugares? Ou...também não sei se já tinha começado muita coisa aqui né, quando teve essa troca, mas...

R: Não, a gente já tinha começado, mas era uma coisa que a gente tava, posso dizer que a gente tava construindo né, tava tentando identificar as formas de aproximação, e... Agora... é... desculpa, eu me perdi...

J: É, se para você era muito diferente, assim... o engajamento que era feito aqui... até do da Austrália, ou até de outros lugares...

R: Ah tá. Eu tenho a impressão que não. O que talvez seja uma coisa que diferenciava fosse a forma de organização comunitária dos lugares, que facilitavam ou dificultavam essa...essa entrada nos territórios. Então a estrutura social no Vietnam vai ser absolutamente diferente daqui...um coisa é entrar numa favela aqui, outra coisa é entrar em um bairro rico... Mas assim, a impressão que dava era que...guardava algumas

semelhanças, embora tivesse algumas particularidades cada um deles. É...enfim. Mais nesse sentido que eu conseguia...que eu consigo lembrar da diferença.

J: Uhum, sim. E você falou agora um pouco das bases teóricas que vocês pesquisaram bastante. Você lembra um pouco de...da onde... ao que que vocês recorreram assim, de teorias, ou metodologias, disso... (silêncio) Se foi brasileiro também, ou se não foi...se foi mais em área de saúde, ou... porque é uma coisa muito nova né, o engajamento aqui, o engajamento comunitário aqui é uma coisa...muito recente. Pelo menos na Fiocruz, eu acho foi o primeiro grupo, se não me engano...

R: Foi o primeiro grupo, o primeiro grupo...

J: Então é uma coisa muito... tatear....

R: Com esse nome e... porque a gente tentava identificar experiências, que a própria Fiocruz já tinha analisado, mas que não necessariamente eram...que você poderia chamar de engajamento comunitário. Isso que a gente tá falando né. Quando você tá com uma estratégia de massa, você não está fazendo engajamento comunitário, você tá fazendo comunicação e relações públicas.

J: Exatamente

R: Mas...é...eu acho que a gente fazia buscas de bibliografia, é... na literatura internacional, principalmente

J: É, tinha mais coisa, talvez?

R: Tinha mais coisa na literatura internacional que na literatura brasileira, acho que foi mais ou menos daí, desses teóricos que pensavam esse tipo de iniciativa... na África... na própria Europa, mas.... É, é um pouco nesse sentido e tentando dimensionar que tipo de coisa seria interessante a gente trazer e captar nos diversos lugares, né. Então essa coisa de trabalhar com os stakeholders, essa coisa de tentar uma comunicação com as pessoas, essa coisa de...estimular as pessoas a...a ter uma troca...mais direta e menos assimétrica... “eu sou cientista e vou te dizer como é”, não é assim a ideia, essa é a questão, é...é, eu acho que é...isso, a busca era na literatura mesmo.

J: Sim, e aí você sentiu uma diferença entre essa teoria que vocês pesquisaram e depois no campo mesmo? Quando vocês foram e viram, se depararam com uma realidade que, talvez não estivessem esperando, ou...fosse um pouco diferente

R: Essa é uma pergunta difícil. Eu...eu não saberia te dizer agora... O que eu acho que é que faltava...talvez falte na literatura, não sei, talvez você possa me dizer isso, talvez falte na literatura uma discussão sobre esse tipo de engajamento relacionado a esse tipo de estratégia. Porque talvez tenha coisas de engajamento que tenha a ver com... “vamos experimentar uma nova droga...para combater o HIV”, “vamos experimentar uma droga para tuberculose”, “vamos...” ... Outra coisa é saber que o cara vai soltar o mosquito na porta da tua casa. Então eu acho que isso é, *era*, pelo menos, uma lacuna na literatura. Então talvez a diferença que a gente sentia era como é que a gente...como é que a gente interagia com as pessoas, porque, diferentemente de um grupo organizado, de pessoas que tem...que tem...que são soropositivas e que tem... e que você vai lá e as pessoas te

procuram... a gente tinha que bater na porta, talvez essa fosse uma diferença importante. E se propor a conversar e estar aberto a ouvir...o que fosse necessário ouvir.

J: É, até porque é uma coisa muito diferente, a gente tá acostumado a matar mosquito e a gente chega e fala “vamos *soltar* mosquitos”. E não apenas mosquitos, mosquitos com uma bactéria que você nunca ouviu falar, então realmente... é muito... mais complicado

R: É, tem o discurso...tem o discurso de convencimento no sentido de falar “olha, não, essa mosca tá na mosca da fruta. Sabe essa mosca que aparece na tua banana, então, é essa mosca...essa bactéria tá nessa mosca...e ela não vai ser...nociva.

J: Exato. E vocês sentiram no início, depois você não ficou tão mais em campo, mas vocês sentiram a necessidade talvez de realmente *convencer*, tentar convencer as pessoas ou elas aceitaram talvez...bem, até...é... eu não sei, eu lembro quando...dependendo do lugar que eu chegava, falava e explicava, algumas pessoas achavam maravilhoso, incrível, a tecnologia, nossa, tragam isso para cá. E em outras elas ficavam com muito receio, muito medo de que a gente tivesse...levando uma nova doença...ou coisa do tipo...

R: Eu acho que tinham *casos* de pessoas nesse sentido, que tinham essa sensação...é mais do que propriamente uma sensação coletiva. Que eu me lembre. É... de um modo geral talvez eu possa dizer que a gente...como é que pode dizer...que a gente...a gente tentou desenhar uma estratégia que a gente pudesse lidar com os espaços coletivos e representações coletivas e que ampliasse né...que...e que talvez, sei lá, vamos chegar, vou lembrar da Urca, que é mais fácil, mas... Com o apoio da Associação de Moradores da Urca, era mais *fácil* conseguir o apoio da comunidade. Com o apoio do Seu...o cara que tinha uma venda...na ladeira, lá em Jurujuba...

J: Seu Firmino

R: Seu Firmino, exatamente! Com o apoio do Seu Firmino, que botava a propaganda, que interagia com as pessoas... todo mundo passava lá... é uma forma também de entrar na comunidade sem tanta...como é que pode dizer...sem tanto *alarde*, em certo sentido.

J: Sim, e já com alguém de confiança...

R: E já com alguém de confiança que vai passar a informação de uma maneira mais...é...

J: Amigável, mais segura, talvez

R: É, mais uma questão de convencimento né. Porque é isso, a gente sempre.... A gente acho que paga o preço das formas de relação que a Academia com a sociedade e da Academia com a sociedade no Brasil, especialmente em uma comunidade pobre. Acho que na comunidade pobre sempre é mais complicado do que...do que.... no Valqueire ou....

J: Sim, é... é as preocupações eram muito diferentes né, eu cheguei a escutar depois de um tempo até que... era *esquisito* que a gente tivesse lá pedindo o consentimento das pessoas, pedindo a aprovação, porque... “ué, por que que você estão...precisando que eu aprove? Para dizer depois que eu que sou culpado de ter um negócio ruim?”. E eu falei...gente, eu nunca pensei nisso... E em outros lugares, como a Urca, isso jamais seria discutido...é engraçado isso

R: É, acho que sim. Coisa de... e um pouco essa coisa de... esse fato de estar no Brasil também né. Se pensar no Valqueire, que as pessoas vão morar no Valqueire, num condomínio fechado por preocupação de segurança. De repente começa a passar um monte de gente na porta, perguntando (...bateu uma porta e abafou o som) E não é uma coisa que para todo mundo é tranquilo de lidar né, tem esse lado também.

J: Exatamente. E que técnicas você achou que funcionaram melhor para alcançar a comunidade? Além de, por exemplo, ter uma pessoa, que nem você falou, uma pessoa de confiança que já... que outras técnicas você lembra assim que...que deram certo?

R: Eu acho... eu acho que essa coisa de, por exemplo, estar presente nos eventos do lugar, isso é fundamental. É... se aproximar do que a gente chamou, e provavelmente se chame ainda, provavelmente, de stakeholder, então no Valqueire é falar para a...falar com a... falar com a... a pessoa que coordena o condomínio... não vou lembrar o nome...

J: Também não lembro, porque eu não fiquei lá muito tempo, mas era uma associação, eu lembro disso

R: Uma associação de moradores... na Urca tinha a coisa do...tanto da associação de moradores, mas com os militares né... com o grupo militar ali, é...

J: A escola ali também.

R: A escola....

J: Quando tem uma figura central né, assim, uma a diretora que impõe muito respeito...

R: Isso. Agora, em Jurujuba, por exemplo, tinha o apoio muito do posto de saúde também né. Daquele posto de saúde acho que fica ali no, se eu não me engano Preventório ou um pouco depois... mas que.... Jurujuba é a área de referência daquele... Mas eu acho que tem uma coisa de identificar essas pessoas, que tem esse poder de apoiar essa...essa... capilaridade, essa capilarização da... ideia né, do que a gente tava querendo construir e uma coisa de estar presente. Então...sei lá, você foi num domingo na feira da praça da Urca para falar do projeto, mostrar o projeto, distribuir informação...tá disponível para as pessoas. Eu acho que é...essa coisa de estar disponível e reforçar isso para a pessoa, olha eu tô disponível, tem esse e-mail, tem esse telefone e quando você vir essa pessoa com essa camiseta você pode parar e perguntar o que você quiser...

J: Exato. E que técnicas você acha que não funcionaram tão bem? Vocês tentaram alguma coisa assim, que falou “putz, isso...não”?

R: Caramba, eu não vou conseguir te dizer, assim, com certeza, isso, que é uma coisa mais... é...eu não sei, não sei te dizer mesmo. É... eu lembro de outra coisa que também funcionou bem, que é tentar marcar encontros com esses personagens chave, mas por exemplo, através da escola, né, isso que você comentou né, da escola, do posto de saúde. Mas assim, exatamente do que *não* funcionou, eu não...não... sei, não consigo...

J: É, também não teve tanto...tempo assim, né, de tentativa

R: É, eu fiquei... é...não, eu acho que a parte que eu atuei, era mais uma...era uma *construção* dessa ideia de engajamento, mais do que propriamente ações né. A gente teve ações, é claro, essa coisa de visitar, de levar o projeto para mostrar na Urca, na Associação

de Moradores, de falar com os militares, tudo isso são etapas importantes...mas que ainda não permitiam acho que...talvez o que deu errado seja mais visível um pouco depois, né.

J: Sim, foi mais a fundação ali que vocês tavam...fazendo

R: É, a gente tava tentando...estabelecer as nossas bases ali

J: Exato. E nesse...tempo, assim, você acha que a população se envolveu? Ou vocês falavam mais com instituições mesmo, nesse início? (Pausa longa) Se teve um envolvimento assim...

R: Não sei se tem como dizer envolvimento, porque é perceptível que Tubiacanga teve, de alguma maneira, tinha algumas pessoas chaves, que... Jurujuba talvez... a Urca, é...foi mais institucional... o Valqueire eu não tenho essa memória... eu não consigo dizer se é um ou outro... Mas com certeza teve uma diferença ali, entre as comunidades mais...mais pobres, Tubiacanga e Jurujuba... em comparação com a Urca, por exemplo, que teve que ser mais uma coisa institucional e...e...muito na...na... em Tubiacanga talvez, uma coisa que eu percebi que funcionava era...o tete a tete mesmo, era tá conversando com a pessoa, e...

J: E você percebeu diferença disso, assim, do envolvimento também entre Tubiacanga e Jurujuba?

R: (longa pausa) Não, não tenho como dizer...

J: Era uma impressão minha, na verdade, só queria ver se você por acaso sentia a mesma coisa. Que eu acho que...Tubiacanga teve muito uma questão de resistência, eles se organizaram muito com a questão do aeroporto, então eles tinham acabado de fazer uma associação de moradores, tava uma coisa muito *unida* e eu acho...eu senti que Jurujuba não teve tanto... Talvez seja (...)depois, não sei

R: É, talvez...

J: Não quero te direcionar

R: Não, não, mas é... fiquei pensando, porque é um diálogo, acima de tudo. Como eu te falei, como eu não tenho uma memória tão viva disso...eu acho que é mais um diálogo do que mais propriamente outra coisa, mas é isso... é... Era nítida essa diferença de conformação desses espaços de representação. Então a Urca, fica muito claro o que eles queriam, como eles queriam... Jurujuba tava...Jurujuba não tinha tanto isso porque (...ainda tava construindo?), mas talvez possa parecer uma resistência nesse sentido. Não tenho como afirmar categoricamente...

J: Não, é só uma impressão assim de quando eu entrei né. E inclusive os espaços já estavam montados. Acabou que a gente focou mais em Tubiacanga, que foi a primeira área de soltura, depois a gente focou mais em Jurujuba e, concomitante, a gente foi focando ali, um pouquinho em Urca, um pouquinho em Vila Valqueire. Vila Valqueire a gente acabou deixando rápido, por questões ali de governo e tudo mais que...falavam para não entrar na área aquela hora...e...e Urca também a gente tava quase... a gente chegou a fazer survey, teve aprovação, teve tudo, mas também não liberou na época. Teve, teve tudo, tava super aprovado, mas preferiram não... por causa de Olimpíada e tal e...ia ter atleta lá, se desse algum problema...foi um negócio desse. Mas quando...mesmo

focando nessas áreas, já tinha um trabalho em todas elas. Então, assim que vocês entraram vocês trabalharam em todas as áreas ao mesmo tempo? Como foi isso, você lembra?

R: Ao mesmo tempo. A gente tinha uma dinâmica...é...de acompanhar o pessoal de entomologia e fazer o nosso trabalho. Então cada dia da semana era num lugar. Um dia era Tubiacanga, outro dia em Jurujuba, outro dia em Vila Valqueire, outro dia na Urca. Depois a gente chegou a se dividir... então para facilitar o trabalho a gente se separou.

J: É, eu lembro que Nathália acho que ficava mais em Valqueire, acho que tinha uma coisa mais assim. E aí ia criando também uma relação mais próxima

R: Mas também é, isso talvez seja uma forma... é, isso é importante, que você falou, porque a gente tentou depois deixar a...a...quem é a pessoa de cada lugar, mais ou menos, né...para que... a referência se constituísse em torno de uma pessoa, que eu acho que isso facilita esse processo também. É...é, é isso, nesse sentido é isso, acho que é um pouco... essa divisão do trabalho. Mas era isso, cada dia da semana em um lugar e depois em algum momento passou a ser as pessoas se dividindo e não indo sempre para os mesmos lugares e não indo sempre em todos os lugares...

J: Entendi. E vocês tinham, por acaso, uma coisa mais organizada, assim, de *passos*, cada passo, quando você entra numa área você tem que fazer esses passos. Então, você entra e vai falar logo com, sei lá, associação, você entra e vai fazer sei lá o que. Vocês tinham essa coisa...ou era mais livre, assim, sentindo o que a comunidade dava para fazer?

R: Eu acho que...que assim, da minha memória, eu acho que o negócio era mais no sentido de...de...de entrar nas áreas e ir conversando com quem fosse possível. É...e a partir daí fazer um primeiro levantamento dessas instituições comunitárias, daquilo que era referência pros lugares. Então em muitos lugares, por exemplo, a gente percebeu que as igrejas, evangélicas, especialmente em Tubiacanga, pelo que eu me lembro, eram muito mais significativas do que por exemplo eram na Urca ou no Valqueire. Então...é uma, uma...acho que o primeiro passo era esse mapeamento. Né, acho que esse é o único passo *claro*. Ainda que depois desse mapeamento a gente comece a... na verdade acho que são dois passos claros, primeiro mapeamento das instituições chave e depois *ir* às instituições chave, né, daquela comunidade. E depois acho que é muito caminhar junto com essas...com essas...com essas instituições, com essas pessoas de referência, né.

J: Uhum. E ouvindo talvez como eles... querem também ser engajados

R: E ouvindo esse feedback deles. A gente fez um trabalho grande, você perguntou, eu tô lembrando agora, eu tô pensando em quantas pessoas foram envolvidas, mas em algum momento a gente fez um trabalho muito grande de levantamento de informações nas áreas. Que aí era uma equipe grande da Fiocruz que ia, pessoas de vários laboratórios...do...do mesmo laboratório, mas envolvidas em diversas coisas, e que a gente fez...aplicou o questionário em muitas casas, quando a gente foi junto, inclusive, com o pessoal da entomologia, que tava instalando armadilhas, para ter o mapeamento da população de mosquitos local. Mas a gente fez esse trabalho de levantamento de algumas informações. E tinha essa coisa, tanto no levantamento do...é...perfil sociodemográfico, não só socioeconômico, mas sociodemográfico, e...esse levantamento do que a pessoa sabia sobre dengue né.

J: Uhum, entendi. Então teve isso...

R: Teve, teve esse momento. Mas aí, em termos das estratégias do engajamento, eu acho que é isso, se a gente pensar em fase, teve uma primeira fase de mapeamento e uma segunda fase de começar a se direcionar a...a essas...essas...pessoas de referência identificadas, ou instituições de referência identificadas, e...posteriormente...caminhar junto com eles né... Construindo de maneira moldável, adaptada a cada um dos lugares.

J: Exato, até porque (...) é diferente de Tubiacanga, por exemplo. É...e esses dados, vocês armazenavam eles como? Era um drive, era alguma coisa...porque esses dados acho que se perderam. Se eu não me engano, porque assim...

R: Se perderam. Isso..tava em computador, a gente tinha um Google Drive... é... hoje, 2018, eu não vou saber te dizer onde está isso...

J: É, acho que o projeto pecou um pouco nisso, nessa documentação...

R: Mas eu não vou lembrar. Tinha um drive que a gente juntava esse material de campo, que era uma planilha, que registrava as diversas informações, é... de engajamento né, [aí depois dessa conversa], né, não vou lembrar exatamente o que se registrava, mas se registrava...de repente coisas que as pessoas falaram, anotações de campo, informações, sugestões...

J: Eu tenho algumas coisas... Inclusive quando eu entrei, no meu computador tinha um pasta escrito Ricardo Wolbachia... eu falei “esse cara que eu preciso depois ir atrás”. Mas não tinha tudo, então...

R: É, não...mas ali é onde tinha, de fato, mas... e alguma coisa tava no drive, mas...

J: Sim... é, eu ainda vou vasculhar bastante, porque eu ainda não entrei totalmente...

R: É, lá talvez seja o lugar que... tem mais coisa. Que a gente inclusive fez, para tentar olhar um pouco o que era, os lugares, a gente tentou olhar uma literatura sobre o que eram essas comunidades, então para entender...o que é uma comunidade como a Urca, o que é uma comunidade como Tubiacanga, o que é uma comunidade como Jurujuba, né...

J: Sim. E na época, vocês... a comunicação sempre andou bastante junta, mas vocês faziam os trabalhos *junto* com a comunicação, ou a comunicação vinha com alguma coisa...já pronta...e vocês adaptavam... como é que foi isso?

R: A gente às vezes demandava, a gente tinha uma relação... quem fazia essa parte de comunicação era a... a Raquel Aguiar, né, lá do IOC e... mas a gente tentava construir...é... era uma construção assim...do tipo de material que a gente identificava, até isso, era uma avaliação do que identificava e levava para ela...montar, para a equipe dela montar, que eram jornalistas do IOC... mas não tinha nada...pré pronto não. Eram coisas que a gente adaptava e construía coletivamente. Em parceria.

J: Isso é bem legal. Eu lembro, até depois que teve, foi até a Nathalia que me falou isso...eu não vi nenhum documento, não vi nada. Mas ela me falou depois até que ela...vocês pegaram assim, alguns documentos, a newsletter, coisa do tipo, e levavam, não sei se foi grupo focal que teve, mas que as pessoas identificavam às vezes *palavras* que elas não reconheciam ali. Que aquela newsletter talvez não fosse tão... e iam

adaptando, né, no caso, viam o que as pessoas achavam e iam adaptando. Eu lembro que uma coisa que ficou muito marcada, que ela falou, que algumas pessoas não reconheciam a palavra “residência”. Não sabiam o que era residência. Então tinha que realmente ter esse trabalho de sempre simplificar o material ao máximo. É... não sei se isso foi na sua época, se teve isso...

R: Não, eu não lembro dessa...disso não...foi posterior. Acho que era mais uma estratégia de campo mais... talvez, talvez a... a diferença, o que eu posso dizer é que todo o trabalho que eu fiz era uma preparação para esse tipo de etapa, né.

J: Sim, exatamente. E depois levar isso para o campo e tal

R: Aí teve esse tipo de estratégia, de desenvolvimento de materiais, de repente falava na época, mas... Pelo que eu me lembro, até meados de 2014 a gente não tinha chegado a essa... a esse refinamento no sentido de levar para as comunidades já o material pronto. A gente tava nessa fase de ir construindo...

J: Agora, a construção desse material ela foi feita...

R: Não, dois mil... na verdade eu saí em meados de 2013

J: É, isso foi lá em 2012, talvez...

R: Isso. Eu entrei no projeto, quer ver...eu defendi meu doutorado... em fevereiro de...12. E entrei no projeto em abril de 12 e saí do projeto em...julho de 13, isso. Até meados de 13 isso não tinha acontecido ainda

J: Sim, entendi. É, eu não sei se foi...é, acho que foi mais na época da Nathalia mesmo, não sei como é que foi. Essa construção então, por exemplo, dos primeiros materiais, foi uma questão de vocês, a impressão de vocês do campo, com pessoas do campo com a comunicação, mas não teve alguém diretamente então do...dos lugares. Alguém de Tubiacanga... que construiu junto

R: Não, não. Foi mais baseado na nossa percepção e na nossa relação com eles e como a gente percebia que podia funcionar, né. Certamente é isso, para alguns lugares vai funcionar essa história de fazer uma carta quase formal, para outros não vai, vai ter que ser em uma linguagem mais...

J: Exatamente. E o survey... ele foi feito pelo engajamento? As perguntas e tal... o primeiro survey, o survey de liberação. Não sei se você...

R: O survey de liberação eu não trabalhei. Mas eu trabalhei na montagem desse survey, na amostragem disso, na organização disso, identificando as casas... Fiz um trabalho de levantamento, de quantas casas tinha em cada lugar, para ter uma ideia do...do volume de domicílios, que a gente fez baseado no número de domicílios. É... mas eu não participei efetivamente desse survey de liberação. Eu participei dessa construção, né... desse processo de levantamento inicial, dessa...de montagem dessa estratégia.

J: Sim. É, eu tava...eu apliquei, na verdade o survey, mas ele já tinha sido feito. E aí eu não sabia se ele tinha sido feito pelo engajamento mesmo ou se foi alguma coisa... talvez até um survey da Austrália, eles pegaram um modelo, isso realmente eu não sei, depois eu vejo com o Luciano...

R: Eu também não sei te dizer. Mas eu acho que a gente fez essa construção mais local, mais nossa, baseada nas experiências de campo. É claro que com referência de projeto mais amplo...e... mas assim, não vou saber te dizer efetivamente.

J: Aham. Não, sem problema. Agora de pergunta...mais estruturada eu acho que era isso mesmo. Mas você tem mais alguma coisa que você acha que pode ser relevante...

(Pausa)

R: Difícil... É, eu não sei te dizer, assim, que num certo sentido, a gente... o que foi relevante, por exemplo, nessa viagem que eu falei, que a gente foi para Austrália, e essa troca de experiência com outros grupos, foi tentar conhecer as experiências deles e as estratégias que eles usam e tentar, que usavam, e tentar...como é que eu posso dizer...e tentar implementar de alguma maneira. Claro que não vai ser da mesma maneira, mas...é... Mas de uma forma geral é isso... Era, era uma construção que era baseada tentando interpretar a realidade local, é..a partir das informações que a gente pegava em campo e... e de alguma coisa que vinha no bojo do projeto e que também interagiu com as outras pessoas. Acho que foi um pouco nesse sentido, em termos de *estratégias*. Agora do desenho específico de cada uma delas eu...eu tenho dificuldade de memória, assim... talvez se você olhar aquela pasta... que ali talvez tenha... talvez tenha, não vou te dizer... não sou uma pessoa organizada, certamente não vai estar organizado, mas ali talvez tenha alguma coisa que talvez você consiga...levantar. É... tem um pouco uma tentativa de registrar o nosso...o nosso trabalho né, que vai ter várias coisas diferentes ali.

J: Sim... E chegou a ter nessa época, nesse...um ano e meio, dois anos que você teve, é, alguma produção às vezes de artigo ou algum documento mais acadêmico?

R: Não. A gente pensou muito e a Cristina, inclusive, me cobrava que eu sentasse para fazer isso, mas eu...não consegui.

J: É, o tempo foi...

R: É, foi um tempo... primeiro que foi um tempo relativamente rápido, um ano e pouco, mas ao mesmo tempo... acho que a demanda de trabalho, operacional, para fazer a coisa e funcionar e... era muito grande. Então...não conseguia, pegar um artigo e... ou sistematizar uma série de artigos que pudesse orientar um pouco esse trabalho. Mas faltou. Realmente é uma lacuna que a gente teve. Até porque...é...isso, isso talvez...eu não sei, não sei também se as pessoas vão se incomodar comigo, mas é que eu acho que tinha uma preocupação que o engajamento comunitário fosse feito de uma maneira muito mais operacional do que era feito, por exemplo, o trabalho de entomologia. Porque o trabalho de entomologia, você levantava as informações e claramente conseguia produzir as coisas de maneira muito mais rápida. Claro que tem uma diferença da produção a área científica, biológicas...do que na área de humanas. Mas ao mesmo tempo, é... Claro que faltou da gente esse... esse intuito e essa vontade de fazer dessa maneira. Mas, por outro lado...eu acho que o projeto era muito voltado... a parte acadêmica ser a parte relacionada aos mosquitos, aos... a população... a dinâmica de população de mosquitos, né... Mais do que propriamente um...uma preocupação mais teórica. Tanto que esse seminário que a gente cobrou e, acho que foi cobrado por (...todos os dois?..) a equipe de engajamento comunitário, a gente quis dar esse (...) trouxe um cara... que é um cara interessante, não sei se você conhece, talvez conheça, um cara chamado Jim Lavery...

J: Ah, eu li coisas dele, sim, tem alguns artigos dele

R: Tem alguns artigos. Eu posso, inclusive, se você quiser, eu tenho umas apresentações que ele fez nesse encontro na Austrália

J: Ah, super legal, quero

R: Eu tava mexendo nisso hoje, tá no meu Dropbox ainda. Eu posso te passar por e-mail, porque é uma coisa que...que dá um direcionamento para o que a gente tava tentando fazer. Na verdade, não foi possível fazer porque... enfim... é...eu tinha uma preocupação com isso e ao fazer engajamento comunitário, é... se por um lado permitiu outras experiências relacionadas ao engajamento comunitário, ao mesmo tempo não era o que eu vinha fazendo. Então, quando eu tive a oportunidade de ter uma bolsa de pós doc, é... IPUR, Instituto de Planejamento Urbano e Regional da UFRJ, eu fui pra lá. Então eu meio que saí, no...enquanto a gente tava caminhando ainda. E é uma coisa que hoje...eu sinto falta. De ter um...ter algo sistematizado sobre isso, que eu acho que era legal, até por conta da experiência realizada, de tá no campo, de tá conversando com as pessoas, de tá interagindo e tá trazendo isso né. E eu realmente não sei, é... se o que se faz hoje em dia de engajamento comunitário teve em algum momento essa preocupação, então se passou a ser feito depois da saída da Cristina... eu nem sei como foi essa saída, como foi esse processo, mas... é... é, é isso, eu não sei se tinha essa preocupação tão acadêmica com essa, com essa... (...)

J: Não, então, justamente, eu tava vendo, é... eu sempre quis, desde que eu entrei, eu sempre falei “gente, a gente precisa escrever alguma coisa sobre isso. Não tem nada escrito sobre isso” e também, justamente, nunca teve o tempo para... teria que sair do projeto para conseguir escrever, tanto que agora que eu saí do projeto que eu consegui escrever... então... por isso que eu tô retomando lá atrás, porque não tem nada escrito desde essa época...e a gente começou em 2012, a gente tá em 2018. Só que ao mesmo tempo eu vejo o global e acho que a gente tem quatro ou cinco artigos de engajamento. Global. Desde 2009...não sei...

R: É, em comparação com entomologia e genética, é montanha de artigo

J: Com entomologia, páginas e páginas, exatamente. Gente, a gente *precisa* sistematizar isso de alguma forma, escrever isso de alguma forma. Mas você sentiu que o engajamento, ele era... tava lá só para *cumprir* alguma coisa ou... ou você acha que as pessoas realmente viam a importância do engajamento desde o início? Ou teve resistência...ou...enfim

R: Eu não saberia te dizer...é...eu acho que as pessoas viam essa importância, mas ao mesmo tempo era um pouco contraditório. Tô dizendo isso por que, porque, o projeto é financiado pela Fundação Gates, a Fundação Gates tinha essa preocupação de...

J: É, por isso que eu... talvez uma coisa...ah tem que ter porque...a Fundação Gates quer, não sei, mas a gente não percebe *tanto* a importância...

R: É, é isso e não é isso, ao mesmo tempo. Ao mesmo tempo sim, você percebe sim as pessoas... é... um episódio que foi muito legal foi uma...uma...um grupo focal que a Cristina Guimarães fez com os agentes comunitários de saúde. Se você conseguir recuperar isso é uma coisa interessante...é... talvez até naquela pasta deva ter alguma

transcrição. Que foi conhecer a realidade dos caras para trazer eles com a gente, né. Ele era...se a gente não tá lá, o cara tá lá. Se a gente não tá no campo, tá o agente comunitário e ele tem que saber do nosso projeto e tem que estar envolvido também. Então essa forma de aproximação foi uma maneira muito legal, faz parte dessas fases né. Foi conhecer como era a dinâmica de trabalho e as condições de trabalho que os caras contavam era um negócio...maluco, assim. É... Mas eu acho que tem esse lado, tem um lado de... eu acho que tem uma contradição aí, né, nesse sentido, porque ao mesmo tempo que é importante... é... talvez uma estratégia de comunicação, pros propósitos específicos de soltar mosquitos naquela área funcionasse de uma maneira mais... só que, num certo sentido, essa preocupação que a Fundação Gates impunha, e acho que impõe ainda aos projetos, é muito relevante... é... Pô você vai soltar mosquito na porta da minha casa e eu vou ter que aceitar, como assim? Tudo bem que tem outra contradição aí pelo fato de que a pessoa aceita que se meta o fumacê na casa dela, na porta da casa dela, mas... mas acho que é importante, porque... tem a ver um pouco com essa forma de... de como as pessoas se relacionam com a instituição né. Ou seja, mais um vez o *Estado* tá vindo aqui em Tubiacanga e vai enfiar goela abaixo essa nova... quando na verdade, tentar construir algo que o cara se sinta partícipe, porque talvez essa coisa toda de dengue, chikungunya e zika tenha a ver com isso, né... e ao mesmo tempo o Estado é totalmente contraditório, porque que é o mesmo Estado que vai na tua casa e fica olhando pratinho é o Estado que deixa um...um ferro velho gigante, com um monte de carro acumulando água. Mas a gente, talvez...talvez a gente tenha perdido essa experiência de fazer um... tô falando do tempo que eu tive lá, eu não posso falar de outro tempo, mas talvez, eu...eu sinto falta de ter transformado essa experiência, em uma experiência acadêmica de fato, nesse sentido desse engajamento, feito...feito batendo na porta das pessoas e indo nas instituições das comunidades. Que é muito, foi isso que eu falei no começo, que é muito diferente de fazer o engajamento com uma comunidade totalmente envolvida. Por exemplo, o soropositivo o cara quer saber como é que vou solucionar isso, tô ferrado, tô precisando de medicamento, ele vai estar muito mais engajado do que o cara... Que também funcionava, que eu acho que as pessoas que mais se envolviam eram pessoas que, ou tiveram dengue, né... na época não tinha chikungunya e Zika né

J: Exato. Algumas pessoas acham que a gente levou isso também, surgiu essa história. “Mas vocês trouxeram a Zika”. Não, a Zika existe há muito tempo...

R: Mas eu acho que é isso, quando... os motivos que faziam as pessoas se engajarem, se interessarem, era pensar que eles podiam ter... que eles tinham tido, que algum familiar tinha tido, que o filho tinha tido e ficou mal pra caramba, enfim...

J: Aham, cria uma relação

R: Cria uma forma de relação também. Mas é bem diferente se fazer uma coisa e outra né. E acho que talvez tenha faltado essa coisa. E talvez tenha uma produção científica no Brasil sobre como engajar...pessoas para testar medicamento...

J: Sim, tem muito dessas áreas, assim, de outras áreas...

R: De outras áreas, tuberculose... aids... mas assim, coisas mais estruturadas...não tinha né

J: Pois é, bem diferente

R: Eu vi agora, recentemente uma palestra do... do Rivaldo Venâncio, que é o coordenador de Vigilância da Fiocruz, e a gente tava discutindo quais eram os desafios sanitários pro futuro né. Fora diversas coisas, é constatar que... que muito da atuação frente à dengue, à Zika, à chikungunya, continua sendo a mesma coisa que era há 100 anos atrás. Bater porta, vigiar as casas... não tá funcionando, né. Talvez documentar e ter isso estabelecido, dessa experiência, talvez seja legal nesse sentido, poder...é isso...poder ter uma referência para as pessoas entenderem o que foi feito naquele momento.

J: Uhum, com certeza. É isso...

R: Espero que tenha ajudado

J: Muuito obrigada...deixa eu parar aqui... Muito obrigada, com certeza...

Entrevista 3 – Membro do Engajamento Comunitário da Austrália

Data: 06 de fevereiro de 2019

Entrevista realizada por e-mail

Participantes: Julia Pereira Alves (entrevistadora) e Kate Retzki (entrevistada)

1. What was your role in the Eliminate Dengue project?

I have been with WMP for five years, commencing in February 2014 as a Community Liaison Officer in Townsville, Australia. The Townsville project was the first city-wide trial of the *Wolbachia* method and the first location where we trialled the Public Acceptance Model for communications and engagement. Following the success of the Townsville method and expansion into numerous Australian communities, I am now a Communications and Engagement Adviser for the WMP's Oceania projects (Australia, Fiji, Kiribati, Vanuatu and New Caledonia). In this role I provide oversight and strategic support to local project teams to ensure the effective delivery of the Public Acceptance Model and operational objectives more broadly.

2. Why has the project chosen to use community engagement and community approval?

Communications and Community Engagement are critical factors for the successful implementation of WMP's *Wolbachia* method. When done effectively, Communications and Community Engagement lead to support from authorities, key stakeholders, local influencers and communities. Without support from these pillars, releases of *Wolbachia* carrying mosquitoes would not be able to go ahead and, therefore, ultimately populations will remain at risk of large-scale disease outbreaks. Undertaking robust Communications and Community Engagement builds and maintains a positive reputation for WMP and demonstrates our commitment to ethical practice, reducing risk of opposition and allowing operational activities to be carried out without interruption (helping keep timelines and budget on track). In addition, quality Communications and Community Engagement puts the organisation in a favourable light to current and potential funders.

3. What were the theoretical and methodological bases used? (Answer below should also be attributed to Ruth Smithyman, Community Engagement Manager, WMP)

The purpose of the Public Acceptance Model (PAM) is to obtain sufficient community and stakeholder support for WMP's *Wolbachia* method, prior to a release of *Wolbachia* carrying mosquitoes. The PAM includes principles and mechanisms for building and measuring the public's acceptance of the technology and related operational activities.

The PAM is an alternative approach to Individual Consent and has been adopted by all WMP's international projects. WMP's original small-scale field trials in Australia and Vietnam used the Individual Consent method. However, Individual Consent is not considered appropriate, meaningful or feasible for the *Wolbachia* method. Individual Consent is usually used for interventions that are implemented at an individual level. However, WMP's approach is broad-scale and minimal risk. The PAM allows for Communications and Community Engagement to be delivered in a way that is scalable

across large areas while still protecting communities' rights and interests to be informed. PAM also includes the condition that individual consent would be obtained for particular activities requiring individual participation (such as hosting mosquito traps or release containers, providing access to private property or personal information and participating in social research or epidemiological studies).

The PAM draws on a number of international and published frameworks such as the WHO-endorsed Communication for Behavioural Impact (COMBI), Community Based Participatory Research (CBPR), Participatory Learning and Action (PLA), the International Association for Public Participation (IAP2) and Field Trials of Health Interventions: A toolbox. (Smith et al. 2015).

In line with the recommendations of the organisations and authors above, the purpose of the PAM is to protect the rights of communities through rigorous processes and protective measures appropriate to the perceived risks of the intervention. These measures include social surveying, key stakeholder identification and engagement, provision of relevant and locally accessible information, use of mass media, inclusive diverse methods for dialogue, mechanisms to respond to issues and concerns, opinion polls, local advice through committees and monitoring and evaluation (Sim et al. 2012; Participants in the Community Engagement and Consent Workshop 2013; Adhikari et al. 2017).

The PAM principles include: respect – caring for the concerns and interests of others; transparency – being clear, open and transparent; inclusivity – making an effort to include everyone; participation – involving communities in implementation; and responsiveness – responding to requests or concerns.

The PAM also comprises of the following 5 core mechanisms:

1. Social surveying to understand and track community characteristics, knowledge and attitudes
2. Mass communications to build broad knowledge and support across the community
3. Engagement and involvement of stakeholders and communities to build ownership and advocacy
4. An issues management system to ensure structured responsiveness to queries, concerns and issues
5. A Community Reference Group to provide independent advice and verification.

4. Did you notice differences between the theory and then what you saw in the field?

Every community has different priorities and opinions; yet, I have witnessed overwhelming support from all communities, time and time again, where the *Wolbachia* method is being implemented. This is because the PAM allows time to study a community's structure, needs and influences (baseline survey), and then plan and implement Communications and Community Engagement accordingly, whilst allowing community representatives to provide oversight (Community Reference Groups). The issues management system allows project teams to be responsive and adapt to unforeseen

problems or changes. Public acceptance can then be robustly captured (pre-release survey), evaluated and endorsed; ensuring communities are ready and willing to receive the intervention before a single mosquito is released.

Over my five years of working with WMP, I have seen the PAM framework develop and evolve as the needs of the organisation changed. Originally, the PAM was just about building awareness and gaining acceptance for the release of *Wolbachia* carrying mosquitoes. Then, in an effort to scale up releases, the PAM evolved to include community participation (community mosquitoes releases) in its goals and objectives. Now, with the Program expanding into larger and larger cities, the PAM has taken another step forward, with a focus on mass communications, rather than grassroots engagement.

As the organisation's needs, we continue to address the methodology with the hope of continuing to produce positive outcomes in the field.

5. The engagement team was made up of professionals from which areas (in the sense of working or occupation area)?

The Australian sites did not have large teams dedicated to Communications and Community Engagement. In Townsville, the team originally just consisted of myself, an ex-journalist with prior experience in large-scale communications and community engagement. After 12 months, it was decided that my role (Community Liaison Officer) would be supported by a Community Engagement Assistant, with little or no prior experience in this area). The two-person team remained, even with the expansion into Charters Towers, Douglas Shire, Cairns expansion and Cassowary Coast.

6. How many staff members from engagement were there in the first release area, and to what size of population?

During the first releases in Cairns, I believe they just had one person on the engagement team. The size of the population was around 3,000 people, I believe).

In Townsville, just one – me. Population of first release area was approx. 20,000. Then, Townsville scaled up to 55,000. We expanded to a two-person team for the expansion (as mentioned in the answer above).

7. How much time of engagement was needed before the first release of mosquitoes? Can you talk a bit about the Stages until the approval of the community?

For the first release in Cairns, I believe the engagement was carried out over 2 years before the release of mosquitoes (but, best to check with Scott, as he was there!)

In Townsville, we engaged for 7 months before releases started in Stage 1. Stage 2 engagement was carried out over 2-3 months. Stage 3 and 4 engagement periods were just 1 month each.

8. *What kinds of techniques worked best to reach out to the community?*

Townsville was the first place we implemented the PAM. We didn't really know what would work and what would not, so we tried many different techniques. Activities ranged from billboards and mass communications to market stalls and presentations at community group meetings. Overtime we were able to evaluate what methods were most effective (through community surveys). It was determined that the best tools in Australia were mass media (TV, Print, Radio) and mail outs (informative letters delivered directly to households). Therefore, we focused on these approaches in future Stages and project sites to optimise time and budget.

Stage 1 activity:

19 media events

16 large community engagement events

2 billboards on main highways

20 briefings and presentations to community groups and stakeholders

Personal discussions with over 2000 people at events

Articles in over 25 external newsletters

588 people signed up to receive ED updates

2 concern raised and managed

0 grievances reported

Stage 2, 3,4 activities:

The following tables demonstrate the success or failure of engagement activities in Stage 2, 3 and 4, based on the desired number of sign-ups (to release mosquitoes) for each activity compared to what was actually achieved.

Stage 2:

Activity or Group	Desired outcome	Pre-sign up achieved
Market stalls	200	190
Sign Up Kiosks	68	50
Media	75	355

Schools	409	445
Corporates	120	147
Clubs and Organisations	310	56
Existing Participants	75	86
Mail out	146	725
Volunteer door-knockers	256	137
Facebook	25	11
Total	1550 (10% of trial area)	2202

Stage 3:

Activity or Group	Desired outcome	Pre-sign up achieved
Market stalls	30	68
Media - TV/Radio/Newspaper	162	256
Schools	122	117
Corporates	50	29
Existing Participants	83	50
Mail out	250	305
Volunteer door-knockers (Local Champions)	100	45
Facebook / Website	16	22
Word of mouth	N/A	102
Total	811 (10% of trial area)	994

Stage 4:

Activity or Group	Participation estimate	Actual
Market stalls	15	80
Media - TV/Radio/Newspaper	190	132
Schools	132	277
Corporates	27	29
Existing Participants	100	110
Mail out	290	309
Rotary	N/A	15
Facebook / Website	5	16
Word of mouth	32	113
Total	811	1078

9. What kinds of techniques did not work very well?

In Australia, we found that billboards, attending markets, shopping centre kiosks and community group presentations were inefficient and not worth investment.

10. What are the biggest difficulties encountered?

In Townsville's Stage 2, 3 and 4, *Wolbachia* was established using community mosquito releases (volunteers growing and releasing mosquitoes in their backyards). The most difficult aspect was to encourage on-going participation. Many volunteers were happy to releases once, twice or three times, but we saw that there were large decreases in participation as the weeks moved on (we needed participants to releases approximately 8 times). To counter this issue, we developed incentives (competitions, media exposure, etc.) and encouragement cards to urge volunteers to continue to participate. We were able to successfully establish *Wolbachia* through these methods.

11. Did the population get involved? In what way?

In Townsville, thousands of people were actively involved in the project, whether by hosting mosquito traps or growing and releasing *Wolbachia* carrying mosquitoes.

Table 1: Townsville Community Mosquito Release Participation Numbers per Stage (data as of December 2016)

Stage	Total Participation Numbers
Stage 2	2,743
Stage 3	1,802
Stage 4	1,309
Total Participation	5,854

Schools also took part in the Townsville project through the Wolbachia Warriors Program. This was the first time schools were invited to take part a WMP project. The Wolbachia Warriors Program was carried over the four stages of the Townsville project, commencing in 2015 with the pilot program at Hermit Park State School. It was subsequently implemented at Kirwan Primary School, Heatley Primary School, Kelso Primary School and, finally, Townsville Grammar School.

The following table demonstrates some key differences between stages:

	Stage 1 (Hermit Park SS)	Stage 2 (Kirwan SS and Heatley SS)	Stage 3 (Kelso SS)	Stage 4 (Grammar)
No. of Participants	104	445	117	277
% of students	16%	29%	31%	54%
Cost overall	\$6,944.08	\$7,733.83	\$3,660.03	\$3,445.68
Cost per participant (\$)	\$67.77	\$13.47	\$31.28	\$12.43
No. CE visits to students	2	4	4	4
Time between permissions and first release	3 weeks	Same day	Same day	Same day

Number of project booklets	3	1	1	1
Time between releases	3 weeks	2 weeks	2 weeks	2 weeks
Method for returning data to EDP	Return individual calendars (3 in total)	Return tear-out page of project booklet	Return classroom data chart	Return classroom data chart

12. Does the project still provide feedback to the communities in which it initiated the project? In what way?

The last Australian field trial update was issued to media and medium and high level stakeholders in August 2017. This is an electronic newsletter sent via email, placed on the website and Facebook pages. It was provided to the media along side a media release explaining the progress of all the Australian sites. Currently, updates are provided to the media when interviews or information are requested. Australia's medium and high level stakeholders also receive WMP's global newsletters, which are issues every six months, or so.

13. Have you experienced community engagement in other countries? Do you think it's very different?

As adviser in the Pacific, I have seen communications and community engagement delivered across a range of cultural and socioeconomic situations. Each country in the Pacific unique and offers its own challenges in terms of community structure, local priorities, values and beliefs. The PAM is adaptable, making it appropriate for most situations. It offers the key methodology structure, but allows flexibility in terms of what specific channels and tools a project site uses. For example, all site in the Oceania region have a community reference group, communications and engagement plan, issues management system and conduct surveys. However, there are differences at a deeper level. For example, Kiribati's issues management system is paper based, whereas the system is digital in New Caledonia. In Vanuatu, emphasis is placed on face-to-face engagement with communities, whereas in Fiji, the bulk of resources is spent on mass traditional communications. The PAM can work in multiple contexts – and with good results. Public acceptance has been achieved on time and to budget in each Pacific country where it has been assessed to date.

14. How has Community Engagement been passed on to other countries? Was there a guide document to replicate the experience?

When I first started as an adviser in Oceania, I relied on my own Australian plans and templates to assist local teams. I undertook weeks of training with the staff to ensure they understand all elements of the PAM and implemented it inline with our global standards.

Over the past 12 months, I have been working with the Global Communications and Engagement Team to help build new, up to date resources to assist the implementation of the PAM in new project sites. These resources, now available on Catalyst, will ensure alignment across international sites and provided the best opportunity to guide project teams towards public acceptance. The resources will be used hand in hand with in person training from implementation teams.

15. Has previous engagement experience been useful in developing the public acceptance model?

Absolutely. As discussed earlier, the PAM is constantly being reviewed and refined. Lessons learned through previous communications and community engagement activities influence and help to guide the development of the PAM and all the resources that sit along side the model.

Entrevista 4 – Moradores de Tubiacanga

Data: 30 de março de 2019

Hora: 16:00h

Local: Casa do Seu César, Tubiacanga

Participantes: Julia Pereira Alves (entrevistadora), Maria Cristina de Oliveira (C), Marcos Rogério da Silva (M), Marilea Lopes (N, do apelido Neinha), Paulo César de Mello (SC, por ser chamado de “Seu César”), Sônia Rottas (S)

Duração: 1:00:46

J: Então, gente, comecei a gravar aqui e a primeira pergunta é bem geral que foi de que maneira vocês primeiro ficaram sabendo do projeto Eliminar a Dengue, como foi esse primeiro contato? Vocês lembram? Foi lá em 2014 ou foi antes de 2014?

C: A minha foi em 2014, quando eu...quando a gente começou com o...

N: Com o...na direção da...

C: Não, é...

N: Não à Remoção

C: Não à Remoção, com a comissão “Não à Remoção”. Foi aí, a *minha* foi nessa época

J: Ah verdade, comissão Não à Remoção. É, foi antes do Jorge isso então, foi antes. Foi um pouquinho...

C: Foi na transição. Quando eu conheci, já foi com o Jorge

S: Quando nós entramos em contato com o pessoal da Fiocruz, o Jorge já estava

J: Ah, entendi

S: Mas bem antes...o pessoal já andava gente da Fiocruz aqui dentro, mas sem o Jorge. Aí quando começamos com o Não à Remoção, que nós tivemos mais contato, até teve uma reunião que eles participaram e tudo, aí o Jorge já estava

J: Isso, entendi...que aí eu já tava também, que aí já tava no início, entendi. E aí o primeiro contato de todo mundo foi assim?

S: Foi nessa época

N: Foi... teve várias reuniões com os moradores, sempre lá no clube... mostrando...o porquê do projeto...explicando como ia ser o funcionamento do mosquito... tudo isso foi explicado bem antes

J: Isso. Aliás, esse negócio de Não à Remoção, depois, quando eu terminar essas perguntas todas, eu posso pedir para vocês explicarem um pouquinho a história de Tubiacanga? Porque aí eu deixo registrado também, eu acho bem bacana isso.

Grupo concorda

J: É bem bacana para entender também todo o contexto porque eu acho que...de ter esse contexto já de união, eu acho que facilitou muito, né, a união do grupo para receber a gente também

Todos concordam

J: Tanto que aqui a gente consegue mais acesso ao grupo do que, por exemplo, Jurujuba, que as pessoas estão mais...cada um num grupo, sabe

S: Que lá não teve esse...

J: É, então eu acho que é bem bacana ouvir depois a história. Então, e o que levou vocês a participar ativamente do projeto?

C: Acreditar no projeto. Confiar, né, saber que isso, a gente ia tá melhorando para a saúde. Foi basicamente isso.

N: As pessoas também, os funcionários, eram maravilhosos (...) É tudo nossa família

S: É...tanto que as pessoas mesmo elogiavam né, a receptividade né, como que o pessoal aceitava... foi muito bem aceito aqui né, todo mundo falava a *mesma* coisa, todos eles. Adoravam chegar em Tubiacanga que era muito bem recebido, né

C: Mudava o grupo, mas nossa, muito bom vir aqui

M: Acho que também tem um pouco da credibilidade da Fiocruz né, eu acho que é uma instituição que passa confiança né, em tudo que faz né. A princípio até gerou um pouco de desconfiança dos moradores, né, projeto novo, piloto, coisa nova, mas depois que o pessoal começou a engajar...as palestras...é...a coisa começou a crescer. Com o apoio da associação, depois teve um apoio muito forte da associação de morador, aí (...) ficou maior ainda, né. Acho que por aí...projeto bem bacana, né.

J: Com certeza. Se fosse uma outra instituição, uma outra organização talvez não tão conhecida já...

S: Ia ficar com um pézinho atrás

J: Ia ficar com pé atrás né. Tem alguma coisa para acrescentar, Seu César?

SC: É, porque o bairro passou a ser visto de outra maneira, crescemos. Tubiacanga foi divulgada para o mundo todo.

Alguém: não fazia nem ideia....

SC: (...) a imprensa escrita, falada e televisada. Então o povo da comunidade passou a dar mais apoio. Antes ficaram com o pé atrás, receosos do que seria soltar... Pô, Tubiacanga, experiência? Botar um mosquito com uma bactéria aqui para combater a outra... quer dizer, o *desconhecimento*. Mas depois veio a imprensa escrita, falada, televisada...quando a comunidade viu, passou a ter mais credibilidade e através da associação, a Fiocruz fez o seu trabalho que foi PI-O-NEI-RO!

J: É verdade, isso é muito bacana, isso é muito legal. E o que vocês acharam mais interessante de conhecer *com* o projeto? Vocês conseguem apontar alguma coisa, assim...que trouxe de interessante, que o projeto trouxe de interessante para vocês?

N: Conhecimento, foi muito conhecimento.

S: É, porque agora a gente conhece muito mais sobre...o mosquito e sobre a doença...

SC: Educar o povo. Isso trouxe mais educação ao povo, a manter as coisas limpas, não deixar acúmulo de água. Para que eles não pudessem se proliferar.

S: Deixavam rolar né...

SC: Um fato real, muita gente se educou por aí.

C: É verdade.

J: É verdade. Porque é engraçado, sempre tem campanhas de dengue, né, a gente *sabe* o que é para fazer, mas talvez com uma presença mais constante...tenha...aumentado

SC: E te digo, a Fiocruz se faz presente até hoje. Uma vez por semana estão aqui, duas, três vezes, fazendo as colheitas, olhando, verificando, e aí, tem pocinha d'água aí, tem coisinha com água aí, olha aqui. E eles tão aí, estão atuantes ainda, até hoje.

J: Isso é muito bacana

M: Eu acho também que a gente aprendeu aqui...

SC: Muito!

M: ...que o projeto, além de ser sério, ele trouxe benefícios para o bairro. Trouxe a cura, né, ou seja, uma cura que o país está caminhando ainda, né, e aqui nós já estamos andando, né. Já não temos casos de dengue, chikungunya, outras coisas parecidas aqui. Pode até aparecer alguém com caso aqui que viaja, que sai... Mas à princípio aqui, caso de morador, eu desconheço.

S: Eu também

M: Eu acho que zerou...

N: Eu acredito que não só em Tubiacanga, a Ilha quase toda já teve a soltura do mosquito

J: É, pois é...eu acho que já foi em toda...

Todos: Já, já

J: Não sei se finalizou né, a soltura...

C: Não, ainda não

N: Não finalizou em alguns locais que...não deixaram. O (comando?) não deixou eles...

J: Ah teve isso também, isso eu nem soube

S: A Urca! Na Urca...

C: Não, tá falando da Ilha

J: É, da Urca nem teve, mas da Ilha...teve regiões que o projeto não conseguiu entrar mesmo

SC: Como outras comunidades em Niterói

J: Sim, também teve em Niterói? Gente, tô desatualizada

SC: Porque a perspectiva deles é avançar até a baixada. Vão encontrar dificuldades em certas...localidades, não é? Que são as comunidades mais pesadas, do que a *outra*... Existe uma guerra de facções e eles... tem medo de que...

C: É, aí o que eles estão fazendo, a pessoa, quando eles vão nesses locais, eles avisam, tem um contato direto, aí o pessoal avisa “olha, hoje não tá bom aqui não”. Esperam ele lá na entrada para subir com eles, que aí já é todo um... na Maré né...

N: (...) muito com os colégios. Vão no colégio para fazer o trabalho. Inclusive quando chegou no colégio do Arthur, o Arthur levantou o dedinho e falou quase tudo sobre o projeto. Que ele soltou o mosquito, ele falou o nome da bactéria...

J: Ah eu lembro disso! Pior é que eu não tava nesse dia, mas eu lembro que eu tava ainda nessa época, aí alguém relatou isso “ah um menino...”, que a pessoa ainda não tinha vindo em Tubiacanga, foi alguém novo. “Ah um menino, Arthur, ele já sabia tudo!” Aí eu falei Não tô acreditando que você foi na escola do Arthur, muito legal, muito legal, isso é muito bacana. E aí, vocês já falaram um pouquinho sobre isso, mas os outros moradores do bairro também apoiavam? Vocês sentiram esse apoio geral... ou foi mais ou menos...

S: Todos eles, acho que sim. Com exceção de algum morador...

Todos falando ao mesmo tempo que teve muito apoio e pouca rejeição

SC: Muito pouco, foi assim, 5%

C: É, ou menos

SC: Ou até menos. Depois, caíram em si e viram que o projeto era eficiente.

M: Até porque era...falta de conhecimento, né. Até mesmo as pessoas que tinham a cabeça mais aberta também tinham a dúvida né, pô será que isso vai dar certo?

N: Soltar mosquito vai matar todo mundo?

M: Vai encher nossa casa de mosquito? Como vai ser isso? Mas felizmente a Fiocruz ela passou uma confiança para os moradores, nas reuniões, nas palestras e a cura chegou a quase 100%. Eu acredito que 100% é quase impossível, mas...

C: É, toda é, né, mas 95%...

SC: Mais de 95%

Vários ao mesmo tempo, entendi nada

J: Ah, que bom, que bom. Que eu lembro que quando a gente fez o survey, muita gente apoiava, tipo, aprovava o projeto, mas ainda muita gente não conhecia. É, ou não sabia nem o que era, assim, não tinha ouvido falar... Mas isso láá no início. Mas eu acho que depois foi aumentando, talvez, né. Porque as pessoas até aprovavam, tipo, “ah pode soltar, mas eu não sei bem o que é”. Mas acho que depois, já no final já tavam mais sabendo. Acho que agora...tem alguém em Tubiacanga que não saiba?

C: Eu acho que não, só morador novo.

Vários: É, só morador novo.

SC: Tem muita gente nova aí, que não pegou... não pegou essa época. Tem gente que a gente passa...

J: Sabe nem mais quem é...

M: Mas devem falar, “aqui ninguém fica doente, não pega dengue...”

J: Que lugar incrível (risos). É verdade. E vocês acreditam que o projeto, ele alcançaria esse apoio sem as atividades do engajamento comunitário?

SC: Não

J: Sem que tivesse... (todos dizem que não). Só chegou e soltou mosquito

Todos: Não, com certeza não.

SC: De maneira nenhuma

C: O povo ia barrar a entrada. Não, isso foi essencial.

N: Foi essencial

Seu César falando com Viviane outra coisa

SC: Porque nós temos fotos, tiradas por aquela máquina, tá no meu computador

C: Ah, eu tenho muitas

SC: Muitas ali, que é para você ver o início, como foi. Nós andando com vocês, todo mundo com a camiseta

J: Ah isso é muito legal

C: Depois me passa teu zap que eu mando

J: Ah eu quero, quero. Então, pois é, eu tava vendo uns arquivos, que eu guardei muita coisa do projeto no computador do projeto, e aí eu fui lá tentar recuperar e não tinha mais! Aí eu falei “eu não estou acreditando, o que vocês fizeram?”

C: Não, eu passo tudinho. (vários falando baixo) Eu tenho, que a gente publicou muita coisa, eu tenho.

(todos discutindo como passar as fotos)

J: Então, e aí das pessoas que ainda tinham dúvidas... porque no início, a gente ia batendo de porta em porta, a gente ouvia algumas pessoas com dúvidas ou com críticas... O que vocês mais ouviam, assim, quais eram as críticas mais frequentes ao projeto? De “vai matar todo mundo” ou “vai trazer uma nova doença”...

SC: Não era *crítica* ao projeto...

J: Sim, medos, né

SC: Receios, dúvidas. Aí diziam à associação, a associação explicava. Às vezes o grupo, com aquele menino, como era o nome? O Jorge, tinha um grupo. Eles iam ali e esclarecia tudo, tudo, tudo. (Passavam a linha para ele do que era?)

J: Aham. E quais eram as dúvidas, assim, as maiores dúvidas?

SC: É, vai contaminar a gente? Ele vem, contamina? É... vai morder a gente e vai pegar o nosso sangue e vai contaminar outro, como é que é isso?

N: Vai aumentar...

SC: Vai aumentar mosquito...

M: Eu acho que a maior reclamação é essa

S: Aumentar mosquito

M: Eu posso matar os mosquitos? Tinha isso também

N: Inseticida...

M: E quando aparecia o mosquito colorido, falaram “tô tendo alucinações, mosquito rosa, mosquito azul”

N: Soltou mosquito colorido né

J: É verdade. A gente tentou avisar, né, acho que a gente colocou carta até...

N: Tem gente que não se liga

M: O cara falava “eu tô maluco ou tô vendo mosquito rosa?” Não, aí tinha que explicar...

J: É, o que que era... Mas também sempre foi fácil o contato das pessoas também com vocês, né... que vocês eram um grupo...

S: Um grupo de diretores que o pessoal confiava muito. Então tudo que a gente falava ali dentro, ele saía dali tranquilo.

SC: A associação em si, na verdade funcionava de 6h, até 1:30/2h da MANHÃ. Mas hoje está diferente. Você vai encontrar ela de portas cerradas. É a verdade

S: Antigamente a gente falava e o pessoal acreditava... falava “vai dar certo mesmo”.

SC: Você vem aí, pedir para fazer uma pesquisa com eles (...)

J: Difícil, né, mudou

N: Não, e eles também não sabem nada, não conhecem

SC: Não, eles também... pelo amor de deus

J: É, complicado, né, bem mais complicado

M: Fugindo um pouco do assunto, a associação foi... talvez não apareça outra associação igual essa aqui não. Nós não éramos diretores, nós éramos família.

N: A gente continua o contato até hoje.

J: Sim, com certeza

S: Nós saímos, mas tá sempre em contato

N: Se o Toni pudesse ele estaria aqui

J: É, com certeza, isso acho que foi um diferencial... gigante assim, no bairro. Pra gente também né, pra gente que veio de fora, de ter um grupo...

M: E você vê como é que foi...a gente... criamos uma associação e fizemos uma amizade... que se estendeu ao pessoal da Fiocruz e hoje nós temos você como amiga...

S: É, tem a Nathália, tem a Cris

J: É, e que se estendeu para Jurujuba, né, o pessoal, Dona Carmen...

M: O Jorge, que é uma pessoa que a gente não esquece dele né

J: Sim, com certeza

M: Será que ele abandonou a gente?

J: Nunca mais vi Jorge

N: Eu e Cris, nós fazemos parte ainda, do comitê

C: É, a gente, uma vez por mês...

M: Eu também tô, só não tô podendo ir agora...

C: Nunca mais, tu já foi eliminado, não vai, pô...

J: Mas que bom, bom ter esse contato ainda. E quais foram os maiores desafios para atingir as pessoas? Quando a gente tava ainda tentando bater de porta em porta, mas...no início, a gente falou com vocês e nem todo mundo sabia ainda do projeto. Então a gente teve, algumas... assim...demorou um pouco para chegar. Quais dificuldades vocês acham? As pessoas...não apoiavam ou tinham muito medo... não tinham tempo para ouvir, ou não se interessavam muito... eu lembro que teve umas reuniões no início que...basicamente era a gente que ia, só a associação que tava lá. A gente chamava cada um, botava cartinha e tudo... o que que vocês acham que pode ter acontecido?

N: Falta de interesse.

C: É, falta de interesse.

S: É falta de interesse de alguns moradores, que não interessa.

J: De assuntos gerais?

Todos: É, gerais, não é só disso, qualquer assunto.

M: Eu acho que cresceu muito esse projeto depois que começou a aparecer na televisão. Aí o pessoal falou “pô, esse troço é sério mesmo, hein, é grande”. Eu lembro que eu, como diretor, dei três entrevistas, pro jornal até do...

SC: Da Alemanha. Teve um da Alemanha... Espanha... França...

M: Alemanha, Espanha e teve um país que a mulher falava uma língua toda enrolada, falei meu deus do céu...

S: Eu também fiz pra...

M: Eu acho que era Tailândia

S: Foi Tailândia você. O Toni foi com outro também de fora e eu também fiz

M: Acho que o projeto... Aí cresceu, aí sim. A credibilidade... apareceu na Globo...

S: É, eu fiz para uma menina da Globo também...

M: Fiz para o RJ TV, fiz para a Bandeirantes... um entrevista grande, eu e Cantizano... eu acho que até tenho essa entrevista arquivada

J: Se tiver, inclusive....

M: Eu acho que tenho no computador. Eu e o Cantizano, a gente falando sobre o projeto... uma entrevista bem interessante

C: Agora...eu fiquei triste porque num programa...eu tô até para ir numa reunião para falar isso com eles. Que naquele programa “É de casa”? Aí teve para falar sobre a dengue, chikungunya, Zika. Uma pessoa de um outro grupo e uma pessoa da Fiocruz. Aí eu pensei logo, poxa, vão falar de Tubiacanga, né, do projeto...

J: Não falaram?

C: NA-DA. Eu fiquei tão... indignada

J: Mas falaram do projeto? Ou nem falaram?

C: Não, nem falaram

J: Ah, foi outro setor da Fiocruz

C: É, provavelmente, maaas... (muitos falam ao mesmo tempo). Mas eu tô falando desse programa... foi ano passado! Aí eu pensei, pô, vão falar do projeto...que já tem em vários bairros do Rio, que não tem mais, vão falar da Ilha, de Tubiacanga... Assisti o programa todo e não... Teve a reportagem, o...cara lá da Fiocruz falando sobre o mosquito da dengue, mas não falou do projeto.

J: Ah é...porque tem muitos...é...partes da Fiocruz que falam de dengue, mas que não são do projeto, então quem não é do projeto, não fala do projeto.

M: É terceirizado, será?

J: Não, não, às vezes são outros projetos de dengue, que aí não...no caso não é esse da Wolbachia, e aí eles acabam não falando mesmo.

M: falando sobre novela das 8h ter algo com nome de Tubiacanga

J: Ah, mas é um nome bonito, eu gosto

SC: falando sobre significados de nomes

J: E o que é Tubiacanga, sabe o significado?

SC: Porque aqui viviam os índios. Eram remanescentes dos Tupiniquins. Então ficou Tubi-a-canga. Melhor é puxar... no google vai dar, a origem...

J: É, vou procurar

SC: Porque tem outros nomes indígenas. Dentro de Itacolomi. Bacocolubu (?). Que muita gente aí nem...

N: Nem sabe onde que é

Falando sobre índios e quilombolas, etc

S: Eles foram também em Itacolomi, o pessoal do projeto?

Todos: Não...

SC: Não, não tem nada a ver

S: Ali no Barbante... não tinha...

SC: Não, a única comunidade que fizeram e foi polo é...foi Tubiacanga. O polo pioneiro foi aqui

S: Eu pensei que depois eles tinham...

SC: Não, não... o polo pioneiro foi aqui

S: Foi Jardim, Zumbi (...)

SC: Aquela cientista magrinha... que sambou, dançou comigo aqui e tudo, que o Dr... Cientista trouxe ela... como era o nome dela?

N: Dr. Luciano, esqueci o nome dela...

SC: Ela era da onde? Da Austrália ela...

N e S: Da Austrália, é australiana ela

SC: Ela teve aqui, ficou encantada...

J: Com certeza

SC: Tem foto, por isso que eu tô dizendo...

M: Já que tá falando de foto com pessoa de... que tiveram aqui, eu acho que já recebemos aqui até o...

SC: Bill Gates.

M: A esposa do Bill Gates.

SC: Foi a esposa... a *equipe* do Bill Gates esteve aqui, esteve conosco na sede

M: Você tava nessa, não, né?

J: Eu não tava...no *dia*, mas eu lembro disso

SC: Eles são um dos grandes injetores...

M: Para você ver a grandiosidade do projeto né. Até porque ele financia esse projeto

SC falando ao mesmo tempo (...) Jorge

J: É, o maior financiador é o Bill e Melinda Gates... (muitos falando ao mesmo tempo)
O Luciano veio...é, com certeza

SC: Tem foto...

M: Tem uma cena boa aí...

J: Ai gente, depois eu quero esses registros todos

M: Eu não sei se por causa desse projeto a gente recebeu aí...vários políticos né...

S: Também...

SC: Nós tínhamos um álbum de vocês. De tudo

J: Ah o que o houve?

S e C falam algo baixo

SC: Mas ela tem que saber. E isso, quando houve a eleição, que nós saímos e entrou essa equipe, as meninas até tentaram, deixaram aqui ali, pensando...

C: A gente ia guardar para a gente, de recordação. Mas, como era da Associação, deixamos lá...

SC: ...da Associação, nós deixamos lá. DE-SA-PA-RE-CEU

J: Aah que dó...

3 falam ao mesmo tempo

SC: Cada foto linda...

J: Ai, parece eu deixando as coisas no computador do trabalho

SC: Quem organizou aquilo, acho que foi o Jorge. Uma coisa linda, numa encadernação...

N e C: Foi, foi o Jorge

J: Ah, eu lembro disso! Eu lembro disso, lembro, lembro disso

SC: Sumiu!

J: Ah, eu não creio, eu lembro disso

M: Vai aparecer. Eu vou sondar isso aí

C: Procura ver isso

J: Nossa, era bonito mesmo

SC: Aquilo ali é a história! Aquilo ali para o teu trabalho agora, meu deus...

C: Verdade! E no...numa das reuniões, a gente falou sobre isso. Aí eu falei, pô, na próxima reunião eu vou levar, vou pegar lá com o pessoal, pedir emprestado, aí foi quando descobrimos...

SC: Ela precisa saber a verdade

J: Nossa, que dó. Caramba, eu lembro disso

S: Antes tivesse segurado com a gente. Tinha dito pro Cantizano pra guardar na casa de uma de nós...

J: Ah, pois é, que aí durava né, pelo menos

Seu César entregando os tcles

J: Posso passar aqui para a próxima, então?

Todos concordam

J: Que tipos de atividades vocês acharam que funcionaram melhor no bairro para que as pessoas conhecessem o projeto? A gente teve, por exemplo, porta a porta, atividade em escola, atividade no clube, é...coisa de posto de saúde... O que que vocês acharam que foi mais efetivo para atingir as pessoas?

SC: Da minha parte, todas.

Todos concordam e falam juntos

J: Cada uma atingiu um público, talvez

SC: Cada uma atingiu um objetivo.

S: Todas elas, cada um atingiu...

M: O porta a porta foi o mais importante, mas...

S: O porta a porta foi o mais né

M: Foi bem objetivo

S: Mas todas atingiram, cada um...

M e S: Todas funcionaram

M: (...) você via na reunião meia dúzia, depois dobrava, depois tava cheio né

J: É, teve um dia que o clube tava super cheio, foi bem bacana mesmo. E aí vocês já falaram um pouquinho sobre isso também, mas só para deixar registrado. O projeto informou e deu devolutivas do andamento, do resultado para vocês, continua dando essas devolutivas...continua informando...

N e C: Continua, continua...

J: Através então, do comitê?

S: Do comitê

Todos concordam

J: Assim, para o resto do bairro, por exemplo, que vocês fazem parte do comitê, mas o resto do bairro, por exemplo, não tem essa informação

S: Não, não, até teria né, um morador também, tinha que ter né

C: É, porque tinha... éramos nós três da Associação, mais moradores, mas só que foi todo mundo...se afastando...

J: Entendi. E essa Associação nova então também não passa essas informações, em reunião de morador...isso não chega ao resto do bairro?

C: Não...

M: Mas aí paira um uma dúvida: será que tá tendo essa informação na associação?

J: É, pois é, não sei. Porque vocês que conseguem trazer para o bairro, né, eu acho que a Fiocruz só tem contato com vocês então agora.

S: É, o comitê agora só com...

J: Entendi. Então a comissão, aqui, o novo... a nova associação também nem... nem chega né

M: Eu não sei se essa associação foi procurada, a gente não sabe, né...

J: É verdade... eu tô achando que é só com vocês, eu acho que não...

C: É só...eu acho

M: (...) a igreja né? A Julia tava, tava não?

J: Ah eu tava! Eu não sei se eu tenho essa foto... queria, inclusive. Ah, depois eu vou ter que juntar isso tudo

C: Aí cada um tem uma foto diferente, a gente passa tudo para você...

J: Tá certo. E alguém ainda pergunta para vocês, vocês enquanto contato com a Fiocruz, alguém ainda pergunta para vocês como é que tá, alguma coisa?

C: Para mim ninguém pergunta não

S: Não...

M: Uma vez eu fui parado na rua ali, a menina queria saber, aliás, até comuniquei isso para vocês na época, não sei se eu tava na associação... não, eu tava na associação ainda... porque... vieram reclamar “ah tem uma criança aqui no bairro que tá com dengue”. Lembra disso? Aí eu falei para ela, “mas tem certeza que pegou aqui?” “Não, pegou aqui, porque não sai daqui” Ou seja, aí o que que eu fiz? Fui, acionei o pessoal da Fiocruz, eles prontamente foram na casa da pessoa, depois a pessoa não falou mais nada, assim... Acho que as explicações foram bem proveitosas

J: É, eu lembro disso, eu que fui na época

SC: Não era dengue.

S: Fizeram exame (...) foram conhecendo o andamento do projeto, como funcionava

N: (?)Já tinha distinguido o que que era dengue... tinha uma dor no corpo já era dengue

C: Ontem mesmo, foi um paciente lá no consultório, que tava “ah eu não dormi bem, tô resf... é... não teve febre, mas com dor no corpo, “será que eu tô com Zika, com chikungunya ou com dengue?” Aí eu falei logo “com certeza, Ilha do Governador não tem mais nenhuma dessas três doenças”

Todos riem

M: Esse projeto tem funcionário gratuito, né? Não ganha nada, mas faz a propaganda.

C: Lá no consultório eu sempre fiz...

M: O projeto quando dá certo e traz benefícios, traz benefícios sim, de ver nossos filhos, netos, sem doença...a gente acredita tanto que a gente faz a propaganda gratuitamente.

SC Falando sobre sinal de internet

J: Essa era justamente uma das perguntas, se vocês sentem os resultados do projeto no bairro e de que forma.

Todos concordam

J: Então, nesse caso de dengue, com certeza...

Todos concordam: Foi geral...

J: E outros resultados, assim, que não só, da doença em si, vocês acham que o projeto trouxe alguma outra coisa para o bairro? Até na época assim, de contato com as escolas... trouxe algum outro benefício, que não só a questão de dengue, Zika e chikungunya?

M: É, eu acho que... conhecimento não seria a pal... é... Aparição né, o bairro ficou mais conhecido, mais visível, é a palavra certa.

S: Mais respeitado, né

M: É, trouxe visibilidade, a palavra é essa

Todos concordam

M: Hoje Tubiacanga tá bem conhecida, bastante. Até fora do país, né

J: Com certeza. Foi até no Japão né, teve gente do Japão

SC: (...) do lugares

J: É, lembro do dia da soltura, que teve... quando eu vi um.. o repórter assim, eu falei “gente!”

M: E não podia ver um camisinha vermelha, vem cá. Foi legal, foi legal

Todos falando ao mesmo tempo

S: Gente, aquele dia foi histórico, né

C: Eu não estava com vocês... eu não estava, foi durante a semana...

M: Aí não podia ver um camisinha vermelha que eles queriam parar... lembra disso? Eu falei gente... eu dei três entrevistas

S: Nós fomos para lá... enquanto a gente tava na entrevista lá na Fiocruz já estava começando a chegar o pessoal. Quando nós chegamos na van aqui, que olhamos aquela esquina... falei gente...a gente tá em Tubiacanga mesmo? É muito bom né. Foi muita gente

SC: Menina, quando eu vi os dois carros da Globo em frente à Associação, e tavam montando a cena... eu digo “o que que tá havendo... será que é invasão de (...) É sobre o mosquito da dengue

Todos falam ao mesmo tempo

J: Tá lá Arthur, eternamente estampado em vários...

S: É, minha neta também tava

J: É verdade, a sua neta. Os dois pequenininhos, lindinhos

S: E a Tainá Dias

J: Ah é verdade, Tainá também tava... gente, quanto tempo que eu não vejo Tainá

S: Agora tá enorme, estuda no mesmo colégio que a minha neta

SC: Depois também foi as visitas que a Fiocruz abriu dos centros de pesquisa de vocês. Aquilo ali foi uma coisa que as crianças ficaram estarrecidas. Então uma criança passando para a outra, como o neto da Neinha, que ele é falante...

C: Eu ainda não fui né

N: Ainda não foi?

J: Tem que exigir esse direito no comitê!

C: Já exigi, já falei

SC: Então aquilo ali foi uma coisa... demais mesmo, fantástico, fantástico...

S: (...)

N: (...) comitê GCRS... (..)

[Difícil entender o que todos falam.]

J: Ah é? Agora que eu tô lembrando... nome pomposo. E vocês sentiram falta de alguma coisa durante a ação do projeto no bairro? Alguma coisa que poderia ter sido diferente... Abordado de outra forma... Algo do tipo?

S, N e C: Acho que não... como foi...foi certo...(todos falando ao mesmo tempo que não, de diferentes formas)

SC: Acho que foi... show... show

N: Eles tinham muito cuidado em fazer as coisas. Antes deles fazerem aqui, eles testavam, eles vinham, conversavam. Antes deles mostrarem para a população, primeiro eles vinham, conversavam, explicavam...

S: Eles tinham muito cuidado de passar tudo certo, tudo... Sem nenhuma dúvida. “Olha, eu acho que vai ser desse jeito”. Não, eles vinham já com aquela... então...

J: Então foi feito em conjunto? Vocês acham que foi feito em conjunto...com o grupo que estava organizando

Todos concordam que foi em conjunto com eles

S: E o grupo todo também era muito entrosado né, que trabalhou o tempo todo aqui dentro, eles eram bem entrosados, bem...

SC: Não, eles não se negavam para diluir dúvidas de ninguém.

S e N: De ninguém, de ninguém...

C: Podia ser a mesma dúvida...

SC: Se nós tivéssemos em reunião, no clube, onde for, se alguém tivesse alguma dúvida...

N: Eles sabiam explicar

SC: Eles sabiam, esclareciam tudo

S: Na hora

SC: “O senhor ainda está com dúvida? Tem mais alguma...” Gente não deixem de perguntar, isso é que nem uma escola, não me saiam daqui com dúvidas.

N: Eles tinham muito cuidado com isso.

SC: Eles tinham muito cuidado, muito...

C: E toda a equipe sabia... te responder.

S: Sabia falar

C: Não era “não, você fala sobre isso, você...” Não, equipe toda tinha...

SC: Estavam coesos

S: Podia abordar qualquer um, eles iam falar, explicar direitinho

J: Ah, que bom. E hoje em dia...

Todos falando sobre algo aleatório... comida, acho

J: E hoje em dia, além desse grupo, que tem maior contato, é, vocês... Rogério, Marcos Rogério... além disso, vocês acompanham como o andamento do projeto? Vocês conseguem acompanhar por Facebook...ou...

C: Em site, no Facebook

S: Site...

J: O site está sendo atualizado?

C: Tá

J: E tem saído matéria em jornal? Alguma coisa de Ilha... não sei se tá tendo

Todos: Não, não, da Ilha não

S: Essa matéria que foi fora da Ilha, que tava o Gabriel... foi aonde que foi... Até eu curti. Tava o Gabriel e tava uma menina que eu peguei aqui ainda, e os outros três já não reconheci...

J: Entendi. Então de vez em quando vocês ainda veem alguma coisa ou outra sobre o projeto circulando, ainda chega alguma informação?

C: Aham

J: E aí, assim, de perguntas, era basicamente isso. Aí eu queria saber se vocês gostariam de acrescentar algum comentário, observação, alguma coisa que vocês queiram falar sobre essa ação do engajamento comunitário mesmo, do projeto aqui no bairro, alguma coisa mais que vocês acham relevante?

M: Acho que mais relevante que a amizade que ficou é impossível...

SC: Eu acho que é bom vocês retornarem aqui, sabe...

J: Ah, eu também acho, a saudade que deu...

C: O pessoal antigo né, desde o início, poxa, ia ser sensacional...

SC: Eu vou tentar falar com a Nathalia pelo Facebook

J: Talvez né, talvez...

Falando sobre o casamento da Nathalia

J: Mas aí agora eu quero saber da história. Vocês podem me contar um pouquinho da história de Tubiacanga? Para eu deixar gravado. Assim, a história, não só de como surgiu, mas a história depois das remoções... acho que essa...

SC: De NÃO à remoção

J: De NÃO à remoção... exatamente. Porque algumas casas aqui quando chegaram foi de remoção de algum outro lugar antes... não teve isso? Eu preciso dessa história lááá... Então, eu queria saber um pouquinho dessa história

N: (...muito baixo)

S: Não, você foi a primeira né

SC: A maioria que estão aqui, são filhos de funcionários da aeronáutica... é...

C: Filhos de pescadores...

SC: Filhos de pescadores...

C: A minha ali onde eu moro, que é... em frente à farmácia... rua 90...rua 94... noventa e... qual é ali de...

N e SC: 96, da escola

S: 89

C: Nós, viemos da Praia de São Bento. Que era uma área da aeronáutica, que eles precisavam daquela área para construir algo e... transferiram os moradores para cá. Essa é a *minha* parte.

N: Agora tem a parte (...)

S: A minha, eu vim de...de Itacolomi. Mas foi uma coisa assim tão absurda, que eles não avisam não, chega assim, nós vamos precisar dessa área, vocês vão para Tubiacanga, já estava na...na obra. Aí quando foi um belo dia de manhã, chegaram, tá, hoje é dia do senhor, Seu Antônio. Ué, mas eu não tenho nada arrumado. Aí o primo deles, então eu vou, que eu não tenho família, tô sozinho. Aí fomos, foi que viemos, vim para a 92, alguns da rua da praia... e para outra rua que tem... para a 94. Tem muito morador ali daquele... assim, tudo que não é...da 94 tem um pedaço ali que morava todos da Escola...Oliveira. Todos. Eu morava atrás da ... Oliveira também. Ali na...na minha rua, tem uma família que toda ela era dali de trás da Escola (...) Oliveira

SC: Dona Albertina

S: É. Daquele pessoal dali ficou tudo mais próximo. Na área de Neinha você já veio... que rua que tu morava?

N: Eu morava na Avenida Sales

S: Ela morava na Avenida Sales. Eu morava atrás da escola. Aí já veio por ali, já veio subindo. Entendeu. Aí quer dizer, nós viemos de uma remoção. O pessoal das casinhas não né, o pessoal das casinhas foi...foi...tiveram direito à casa aqui porque não sei o que que houve lá...

C: Não, foi de Itacolomi também

Todos falam ao mesmo tempo

C: A Rita, a Rita disse que o caminhão chegou lá e trouxe...

N: A mesma situação!

C: É!

SC: O meu pai teve que entregar a casa... Como eu tava em melhores condições, ele ficou descontando... aí eu digo “olha, vai parar”... Foi quando eu adquiri minha parte lá no galeão, construímos nos fundos a casa de meu pai. Tirei meu pai, entregamos a chave à prefeitura. Foi tirar os móveis, a prefeitura entrou e derrubou.

S: É, a minha (...)

SC: Casas maravilhosas, coisa de louco. Cada vila eram 54 casas...

C: Tudo área da aeronáutica. Tanto lá...

SC: Tudo área da aeronáutica. Aquilo lá foi na época do... do presidente Getúlio Vargas. “Cuidar e zelar que no futuro será de vocês”. Mas ele só falou, não escreveu, então fez o que fez. Removeu todo mundo para cá.

S: É, ainda a casa que eu morei...

SC: (...) São Bento, Bacourubu...Flexeira... é... PKE, Vila do PKE, vila de funcionários do PKE

C: Mas o Flexeira foi para construir o aeroporto

S: É...

SC: Mas começou por ali. O início foi ali

S: Cantagalo também.

SC: Cantagalo... Aí veio, é... Cruzeiro... o pessoal todinho da área do Cruzeiro. Da escola (73) Loreto Machado atrás, e depois veio toda a avenida 1 e avenida 2 e 3 e 4. Então só ali tinha 1600 residências...

S: E até... as ruas era do... avenida 7, era rua 1, 2, 3, até 6

SC: Até 6, então muitos deles, que foram removidos, estão na Fazenda Botafogo, baixada fluminense, que é Belforoxo, Rosa dos Ventos, Embariê (todos ajudando a lembrar os nomes)... é... aqui... tem Bonsucesso, que é na praça do Cai Duro e aqui...em Mauá, perto de Olaria

N: Todo mundo foi removido para a construção do aeroporto. Onde eu... a minha casa era a casa dos meus avós, onde eu nasci, me criei, casei, tive meus filhos e eles derrubaram assim que eu saí

SC: Então, mas aquele pessoal ali, tudo ganhou área para ir, tinha opção. Fazenda Botafogo, vai tirando...

N: Botou tudo mesmo, geladeira ainda com tudo dentro. Botou dentro do caminhão, trouxe para uma casa que não tinha nem chão, não tinha nem piso

S: É, não tinha piso não

J: E vocês que tiveram que fazer tudo?

N: Nós que tivemos que fazer.

S: Nem muro nem piso. Tanto que minha sogra, como era deficiente, a minha cunhada pediu para esperar mais um pouco, para ela colocar pelo menos o piso na casa da Dona Ondina. Ela foi a última a vir para cá, para Tubiacanga, Dona Ondina. Mas a nossa casa lá, ainda tá em pé lá, só tá cheio de mato. Mas na rua 6, 5, 4 não tem mais nada. Tudo plano. Você olha assim, dá uma dó, gente. Do lugar que eu morava antes de casar...ali assim, ai...

J: E ainda tá lá né, o que é pior ainda.

N: Onde tinha a nossa casa não fizeram nada... Nada! Fizeram nada!

SC: Você vê, onde tá o (...) não tem nada!

S: Você tá aqui, se estrutura, ajeita a sua casa como você quer... não vocês vão ter que sair, já pensou que pânico?

N: Aí em 2013 vem a notícia que vai sair todo mundo, vão tirar, acabar com Tubiacanga, para que?

C: Para construir uma terceira pista do aeroporto.

N: Construir uma terceira pista? Um absurdo

S: A gente entrou em pânico, imagina isso

C: Aí, nós fizemos uma reunião... E formamos uma comissão de moradores. Que era um representante...

J: Que não tinha, né?

C: Tinha uma associação de moradores, mas que tava...

S: Tava fechada

C: Porque o... presidente tinha falecido. Aí teve uma reunião no clube, o Alex...que... aí nós criamos uma comissão de moradores, que era um representante de cada rua. Aí começamos a correr atrás para que isso não acontecesse.

M: Engraçado é que eu era o único representante que não morava na rua. Eu namorava uma moradora da rua. Como não tinha representante, eu falei “posso ser representante?” Aí aceitaram e eu tô aí até hoje. Hoje eu sou morador.

C: É. Aí nós...aí fizemos passeatas... fomos falar com Deus e o mundo...

SC: Com o ministro Moreira Franco...

C: Na época era o Ministro Moreira Franco da... aviação...

S: Esses dias eu vi... que o Face lembra você, né, das coisas. Aí aparece lá a minha foto no escritório do Moreira Franco

(...)

SC: Mas ele foi taxativo naquilo ali...

C: SIM!

S: Ali foi...

SC: Falou... disse “não prometo, mas vou tentar”. Nós tivemos reunião com a (anac?), dentro do clube. E falamos *ao vivo* com ele. Moreira Franco. E um grupo deles... veio engenheiro, veio uma senhora dos recursos humanos... ela disse que Minas...ela deslocou um pessoal, quer dizer, e assentou. Eu digo, a senhora fez isso em Minas, e aqui?

Falando de foto com o Moreira Franco

M: Esse pessoal que fica com Moreira Franco vai tudo responder... Eu não tô ali não... (Risos)

C: Mas quando ele foi preso... quando ele foi preso eu botei para elas. Olha, meninas vocês...

M: Mas eu acho que ele teve assim (...)

C: Não, ele foi, *para a gente*, ele foi...

Neinha fala coisas ao fundo

SC: Eu tenho o processo na *íntegra* aqui. Eu vou pegar

M: Acho que ele mudou até o processo

C: E aí... não, aí ele tirou, do contrato que a Rio Galeão assinou, ele tirou a obrigatoriedade da terceira pista. Se houvesse a *necessidade*, eles teriam que estar em conluio com a gente, entendeu. Chegar num acordo. E por isso nós estamos aqui até hoje.

S: Se não eles resolviam chegar aqui (...)

M: Já que isso é uma pesquisa para a eternidade aí, pros canais da vida, a gente não tá seguro 100% aqui não. Isso pode mudar. A gente fez um contrato com a Rio Galeão de 25 anos, que já se passaram o que? 5? E... a gente não sabe o que pode acontecer depois desse contrato, entendeu? Se vai começar a ter perturbação de novo... Até porque, já se pleiteou aqui a concessão da posse e ninguém dá. Por que? Porque é uma área federal, comandada por uma empresa privada. Você vê que aí já está uma incoerência, né. Isso aqui não era para ser comandado por eles. Aí o cara não, tipo assim, arrendar, arrendar isso aqui. Mas quando eles tiverem no poder, eles podem falar não, tem que aumentar a pista, tem que fazer um galpão para o avião, não sei o que, pode sismar, até porque eles têm direito, tem dinheiro... ó vou botar vocês em...outro lugar até melhor...

C: Mas o contrato não deixa eles fazerem isso

M: Não, o contrato fala que para fazer isso eles têm que sentar com os moradores...

C: E chegar em um acordo, então a gente nunca vai aceitar.

S: Provar que realmente precisam

M: Provar que realmente existe essa demanda, que na realidade, é tudo em função da demanda de passageiros do aeroporto

C: O tal gatilho, que é Pousos e Decolagens. E a gente durante 5 anos, a gente acompanhou isso, e não houve crescimento. Nem na Copa, nem nas Olimpíadas, que foi aqui, a gente tava com medo...

S: A gente tava com medo da Copa...

M: Pelo contrário, houve queda.

N: Houve queda... (fala baixinho ao fundo)

SC: Isso é grande tá. É um processo administrativo que nós vivemos desde a inicial. Eu, Cantizano, tem a petição, tudo. Se isso for de utilidade para você, se você quiser tirar para ver, você tira...

J: É, depois se for útil eu até peço, por enquanto não...

SC: Isso aqui é o edital do leilão. Foi essa reunião que as meninas tiveram com o ministro Moreira Franco. Contrato para concessão para ampliação de manutenção e exploração do aeroporto.

Neinha e Sônia conversando.

S: Não, César não

SC: Não, eu não pude ir porque eu tinha um evento aqui...na época eu ainda comandava o bar, não era meu filho. Foi um evento...não sei o que que houve na época.

M: Eu não fui porque eu não fazia parte do grupo ainda. Eu entrei depois dessa reunião

C: Esse grupo era da remoção, Não à Remoção

Todos falam ao mesmo tempo

M: Eu quando fui na reunião para saber, depois que vocês foram no ministro, fui na reunião, aí eu fui assistir a reunião. Cheguei lá, pediram um representante de cada rua e não tinha da Rua 88. Eu falei “Posso ser?” “Ah você não é morador, mas você vive aqui...” “Ah você vive mais aqui do que lá, pode sim”. Aí eu fui. E quando houve a escolha para criar os diretores da Associação de Morador eu não podia ser. Isso gerou um...um empasse na época, que o grupo adversário queria me derrubar, mas aí o pessoal bateu o pé “não, ele vai ser sim, até porque ele vai vir morar aqui”. E aí tô aqui até hoje, agora eu sou morador.

SC: Olha, isso aqui foram coisas que nós... isso aí ficava eu e Cantizano trabalhando. Muitos deles não tinham nem conhecimento. “Adote-se a seguinte emenda: moradia adequada à comunidade.” Porque nós indagamos à Brasília quem detinha o poder na área. Se era o terceiro (...) ou Infraero. Aí eles responderam. Tubiacanga, Ilha do Governador, prefeitura da cidade, Infraero notícia: Demolição de imóveis, suposta ausência de notificação prévia. Foi quando eles vieram aqui, aleatoriamente, demoliram duas...

S: Duas casas

SC: Duas residências. Às 7:15h da manhã. E demoliram...

C: Mas isso não tem nada a ver com a nossa...

SC: Com a nossa... isso aqui foi as brigas. Isso é para você ver, como é que eles agiam.

M: Ou seja, César, agora me parou uma dúvida. Dessa...desse derrubamento dessas posses, aí que começou a desconfiança de que poderia, que nós poderíamos sair daqui?

SC: Foi. Não, não foi só isso não

C: Não teve nada a ver não

SC: Não teve nada a ver não

M: Totalmente independente né

SC: Totalmente independente. Eles cometeram um deslize muito grande. O mandato de execução, que a menina tinha na mão, não era para aqui, era para o 1521, Estrada das Canárias. Está até lá, hoje, é uma senhora loja de *três andares*. Então essa aqui é a petição, que nós demos a inicial, ó, tudo feito à mão na hora, no Ministério Público Federal, assinou eu e o Cantizano...

C: Ah mas isso aí foi do CDDPT

SC: Aí que nós entramos com a CDDPT

C: Foi uma comissão de moradores *antes* da nossa comissão Não à Remoção

SC: Isso aqui foi antes. Agora, o do...o das demolições...da tentativa deles é essa aqui. Tá na página 13. Contrato de concessão. Aí você vai ver com calma, a hora que você precisar você vem, você vai ver o que o ministro diz.

M: Mas ele pode ser até preso, mas que ele ajudou a gente, ajudou

SC: Ajudou

C: Com certeza. Para a gente ele ajudou

SC: Em revogação ao artigo 50. Aqui, ele diz assim: “Em revogação ao artigo 50, lê-se o 51”. Quer dizer, ele revogou o artigo 50. “Se preciso for, a remoção dos moradores da Praia de Tubiacanga, far-se-á, uma *reunião com os moradores*, antes de qualquer medida”. Quer dizer, tem que dar a satisfação aos moradores, o porquê... e que tenha local de assentamento próprio. Tirar uma comunidade com quase 4.500 pessoas, seja lá, aproximadamente 5.000, saneamento básico, escola... Aí foi aonde... foi aonde o grupo, que ele mandou, disse assim: “É, os senhores sabem mais do que nós”.

S: É mesmo, eles falaram isso

SC: Eles falaram assim mesmo, não foi? “Vocês têm mais conhecimento do que nós, que nós não estamos sabendo de nada disso. Nós não estamos sabendo nada disso”. Mas eles tinham horário para embarcar, né... acho que era 00h, eles tinham que estar no aeroporto para voltar para Brasília

C: O aeroporto estava *cheio*...lotado de morador

S: Muita gente...

SC: Ih, eu nunca vi tanta gente em Tubiacanga, foi igual nossas eleições, que foi uma maravilha, chocolate... Eu sei que eles saíram daí boquiabertos. Que depois eu e Cantizano até falamos com Moreira Franco depois

M: (...) que ele comeu um peixe aí, né?

SC: Foi, combinamos com ele, ele ficou de vir aqui...

M: Agora ele vem

SC: Não sei se vem boiando, mas vem. Então, até hoje eles não tocaram mais no assunto. A terceira pista que eles queriam fazer... desistiram. Que veio engenheiro! Veio engenheiro, veio cientista...não sei de quê... Aí eu perguntei para um deles: “Escuta, o

senhor sabe quantos quilômetros tem essa pista aqui? Quanto tempo levou para construir?” “Não, não, eu sou engenheiro” “Pois é, mas o senhor sabe o tempo que levou? Pois é, ela tem 4.836 metros. Terceira pista? Vocês não usam um terço para pouso e decolagem.” “Hm, eu não sou piloto.” “Então procure saber”. Mas tinha um coronel que era piloto, naquele bando, não é? Disse é, realmente. E essa pista aqui foi construída em 7 anos. Tá, 7 anos foi construída essa pista. Aí disse “é...7 anos”. Eu disse “agora vocês querem fazer *outra* aqui paralela, sem necessidade”. Sem necessidade. Porque futuramente o avião tá fazendo isso (faz gesto com a mão)

S: Daqui a pouco o avião tá (...)

SC: Foi o que o Cantizano falou lá pro Moreira Franco. Na marinha...

C: Eles vieram...

M: O Cantizano por ele ser um cara estudado... ele...ele... deu a explicação do seguinte. Ele falou assim, levando em consideração que a aviação, ela evolui muito rápido, que já tem avião subindo no sentido, é...vertical e partindo na horizontal. Né? Aí ele entrou com aquela assim... tem um...787 né, que ele leva 800 pessoas. O que acontece, um avião que leva 800 pessoas, ele vai tirar 5 ou 6 aviões da pista, não é isso? Ele vai diminuir e o gatilho aí, o tal do gatilho, é que quanto mais avião subisse e descresse, maior a necessidade da pista. Como ele conseguiu provar que o avião tá aumentando o número de passageiros e diminui o número de avião, os caras começaram a falar “pô, esse velhinho não é bobo não”.

SC: Haja visto que o concorte saiu de linha

S: É, o que precisava de mais extensão de pista

C: A questão é essa, que eles vieram achando que fossem encontrar aqui pessoas leigas...

J: Que iam deixar, que não iam ter argumento...

C: Exatamente

Vários falam ao mesmo tempo

J: É, não vai enganar ninguém não

C: Exatamente. E a gente estudava muito para também saber o que falar

J: Aprenderam bastante sobre avião

M: Depois que a gente fundou a Associação, acho que foi uma grande coisa para... para o bairro, né, é... a gente começou a estudar também, né, porque tem coisa assim, cada um tem... ele é da polícia, eu sou da marinha, ela...tem as funções dela. A gente não...tava ligado em tudo disso, tivemos que pesquisar. Que quando chegava na reunião lá, só engenheiro, advogado, dono da empresa, representante que vinha de outro país... É, não tinha esse negócio de mastigar mingau não, a gente falava de igual para igual. Quando o cara tomava a porrada, virava pro lado já tomava outra.

SC: Primeiro quando nós chegamos, a camisa vermelha...

M: Diretoria

SC: Diretoria. Todo mundo ficava assim...

M: Pô, esse pessoal é organizado...

J: É, isso que eu ia falar, já tem uma organização que eles já não esperam... uma força...

M: Esse negócio aí da camisa da diretoria foi uma coisa minha né, coisa de militar. Eu falei “gente, vamos fazer uma camisa”... aí não sei se foi César que falou, tem que ter uma cor impactante, vermelho. Aí eu fiz a camisa, vermelho, diretoria, letras bem garrafais atrás...

N: Vermelho já veio de Não à Remoção...

M: De Não à Remoção...

SC: Pior não é isso, Moreira Franco lá falando conosco, “Gente... eu sou PT”. Aí eu disse assim, “Mas por que, ministro? Por que o senhor tá falando que o senhor é PT?” “Partido Tubiacanga, eu tô com vocês até...onde puder”

M: Ele foi muito bom para a gente aqui. Pode até ser preso, mas que ele foi bom para a gente, ele foi...

S: Foi muito útil

M: É a única parte do PT que eu gosto

SC: Quando o Cantizano entrou lá no computador, era uma e pouco da manhã, que ele viu aqui... (conversas paralelas) É, mas ele se filiou à nós, PT, Partido de Tubiacanga. O dele era PMDB, sempre foi.

C: Sim, eu sei

J: É muito legal isso.

Falando sobre TCLE

M: Essa comissão aí que foi criada para... brigar pelos interesses de Tubiacanga foi uma coisa assim... sabe, fabulosa. O Alex que puxou esse bonde na época, a gente tem que tirar o chapéu para isso aí, porque...é... acho que se não tivesse essa comissão, eu acho que... ia desandar

Todos começam a falar ao mesmo tempo, que se não tivesse a comissão eles teriam perdido

N: De repente tinha virado já um (...)

M: E sabe o que os caras fazem? Os caras são covardes... Tira uma comunidade. O cara vem aqui e fala “olha, quanto vale o teu estabelecimento?” “Ah, eu quero 300.000” “Eu vou pagar 500”. Aí ele vem e derruba tudo. Aí ele vai do lado. E assim ele vai minando, vai minando e daqui a pouco, é como aconteceu lá no autódromo de Jacarepaguá, só teve um cara... agora aquele cara foi muito corajoso. Ele fez uma mansão lá e falou que não vai sair, não vai sair, tiveram que deixar uma pista para ele entrar, só tava morando ele, todo mundo vendeu. Chegou a ver a casa do cara? Uma mansão, uma mansão. Aí ele falou “Não, não vou sair daqui não. A não ser que vocês paguem o que eu

quero”. Ele queria 2 milhões. A prefeitura queria pagar 500mil. “Não, menos de 500 mil a gente não pode pagar, que isso aqui foi invad...” “Não, é 2 milhões ou 2 milhões” A prefeitura não tinha para onde correr... 2 milhões! Pagaram a casa do cara. Pagaram... Aí é o caso que pode acontecer aqui, se o cara foi comprando uma por uma, nego vende, tu sabe que nego vende...

C: Siiim, mas só aqui não cabe isso... não cabe isso...

M: Se a maioria... Mas lá também não cabia...

C: Lá sim. Aqui é área federal, aqui eles tem que tirar a gente daqui e assentar em outro local

SC: São duas coisas que não cabem aqui, indenização por imóveis e usar o uso de capião. Não existe aqui. Em terras próprias da União, não existe o uso de capião

C: Eles deviam até agradecer porque a gente cuida, né...

M: A gente vive procurando uma brecha, existe brecha, existe brecha...

Começam a falar de comida

J: Gente, eu vou parar aqui a gravação, tá...

Entrevista 5 – Moradores de Jurujuba

Data: 18 de julho de 2019

Hora: 14:00

Local: Igreja de São Pedro, Jurujuba

Participantes: Julia Pereira Alves (entrevistadora), Maísa Vasconcelos (M), Firmino de Oliveira (F) e Carmen Sader (C)

Duração: 2:16:34

J: Ó...tô gravando? To gravando. E aí, gente, então posso começar aqui com as perguntas? (fala sobre o TCLE). Então, gente, aí, justamente, a primeira pergunta é o que vocês estavam falando agora. De que maneira vocês primeiro ficaram sabendo do projeto, como foi esse primeiro contato, vocês, lembram? Quem falou com vocês, qual foi o contexto. [Silêncio curto] Eu lembro da Dona Carmen [risos]. Agora de vocês eu não sei, porque eu não estava.

Maísa: Pelo que eu me lembro, assim, mais ou menos, acho que foi com a Cida mesmo e a... e a Michele, né, que... chegaram aqui... como assim, a igreja sempre é um ponto...referencial. E aí, eu como faço parte do...assim, não tenho nada a ver com a Associação, mas porque eu amo Jurujuba e aí eu quero...tudo que tem aí para Jurujuba a gente tá abraçando. Aí teve também a facilidade de abrir o espaço aqui para fazer as primeiras reuniões em relação a isso. Então, aí... a ideia, né, que colocaram para a gente, é que justamente fazer com que...a gente eliminasse a dengue, né. E como Jurujuba tava bem alto o índice...do mosquito, da doença. E isso foi com o que a gente ficou mais assim...é...esperançosos, né, queria ajudar o projeto.

J: Uhum. Firmino, foi mais ou menos forma... mesma época, né, foi o que, 2012? Ou foi depois?

Firmino: Não, foi antes de 2012...

J: Foi antes de 2012?

M: Eu não tenho a data... foge da minha memória...

F: Não, foi antes de 2012...

J: Que eu entrei em 2014, aí tudo que teve antes, assim, eu não...

F: É, acho que foi antes de 2012, se eu não me engano foi dois mil e...2011, por aí, assim, não foi 2012 não...

J: Mas foi da mesma forma...?

F: Da mesma forma... Mas, é... chegaram... se reuniram na capela, no salão da capela. E passamos a conhecer a necessidade de ajudar o projeto né, eliminar o mosquito da dengue e... pareceu uma coisa muito...boa, não só para o nosso bairro, como também para o nosso município e a pesquisa, sempre que tem uma pesquisa é para melhorar né, para as coisas melhorarem. Então a gente se engajou nesse projeto, conhecemos a Michele, as pessoas...o Jorge, também foi (...) nesse começo do trabalho aí, também nesse engajamento. E depois dele, as outras pessoas que passaram pela gente, só deixou

alegria, satisfação de trabalhar e também aprendemos muitas coisas, porque, quando a gente se reúne com o grupo, a gente não tá dando ensinamento, tá recebendo ensinamento, isso é muito importante que as informações, as coisas que você consegue aprender, só vai dar respaldo pro futuro, e passar também essa informação para outras pessoas. Foi o que nós procuramos fazer dentro desse projeto. Passar para as pessoas, que não estavam dentro do grupo, o que nós conhecemos...o que a gente tava aprendendo aqui (...). Então a gente informava os moradores como ia funcionar, como seria o benefício, não só para a nossa comunidade, mas para outras comunidades. O projeto foi crescendo, foi... fomos caminhando juntos. Até hoje estamos aqui engajados, conversando com você, Julia, para poder esclarecer que nós estamos aí com muita esperança que esse projeto dê certo por aí afora. Eu tô sabendo que ele tá andando aí por outros bairros do Município (...), Região dos Lagos, isso é muito importante, como fizeram também lá no... na Ilha do Governador, né?

J: Na Ilha toda...

F: Na Ilha parou. Não, na Ilha continua, parou foi na Urca.

J: Foi, foi

M: Maaas, assim, essa primeira fase, né, ela não foi assim também muito fácil, né, fazer com que toda comunidade aceite, foi preciso realmente, através *da gente* né, como é a ideia...delegados, não...que nós estamos aqui...

J: É, multiplicadores...

M: É, mas acho que tinha um outro nome...

F: (...) Luciano né, o Luciano veio, conversou com a gente em termos técnicos né, e... passou todas as informações nas reuniões, teve várias reuniões né, Maísa?

M: É, porque a gente teve essa formação também para poder chegar para a população, para os nossos vizinhos e comunicar o que está acontecendo, né. E aí foi... os líderes foi eu, foi Firmino, é... assim, foi pegando cada um de um lugar

F: De uma área

M: Né? E... e começamos a falar para outras pessoas... Se eu falar...a Maísa já tem lá a armadilha, então isso foi ajudando a todo mundo a... a abraçar o projeto, porque ninguém aqui quer ficar doente.

J: É, e vocês passavam isso ativamente mesmo, encontravam alguém e falavam do projeto, explicavam o projeto...

M: Uhum. E aí depois foi a segunda fase, que eu acho que foi com o Jorge, com a entrada do Jorge, né, aí teve a... né, Carmen, você, o outro pessoal foi... (silêncio curto)

J: Aí o grupo já tava praticamente... formado

M: Bárbara, a Rita...

Carmen: Pessoal do Grael, tinha sempre uma pessoa do Grael, que nem sempre estava, mas quer dizer, acho que o bairro todo já tinha tomado conhecimento do projeto.

J: E aí como foi o seu primeiro contato, você lembra?

C: O meu primeiro contato, em primeiro lugar, eu tinha um compromisso na biblioteca, porque eu não sou moradora do bairro, né. Mas eu tinha esse compromisso lá na biblioteca que era um compromisso como se eu... é... oh meu deus... eu tô com esse problema agora... é (...) passar informação. É claro, não dá para você escutar como o Jorge apresentou para a gente, no caso, como ele apresentou para mim, né, é... como funciona, como funcionaria o projeto que você não se entusiasmasse, não tinha como. Isso não é uma coisa que você guarda para você, isso você tem que espalhar, né? E aí, eu fiquei tão empolgada que eu conversei com a coordenadora do meu projeto lá. Na ocasião era a Margareth, Margareth é uma pessoa muito presente, muito atenta, muito ligada e ela convidou então o Jorge para fazer uma palestra na biblioteca, que aí a gente atenderia outro público, chamaria... seria pessoas do bairro, mas não essas pessoas como Firmino e Maísa e como Michele, que vocês estão falando que participaram daquele comecinho. Seria como eu, por exemplo, que não... que sou de fora, né, eu, professores da escola, os outros funcionários, né, que circulavam lá. E aí, eu assim, eu entrei porque realmente a coisa me empolgou, fazer parte... eu fiquei super orgulhosa de ter sido convidada para fazer parte, mesmo não sendo moradora do bairro. E assim, por incrível que pareça, Julia, o meu bairro ainda não foi contemplado, onde eu moro...

J: Ainda não chegou?

C: Ainda não chegou lá. Mas assim, eu ainda continuo achando que com tudo que se faz, e a gente sabe que muita coisa é feita, né, eu acho que ainda muita gente precisa saber e muita gente precisa *apoiar*. Eu por acaso fiquei no consultivo, aí já tem uma outra visão, que é a visão de tudo, sabe Firmino? Em várias reuniões do consultivo eles falam assim muito do... tudo né, não é como as nossas acolhedoras e simpáticas reuniões, lá é tudo muito... assim... eu acho até frio, como eu te falei, até o lugar. Mas é... eles têm dificuldades, eles tiveram muitas dificuldades de soltar mosquito em Icaraí. *Eles tiveram muita dificuldade*. Tiveram muita dificuldade na Região Oceânica, são muitos vai vem, vai vem...

J: Dificuldade das pessoas apoiarem...?

C: Assim, lá é um conjunto de coisas, pessoas apoiarem também. Até porque, tem toda uma parcela da comunidade que é um nível social que se considera gente muito chique, muito importante, muito rica. E mora em condomínios lindos, maravilhosos, sensacionais, que acho que é uma característica de lá. Agora já tem favela, já tem tudo, mas começou a região oceânica com essa coisa de “eu moro no condomínio, meu condomínio é fechado...” a gente que mora em Niterói sabe que é assim. Eles têm como prática usar fumacê. E aí, você ia lá, conversava, explicava, aí metade entendia, a outra metade... balançava, ah mas aí não concordava de acabar o fumacê. Quando eles topavam, não matava o que mordida e dava doença e matava o que tava com Wolbachia. Isso mexeu muito com o índice de quantidade de mosquitos com wolbachia, fazendo eles irem e voltarem, irem e voltarem. Isso foi mais ou menos o que eu consegui assimilar do consultivo. Aí começou também a expansão do Rio, aí já começou também a ficar meio complicado porque começou a ter muita gente, eles começaram a espaçar mais, aqui ficamos totalmente esquecidos. Nós fomos totalmente esquecidos, porque a gente achou que ia ficar aquela coisa boa... mas acho que eles não tiveram como... a expansão...

M: Esse contato que está, é porque eu ligo para lá. Eu não vejo, assim, eles querendo informação, “Maísa, como é que estão as coisas...” assim, não. Que *eu* passo informação. Agora fugindo um pouco da história, que eles também se preocuparam, o projeto, não só com o mosquito, mas também com outras doenças, vamos supor, com o câncer de mama. Eles fazem um trabalho, tá fazendo um trabalho no Facebook e tal... mas em termos disso, de ligar para saber como anda, a gente não teve nada de contato... acabaram e.. como assim, acabou.

C: Mas, eu por exemplo, não sei que dia que a gente tava conversando, foi essa semana, eu tava na acupunturista e uma moça que estava sendo atendida lá... eu tava espetadinha lá, não podia conversar e ela tava falando assim “ah porque a as pessoas estão reclamando muito de chikungunya, não sei que, mas agora tem o mosquito com Wolbachia”. Ela conhece, já chegou ao conhecimento dela, aí quando eu saí ela tava lá ainda. Aí eu falei com ela “ah eu participei do comitê, lá em Jurujuba, foi onde começou o projeto e tal”, aí ela falou assim “ah, mas é difícil...”. Um dia desse também eu vi uma postagem de alguém, eu não sei se foi na região oceânica, se foi ali, Baía 2, que eles chamam né... não Baía 1, Baía 2 é lá pelo Centro, região de Icarai e tal... e a pessoa tava reclamando de “quem foi a ideia de soltar mosquito se a gente já tem monte de mosquito, nãñã...” Aí, sabe, eu falei, caraca, complicado, né, você não consegue numa postagem explicar tudo que a gente conseguiu aprender...

J: Ou chega pela metade né, chega que tá soltando mosquito, mas não chega que mosquito é esse...

C: Que mosquito é esse, como é sério o trabalho... né... Não sei se te respondi.

F: Eu acredito até que seja... não sei se por ser uma área maior do que o nosso bairro, como Região Oceânica, Icarai, etc, que não tiveram assim uma informação como nós tivemos, que aqui nós espalhamos muitos panfletos... e a proximidade que nós tínhamos aqui com a comunidade, entendeu, é bem melhor do que vocês chegarem numa área, que nem a Carmen tá falando aí, esse pessoal que mora em condomínio, essa coisa fechada, pessoal vindo para receber para receber, não tomam... às vezes não quer nem tomar conhecimento e aqui foi mais...

C: Cria uma barreira...

F: É, cria uma barreira...

M: Porque o que acontece, bairro pequeno é mais aconchegante. É mais fácil você... a entrada das pessoas. Como eles chegaram... que que eles procuraram saber? Ah quem é aqui tipo... por exemplo, um líder comunitário, quem é que tá aqui? Aí falaram, “ah procura Maísa, procura Firmino, não sei o que...”

J: Que todo mundo conhece, o bairro inteiro conhece

M: Todo bairro bate lá em casa. Às vezes pelo amor de Deus, gente, para de (...) aonde eu moro... Então tem essa característica do bairro. Desses lugares aí para fora, saindo daqui das mediações, vamos supor Preventório, se estende até um pouquinho Charitas, talvez até um pouquinho, mas agora tá com tantos espigões que... fica difícil. Eles já perdem essa característica de bairro de interior assim, apesar de que nós estamos numa

área...é...nobre, que é na Zona Sul, mas Jurujuba você vê que é ainda aqueles bairros antigos que mantêm...

F: É um bairro pequeno né, em relação à...

M: É todo mundo parente, todo mundo dá bom dia... Saindo daqui é difícil às vezes até dar um bom dia para as pessoas. É de casa, trabalho, trabalho, casa, ninguém fica na rua, conversando, não tem essa característica que nós temos aqui. Então, realmente é difícil, mas se tem... eu não sei como que ocorreu lá, teria que ter no processo uma associação de moradores, deve ter, na Região Oceânica, então ali, vai pelas igrejas, que tem os pontos de referência. Foi o que falei para eles, ó, já tô até avisando as minhas colegas que moram lá no Fonseca, que agora vai, acho que vai atingir o Fonseca. Essa revistinha que eles deram, que é para criança, já mandei para lá já. Quando baterem na sua porta você diz que já conhece esse projeto, lá de Jurujuba, que Maísa falou, que a pessoa já vai ficando mais a vontade, ficando é...mais confiante né... E eu também falei para Engenhoca, né, eu tenho um grupo muito bom lá no posto de saúde de lá tenho duas amigas enfermeiras, que fazem um trabalho lá de conscientização do câncer de mama e lá tem um grupo, “os bem vividos”, não sei se você já ouviu falar, é enorme, enorme, então bateu nesse posto, tem a terceira idade ali, tá tudo ali, então você pode expandir o projeto ali na Engenhoca.

C: Eu acho, Maísa, que o que não deu para eles fazerem, seria ideal, até por uma questão de que tomaria muito tempo é que eles formassem na verdade, é... comitês como eles formaram aqui. Em cada bairro que eles foram. Entendeu? Eu acho que faltou isso, porque lembra quando o Jorge anunciou “ah depois quando a gente sair daqui a gente vai ter um comitê que é *de Niterói*”? Que não vai ser mais...né... o nosso não, o nosso era *de Jurujuba*, né? Quando foi o comitê *de Niterói*, aí a coisa ficou um pouco mais espalhada... Claro que você passou a informação para a Engenhoca, que você tem contatos, Firmino tem os contatos que ele tem, eu tenho contato também em diversos lugares... por exemplo, a Região Oceânica, quando chegou na escola Gay Lussac lá, eu já tinha conversado com uma pessoa, que é diretamente ligada, está afastada agora porque já se aposentou, mas foi um dos chefes da escola. E ele é entusiasta do programa e ele ajudou muito, mesmo sem estar lá, pela conversa que eu tive com ele e tudo, numa oportunidade familiar, ele é viúvo de uma prima e... Aí ele já sabia e deu uma força enorme na escola, fez um monte de atividade, um monte de coisa, num lugar que tava sendo, que foi muito difícil. Agora não sei se eles já conseguiram superar, vencer essa barreira, mas assim, ali mesmo no Preventório eles tiveram milhões de dificuldades porque a comunidade... não era nem de aceitação, era de... entrada das pessoas. Eles tiveram que contar com elementos da pessoa...agentes de saúde, é...até morador mesmo com influência né, coisa... para poder (...) [tossiram no meio, não deu para ouvir]

F: Porque em certas áreas, é, se torna área de risco, né, então as pessoas ficam temerosas de entrar e ser mal recebido, né. A gente não sabe o que pode acontecer, a gente vê todo dia aí tiroteio e tal, tem que estar alinhado com as pessoas, que nem aconteceu aqui no bairro de Jurujuba, com as pessoas que tenham um certo conceito dentro da comunidade, que conheça a comunidade e que conheça todo o espírito da comunidade. Que é para poder afinar essa entrada, esse trabalho que vai ser feito, aí o trabalho passa a ser respeitado, olhado com bons olhos. Se entrar aleatoriamente dentro dessas comunidades, não vai conseguir nada, porque vai ser humilhado e vai ter que sair. Então a grande... a

expectativa desse trabalho dentro dessas comunidades, comunidades de risco, é você trabalhar com o pessoal da área mesmo, é igreja, é associação de moradores é área de saúde, postos de saúde ali que tem dentro da comunidade, conversa, passa a trabalhar com esse grupo e espalhar essa ideia, que isso vai chegar às pessoas que diz deterem o poder dentro da comunidade e vão saber o que está acontecendo. Porque de repente a pessoa passa e “que isso, vão para onde, que que tá acontecendo?” e se torna um troço perigoso né.

C: É verdade mesmo. Agora, essas dificuldades, esses obstáculos eles interferem diretamente na...na... no andamento. Porque é tudo com previsão, né, Julia, aí, vamos supor, a previsão é de que a gente vai fazer o engajamento e conseguir é...que a população ali do Preventório em 3 meses já esteja pronta para a gente soltar os mosquitos. Aí tem 1 imprevisto, atrasa 15 dias, 10 dias, isso já vai complicando, né. Ou...conseguiu...soltou... tanto que eles fizeram... pelo que eu acompanhei no consultivo foi assim, eles tentaram com DLO, aí tava muito lento, aí eles resolveram, numa ocasião lá, fazer a soltura do mosquito já adulto, porque era mais fácil, porque era mais rápido, entendeu? Até para não comprometer toda questão dos índices, de avaliação dos índices, então... e a questão do dinheiro também, do custo, porque é tudo calculado, tanto para tanto tempo...acredito que seja... é um desafio, viu? Com certeza. [F fala algo muito baixo] Agora não é mais, agora é mundial. Mudou tudo, mudou nome...mudou tudo...

[Todos falando ao mesmo tempo sobre como o nome do programa agora está difícil de pronunciar]

J: Agora, as outras perguntas aqui, eu fiz só uma, né, a gente já falou de tudo, eu acho que todas as outras perguntas já foram esclarecidas, mas eu vou seguir aqui o roteirinho só para...qualquer coisa vocês falam mais sobre o que já falaram. Vocês já falaram um pouco sobre isso, mas a segunda pergunta é: O que te levou a participar ativamente do projeto? Não só ouvir e...legal, tô sabendo, mas participar, estar nos comitês, falar com as pessoas, ser...ser o projeto, construir o projeto, por que vocês resolveram...participar...

M: Olha, é... para mim, eu aceitei participar porque eu não queria morrer. [pausa curta]

C: Por mordida de mosquito, né, Maísa?

M: Porque eu tive dengue, meu filho teve dengue, então foi a primeira vez...é terrível, gente, é terrível. Então quando eles vieram aqui com essa proposta, primeira coisa... eu já aceito...é...eu já aceito tudo que vem para cá de bom assim, a gente já vai aceitando né, mas esse do mosquito, da dengue, não tinha muito o que pensar, a comunidade já estava infectada, com vários casos... o que que tem que fazer? A gente foi...tem que aceitar, eu não quero morrer, eu não quero ser mais um. Já tive uma, mas duas ou três!? Não, vamos abraçar, a igreja tá de porta aberta aí, vamos fazer reunião e a gente tentou fazer isso.

C: O motivo da Maísa é imbatível né? Mas o meu... como você, não quero morrer também não, muito menos por mordida de mosquito. Mas sabe que por exemplo, aqui, quando alguém fala, por exemplo, elas falam lá “ah porque tá cheio de mosquito”, gente, o mosquito aqui não mata, eu falo com garantia, o mosquito daqui tem Wolbachia. Mas

o meu também, que me fez continuar foi essa coisa do conhecimento, sabe, isso é uma coisa que me empolgou muito. Eu nunca fui a melhor estudante do mundo não, mas eu sempre gostei de conhecer e saber das coisas...

F: Não foi a melhor estudante, mas foi a melhor professora, né?

C: Não, essa coisa de conhecer, é... isso realmente me empolgou, sabe? Eu vou reforçar, foi um orgulho para mim

M: É fascinante saber dessa...esse cruzamento, a Wolbachia, é fantástico isso. A parte científica é muito legal.

C: Eu nunca ensinei para os meus alunos, porque eu não tive a oportunidade, quando chegou aqui eu já estava aposentada, mas...eu...com certeza, se eu tivesse dando aula, eu deixaria de dar muita coisa que eles exigem, para falar sobre isso, com certeza.

M: Porque o objetivo... que eles pegassem lá... existem vários caminhos, né, para eles entrarem, o colégio, então, as professoras passando para as crianças, de pequeno que começa...

C: Pois é, mas sabe o que acontece? É uma coisa que até me choca, mas que é real e que durante 31 anos de magistério eu pude observar, Maísa. Eu tenho colegas que não leem nem jornal, entendeu? São pessoas que são completamente é... alienadas, desmotivadas, entendeu, elas fazem aquilo ali, é uma coisa automática. Uma delas, uma grande amiga minha, uma pessoa que eu tenho o maior respeito inclusive como profissional, ela tinha um caderno de plano, o caderno de plano dela era o mesmo há 4 anos. Ela fazia aquilo há 4 anos seguidamente, mexia nada, ela repetia aquilo...sabe? Ela sempre dava aula no mesmo ano, então ela não mexia naquilo, sabe? Então, é assim...dentro da minha categoria, que seria se entusiasmar, ou como eu me senti entusiasmada, mesmo não estando em sala de aula, não existe também muito essa coisa de querer saber não, de se informar não, sabe?

J: Acomodado...

C: A gente pode chamar de acomodação também. E alguns outros nomes. [risos]

F: Eu quando participei das primeiras reuniões...eu passei a conhecer esse projeto. Me convidaram, (...) porque, me veio aquela esperança, me veio uma coisa... que é nocivo, inclusive para a humanidade, né. Que é um mosquito que mata, é nocivo a humanidade. Aí eu falei, não, eu tenho que participar disso aí, eu tenho que ajudar, eu tenho que incorporar aí também, porque isso é uma coisa boa, tudo que é bom a gente tem que assimilar né. Eu engajei no projeto, gostei, tô até hoje, quando me convidam, quando você convidou... vem, vamos lá, vamos lá trabalhar, vamos esclarecer algumas coisas, posso até aprender mais, a gente vai aprendendo cada dia mais, né, teve a reunião passada, Maísa também, então eu fico muito agraciado quando me convidam para reunião...eu não tenho *muito* o que falar, eu gosto de fazer, mais do que falar. Então é um projeto, quando eu engajei que eu comecei a fazer, comunicar as pessoas, botar panfleto pendurado, cartaz pendurado, do lado de fora, conversava com as pessoas, então é um trabalho que nos satisfaz, que nos agrada, que a gente vai contar com isso, entendeu, para que no futuro, as pessoas sejam beneficiadas. Isso que é importante. Ajudando um pouco, né, as pessoas que precisam. Eu vejo lá esse tal de Zika, chikungunya, isso aí é nocivo mesmo, uma

senhora que esteja grávida, vai pegar aí uma infecção, entendeu, pode perder o neném, o neném pode nascer com deformidade né, isso aí nos preocupa, isso aí é uma coisa que se eliminar realmente, vamos bater palma...

J: E o que que vocês acharam mais interessante de conhecer com o projeto?

C: Difícil, né, Maísa? Eu achei tudo...

M: Mais importante...?

J: Mais interessante, assim, de conhecer... não sei se foi... a questão científica mesmo...

M: É... eu gostei muito de saber como fazia para ter esse mosquito com *Wolbachia*. Eu fiquei meu Deus do céu... como...

C: Foi interessante participar da *evolução* desse trabalho. E como eles falaram primeiro pegava o mosquitinho e espetava a... né? Olha só... é muita vontade né? É muita determinação...

M: E a oportunidade da gente conhecer, que a gente conheceu, a gente foi na Fiocruz lá...

C: Quando a gente viu tinha aquele maquinário todo, aquela coisa toda, tinha até já aquela área de pesquisa lá, né, como se fosse o bairro de Jurujuba e Tubiacanga. Mas assim, começar o trabalho, com a aquela coisinha de enfiar, de botar, separava os ovos... Isso aí é... uma coisa fantástica! É uma coisa assim de você ficar sabendo e *caraca, meu Deus*, que trabalho incrível, né? Isso, eu acho que para mim foi essa evolução até chegar agora, já não sei mais, a gente nunca mais foi lá... A última vez que nós fomos lá, nós ainda éramos aqui... nós éramos os preferidos... [risos]. Não, brincadeira, mas foi a partir mesmo da expansão né... Mas eles já tinham sofisticado para caramba, né? Já tinha mudado muito. O próprio DLO passou por uma série de mudanças, faz com um material, faz com outro, troca... né? Eu me lembro de uma reunião, essa foi uma surpresa grande para mim, quando eu descobri que Doutor Luciano não era médico. Eu fiquei... eu fiquei assim... para mim foi a maior surpresa... ele era DOUTOR Luciano, era médico, mas Doutor Luciano não é médico né. E que ele, lembra? Falava do baldinho? Que era a maior novidade! Era uma caixinha, aí depois virou um negócio que acaba na natureza... E agora, se eu não estou enganada, que eu não estive na última... mas na última que eu estive eles tavam realmente soltando (...) aí. Até acho que pelo custo, né?

M: Que nesses lugares de difícil acesso, tinha que fazer isso mesmo, soltar já adulto... fazer de novo como aqui é difícil...

C: Porque eu acho... tem que levar essa questão do custo também, fica caro e de repente, como não é num lugar que nem aqui, pequenininho... a pessoa de repente varre...

J: Pode ter muita perda, né? Isso eu acabei de anotar, porque tinha esquecido de colocar. Sobre o DLO, que é uma coisa... que para mim, quando eles falaram em DLO, eu falei "isso não vai dar certo". Já é difícil fazer as pessoas aceitarem soltar mosquito no bairro, imagina criar o mosquito em casa? Falei "Vocês estão loucos! Querem que eu bata na porta da pessoa e peça para ela criar o mosquito na casa dela?". Eu achei que não ia dar certo e aqui em Jurujuba a gente conseguiu eu acho que 120 moradores que acolheram o DLO dentro de casa, ou então assim, no jardim. Então, vocês lembram mais ou menos como foi isso? As pessoas estavam achando bacana, estavam apoiando de fato?

M: É... o que nós estranhamos *muito* em relação ao DLO depois foi que apareceu *mosquito pra ca-ram-ba!*

J: Vocês sentiram mais mosquito com o DLO?

M: Porque começou...a criação... E a gente, “tem que matar, tem que matar”... porque o que acontece? Estamos em pesquisa, a gente não pode deixar de fazer...a importância que eles sempre falam para gente, “não deixe de usar os seus métodos”, raquete, inseticida...

[alguém chama Maísa fora da igreja]

C: É, isso era passado, né...

F: Eu fiquei preocupado também, tive muita conversa com a comunidade na soltura dos mosquitos, porque foi uma sensação de mosquito fora do normal, né, muita coisa. Então o pessoal ficava reclamando, poxa, é muito mosquito, o mosquito tá me mordendo. Mas foi aquele mosquito que veio com a...entendeu? Que veio com a... bactéria para poder...não ser nocivo. E...eu acho que...entendeu? Que é muito bom esse projeto aqui, da gente, e eu gostaria de estar sempre participando, como tô hoje aqui com vocês. Qualquer coisa... quando você botou aquela mensagem para mim, que eu já fiquei “olha...”. O que nós tivemos...eu acho que o mais importante do ser humano é você acolher e ser acolhido. Olha, eu tenho uma série de pessoas, como a Michele, você, o Jorge, outras pessoas que eu convivi nesse projeto, que para mim foi uma coisa maravilhosa, me dá muita alegria, satisfação. Porque hoje em dia o ser humano tem medo de se relacionar, medo de conversar, medo de participar, entendeu? É por isso que às vezes estamos tão distantes um do outro, entendeu? E essa aproximação, nesse projeto aí foi maravilhoso. Eu costumo participar aqui na minha comunidade de várias coisas, ainda tem serviço relevante que eu fiz dentro da comunidade, que eu acho que quem mora em comunidade tem que ter um bom relacionamento, né? Então (...). Mas eu fiz muito serviço aqui, para a comunidade, ajudando, participando, etc e tal. Então quando apareceu esse projeto falei assim, “tô dentro”, e qualquer coisa que vocês precisam eu tô aqui à disposição, hoje eu tô aqui porque precisa fazer essa pesquisa para o seu doutorado, para a sua faculdade, isso é importante, você... tá de parabéns.

J: Ah, muito obrigada, Firmino. Isso eu senti...isso foi muito bom, assim, tanto Jurujuba, como Tubiacanga, foram dois lugares, assim, que...

C: Com características muito parecidas, né?

J: É, e nossa, ficaram muito no meu coração. Na mesma época eu tava na Urca, mas nada comparado com Jurujuba e Tubiacanga.

C: Eu não sei se tem pergunta aí relacionada ao que me chamou atenção na fala do Firmino, é essa questão de cumprir também uma tarefa social, sabe? O...o projeto, claro que é científico e tudo, mas ele também trouxe essa oportunidade, né? Que foi de ter... bom, eu acho que você percebe isso, Firmino já tá circulando por aqui há 5 anos, tá caminhando para 6, é um tempo significativo, que eu acho, é... aqui é tudo muito setorizado. Eu lembro assim...quando você fala com as pessoas, ah, fulana é do Ponto Final, fulano é de Salinas, fulano... e o...o projeto conseguiu, sabe, mobilizar pessoas de todos esses lugares... [F falando ao mesmo tempo concordando] do Cascarejo... e isso é

uma coisa muito importante. Do meu ponto de vista é mais... pela questão da minha profissão que eu desempenhei... ah foi legal, foi legal sim, de repente a gente sentado nas nossas reuniões, tava Bárbara, que é dali, tava Maísa e Firmino que são daqui, tava Manira que é de lá do Cascarejo...isso é *bem* legal. Eu também conseguia lá com o meu grupinho. Porque as pessoas falam assim “não, fulana do Ponto Final”... todo mundo conhece todo mundo, mas a pessoa é identificada pela localidade, entendeu?

J: Sim, como se fossem bairros diferentes

C: É. “Você conhece, fulana do Ponto Final... o primo de fulana sei lá de que, Salinas!”. Eu falei caraca, que legal que a gente consegue trazer todo mundo, né.

J: Uhum. E agora, a outra questão é se vocês sentiram que os outros moradores do bairro também apoiavam. Claro que vocês eram os multiplicadores, né, claro que vocês apoiavam bastante, mas vocês sentiam que as pessoas apoiavam, gostavam do projeto, assim, no geral?

F: É, nós...funcionava como...interlocutor né, dentro da comunidade para explicar o que ia acontecer e o que estava acontecendo. E nós conseguimos convencer as pessoas que tinham dúvida, que seria uma ótima ideia eles aceitarem o trabalho que estava sendo feito na comunidade. Tanto é que aqui, você vê, ninguém rejeitou a armadilha...pedia para colocar, vou colocar aqui no seu jardim, vou colocar aqui na sua varandinha... eles aceitavam colocar as coisas, para poder, é...fazer o trabalho adequado, entendeu? Então foi bem aceito por toda a comunidade. Através dos moradores, que tava eu e as outras pessoas engajadas no projeto, no grupo, e convencer, que seria uma boa para a comunidade o projeto, o trabalho que tava sendo feito, muito importante o nosso trabalho feito dentro da comunidade, o conhecimento das pessoas... é que nem Carmen tava falando aí, Jurujuba diverge muito negócio de área, área do Ponto Final, área da Salinas, área da... então, as pessoas...eu moro aqui, mas muitas pessoas que moram nas outras áreas me conhecem. Eu sei que eu tenho participação também lá, então quando chega lá, Firmino teve, fez isso e tal, o morador tem uma certa tranquilidade, sabe, uma certa confiança, exatamente.

J: Não é algo estranho né...

C: Eu como vim de fora...

F: A senhora não veio de fora, a senhora é jurujubana [risos]

C: Não, mas assim, em relação à pergunta que você fez eu vou juntar a pergunta que você fez anteriormente. Assim, em relação só aqui, a esse espaço que é do Ponto Final, é...que vocês estudaram bem, que vocês, né, foi mais profundo. Você acha que 120 pessoas foi um número *bom*?

J: Eu achei que para isso foi, eu achei. Porque... conseguir 120 pessoas aceitarem...

C: E eu vou te dizer, eu acho legal também, eu acho alto, um percentual alto. 120 moradores concordaram em criar o mosquitinho.

J: E são pessoas que têm disponibilidade né, porque às vezes a pessoa aceita participar, mas trabalha o dia inteiro fora, não pode ter, enfim, mas eu achei um número bem alto, assim, eu fiquei surpresa com esse apoio todo. [Maísa retorna] Eu tava perguntando aqui

para eles, se eles sentiram que os outros moradores do bairro também apoiavam bastante o projeto. Você sentia isso, quando você falava, quando você explicava.

M: Sim, foi bem aceito...Assim, como era... acho que era delegado, não sei como era o nome da gente, assim, que falava...? A Aparecida, por ela também aceitar, a gente conversava sobre essas coisas, ela foi também uma das pioneiras que aceitou o DLO em casa, essas coisas todas, né...

C: Falando como se enganou que Aparecida tinha morrido.

J: E vocês acham que o projeto alcançaria o apoio sem as atividades do Engajamento Comunitário?

M: Aí cai no que Carmen falou no início, aquela dificuldade que houve. Porque você entrar numa comunidade assim, ninguém te leva...ninguém te dá ouvido. Você vai ficar na praça, falando, falando, até que um dia, né, Carmen? Vai acontecer...

C: O projeto foi muito bem elaborado. Se nosso... acho que seria impossível. Sem engajamento seria impossível. E as pessoas muito bem selecionadas, tá? Tanto que depois a gente viu que teve muito troca-troca, troca-troca, sabe? Não foi assim... você podia até ter boa vontade, mas você tinha que ter alguma coisa de especial. Eu acho que sem o engajamento, sem pessoas realmente...é...com jeito para a coisa, acho que nem aqui não teria dado certo não. Nem Tubiacanga. São as amostragens menores, né. Mas é um negócio tão perfeito...

M: Quem vai querer ficar infestado de mosquito, como ficou? Nem queria saber, pô, vem para cá com esse projeto...

C: Pois é... não, e o trabalho de Julia, que tava na época do engajamento, de Jorge, né? Foi assim, um trabalho...era exaustivo

M: Jorge foi fundamental, para continuar, porque sinceramente? Jorge batalhou a ida da gente lá na Fundação, ele até queria que nós viajássemos, lembra? E conhecesse a Austrália, para ver realmente lá, acontecer... ele realmente foi o cara mesmo para, é...

C: Eu acho que se, vamos supor, vai fazer uma reformulação, já mudou nome, já mudou nanana, aí agora não vai ter mais equipe de engajamento. Não vai funcionar não. Em lugar nenhum. Acho que não funciona não.

M: Agora, Julia, essa mudança desse nome...né...que ficou até mais complicado...até para eu aprender, na hora da gravação...meu Deus do céu

C: Mudou até o logotipo, né?

M: Mudou tudo! Aí, poxa, a gente já fica um pouco assim...receosa em relação ao projeto. Porque, é mundial? É mundial. Mas porque que mudou tanto assim?

C: Eu não acho... eu vou arriscar, porque eu também não consegui perceber no consultivo não, tá? Mas eu acho que tem a ver com...dinheiro, com financiamento.

J: É, não sei se foi alguma coisa... para eles padronizarem globalmente o programa... eu já tinha saído nessa época...

C: É, Julia, sabe porquê...? [M e C falando ao mesmo tempo]

M: Desafio Brasil... agora é world...

J: World Mosquito Program

M: E para falar isso?

J: Eu acho que tinha que ser um nome em português

C: Né? Eu posso até estar enganada, mas eu acho que tem alguma coisa a ver com dinheiro, acho que tem alguma coisa a ver com dinheiro e... uma coisa que eu nunca entendi, que a prefeitura de Niterói nunca teve uma participação direta e ativa nisso. *De forma nenhuma!* Nem fazendo um cartazinho, um folhetinho.

J: É, tinha o apoio, mas eles não se envolviam muito não.

C: É, não, eu acho que pelo menos a parte de divulgação, sabe? Eles (...) que a gente discutia lugares que ia botar outdoor...porque *nem isso* a prefeitura participou. E eu acredito, eu posso tá enganada, até você pode saber melhor do que eu, não sei se você vai entrevistar alguém lá...

J: O que, de prefeitura?

C: Não, do projeto mesmo, atual né? Mas eu acho que eles mudaram o nome... foi eu acho que realmente por questões de financiamento...para o projeto não acabar. Posso até tá enganada.

J: É, isso eu já não sei, nisso eu não vou nem entrar, assim, o meu eu tô focando realmente em Jurujuba e Tubiacanga, eu não tô nem entrando nesse avanço do projeto, até porque eu acho que já desconfigurou muito o que é o engajamento comunitário. Quando você faz uma divulgação em massa, eu acho que já perde muito...disso, que a gente tem aqui, né, dessa proximidade. Então eu quero focar nisso, porque isso que eu achei bacana, assim.

M: Que dificultou a gente até falar. O nome do projeto. A gente fala “Desafio Brasil”, projeto da dengue... [todos falam ao mesmo tempo]. Desafio Brasil, Wolbachia. Também deve ter entrado mais gente capitalista nesse meio aí, né, e aí, não, tem que mudar assim, tal...que agora é mundial, agora é mundial, porque não é só (...) e Tubiacanga e... qual o nome daquele lugar? Onde começou?

F: Austrália

M: Na Austrália. Agora é mundial...

C: Mas olha só, é mundial, mas ainda não são todos os países não... o último que entrou acho que foi Colômbia... acho que não entrou outro ainda não. Isso ainda tá no nosso portfólio. O nosso portfólio...ainda tem os que estão participando, acho que isso não foi ampliado não. Isso é uma coisa que eu vou até perguntar na próxima reunião que tiver. Vou perguntar para o Lucas.

J: Eu acho vai ter México, mas mais para frente.

C: Vai entrar?

M: Essa reunião que teve aqui... foi porque eu fiquei insistindo, falando com ele dessas coisas... porque não tem mais satisfação para a gente. Esqueceram realmente a gente.

C: Eu acho, pelo menos informal, o índice de mosquito com Wolbachia tem que informar.

M: Eu que tenho esse trabalho, preocupação de ligar para ele, passar o que está acontecendo. Porque senão, eles não iam saber que teve ano passado caso, 5 ou 6 casos aqui, esse ano também. Que isso é interessante para a pesquisa. Por que o que que está acontecendo lá, que tá voltando?

J: Uhum, exato. Isso é uma das coisas, das perguntas que eu tinha colocado, se o projeto...

F: Essa armadilha que eles têm...

[C começa a engasgar com biscoito. Paramos por uns dois minutos.]

F: Mas essas armadilhas, que eles têm ainda, tem lá, como tem na casa de Aparecida, né, que eles recolhem toda semana, eles vêm toda semana, na terça feira recolher, né, o mosquito que tá preso ali. Esse mosquito... esse recolhimento, é a continuação ainda dos primeiros passos que eles deram para a pesquisa. Que eles estão pesquisando os mosquitos para ver se estão infectados com... os novos e velhos. Então continua no bairro ainda um trabalho nosso ainda, nosso trabalho não parou, nosso trabalho continua...

J: Mas esse é o único contato então, né, com o pessoal que vem fazer essa manutenção...

F: É, o contato de quem vem tirar as armadilhas dos mosquitos recolhidos, entendeu? É o contato, que nem Maísa tá dizendo, não temos mais outras informações sobre...

M: É, porque, vamos supor, eles, é... eu não tive nem conhecimento que tinha ainda armadilhas aqui. Porque não me falaram mais nada. Né, não passaram mais nada para mim do que tava acontecendo.

C: É, tô te falando que ainda no Céu tem.

F: Aqui tem uma, Aparecida acho que tem outra... ali na casa de Cleide não aceitou mais, tiraram... Se tiver, tem mais, 3 ou 4, talvez nem isso aqui no bairro. Eu sei que tem aqui, para lá eu não sei.

C: É, para lá eu sei que tem no CEU. Agora não sei, no Cascarejo...

J: Deve ser pouquinho assim em cada bairro eu também não sei como é que tá. Então...

C: Eu acho que o que Firmino também quer falar é que a gente não tá sabendo. Eles vêm aqui e pegam, e aí, como é que fica? Falta o retorno. Que seria, ó, de 3 em 3 meses, 4 em 4 meses, o percentual tá em tanto...

J: Não atualizaram com resultado, nada disso?

C: Talvez por isso que também tenha... que também, 5 casos, pode ter sido que a pessoa não tenha sido mordida aqui, como eles sempre falaram, né.

J: É, do jeito que a Maísa falou parece que foi, porque foi no mesmo lugar... na Travessa do Chafariz né, e parece...

M: Foi na casa de minha madrinha que é aqui, de Luís, que é aqui no (fulano), então, é muito perto o local. E aí de novo, na casa de Shirley, foi na casa de Shirley, foi na casa de quem... duas pessoas... uma na estrada... acho que foram 3, 4 casos que eu falei para

eles, né? Que teve, para ficarem de olho, porque...é... se foi em outro lugar e trouxeram para cá... não sei, pode ser, mas muita gente, né?

C: É, ter sido no mesmo lugar também é significativo. Não foi um aqui, um lá. Porque se foi no mesmo lugar, é possível que ali tenha tido um foco do... do animalzinho do mal.

M: É, que eu fico...eu achei que depois eles não me procuraram para assim, para me dar satisfação, ou para informar... “Maísa, olha, por acaso, se você ver, você fica essa ponte com a gente, e tal...”.

J: Sim, faltou essa continuidade no andamento... resultado...

M: Isso. Eu que tô fazendo por minha vontade, comunicar eles, aí chamo, dou um puxão de orelha neles lá mesmo, porque aí eles vieram aqui. Aí fizeram essa reunião, aí consegui trazer a Evelyn, né, que Evelyn é difícil... e aí ela veio, numa boa... falei “Você quer participar? Eu te coloco no grupo”. E ela “ah, bota”, mesmo que o grupo não tenha mais assim, reuniões, mas qualquer coisa... o Lucas tava falando, que foi criado, né... aí ela teve aqui, boa vontade, teve, passei para ela “olha, tiveram casos aqui, já tiveram aqui as informações?” “Não, Maísa, não tô sabendo, não”. Falei, mas tem caso sim, já teve comprovado que teve chikungunya aqui sim.

C: Lá no consultivo o Thiago tem participado mais, viu? Ele tá mais presente. Porque aqui ele quase não veio, né?

J: É, aqui ele veio pouquíssimas vezes. E...além, então, dessa falta de devolução, de resultado e tudo, vocês sentiram falta, é, durante a ação... o que que vocês sentiram falta durante a ação do projeto? O que poderia ter sido diferente, que vocês acham? [silêncio curto] Alguma coisa...durante o tempo que estive aqui?

M: O que faltou...? Não achei que faltasse...nada não, assim, acho que foi...nesse período o projeto tava bem assíduo aqui, né, dando...é... esse apoio, esse sustento, toda semana, né, a gente via o projeto andar aqui, né...eu acho...para mim não achei que faltou alguma coisa assim não.

J: Então o que faltou foi depois, então, né, de dar esse andamento.

M: É, esse andamento depois que...

F: É, tá faltando agora, tá faltando eles...é...nos informar mais como tá ali o andamento do projeto.

M: Carmen ela vai lá, porque só pode um, né? Carmen que ficou lá como responsável da gente...

C: Pois é, mas lá eles não dão, por exemplo, é...informação para eu poder trazer para vocês. Sabe, lá é geral... E tem um detalhe, que eu tava falando com Julia: a localização da reunião lá, não é um lugar aqui, assim como o nosso, informal. Aquela gente de lá do Rotary, e tem pessoas do Rotary que fazem parte do consultivo, é uma coisa muito seleta, entendeu? E são pessoas... tem um médico lá... que é a pessoa mais agradável, tá? Mas ele é médico, ele não tem...o vocabulário dele é vocabulário rebuscado, tá entendendo? Ele fala, nem todo mundo entende... Ele fala, por exemplo, falava com o Guilherme, era assim muito...é...como é que eu vou te dizer... Era coisa muito científica, entendeu? De

maneira, tudo geral, tudo global, não tem assim “ah lá...”. Nunca me perguntaram “como está em Jurujuba?”. Até para que eu pudesse falar “ah ó, lá as coisas estão paradas, não teve mais reunião, o comitê não se reúne mais...”. Não acontece isso. No consultivo não acontece isso. E é sempre tudo muito correndo. Eles chegam sempre correndo, porque tem sempre uma atividade do Rotary que vai acontecer... Aí o último que eu fui, nós fizemos a reunião lá em cima, numa salinha lá, aonde até tem uma sala de coisa de costura, de corte e costura, porque lá em baixo estava tendo uma festividade. Entendeu? Aí não sei se eles até se sentiram incomodados, de estar ocupando o espaço lá... Assim, o que você percebe, o que eu percebo é que Lucas e a equipe, eles chegam sempre com muita pressa e sempre muito sobrecarregados com as coisas. O que se fala é isso, a dificuldade em Icarai, foi uma das últimas coisas faladas, a dificuldade de ter que refazer o trabalho no Preventório, é...tiveram que refazer o trabalho na Região Oceânica em alguns lugares...entendeu? De Jurujuba não me falam.

F: Isso tá vendo, tá totalmente diferente do que foi feito aqui em princípio. No princípio a gente vinha, andava em todo lugar...

C: Mas é como eu falei, eles não criaram comitês das localidades, entendeu? Talvez no Preventório, que tivesse um comitê com essas pessoas que são as pessoas mais representativas do local, entendeu? 3, 4.... Eles talvez não precisassem ter que voltar, ia ter dado certo. Entendeu? Talvez não. Como aqui, né? Que aqui foi tudo de primeira, né? Como em Tubiacanga.

J: É verdade. E como que era essa reunião aqui do CAB, de Jurujuba? O que que vocês discutiam, o que era conversado? Para que que servia essa reunião aqui?

F: Essa reunião servia para...mostrar, o projeto, como ele seria implantado e como nós deveríamos passar para a comunidade o aprendizado que nós estávamos tendo aqui, a orientação, entendeu? E isso foi muito bem (locado?), muito bem aceito, porque nós...é que nem eu disse, nós temos esse entendimento do lugar, de todo mundo, então a gente tá divulgando. Você só vende um produto se divulgar, se não divulgar fica parado na prateleira, a propaganda é a alma do negócio. Então nós fazíamos a propaganda do projeto. Trabalhava nesse setor de propaganda, de orientar, de falar...botava o cartazinho ali, o pessoal parava para olhar, a gente ia lá e “ó, isso aqui é isso, isso e tal...”. Conversava, aí daqui ele já falava para outro e ia esse trabalhinho de formiguinha era muito bom.

J: E vocês tinham papel nisso? De escolha do que colocar no cartaz...era uma criação conjunta ou era mais...o projeto passava e vocês passavam adiante? Ou criavam, o que.... “ah deve colocar lá, deve colocar sei lá onde... faz o cartaz assim, não usa essa palavra...”. Como que era?

F: Não, normalmente fazia as reuniões e elaborava os cartazes, né? E a gente que escolhia o lugar para colocar, porque a gente tem mais conhecimento, onde é mais visível. É a associação de moradores, é num barzinho onde a pessoa entra e sai para comprar alguma coisa, é igreja, Maísa sempre esteve presente aqui para...para ceder o espaço. Então a pessoa ia...se entendendo, né e tomando conhecimento...

C: Julia, vocês também estavam sempre muito presentes, vocês visivelmente presentes. E isso também ajudava muito, os moradores viam vocês aqui. E eu acho também, que

assim, principalmente na época de Jorge, até existia essa preocupação com as mudanças nos cartazes, nas propagandas, que foram muitas também que houve, sempre procurando facilitar cada vez mais o entendimento de quem ia ler aquilo, de quem ia olhar. Para que não fosse, né? Eu me lembro que a gente chegou sim a falar, ah eu tenho, eu tenho lá nas atas... até é um material se você precisar, tá comigo. Se você quiser, eu... aliás, a gente podia ver uma reunião entre nós aqui, decidir o que que a gente vai fazer, porque aquilo pertence à comunidade, né? Aquilo não é meu, né? Mas ali a gente tem, eu me lembro que a gente teve sim reunião que o Jorge propôs, vamos botar isso, ou vamos botar isso, ou vamos mudar assim, vamos colocar assim, que assim fica mais fácil...

J: Uma construção conjunta

C: É, era uma construção... ah é, as pessoas vão olhar, vão entender melhor...em vez de palavra bota desenho, entendeu? Eu acho que chegou a ter sim isso, mas sem dúvida a presença de vocês, fisicamente, era uma coisa significativa.

F: Inclusive os panfletos eram elaborados até com a nossa fotografia. Aí quando você bota uma coisa dentro da comunidade, que aquela pessoa ali dentro da comunidade, ele vê que tá envolvido naquilo. Ele tem curiosidade de olhar, de ver, de ler o que está escrito ali. Isso foi muito importante, entendeu, esse trabalho aqui, isso tudo, que eu acho que isso que deu certo, é esse...

C: Quer ver uma coisa que me marcou para caramba também? Nas nossas reuniões aqui? Foi quando nós recebemos Doutor Luciano, achei FANTÁSTICO, sabe? Foi quando fiz a descoberta, né... mas não só isso, ele é o pai da criança, entendeu? Ele pôde contar aquela historinha desde o comecinho e foi uma coisa extremamente esclarecedora. E para a gente que estava passando para os outros, foi legal ficar sabendo. A visita dos financiadores também, aquilo foi muito importante, sabe? E eu acho que isso não aconteceu, e se aconteceu depois da expansão, depois que o projeto começou a sair daqui, tá...? Não foi uma coisa festiva, como foi aqui. O nosso foi festivo, essa nossa...coisa, foi bem festiva, para a gente tirar foto e tal, de um intérprete, aquela coisa toda, foi tudo uma novidade, mas tudo... Eu achei assim, era tudo muito cui-da-do-sa-men-te feito, tá? Como talvez tivesse que ser em Charitas, como talvez tivesse que ser agora no Fonseca, que tem uma comunidade também diversificada...né? Que tem gente que entende muito, tem gente que não entende nada...né?

J: É, então vocês acham que esse cuidado com que foi feito aqui, com que foi feito em Tubiacanga, deveria ter se repetido em outros lugares? Né, e não uma coisa tão geral, como está sendo feita... É o que eu sinto também.

C: É, você sente também?

J: É. E vocês sentem resultados do projeto aqui no bairro? Ficou alguma coisa do projeto, vocês acham? [silêncio curto]

M: Como assim? Dá mais uma...

J: Pois é, assim, resultado...de dengue, mais ou menos haha Não sei se diminui, se vocês sentiram que diminuiu.

M: É, a taxa aqui foi zero. Agora...um ano atrás e agora que teve isso, mas pode-se dizer que o índice é zero...

J: Quase ninguém...

C: Eu por exemplo, que continuo frequentando aqui, jamais fui vitimada.

M: Por enquanto também, a informação também é que não teve casos de dengue, assim, por exemplo... que foi agora, essa chikungunya que apareceu aí, com o passar desse... mas o índice é... o mínimo possível, não tem assim, escutado que fulano tá com dengue...

C: É, resultado positivo.

M: A gente tá feliz que...

C: Mas olha só, uma das últimas reuniões que a gente foi...

F começa a falar no meio, não dá para entender ninguém

F: A notificação de doença é (...) com o órgão de saúde, né. O posto ele tem uma notificação quando acontece algum caso de infecção de morador, né, mas eu acho que...

C: Deveria. Deveria.

F: Mas não tá não?

C: Eu... sabe porque que eu acho que não dá a gente se basear... na notificação? Que eu me lembro que eu tive chikungunya, tá? Eu até mesmo me diagnostiquei, porque eu tava bem, comecei a pinicar, quando eu olhei já estava... aliás, eu to toda me coçando também, não sei nem... se tô de novo com ela (risos). Mas...é...fica muito vermelho, parece até... Eu fui na UPA, do Fonseca. E aí cheguei... Eu fiz questão de ir no posto público, no atendimento público, e eu falei com o médico que me atendeu lá: eu quero fazer a notificação. Ele falou assim, “ah não estamos fazendo não”. Sabe porquê? O médico tem que preencher *quatro* vias. Ele falou “sabe aquelas duzentas pessoas que estão lá fora? Cem estão com chikungunya. Se eu for parar para preencher as quatro vias da senhora, eu não vou atender nem metade. Então é um dado furado, esse da notificação. Eu acho que essa coisa de falar “é, fulano... eu soube que Maísa teve, eu soube que Julia teve...” funciona mais do que... essa coisa que deveria ser oficial, da notificação oficial.

F: Pelo posto da área. Por exemplo, aqui teve quatro casos, deveria ser notificado pelo posto da área, pelo posto de saúde...

C: Seria o correto.

M: As pessoas que eu consegui o laudo, ela não foi no posto, ela foi lá em...não aqui, mas em Pendotiba. Ali, no Largo da Batalha, ali.

J: É, às vezes acaba sendo notificado lá, também.

C: Hoje eu recebi também a notícia de uma menina que... andou fazendo uma visita para as senhorinhas aí, no meu grupo lá... ela é do Barreto. Ela teve chikungunya, ficou muito ruinzinha... muito ruizinha. Hoje eu soube que ela tá internada com suspeita de dengue. Ela mora no Barreto. Ou ela tá com dengue, que seria, tadinha, um azar danado, ter

chikungunya e logo depois ter dengue, ou ela está com alguma complicação da chikungunya, provavelmente.

M: Tem que dar graças à Deus, que Jurujuba foi incluída nesse projeto, porque os casos...

C: Pois é, isso também, eu acho que precisava ser divulgado...sabe? O resultado... né? Área... áreas de Niterói...

M: Que que acontece, se o projeto investisse agora... Sabe que o índice é muito baixo em relação à doença. Cadê essa divulgação?

C: Com certeza!

M e C falando ao mesmo tempo. Difícil de entender

M: “Vi que Jurujuba não teve lá o índice da...da doença, pô vamos fazer aqui também”... Faltou agora a propaganda.

J: É verdade.

M: Para comprovar.

J: É, isso me remete aqui... vocês acompanham o andamento do projeto de outros lugares de alguma forma ou não chega?

M: Não, eu não tenho essas informações. Eu só tenho conhecimento no Facebook, que fala lá geral, falando...noticiamento para cá. Vamos supor...que no meu ver, deveria. Como a gente ter continuado, e Carmen frequentando lá...acho que uma pessoa é pouca, deveria ser mais duas pessoas...

C: Eu acho que podia ir trocando, uma reunião eu vou, uma reunião Maísa vai... Que seja *um* representante do comitê daqui, não precisa ser eu, pode ser qualquer um de vocês. Se eu for numa, na seguinte, Firmino vai. Firmino foi nessa, numa outra Maísa vai...

M: E... essa geral que eles estão fazendo... tá valendo a pena? Tá passando informação? Tá saindo as coisas? Tão conseguindo? Entendeu, o objetivo deles? A gente não...

C: Eu acho que essa frequência vai ser variável... E...assim...isso eu acho também que implica...porque...a gente tinha uma coisa que era mais assídua, né? Os nossos encontros eram mais assíduos. E lá eles têm assim, sabe...e sempre assim... Como é sempre lá na Casa da Amizade, é... e não é um lugar de fácil acesso... A Casa da Amizade não é um lugar de fácil acesso... as pessoas confirmam na hora, acaba que as pessoas não comparecem...tá entendendo? A gente tava lá com um participante, representante da UFF, professor, você chegou a conhecer?

J: Sim, maravilhoso.

C: Um cara *fantástico*. Eu encontrei com ele na Reserva Cultural um dia desses. Aí foi muito agradável, ele falava e eu ficava assim... “meu deus...” Tipo assim, parecia que ele era igual o Dr. Luciano, entendeu? Ele só fazia posicionamento legal, ele só dava contribuição legal...mas era extremamente comprometido e... (telefone tocando) É o meu telefone, mas eu não vou atender não. É... e ele, das últimas duas vezes que eu estive, ele não estava. Ele informou, “ah não vou poder, vou viajar...tô ocupado...” e deixou de aparecer. Uma pessoa de peso na reunião.

J: É, isso é uma pena. E, além disso, assim, além dos resultados, então, em relação à doença, vocês acham que o projeto contribuiu com alguma coisa diferente para a comunidade, que foi bacana ter esse projeto aqui de alguma forma? (silêncio curto) Nem que seja de união...

F: Eu acho que foi, foi. Tanto é que nós estamos até hoje engajados nesse projeto, né. Nós não estamos sendo informados, mas estamos engajados, não abandonamos, fomos abandonados. (Todos começam a falar ao mesmo tempo) Nós não abandonamos, abandonaram a gente (rindo).

M: Conhecidos internacionalmente. Teve a filmagem... deixou o bairro mais conhecido... Aquela parte que mostrou a gente na Universidade, né, é... (tentando lembrar algo)

C: Foi no encontro de Tubiacanga, que tiraram a foto...

M: Botaram na exposição dessa revista...nessa faculdade...

J: Da Austrália, não foi?

M: Tem essa parte né...

C: Você chegou a ir na Austrália?

J: Eu não, tô esperando até hoje (risos)

C: É, eu acho que não pode... isso é um diferencial muito significativo no lugar, entendeu. Acho assim, até quem é morador, que participa do comitê... eu não acho que o comitê acabou, eu acho que o comitê existe, sabe? Que no momento que eles quiserem mobilizar realmente todo mundo novamente, todo mundo vai querer vir, todo mundo vai querer participar.

M: Mas agora não pode mais falar comitê, agora é outro...

C: Mudou o nome?

J: Ih agora eu já também não sei, na minha época...

M: Tanto que eu apanhei para fazer essa gravação, falava comitê, aí não era comitê...

C: Não, eu acho assim... que... no momento que o grupo é chamado, as pessoas vão estar disponíveis, porque isso é importante, é uma coisa séria, né, Julia? É uma coisa... não é qualquer instituto não, é a *Fiocruz*, sabe? A gente precisa ter esse sentido de que isso é um negócio importante.

M: Isso foi muito legal, porque você vê que...é... podia ser outro projeto, mas a *Fiocruz*, referência... Poxa, tá no nosso bairro aqui com uma pesquisa, nós vamos ser os pioneiros, Tubiacanga e a gente aqui, de um projeto, que vai ter a cura, né, da dengue, chikungunya, depois descobriu que é dengue, chikungunya e mais a Zika... Pô, não é nada não, hein.

C: Não é nada não. Não é pouca coisa não.

M: Então a gente vê que é uma coisa, né, de referência. Você vê lá *Fiocruz*, quando eu falo lá o projeto, a *Fiocruz*, a gente enche a bola também, porque, né, a gente vê da Febre

Amarela, foi feito esse trabalho todo, essa da criação das vacinas, poxa... é Fiocruz, que tá (...)

C: Não é qualquer porcaria não.

J: É verdade. Isso eu acho que traz um pouco de credibilidade para as pessoas aceitarem também, né? Porque não é um grupo qualquer, é uma instituição...

M: É séria. E assim, participar de uma pesquisa, que se isso realmente der certo... o que vai ser isso aí, gente? A cura para dengue, chikungunya, Zika e... mais o que vier aí...

C: A *eliminação*, né, como eles conseguiram mostrar né. Você não acompanha mais não, né? Não sabe se... permanece lá não, né?

J: Não, eu tô um pouco por fora, tinha até que saber isso também. Eu acho que os índices diminuíram muito, mas é porque lá também é muito pouco já, né. Em relação à aqui era muito pouco...

C: Muita covardia... assim, para comparar, né...

J: Pois é. E agora, assim, um pouco sobre como as pessoas viram, né, como as pessoas receberam o projeto. E, das pessoas que ainda tinham dúvidas, o que que vocês acham... o que que vocês ouviam mais, assim, críticas, medos...que tipo de coisas as pessoas falavam, assim, dos que não aceitaram de primeira.

M: Olha, eu não ouvi nenhuma rejeição. Todas as pessoas, acho, com quem eu falei, que eles também procuraram, é...nunca soube que alguém “ah eu não quero isso aqui na minha casa”, “eu não quero ajudar o projeto”. Eu acho que em Jurujuba, né, Firmino, não teve isso não, né?

F: Não, não teve rejeição, é, teve algumas dúvidas que eles tinham, nós esclarecíamos, né. Porque dúvida sempre existia para quem não tá dentro do grupo ali, do... o responsável de esclarecer éramos nós dentro da comunidade. Então o pessoal, “que que é isso aí, vai soltar mosquito?”. Aí dava explicação, conversava com o morador... e eles sempre aceitavam. Nunca tinha rejeição. Aí também que Maísa tava falando, Carmen também, que era uma coisa boa, que a gente tá sendo pioneiro... então o troço vai dar certo? Jurujuba foi o pioneiro também na ajuda de eliminação da doença da chikungunya, da Zika, da Dengue...isso é *muito* importante para a comunidade. Então, esse projeto para a gente, eu me engajei, acredito que Maísa também, pensando no futuro.

C: Não importa o nome, né, começou foi em Jurujuba. Pode parar...na outra galáxia, mas... A visibilidade que deu, que sempre Jurujuba vai ter, né... É uma coisa inegável.

M: Eles poderiam explorar muito mais agora a propaganda...tanto como Tubiacanga...

C: Tubiacanga também, porque olha só, Tubiacanga e Jurujuba são localidades similares, mas com características também muito diferentes, não é? Lá então, é muito menos gente. Lembra quando a gente tava lá?

J: Eu conhecia o bairro inteiro, passava em cada rua umas dez vezes...

C: Parece uma roça, parece uma rocinha, né? Você imagina... Até hoje eu converso com um monte de gente que não sabe que Tubiacanga existe, acredita? “Gente, vocês

conhecem Tubiacanga?” “Ah é da novela?” “Não, gente, Tubiacanga existe, é ali, ó, é ali na Ilha do Governador”. As pessoas não conhecem, você vê, né?

F: E a Ilha do Governador é muito grande, hein, lá é muito grande.

Os 3 falam coisas, não dá para entender direito.

J: Mas então vocês não ouviam muitas coisas...

M: Não, eu não ouvi ninguém falando que não queria apoiar, que não aceitava o... o DLO...

J: Eu acho que eu só ouvi no início, quando eu cheguei aqui, que parece que o pessoal do posto tinha passado, que alguém falou, assim, de...que tinham medo de que a gente soltasse mosquito e fechasse o bairro né, com uma pedra, vocês ouviram isso? Fechasse a saída do bairro, ia trancar todo mundo aqui e fazer um projeto científico maluco... Mas eu acho que foi a única coisa assim, negativa, acho que no mais é... é medo, de aumentar mosquito, né aumentar a quantidade de mosquito, mas realmente gente recusando o projeto...

F: Não, não teve

C: Mas sabe que eu acho que não passa por medo, não? Eu acho que passa mais pelo incômodo... sabe? Porque a gente já tinha mosquito antes... né? Mosquito sempre existiu

F e C falando ao mesmo tempo. Difícil distinguir. F falando que tinha muito mosquito.

J: Em Tubiacanga teve um pouco de medo, assim, como foi o primeiro lugar, medo do que seria aquilo né, se poderia levar uma nova doença, coisa do tipo, mas aqui eu não vi muito esse questionamento não. Eu vi mais lá mesmo, acho que aqui realmente não teve muito a questão do medo.

M: Eu acho que ninguém pensou nisso não. Pensava é ficar imune do... do vírus da dengue, né, a época

C: No mais, são tantas lembranças boas, não é? Deviam convidar a gente de novo para ir lá na Fiocruz, né? A gente tirar de novo uma foto lá, na escadinha... junto com Tubiacanga. Até tava falando, do livro de ata, do portfólio, que a gente precisava decidir aqui entre nós o que que a gente vai fazer, porque aquilo pertence a vocês né. Aquilo não é meu, tá lá em casa, mas não é meu. Mas um dia desses, olha que interessante, eu tava conversando com a minha vizinha da porta ao lado e surgiu um comentário da Wolbachia. Alguém escutou eu falando “ah fiz parte do comitê lá de Jurujuba e tal, não sei o que”, uns ficaram me olhando assim como se eu fosse E.T e eu falei assim... ah é chato, né, essa coisa da pessoa duvidar de você. Eu falei “olha, vou trazer um negócio para vocês olharem”. Aí eu deixei o portfólio lá. Deixei quase um mês lá, na casa dela lá.

J: Várias reportagens...

C: Com tudo, as fotos, aquelas coisas todas, né. Aí o namorado de uma das moças que mora lá, Leonardo, falou “nossa, Carmen, que legal isso”, eu falei “é, *muito* legal mesmo. Mas não chegou aqui ainda não”. Meu condomínio também mata, hein. Mata mosquito lá também...tem fumacê...

J: É, isso é um desafio né, de lugares com prédio...

C: Meu filho trancafiava tudo. Odeia, quando começa a fumaça... Fecha essa janela, fecha tudo...

J: E vocês sabem me dizer, assim, se houve desafios de atingir as pessoas? Por exemplo, de reunir pessoas, foi difícil fazer as pessoas se interessarem pelo projeto? (silêncio curto) Chamar para a reunião, para as pessoas estarem presentes... Ou...sentiram dificuldade de passar isso para as pessoas?

M: Não... aqui não teve dificuldade não.

F: Aqui escolheram as pessoas certas para participar, né, do comitê, e a nossa função era só é...ser representante dentro...dos moradores. Os moradores tinham contato com a gente, não com o projeto. Então foi escolhido... as pessoas para participar do grupo, e essas pessoas que estavam participando do grupo, estavam em contato com a comunidade, explicando como era o projeto, como tá sendo feito e tal... conscientizando eles do valor deles apoiarem também. Não houve rejeição, mas um apoio da comunidade (...)

J: Sim, e aí que tipo de atividades vocês acharam que funcionaram melhor para atingir as pessoas do bairro? Porque a gente fez algumas reuniões, assim, na igreja...a gente fez atividade com escola...teve o porta a porta né, de bater de casa em casa falando sobre o projeto também, e a atividade dos multiplicadores, de vocês com eles, né. Quais dessas atividades vocês acharam que teve mais... importância, assim, para alcançar as pessoas?

M: Eu acho que a conversa de boca a boca é muito mais interessante...

F concordando ao mesmo tempo

J: Mais do que reunião, mais do que qualquer coisa maior, é o miúdo ali, do dia a dia

M: É, porque às vezes você numa reunião aqui, você vai, vê o slide, essa coisa toda, mas o que fica é a conversa com você, no portão, na esquina...eu acho isso que pega muito mais. Como deu certo? Escolheram os representantes e dali eles foram os espelhos, né, para irem a campo... eu tô com esse pessoal, sinal que Jurujuba toda tá sabendo do que tá acontecendo. E daqui a gente começou a multiplicar e eles tiveram essa facilidade de entrar aqui. Não que Jurujuba seria há um tempo atrás um lugar perigoso, como tá atualmente. Eu acho que agora, aqui não, mas na Várzea teria um pouco mais de resistência. Mas aqui, graças a Deus, continua paz. A gente teve essa facilidade de porta em porta, a gente ir conversando com um, conversando com o outro do projeto, pô Maísa tem, Firmino tem, não sei quem tem... então, né, já é uma referência, então vamos aceitar o projeto... tal, tal... Eu acho que foi bem aceito, não teve essas coisas negativas...

J: É porque também eu acho que as referências eram mais...indivíduos do que instituições em si, né. Não tinha tanto uma associação de moradores, que as pessoas se identificassem muito...

C: A associação de moradores ainda é problemática, né... Mas acho que ela ainda continua, agora tá muito voltada para o pessoal da creche...

F: Eu acho também, cortando um pouco Carmen, que hoje, hoje o projeto tá mais antenado. Antigamente o projeto era mais assim, boca a boca. Hoje em dia tá mais

antenado, qualquer coisa você quer saber do projeto tem que consultar... As reuniões também às vezes são feitas, é, por celular, você tá não sei aonde, tá participando de uma reunião aqui e tal. Isso aí, eu não sou contra a tecnologia, entendeu, eu sou do modo antigo, mas eu acho que você... assim, boca a boca, cara a cara, você... acho que funciona até melhor. Não sou contra, não sou contra a tecnologia, a tecnologia veio para ficar, e vai ficar cada vez melhor, mas tem muita gente... eu, pelo menos, vou ser franco, eu não sou muito de ficar antenado, eu gosto muito da conversa, do boca a boca, do contato, isso que é importante. Agora, eu acho que hoje em dia o projeto ele tá usando mais a tecnologia do que o contato. Assim, entendeu, com as pessoas, cara a cara, boca a boca. Isso talvez deixe um pouco a desejar. Não sei, essa é a minha opinião.

C: Você fala instituição. Aqui em Jurujuba, o que que a gente tem... Fernando Magalhães, que eu não sei como que foi a atuação com eles...

J: A gente fez palestra para os alunos, mas eu não sei, eu não tenho a garantia de que isso saiu dos alunos e chegou nas casas. Isso eu não sei.

C: Entendi. Fernando Magalhães... aqui, em Jurujuba participava, a igreja de Nossa Senhora da Conceição participou?

J: Participou assim, a gente tentou fazer uma reunião lá, foi pouquinha gente, foi só isso.

C: E o CEU?

J: No CEU a gente conseguiu fazer um pouco mais de coisa, mas também... eu acho que a gente, em termos de instituição, o que a gente conseguia mais contato era o posto. O posto de saúde era o que tinha mais apoio.

C: O posto era mais atuante?

J: Agora, de resto, acho que foi pouca coisa mesmo.

C: Porque assim, o CEU lá dentro, da maneira como foi concebido lá, são sete... seria concebida a atuação de sete secretarias lá. Sete! Porque assim, a construção foi uma construção do governo federal... e quando fica pronto, é entregue à administração municipal. Aí a administração municipal tem que gerenciar tudo que teria que acontecer lá, porque tem uma quadra, se tem uma quadra, tem que ter participação de esportes, da secretaria de esportes. Tem um... tem um teatro, né... Tem, tem o setor de teatro que seria a (afan?), que é a fundação de arte, tem o telecentro, que é secretaria de ciência e tecnologia, tem a biblioteca que é a fundação de educação, tem o CRAS, que é a secretaria de serviço social, olha só, já falei cinco. Quer dizer, na verdade, você praticamente só não teria finanças lá, que aliás é o que falta, finanças. Não acontece nada porque não tem dinheiro, né. Mas olha só se tudo isso pudesse...né, participar.

J: Ali seria o centro de tudo, se funcionasse tudo, mas...

C: De tudo

J: Mas também a distância para o pessoal aqui do ponto final já era mais complicado, né. De colocar as ações daqui lá longe, então acabou realmente não sendo. É engraçado isso...

C: Você acha longe?

J: Eu acho que se a gente marcasse reunião do ponto final lá, quase ninguém ia.

C: Será?

J: As poucas reuniões que a gente tentou...

F: Olha, eu participei ativamente um tempo da associação de moradores. O maior problema da comunidade é eles participarem de reuniões. Às vezes nós estávamos lá na associação (...) muito...irregular, né, às vezes batia na mesa, dava soco, falava palavrão, até uma vez pedi desculpa para Maísa... Então quando marcava reunião, não aparecia...apareciam poucas pessoas, poucos ficavam... Muito difícil

M: É muito difícil. A participação, que eu digo, aqui em Jurujuba, é que a gente que gosta, por exemplo... eu *amo* isso aqui. Eu quero que Jurujuba seja *transformada*. Como eu fiz campanha para lixo... “ah, não vai adiantar”, não *interessa*, eu *quero* fazer. Me mato para caramba, eu tenho de coisa por aqui, minha casa fica entregue a Deus dará, só Jesus na causa. Me empenho nessa festa, me empenho em outras atividades, porque eu gosto, eu acredito que, *um dia*, isso vai mudar. Mas eu vejo essa geração não quer na-da, Julia. A minha geração, da minha época, é diferente da geração agora do meu filho. Eu tiro por ele, porque não pensam muito em fazer por Jurujuba, e vai acabar. Eu falo meu Deus do céu, eu já estou acabando com as minhas forças. Como é esse, aqui na frente vão construir mais condomínio nessa área... quantas vezes eu me coloco na frente das coisas. Imagina, eu já me sinto já cansada. Até para fazer a festa que eu mais amo, a festa de São Pedro... tô cansada, porque eu não vejo a comunidade em prol disso, de querer participar... Isso aqui vai acontecer porque pessoas como a gente, que gosta, abriu mão para que o projeto entrasse realmente aqui, a gente começou a batalhar “não, pô, você quer morrer? Vamos fazer isso? Vamos deixar o projeto vir para cá, vamos fazer isso...” Começamos a fazer essa propaganda e conseguiu a gente atingir todo mundo aceitando cooperar o projeto. Mas tem coisas que...Jurujuba parece que está dormindo ainda.

J: É, mas eu sinto que isso é geral

C: É, eu também acho que é geral.

J: É, é geral, em todos os lugares que apoiaram o projeto, por exemplo, era da geração de vocês... As pessoas novinhas... não interessam, assim...

M: Não vejo eles arregaçarem as mangas...

J: E não é nem a questão de “ah, não tem tempo”, porque todos vocês são super ativos, fazem todas as coisas, trabalham, têm milhões de atividades, se interessam, justamente se interessam por fazer atividades... e os mais jovens...

M: Fazer a festa de São Pedro é uma coisa, sabe, que é um consumo danado. A gente tem que lavar, passar, cozinhar, ter marido, ter filho, um monte de coisa, tem que cuidar de mãe...eu falei meu Deus do céu... Olha os meus exames, eu larguei tudo de mão para fazer. Eu passei mal duas semanas antes, devido a pressão, minha pressão subiu, foi para 16. Eu fiquei pianinho na festa para poder não alterar muito as coisas. Mas eu fui no médico para comprovar como que tava, Maísa, você não tem nada... Eu falei “Dr., me dá checkup eu não fiz ainda, porque a festa começa, tem que dar atenção, e tem a festa e tem o pós festa. Eu ainda tô em pós festa, resolvendo ainda um monte de pepino, depois da

festa. Então eu só vou fazer esses exames depois que eu tiver tudo sanado. Aí vai ser meu normal. Que adianta fazer agora? Eu tenho uma notícia aqui, fica o coração saindo pela boca ainda. Não, vai dar alteração e eu vou me dar mal, então deixa eu me acalmar, deixa eu resolver todos os problemas, aí sim eu vou marcar os meus exames. Mas não largo de vez. Porque eu quero Jurujuba melhor, porque eu quero colocar na cabeça que a pessoa não tem que se preocupar somente com o que passa na porta, tem que parar...

C: Isso que é difícil...

M: O dia que o mundo pensar em comunidade, em ajudar, vai ser diferente... As pessoas só querem se meter para poder...

C: Favorecimento pessoal

M: E não é isso?!

F: Em relação a isso, que você falou aí, de ter várias reuniões aqui né, nesse salão, sobre a função do lixo. Lá na minha porta um cidadão foi lá me afrontar. Dizer que eu sou o culpado do lixo e organizar o lixo lá pro outro lugar e até me ameaçou e... eu falei “ó, não sou culpado de nada não, eu tava na reunião, como você tava, como outros tavam”. O filho do cara que tava se formando em direito, não sei se formou já, foi lá na delegacia dar parte de mim. Aí foi lá e se deu a intimação. Aí eu falei “ih, vou rasgar isso aqui”...

Não dá para entender muito, Firmino e Carmen falando ao mesmo tempo e baixo.

J: Para isso a pessoa se dá ao trabalho, para esse tipo de coisa...

C: [História relacionada a outra queixa policial que não se encaixa na entrevista. Não dá para entender ou ouvir muito bem]

J: Queria saber duas questões, uma mais geral, assim, só se vocês quiserem acrescentar mais alguma coisa, e por último, eu queria pedir, se fosse possível, para vocês reunirem, fazerem um resuminho da história de Jurujuba. Porque eu já ouvi vocês contando, não sei quem contou, não sei se foi Maísa, só para ter registrado, vocês podem depois... fazer esse resuminho?

C: Os nativos podem (risos)

J: Só a história assim, de como o bairro se organiza, e tudo mais. Mas antes, a última pergunta oficial aqui é se vocês queriam acrescentar alguma coisa. Alguma coisa que vocês acham relevante falar sobre engajamento, alguma coisa que vocês acham importante do projeto, enfim...

M: É, eu ainda reforço, que o que está faltando agora é a divulgação, é a base, Jurujuba ser lançada agora na mídia, que foi... fez esse trabalho do projeto, que foi pioneiro, para que as pessoas vejam o resultado disso e divulguem nas redes... porque não tem...

C: Eu acho que falta também é... o projeto, as pessoas na liderança, né, do projeto, darem para vocês o retorno desse acompanhamento que tá sendo feito aí, ainda que Firmino tá falando que ainda tem, eu sei que tem, que eu vejo lá no CEU, ainda tem armadilha. Tá lá para que? Tá enfeitando?

M: E uma coisa também, que é importantíssima, é você ver a prefeitura falar do projeto. Se ela apoiou, se ela apoia, ela não fala...

[Todos falando ao mesmo tempo]

F: É muito difícil o poder público se integrar dentro de um projeto desse, ele espera acontecer. Quando acontece, que o troço tá a pleno vapor, a prefeitura vai aparecer...

M: Uma campanhazinha mínima, assim, de um minutinho...

[Todos falando ao mesmo tempo]

C: Aqui já estive a pleno vapor. Aqui teve começo, teve meio e teve fim. Por que que ele não participou? Por que que o prefeito não participou?

F: Ele gosta de aparecer só no final para pegar os louros. Não vem no começo, vem no fim, que aí aparece, vai dizer que sempre apoiou, que sempre esteve presente...

C: Mas a gente está aqui para testemunhar que não, eu estou. Porque eu fui advertida porque eu não falei que o Rodrigo Neves era bonito.

M: Vai dizer que a pessoa esteve aqui apoiando sim.

C: Mas se eu tiver perto eu digo que não.

M: Mas a Rita era da prefeitura.

C: A Rita é representante do bairro.

M: Não, ela é da Regional. Ela veio como regional, ela não veio como moradora.

J: É, ela veio como Regional.

M: Ela veio como representante oficial da prefeitura.

[Todos falando sobre Rita e sobre a participação de Martins, da prefeitura]

C: O que que aconteceu com o meu bairro? O meu bairro não, o lugar onde eu moro. Eu moro no bairro onde o prefeito mora. Aí o programa ele foi até a rua que o prefeito mora, eu moro um pouquinho mais a frente.

F: Mora em Camboinhas?

C: Não, ele mora na Vereador Duque Estrada, em Santa Rosa e... a rua corta a Noronha Torresão, eu moro na Noronha Torresão, eu moro um pouquinho mais a frente. Agora onde ele mora, a minha irmã mora, minha irmã mora numa rua que é na Vereador Duque Estrada.

M: Mas até a casa dele foi?

C: Até a casa dele foi. Aí agora eu também já não sei como é que está para lá.

[M e C falando sobre a proximidade das casas]

F: Mas deve ter Wolbachia ali, mosquito chega ali.

C: Não sei, porque lá mata, no meu mata, no meu bota fumacê.

J: Só se tivesse soltando ali mesmo.

C: É mais provável que ele vá até a casa da minha irmã. Na casa da minha irmã tá mais perto.

[M fala com F sobre DLO e C ao mesmo tempo retoma a proposta de falar com o comitê geral de incluir mais representantes de Jurujuba, variando a vez]

C: É outra dinâmica, a reunião lá tem outra dinâmica. Não é essa coisa legal, como a gente aqui, a gente podia perguntar, a gente podia...como eu to te dizendo, tá tudo...mas ou menos, tá, algumas coisas eu talvez não tenha conseguido registrar, eu fazia o máximo que podia, para botar nas atas. Mas lá acho que é aquele menino barbudinho, o Renan, ele fazia a ata lá na hora, já no computador. Eu fazia meu rasquinho, aquela coisa bem artesanal e tal, qualquer coisa que tinha dúvida eu falava com o Jorge, falava “Jorge, eu tô (contratando?) aqui...”, lá é tudo assim, é muito... sucinto, tá entendendo?

J: Para passar a informação e acabou?

C: É. “Agora nós somos assim, agora o símbolo é esse, agora...”. Teve *uma* reunião com o Luciano, assim, a presença de Luciano é *fundamental*, ele tá presente, ele se mostrava, ele falava de como tá acompanhando de como tá... *Uma* vez. Até teve um quorum grande, acho pela curiosidade das pessoas...conhecer e tudo, mas... é tudo assim, sabe, tamos chegando, tamos no caminho... é tudo muito rápido, né, e eu tô falando, a última nem foi no salão porque tinha uma festividade lá e a gente não pôde nem ocupar o salão. Ficou muito... assim, na última que eu fui, a que teve depois eu não estive, foi quando a gente ficou sabendo que o Guilherme não tava mais... Que Guilherme agregava, tá? Guilherme *agregava*. Não é que Lucas... Lucas tem outro perfil. Guilherme não, Guilherme, sabe. Quem também eu acho que agrega, mas também não aparece mais é Flávia. Flávia permanece, né? Aí você pergunta: e fulano? Já saiu. E fulano? Já saiu. Sabe, e assim, cada um que sai entra dez...

M: Pelo que eu vejo a Manu tá lá.

C: Manu tá firme. Até um dia desse, ela é minha amiga no Face, mas eu vi um dia desses ela fazendo um negócio de uma atividade...

M: No Face do próprio...

J: Do projeto?

M: Do World...

C: Do mosquito azul

[Todos falando sobre propaganda e divulgação do projeto nas barcas de Niterói e pessoas que saíram do projeto. M menciona novamente como é difícil falar o novo nome do programa. Senhor de fora passa para falar com M]

J: Vocês poderiam falar um pouquinho da história? Eu não sei muito se tem uma história que vocês saibam, mas eu lembro de vocês já terem falado alguma coisa disso

M: Tem um escrito sobre Jurujuba. Tá lá em cima, não sei se (...). Mas a origem do nome é Papagaio Amarelo, que é um bairro também com nome indígena, né.

F: Jurujuba é o nome de uma planta.

M: É, mas ela foi como Jurujuba como Papagaio Amarelo. A origem que é do nome. Tem até, se quiser ver depois, tem o nosso banner lá em cima que fala sobre essa origem, a história de Jurujuba. Como começou eu não sei, só sei que tem essa origem, que era indígena, e que é uma comunidade pesqueira, né, formada por famílias tradicionais de Jurujuba, na época... e hoje em dia já não está tão pesqueira assim, já se expandiu, né. Mas é um bairro que tem essa... bucólica, essas praias maravilhosas, que ainda não são descobertas no mundo... Adão e Eva... o Paraíso de Niterói, a menina dos olhos de Niterói.

F: A gente tem uma árvore ainda de Pau Brasil...

C: Essa região aqui é toda Mata Atlântica...é preservada... E tem essa coisa de importância histórica, significativa, são os fortes, né. Os fortes foram construídos para defender a região aqui da invasão dos holandeses e dos franceses, né, todo mundo cheio de olho grande aqui...

M: Jurujuba também foi um grande pólo industrial, tivemos três fábricas de sardinha, [nomes das fábricas, não deu para entender bem]. Reativamos nosso Samanguiá, que hoje é o Graef, é uma rede de hotéis, que recebeu várias pessoas famosas., se puxar na internet vai ver Roberto Carlos, e outras pessoas internacionais. Temos o nosso Jurujuba Iate Clube também, importantíssimo para a nossa história. E hoje também temos o pólo gastronômico, que é os nossos restaurantes, os nossos mexilhões aí, em relação aos frutos do mar. E aí a gente tem essa formação de Jurujuba, ainda é um bairro com as suas características originais ainda, mas que a modernização tem tentado chegar, mas a gente tá tentando não deixar eles se fixarem, porque vai realmente acabar o nosso bairro. Então por enquanto, enquanto a gente puder resistir a essa mudança aí do mundo, a gente vai resistindo. A gente não sabe até quanto tempo vai ficar Jurujuba nesse bairrozinho ainda assim...

J: E vocês sentem que esse é um bairro unido? As pessoas se conhecem...

M: Unido? Não, é um bairro que todo mundo se conhece, mas unido não

[M e F falando ao mesmo tempo que o bairro não é muito unido]

C: Eu concordo com você. É um bairro que as pessoas se conhecem, mas as pessoas não são tão unidas assim.

F: É um bairro que ainda tem gente que luta pelo bairro, como Maísa, como eu mesmo, que sempre me importei, e pessoas que já passaram por aqui, de grande relevância, Maísa bota na parede ali as pessoas que já trabalharam por esse bairro, as pessoas trabalhavam no bairro, faziam coisas boas, como Maísa faz, como às vezes eu faço...é aquele slogan que ela criou, “quem ama, cuida”. Então é o caso, nós queremos cuidar... não deixar que a violência venha, não deixar... é muito importante...

M: Porque o que que aconteceu (...) 100% Jurujuba, em relação à crítica de uma camisa e eu falei: o que que adianta ser 100% Jurujuba se você não faz nada por Jurujuba? Vamos criar, “Jurujuba, quem ama, cuida”. Se eu sou Jurujuba, tem que cuidar. Jurujuba, quem ama, cuida, eu quero que Jurujuba seja cuidada, eu luto por isso, faço um monte de coisa.

“Para com isso, fica se metendo” Você já me conheceu assim. Eu só vou sossegar quando eu morrer. Porque eu dou graças a Deus, Julia, que a minha igreja, o padre não sabe de todas as reuniões que ocorrem, porque eu não vou ficar toda hora comunicando “padre, vai ter reunião”... só se for uma coisa mais assim...como teve, uma reunião maior, que eu falei “padre, vai ter uma reunião que abrange mais”... mas uma coisa mais simples, não tem que ficar comunicando, mas a minha igreja sempre foi de portas abertas para qualquer coisa que tenha aqui. Porque Jurujuba não tem espaço, então nós temos aqui um salão mais ou menos, que comporta algumas pessoas e quando tem reunião assim maior, a gente oferece para que seja aqui, acolher os moradores. Mas Jurujuba em si ser unida? Não.

F: O meu medo é que pessoas como Maísa, como já aconteceu no passado, pessoas que cuidavam, que zelavam pela comunidade, que trabalhavam pela comunidade, tenham se desgastado e desistido. Ela desistir. Porque é um trabalho muito...

M: Eu tô cansada.

F: Dizem que ninguém é insubstituível, mas... pensa bem, hoje Maísa cuida de Jurujuba, aqui do Ponto Final. Eu sei que ela tem apoio, ela tem pessoas que ajudam ela, mas é um dom da pessoa lutar pela sua comunidade e ela luta.

M: Para você ver, se não fosse a minha luta, a calçada não ia sair. [um pouco confuso sobre as brigas que enfrentou para ter a calçada no bairro e outras lutas no bairro, todos comentam e acrescentam]

M: E hoje eu me sinto cansada. Participo ainda das... em ajudar, mas eu tô bem assim... não vejo...

C: Mas é como você diz, a juventude não tem interesse. Eu sei porque eu lutei ali no CEU para criar um grupo de jovens... me comunico bem com os jovens e eu não con-se-gui. Nem para sentar naquela biblioteca para ver um filme, que é uma coisa que não tem nada, compromisso, nada. Nem para isso.

M: Eu tô há mais de 30 anos direto aqui na igreja. Eu vejo, o pessoal vem e sai, vem e sai, vem e sai

M e F falando ao mesmo tempo. F falando sobre políticos que querem levar a fama pelo esforço dos moradores, como se eles que tivessem feito.

C falando sobre caso com prefeito, que não quis ouvir críticas e pedidos de melhoria do bairro.

F: O poder público abandonou a nossa comunidade.

M: Esse lance, Julia, já fugindo um pouco do tema... Mas nós fizemos um projeto para Jurujuba, onde tivemos várias sessões dos moradores, eu me esqueci o nome do projeto que era, de fazer...para ter um projeto... com as nossas ideias, não foi você que criou, foi eu, que moro aqui, que criamos. Fizemos várias sessões, idealizamos o projeto, ficou lindo e maravilhoso. Aí só porque esse político não está mais em atual, ninguém pegou o projeto. Aí tão criando *outro* projeto. Isso não é um gasto? Porque a secretaria de pesca elaborou esse projeto com a participação de todo morador. Aí cada um deu uma ideia e saímos com o projeto, os valores, como ficava, tudinho... Meu centro cultural ia sair,

lindo e maravilhoso, contando a história de Jurujuba, lugar para receber reuniões, lugar para jogos, para ter um de lazer aqui, como tem (...) jogando na rua, ia ter um local mais coberto para ele, direitinho... Então, aí tem uma outra política, “ah não, porque é fulano, eu vou fazer outro”. É o nosso dinheiro que está ali, fazendo só projeto, projeto, projeto e não vê a prática.

C falando sobre a estrutura do CEU, que está apodrecendo e outros problemas.

M: Espero que tenha contribuído para o seu trabalho...

J: Muito! A entrevista foi maravilhosa, várias falas aqui que eu fiquei...gente, eu quero escrever isso...

F: Foi uma tarde maravilhosa. Agora eu tenho que subir para trabalhar um pouco.

Apêndice 4: Tabela de Documentos

Nº Documento	Título do documento	Trechos Destacados	Data
01	Projeto para Controle Alternativo de Dengue	<p><i>10.1. Informação, Comunicação e Educação em Saúde</i></p> <p>Descrever o território enquanto espaço de relações sociais, e a relação da comunidade com o meio ambiente (Guimarães, 2010). Identificar percepções, atitudes e crenças da população selecionada quanto à dengue, seus vetores, e processos de saúde-adoecimento. Montar estratégias para estabelecer um canal de comunicação e um vínculo de confiança entre a população, profissionais de saúde, gestores e pesquisadores do projeto. Ouvir e valorizar o que a população conhece sobre o território, sobre a dengue, sobre prevenção, sobre cuidado de si, dentre outros aspectos, é de suma importância para desenvolver estratégias sustentáveis. Identificar <i>stakeholders</i> locais, pessoas ou instituições que já sejam mobilizadoras na sociedade local é também uma ação prioritária. Será por meio desse olhar criterioso para o território, dessa escuta cuidadosa do outro e da abertura para um aprendizado conjunto que um novo sentido orientará a produção de estratégias de informação e comunicação sustentáveis, configurando-se como uma robusta estratégia de inovação social.</p> <p>Por “comunidade” entende-se todos que interagirão, direta ou indiretamente, com as atividades do projeto proposto. São esses: 1) Comunidade residente da região selecionada (população adulta e escolares); 2) Profissionais de saúde local (Agentes de Controle de Endemias (ACE), e Agentes Comunitários de Saúde (ACS); 3) Gestores/tomadores de decisão relacionados com as decisões políticas do projeto, 4) Os próprios pesquisadores participantes do projeto.</p> <p>Delineamento e modelagem de estratégia de informação e comunicação em dengue com vistas à aprendizagem para a vida. Em outras palavras, a expectativa é que seja construída, junto com a população, um modelo de “tecnologia social” que potencialmente poderá ser replicada em outros territórios.</p> <p><i>10.2. Ações de Educação e Comunicação em Saúde</i></p> <p>A partir dos resultados da primeira etapa, serão elaboradas atividades de Educação e Comunicação em Saúde com foco nas principais questões levantadas pela comunidade. As seguintes ações serão propostas:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Desenvolvimento de materiais informativos/educativos sobre o projeto e suas ações, bem como as principais questões de prevenção e controle da doença e seu vetor. A mídia selecionada (impresso, vídeo, <i>website</i>, etc) será definida e construída conjuntamente com a própria comunidade; · Realização de reuniões temáticas sobre a doença e seu vetor com líderes comunitários em associações de moradores, escolares e seus professores, principais postos de saúde e gestores políticos da região; · “Dengue <i>training</i>” com jornalistas da região selecionada para auxiliar na divulgação dos resultados do projeto e potenciais vias de prevenção e controle da doença nos meios de comunicação mais amplos. <p>Informação, Educação e Comunicação em Saúde</p> <p>Para a primeira etapa de diagnóstico da comunidade e desenvolvimento de estratégias para estabelecimento de um canal de comunicação e um vínculo de confiança entre a população e os envolvidos no projeto. Utilizaremos técnicas calcadas na pesquisa qualitativa, mais especificamente: observação participante, grupos focais e entrevistas semiestruturadas.</p>	2012

		Já para a segunda etapa, com base nos resultados levantados durante a primeira fase, serão desenvolvidas ações de Informação, Comunicação e Educação em Saúde de acordo com as metodologias de construção compartilhada do conhecimento (Valla e Stotz, 1993), do processo educativo como pedagogia da autonomia (Paulo Freire) e da educação como fonte para participação social e cidadania (Boaventura de Souza Santos).	
02	Relato da reunião final da 1ª etapa do projeto Escolha das áreas de implantação do trabalho	<p>Após as duas primeiras rodadas de trabalho de campo da equipe do Engajamento Comunitário em parceria com a equipe da Entomologia, com a aplicação de questionários e montagem de armadilhas, ambas apresentaram seus resultados específicos. Este processo foi finalizado com a reunião aqui relatada na qual foram escolhidas quatro áreas para a continuidade do projeto.</p> <p>As duas equipes foram em conjunto para as nove áreas pré-selecionadas, contando com o auxílio dos agentes de saúde. Como metodologia conjunta de trabalho, foi acordado previamente que os agentes abordariam as residências estabelecendo o primeiro contato com os moradores, apresentando as equipes da Fiocruz. A equipe da Entomologia fez a instalação de ovitrampas e mosquitrapas para a coleta de ovos / mosquitos, e a equipe do Engajamento Comunitário aplicou um questionário por domicílio. As duas ações foram simultâneas, pois enquanto os agentes e entomólogos faziam a instalação das armadilhas um pesquisador do Engajamento Comunitário aplicava o questionário.</p> <p>Pelo Engajamento Comunitário, foram aplicados 461 questionários e realizadas marcações de 482 pontos no GPS, para a confecção de mapas das áreas. A metodologia utilizada em campo consistiu no trabalho de duplas de pesquisadores, sendo um entrevistador e um observador, colhendo informações da localidade através da observação participante.</p> <p>Como resultados dos questionários, após tabulação dos dados em programa de análise estatística, obtiveram-se os seguintes números: 55% já tiveram dengue (o próprio entrevistado ou algum membro da família), 96% se sentem muito preocupados com a doença e 89% dizem conhecer o fator de transmissão da doença. Como prevenção da dengue, 94% relataram utilização de algum mecanismo de controle mecânico e 64% dizem conhecer alguma estratégia do Estado para controle da doença.</p> <p>Ao serem questionados se apoiariam uma nova estratégia de controle da dengue, 47% apoiariam fortemente, 84% apoiariam e 93% gostariam de receber informações sobre a estratégia. Entre as possíveis mídias para receber essas informações, foram mais citadas a Internet (30%), e-mail (31%), reuniões (49%), palestras (45%) e TV (41%).</p> <p>Diante desses resultados, é possível concluir inicialmente, visando o potencial de engajamento comunitários dessas áreas, que os dados mostram pequenas diferenças entre as áreas e que essas diferenças podem ser vistas mais claramente com a ajuda dos indicadores de campo, estabelecidos pela equipe do Engajamento Comunitário, que são os seguintes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atitude da população em relação ao trabalho de campo: humor / recepção; • Fácil identificação das lideranças comunitárias; disseminadores de informações; aglutinadores da população local; • Verticalidades sócio-territoriais (Milton Santos): difusão de informações no território (espaços / artefatos que promovem a dinâmica social); • Estruturas formais de organizações comunitárias: exemplo: associações de moradores - relevância legitimidade / papel desempenhado na vida comunitária; • Vida cotidiana em comum (amizade, pontos de encontro) - conhecidos / amizade / bairro / trabalho na própria área de residência. <p>A partir desses indicadores, foram atribuídas notas de 1 a 5, do muito ruim ao muito bom, para cada área, e ao final do somatório chegamos às quatro áreas com maior pontuação. Como estratégia inicial para o engajamento comunitário, ficou estabelecido que a atuação em áreas diferentes deve ser</p>	2012

		acompanhada de estratégias distintas, observando as características específicas e percepções para construir o trabalho de campo ao longo do tempo, sendo o primeiro passo para o envolvimento da comunidade que ela nos permita entrar. Como elemento norteador para classificar as áreas, temos dois grupos que expressam padrões distintos para o desenvolvimento de pesquisas e estratégias específicas a serem definidas para cada um: o engajamento pró-ativo e o engajamento reativo. O primeiro se refere às áreas onde a população é participativa e já possui iniciativas comunitárias, como reuniões, jornais, etc. Já o segundo recai sobre as comunidades onde não há tanto questionamento inicial, os moradores aceitam passivamente as iniciativas de fora, sem questionar muito. As áreas classificadas com pró-ativas foram Paquetá 1 e 2, Urca e Vila Valqueire; e as áreas reativas foram Jurujuba 1 e 2, Tubiacanga, Vila UFRJ e Colônia Z-10.	
03	Grupo Focal com AVS	Cristina Guimarães: A gente tá preocupado com o objeto. Todo o estudo, toda a análise, toda a pesquisa relativa à forma com que as pessoas, ou a saúde, a ciência em saúde, o conhecimento em saúde é produzido e circulado dentro da própria ciência e na relação de ciência e sociedade. Então, nós somos cientistas sociais e estamos, pela primeira vez, como eu disse ontem, e neste projeto. Mas muito particularmente, na Fiocruz, pela primeira vez nós começamos um projeto de pesquisa juntos. Os cientistas ou pesquisadores de ciências naturais, que é, no caso, o pessoal do IOC, e os pesquisadores e cientistas em ciências sociais. Eu costumo brincar com o Rafael que, pela primeira vez, a gente começar um projeto e estar envolvido em um projeto onde tem uma parte de vetor e tem uma parte de gente. Então, tudo aquilo que muito provavelmente vocês já sabem há muito, do trabalho, da prática, da vida no campo... E é impossível, literalmente impossível de pensar qualquer estratégia de combate à dengue que não passe por gente, pela primeira vez a gente tá começando um projeto e dizendo, de base, que nós temos que olhar pro vetor e que nós temos que olhar pras pessoas. A nossa lógica, eu, Cristina, Ricardo, Michele, Marilu, Luciana, Rose, Cícera e Carla, que é o pessoal que trabalha comigo, a nossa lógica é olhar pras pessoas. E a gente tá fazendo uma parceria com o IOC que olha pro vetor. A expectativa é de que no olhar do conjunto de pessoas mais o vetor, a gente tenha a possibilidade de fazer um trabalho mais duradouro e mais sustentável. O que significa... Ontem, provavelmente, vocês começaram a ouvir o Rafael falar em engajamento, engajamento comunitário, de falar com as pessoas. O que é engajar? O que significar ir pra esse projeto? O que supostamente nós vamos fazer no território que é diferente daqui, do que a gente tá fazendo? A vida continua sendo a mesma. Mas tem uma ideia, um diabinho que vai ficar atrás de nós, nos perguntando a todo o tempo se poderíamos fazer diferente. E o que é que nós, em conjunto, em parceria, podemos construir com essas comunidades na perspectiva de uma nova estratégia de combate à dengue. O que este projeto traz, em uma perspectiva internacional, é que não é possível abraçar qualquer perspectiva de futuro, ou de uma ciência, ou de uma produção de conhecimento, que é a ponte do futuro, sem que a sociedade vá junto com o mesmo. Então, o convite é que nós... Nós, somos Estado, ciência e política pública. Todos nós. Nós estamos juntos nisso. E o grande desafio pra nós é como nós vamos interagir com a sociedade, que somos nós também. Este é o primeiro desafio que a gente tem que entender. Nós somos Estado, política, ciência e tecnologia do lado de cá e nós precisamos construir uma forma robusta e duradoura de um entendimento, de uma estratégia nova sobre dengue pra uma sociedade, pra uma comunidade que tá lá e que somos nós também. Então, qualquer perspectiva e análise de engajamento, que significa acolhimento, que significa entendimento e que significa decisão de aderir ou não, é alguma coisa que nós temos que começar neste ponto. Então, qualquer ação e qualquer estratégia que a gente possa, em algum momento no futuro, levar para o território em relação a uma nova estratégia de combate à dengue, ela tem que começar aqui dentro, conosco mesmo, com cada um de nós entendendo, vestindo a camisa e estando certo daquilo que a gente vai discutir no campo. Vestir a camisa e estar certo sobre aquilo que a gente vai discutir no campo não implica, em momento nenhum, 100% de adesão ou de concordância com aquilo que tá sendo feito. Mas o nosso trabalho, o vital do nosso trabalho no campo é estimular muito pra que as pessoas entendam o que a gente tá fazendo. Rafael, ontem, inúmeras vezes, e na parte da tarde, que eu não tive como estar aqui com vocês, mas ele compartilhou comigo no final da tarde algumas dos, digamos, pré-acordos e conversas e concordâncias com vocês. Já um pouco que acordaram, tipo, como a gente vai pro	Outubro de 2012

	<p>território e como a gente vai falar no território. Hoje eu quero retomar um pouco isso, mas, especificamente, ouvindo vocês sobre o que é o território, sobre o que é a prática de vocês no território, pra que a gente possa, em conjunto, ao longo de uma série de encontros... Esse encontro não vai ser o único, esse encontro não vai ser o decisivo e não existe qualquer chance de imaginar que esse encontro vai promover em cada um de nós tem o mais pleno entendimento daquilo que seja o projeto Wolbachia - Eliminar a Dengue. Pra nós é muito mais um projeto de pesquisa e não uma ação local que a gente vai fazer no território. E porque é um projeto de pesquisa e aquilo que vocês decidiram ontem, já acordaram com o Rafael ontem, que é importantíssimo pra nós. Tudo que a gente vai levar pro território nesses quatorze ou dezesseis meses é uma potência. Pode ser que a gente vai soltar um mosquito e pode ser que a gente não vá soltar um mosquito. Mas o que é importante construir ao longo desses meses? É importantíssimo que a gente entenda não só da qualidade dos vetores e essa coisa toda que vocês são especialistas, mas é fundamental que cada uma das comunidades entenda o que a gente vai fazer. Cada uma dessas comunidades tem o direito de dizer: “Eu não quero. Não quero que solte o mosquito aqui na minha casa”. A gente tem um número mágico, como o Rafael disse ontem, uma expectativa de... Naquela comunidade a gente vai fazer uma amostragem e vai ter um número x. Se 75% desse número x disser ok, concordar que vão abraçar um projeto de pesquisa, uma nova estratégia de combate à dengue, ok, em 2014 a gente começa a fazer a soltura se tudo corre bem. Se 75% das pessoas dessa comunidade, nessas casas, disserem que não querem o mosquito lá, nós não vamos soltar. Então, o trabalho de construção do entendimento do que a gente tá fazendo é muito importante nesse período que começa, digamos, que tem um marco zero agora entre setembro e outubro, na medida em que teve uma exposição pública, uma coletiva, onde se foi dito da adesão e do compromisso do ministério da saúde e dos níveis estaduais e municipais de fazer isso, de abraçar esse projeto de pesquisa no Rio de Janeiro. E neste primeiro encontro com vocês, nós sabemos que sem vocês nada vai funcionar. E é importantíssimo nessa primeira conversa, especialmente pro grupo de engajamento que trabalha com gente, que o primeiro estrato de gente importante pra construir esses sentidos são vocês. Então, novamente, a gente não vai resolver isso hoje, a gente não vai entender hoje, até porque tem várias coisas que eu e o meu grupo de engajamento comunitário também não sabemos. Os sentidos, em tudo isso, têm que ser postos em conjunto. Aí eu comecei, eu falei pra vocês, escapuliu: o que é engajar? Afinal de contas o que estamos falando quando a gente cita esse conceito de engajamento? É um conceito danado de complicado. Os bonitinhos ficam aí quebrando a cabeça, qual a diferença entre engajar e participar... Na área do SUS a gente fala muito em participação. A gente fala em participação, em controle social, a gente fala várias dessas palavras bonitas que nos estimulam a pensar que cada um de nós pode ser o senhor da nossa vida, que a gente pode tomar decisões, e que a gente pode cobrar do Estado as políticas de saúde que trabalham em função da prevenção e da promoção da qualidade de vida. Engajar é um sentido mais amplo de dizer o seguinte: “estamos juntos”. Pensem na perspectiva de engajamento como elos de uma corrente. Então, o sentido de engajamento é, fundamentalmente, fazer com que cada uma dessas pessoas no território tenham uma decisão e saibam, tenham uma tomada de posição em relação a alguma coisa. Teoricamente, engajamento quer dizer postura política. Postura política é dizer “eu quero” ou “eu não quero”. Por que você não quer? Eu não quero por causa disso e daquilo. A questão da decisão, ou sim ou não, nós dizemos que é política na medida em que a gente sabe o porquê de se estar dizendo sim ou não. Importante é que as pessoas saibam tomar decisão sendo conhecedoras das opções que ela tem. Então, o trabalho que a gente vai fazer ao longo desses quatorze meses é mostrar que esta é uma nova estratégia de combate à dengue, como foi ontem apresentada pelo Bento, quando o Bento mostra e nos recupera todo o processo, com tudo aquilo que a gente sabe dessa doença, do processo de transmissão e etc.. Tem uma nova estratégia, que de novo olha pro vetor, só que é uma estratégia, e o Rafael ontem usou essa expressão, que a gente pode mais ou menos entender como uma vacina do vetor. Nós vamos tentar vacinar o vetor pra que ele se torne imune nesse processo de transmissão. Então, esse é um conceito que, enquanto eu, que trabalho com gente, acho que é um conceito muito interessante, eu consigo entender isso. Mas a nossa obrigação ou compromisso é tentar, no conjunto, na parceria, descobrir uma fórmula de trabalhar isso em cada comunidade pra que elas, ao tomar a decisão de vamos ou não soltar o mosquito, elas saibam o melhor daquilo que nós também sabemos sobre as consequências de soltar ou não soltar. Então, o engajamento significa a gente concordar... Vamos fazer uma</p>	
--	---	--

		<p>aposta em um futuro diferente? Vamos. Estamos todos juntos fazendo uma aposta em um futuro diferente. Resposta 100% clara e objetiva do que vai acontecer nós não temos porque não temos nem certeza se estaremos vivos amanhã, o que vai acontecer, se vai ter inseticida, como o Bento disse... O futuro tá aberto. Vai ter ou não a vacina da dengue, vai ter ou não mosquito genético... Do melhor do que nós conhecemos e do melhor do que nós vemos e que esse projeto vem trabalhando ao longo dos anos, nos parece que isso tem potencial de futuro. Engajar pra nós é isso. É chegar e conversar e dizer: “olha, tem uma aposta no futuro que juntos a gente pode construir, pode ser diferente. Vamos? Vamos”. Então, o grupo de engajamento comunitário, que é não só construir na comunidade, mas fundamentalmente começar a construir com vocês. E vocês vão ser a ponta de um iceberg que vai irradiar e começar a abrir a rede de outros profissionais de saúde. Vocês conversando com outros profissionais de saúde, outros profissionais de saúde chegando no território, conhecendo e sendo senhores dos territórios que vocês já trabalham há muito tempo nessas comunidades, vocês têm que... Ontem, aquele colega de vocês tava dizendo que ele conhece o mosquito, o vetor de... Eu vou sempre falar de mosquito, tá, gente? Não tenho uma linguagem especializada como o pessoal do IOC, vou sempre chamar de mosquito, ou como eu sou mineira até de pernilongo. Enfim, nós não temos muito dessa linguagem especializada mas é absolutamente fundamental que a gente descubra qual é o nosso vocabulário, e sobre o que é e como é que a gente vai falar sobre essas coisas. Primeiro, e mais importante, eu queria que vocês se apresentassem e falassem um pouco porque vocês vão me ouvir muito falar e vocês me mandem ficar quieta porque a vez é de vocês falarem. Então, vou pedir pra que vocês se apresentem. Eu não sei quantos de vocês se conhecem, mas é muito importante que a gente se sinta cada vez mais como um grupo. A gente vai passar uma folha, não só pra questão de presença, mas pra deixar os contatos e depois, para além dos telefones que foram deixados ontem, a gente quer deixar um e-mail com vocês também. Além desse período nós vamos, Rafael e nós, prever uma série outra de encontros e reuniões pra gente, cada vez mais, alguns específicos e localizados de cada uma das áreas, outras gerais onde todos vão trocar mais. O importante é saber que hoje a gente tá começando. Começando uma jornada que a gente espera ser de muito crescimento. E aí eu digo especialmente na perspectiva do pessoal do engajamento comunitário: nós precisamos muito saber o que vocês sabem, nós precisamos muito conhecer sobre o território e sobre as estratégias de combate à dengue.</p>	
04	Reunião de Apresentação – Posto de Saúde e Associação de Moradores	<p>Algumas falas dos participantes:</p> <p>(ACS): “E se esse mosquito acabar com a dengue e trazer uma nova doença? Tem chance?”</p> <p>“(como moradora) eu me sentiria com medo. É uma coisa nova que está chegando por aí, Jurujuba não tem saída, tem uma saída e uma entrada só. Nós vamos ficar presos praticamente aqui dentro, enquanto lugares abertos, bairros e cidades, e porque Jurujuba? Se não der certo fecham a gente aqui dentro da ilha...”</p> <p>Vice-Presidente da Associação: “Os órgãos que representam a saúde no município precisam estar juntos aqui”</p> <p>Coordenadora do Posto: Fez um resumo da reunião para confirmar o entendimento de todos: “(...) neste momento o projeto está capturando mosquitos para estudos. Efetivamente, a soltura do mosquito com a Wolbachia será apenas em 2014, depois de longas e extensas discussões com a comunidade, seus representantes, e todos de acordo, soltam os mosquitos.”</p> <p>“(...) tudo que é pequeno pode se transformar em um monstro”</p>	Dezembro de 2012
05	Protocolo de Pesquisa –	<p>A dengue é a arbovirose de mais rápida disseminação viral transmitida aos humanos por mosquitos no mundo. Estima-se que 50 milhões de infecções por dengue ocorram anualmente e cerca de 2,5 bilhões de pessoas vivam em países endêmicos de dengue.</p>	2013

	<p>Utilização da bactéria <i>Wolbachia</i> para o bloqueio de dengue em mosquitos <i>Aedes aegypti</i></p>	<p>No Brasil, as condições climáticas e socioambientais são favoráveis à expansão do <i>Aedes aegypti</i>, vetor da doença e, devido ao intenso uso de inseticidas, problemas de resistência aos químicos utilizados têm se tornado comuns. O tratamento da dengue se baseia em hidratação e terapia de suporte aos sintomas e não há ainda a disponibilidade de vacinas no mercado. Diante disso, estratégias alternativas de controle da dengue devem ser testadas.</p> <p>Neste contexto, a Fundação Oswaldo Cruz, como parte de uma colaboração internacional chamada Programa Eliminate Dengue, coordenada pela Universidade Monash, na Austrália, visa conduzir no Brasil este protocolo de pesquisa com o objetivo de desenvolver uma abordagem inovadora e autossustentável para bloquear a replicação do vírus da dengue no seu principal vetor, o mosquito <i>A. aegypti</i>, utilizando a bactéria que ocorre naturalmente na natureza, a <i>Wolbachia pipientis</i>.</p> <p>Este protocolo de pesquisa pretende liberar em áreas urbanas pré-definidas mosquitos <i>A. aegypti</i> contendo a bactéria <i>Wolbachia pipientis</i>, que após se reproduzirem com mosquitos locais, passarão a bactéria para as próximas gerações, potencialmente gerando uma população de mosquitos <i>A. aegypti</i> capaz de reduzir a transmissão da dengue.</p> <p>O apoio e o envolvimento consciente dos moradores das áreas onde o estudo será desenvolvido são fundamentais para o sucesso dessa iniciativa. A transparência na comunicação entre os pesquisadores e as comunidades das áreas afetadas pelo projeto é um princípio do programa internacional “Eliminate Dengue”, do qual o presente protocolo faz parte. Nesse sentido, o projeto conta com uma equipe multidisciplinar de Engajamento Comunitário que tem por objetivos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Criar um canal regular de comunicação com as comunidades (moradores, trabalhadores, representantes comunitários, lideranças) das áreas onde o projeto será desenvolvido, no intuito de disseminar informações sobre dengue e sobre os objetivos e atividades do Projeto; 2- Identificar o contexto sócio-demográfico e cultural das comunidades das áreas em estudo; 3- Compreender as dinâmicas das comunidades das áreas em estudo, em relação a dengue (percepções sobre o tema, nível de conhecimento, atitudes relacionadas à prevenção, disposição para participar de iniciativas que busquem uma solução para esse problema de saúde); 4- Identificar e encaminhar questionamentos, críticas e sugestões dos moradores das comunidades; 5- Informar, atualizar e mobilizar o apoio formal de autoridades de saúde dos Municípios envolvidos na pesquisa; 6- Mobilizar o apoio da população das áreas em estudo às diversas fases da pesquisa, especialmente à liberação de mosquitos com <i>Wolbachia</i>. <p>De Abril a Junho de 2012, a equipe de Engajamento Comunitário realizou visitas a nove bairros do Rio de Janeiro para observar sua dinâmica social e avaliar seu potencial apoio a novas formas de controle da dengue. Os resultados da avaliação entomológica e comunitária auxiliaram na escolha das quatro áreas nas quais a pesquisa começou a ser desenvolvida.</p> <p>A partir de setembro de 2012 a equipe de Engajamento começou a realizar atividades preliminares de engajamento nos quatro bairros em estudo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento da equipe de entomologia para entrevistar e prestar esclarecimentos aos “anfitriões” das armadilhas BG (moradores que aceitaram instalar armadilhas que possibilitam o levantamento de informações sobre os mosquitos circulantes em cada área); - Fornecimento aos “anfitriões” de breve relatório dos dados colhidos com as armadilhas; - Reuniões regulares com as Associações de Moradores dos quatro bairros; - Identificação e contatos regulares com lideranças comunitárias; - Reuniões com profissionais de saúde pública que atuam nas áreas; - Reuniões com educadores das escolas locais; - Participação em eventos comunitários locais (feiras de saúde, eventos escolares, reuniões de instituições religiosas); 	
--	--	---	--

		<p>- Distribuição de materiais informativos e disponibilização dos contatos da equipe do Projeto;</p> <p>- Organização de visitas guiadas de representantes das comunidades ao Campus da Fiocruz, com o objetivo de desmistificar o ambiente de pesquisa e aproximar a população leiga da instituição que conduz o projeto.</p> <p>Uma das prioridades da equipe de Engajamento Comunitário é garantir que as comunidades das áreas em estudo estejam informadas, atualizadas e de acordo com a realização de todas as atividades da pesquisa em sua localidade. As ações descritas acima terão continuidade durante todo o curso do projeto tendo seu ritmo e conteúdo adaptados às necessidades de cada comunidade e fase do projeto. Através da presença regular nas comunidades a equipe de Engajamento Comunitário irá monitorar a percepção das mesmas com relação ao Projeto, em particular à liberação de mosquitos com <i>Wolbachia</i>. A equipe de Engajamento terá um papel fundamental imediatamente antes e durante a liberação dos mosquitos com <i>Wolbachia</i>, em campo. A equipe realizará atividades preparatórias para a liberação dos mosquitos, nas quais todo o processo será explicado em ações educativas abertas à comunidade e dúvidas expressas pela população serão diretamente abordadas através de reuniões presenciais e materiais educativos. Além disso, a equipe de Engajamento estará presente em todas as atividades de liberação para prestar esclarecimentos em tempo real para a população. A atuação da equipe de Engajamento se estenderá por todas as fases do projeto, incluindo o momento de disseminação dos resultados da pesquisa, após a finalização das atividades de campo.</p> <p>As ações de engajamento comunitário terão seu impacto avaliado por meio de questionários aplicados por amostragem em cada uma das áreas de atuação da pesquisa. Através deste instrumento será possível avaliar quantitativamente a compreensão das comunidades em relação às informações prestadas no contexto das ações do projeto, bem como mensurar a aceitabilidade da intervenção junto às populações afetadas.</p>	
06	Relatório equipe EC 2013	<p>Na estratégia inicial de EC as equipes da EC e da Entomologia se reuniram com os líderes comunitários e mobilizadores para apresentar o projeto, o que promoveu uma forte aproximação com as comunidades. Desta forma, as portas foram abertas para a participação da equipe em eventos comunitários, eventos nas escolas e em reuniões nas unidades de saúde. Durante as reuniões foi possível mostrar para a comunidade a importância do combate ao mosquito da dengue, apresentar o projeto “Eliminar a Dengue – Desafio Brasil” e esclarecer eventuais dúvidas que surgiram.</p> <p>Outra estratégia de EC vitoriosa no período envolveu a promoção de visitas dos representantes das comunidades aos laboratórios de pesquisa no IOC. No período de janeiro a agosto de 2013, as atividades de EC incluíram:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 2400 visitas aos anfitriões de BG's - 54 reuniões com mobilizadores e líderes comunitários nas 4 áreas - 8 atividades com o Programa de Saúde da Família (PSF) em Jurujuba - 9 atividades com professores e estudantes em Jurujuba, Vila Valqueire e Tubiacanga 	2013
07	Relatório Questionário de Aceitação 2013	<p>O programa “Eliminate Dengue: Our Challenge” se desenvolve na Austrália desde 2005. Atualmente ele está presente em cinco países - Austrália, Vietnã, Indonésia, China e Brasil - atuando em diferentes fases em cada um deles. Nesse contexto, a Fundação Oswaldo Cruz coordena as atividades do projeto “Eliminar a Dengue – Desafio Brasil”, que visa desenvolver uma abordagem inovadora e autossustentável para bloquear a replicação do vírus da dengue no seu principal vetor, o mosquito <i>Aedes aegypti</i>, utilizando a <i>Wolbachia pipiensis</i>, bactéria capaz de bloquear a transmissão do vírus da dengue pelo <i>A. aegypti</i>. A pesquisa tem por finalidade liberar em áreas urbanas pré-definidas mosquitos <i>A. aegypti</i> contendo a bactéria <i>Wolbachia</i>, que após se reproduzirem com mosquitos locais, passarão a bactéria para as próximas gerações, potencialmente gerando uma população de mosquitos <i>A. aegypti</i></p>	2013

		<p>capaz de reduzir a transmissão da dengue. Considera-se como meta do engajamento comunitário que 70% da população de cada uma das áreas onde se pretende realizar os testes de uma nova estratégia de controle da dengue, aceite sua efetivação.</p> <p>Desta forma, esta pesquisa teve por finalidade avaliar o grau de apoio à liberação nesta área de mosquitos com <i>Wolbachia</i>. A aceitabilidade comunitária com relação a implantação desta estratégia é necessária em função das: possíveis perturbações decorrentes do maior número de mosquitos; do compartilhamento tanto dos riscos envolvidos nos testes, quanto na participação nos benefícios do possível sucesso da estratégia; e, da constituição de uma proposta de relação entre ciência e sociedade, na qual esta última é agente fundamental na construção de novos conhecimentos, especialmente no âmbito da saúde pública.</p> <p>A pesquisa se propôs, ainda, a verificar o grau de conhecimento da população sobre a dengue e seu conhecimento sobre o projeto de pesquisa Eliminar a Dengue: Desafio Brasil.</p> <p>3 MATERIAL E MÉTODOS</p> <p>A área de Tubiacanga é constituída por catorze ruas, distribuídas por quatro setores censitários e possui 887 domicílios, de acordo com o Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos - CNEFE (http://www.censo2010.ibge.gov.br/cnefe/).</p> <p>A amostra de domicílios para a pesquisa foi de 266, que corresponde a aproximadamente 30% dos imóveis residenciais da área. O cálculo amostral foi feito considerando-se como meta do engajamento comunitário que 70% da população da comunidade aceite sua efetivação. Assim, utilizou-se a para o cálculo amostral a proporção 70% como meta de aceitabilidade (valor de referência), 5% como a margem de erro (tamanho do intervalo de confiança), o que permite um intervalo entre 70% e 80% para a aceitação.</p> <p>Os domicílios foram definidos como a unidade de análise, o que possibilita maior variabilidade das unidades, daí excluídos domicílios coletivos, em construção, estabelecimentos comerciais e assemelhados. Foram considerados como respondentes os adultos acima de 18 anos residentes nestes domicílios.</p> <p>A seleção dos domicílios foi feita de forma sistemática. Assim, dividiu-se o total de domicílios (887) pelo tamanho da amostra (266), com a aplicação do questionário a cada uma de três domicílios percorridos. O primeiro domicílio foi selecionado aleatoriamente e os demais, sistematicamente, 1 a cada 3. Foram considerados como elegíveis os Domicílios Particulares Permanentes Ocupados, ou seja, aqueles destinados a servir de moradia a uma ou mais pessoas, e onde o relacionamento entre seus ocupantes é ditado por laços de parentesco, de dependência doméstica ou por normas de convivência. Quando o domicílio estava fechado, a estratégia adotada foi passar para a casa seguinte, estratégia seguida até a efetivação da entrevista.</p> <p>Durante todo o trabalho de campo foi utilizado o mapa de Tubiacanga decomposto por ruas, disponibilizado pelo Armazém de Dados da Prefeitura do Rio de Janeiro (http://portalgeo.rio.rj.gov.br/mapa_digital_rio/), que foi impresso para orientar todo o trabalho de campo.</p> <p>A pesquisa foi realizada no período de 18 de novembro a 17 de dezembro de 2013. A ida a campo ocorreu durante os dias da semana, segunda a sexta. As entrevistas foram realizadas por dois pesquisadores da equipe de EC, auxiliados por um terceiro pesquisador do LICTS/Icict. Nenhum deles teve qualquer envolvimento prévio e sistemático na comunidade de Tubiacanga, opção essa que procurou minimizar qualquer viés nas respostas por força dessa interação prévia na comunidade.</p>	
08	Relatório Mensal – Maio de 2014	<p>“As atividades concentradas no Bairro de Tubiacanga tiveram início em 16 de abril, a saber:</p> <p>O Bairro de Tubiacanga possui 14 ruas.</p> <p>Todas as ruas foram visitadas até 09 de maio</p>	Maio de 2014

		<p>Todas as ruas foram revisitadas entre os dias 12 a 17 de maio.</p> <p>Total de residências visitadas: 539 Total de residentes contatados: 414 Total de residências nas quais ninguém atendeu: 125 Índice de aproveitamento: 76%</p> <p>Do total de 414 residências que fomos atendidos, 184 aceitaram ser novos anfitriões para armadilhas, ou seja, 44% das residências que tivemos contato. Os moradores foram devidamente identificados, com endereço, telefone e nome para contato.”</p> <p>“Os pontos positivos após a realização das atividades:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Receptividade para com a Equipe de EC, Entomologia e Fiocruz 2. A maioria das pessoas já conhece ou ouviu falar do Projeto. 3. A satisfação da comunidade em relação à Newsletter confeccionada exclusivamente para Tubiacanga. 4. Identificação de mais Stakeholders locais. <p>•</p> <p>Observações gerais:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Apesar de não termos sido atendidos em todas as residências, fizemos muitas abordagens com os moradores que estavam nas ruas, bares, pontos de vans e praças. 2. Muitas pessoas contatadas alegaram que não tem disponibilidade para ter armadilhas em casa porque todas as pessoas da casa trabalham fora, não ficando ninguém para poder receber a visita para recolher as amostras das armadilhas. 3. Muitas pessoas que residem na mesma casa não trocam informações sobre o Projeto. 4. De modo geral as pessoas afirmam que entenderam a explicação sobre o Projeto, mas não repassam a informação adiante. 5. A Equipe de Engajamento Comunitário identificou a necessidade de realizar uma atualização sobre o Projeto para Multiplicadores, Agentes de Saúde, Lideranças Locais e Anfitriões. 6. Para nós do Engajamento Comunitário, uma das estratégias que mais deram certo foi a visita que os multiplicadores do bairro de Tubiacanga realizaram ao Museu da Vida na Fiocruz e ao Laboratório de Entomologia. Eles puderam conhecer um pouco mais a Fundação Oswaldo Cruz através de visitas guiadas e também conheceram a estrutura física do Projeto Eliminar a Dengue Desafio Brasil, ficando entusiasmados com a mesma. Os multiplicadores avaliaram esta atividade de forma muito positiva, se sentiram muito valorizados e mostraram-se ainda mais 	
--	--	---	--

		<p>receptivos ao Projeto. Esta iniciativa do Engajamento Comunitário mostrou-se como uma forte estratégia para fortalecer os laços de união e confiança entre a Comunidade, a Instituição e o Projeto.</p> <ul style="list-style-type: none"> • <p>7. A visita que o Luciano realizou no dia 20/05 no Clube Flexeiras contou com a presença de mais de 100 moradores, na nossa lista de presença temos o registro de 99 assinaturas. Esta visita foi de fundamental importância para elucidar dúvidas, angariar mais apoio dos moradores e mostrar ainda mais o compromisso, a ética e a transparência do Projeto com a comunidade de Tubiacanga. Os moradores se sentiram muito prestigiados com a presença de toda Equipe na reunião e principalmente com a presença do Luciano.</p> <p>8. A visita realizada nas igrejas de Tubiacanga foram muito proveitosas, visitamos um total de 05 igrejas e templos (evangélicas, pentecostais, católica). Em todas tivemos abertura para conversar com os representantes. A visita na igreja católica acabou sendo a mais produtiva, o Padre abriu espaço para divulgar o Projeto durante a missa, fez uma breve apresentação do projeto aos fiéis. Como a missa conta com projeção de slides para que os fiéis acompanhem o missal e para dar os anúncios, solicitamos ao pároco que colocássemos o folder do Projeto junto com os anúncios dominicais, ele prontamente aceitou. Esta pode ser uma boa estratégia de dar visibilidade constante ao Projeto.”</p>	
09	Relatório de Incidentes TUBIACANGA (período de liberação) No. 001/14	<p>“Apresentamos o projeto para as pessoas do Grupo Pau-Molão e dirimimos suas dúvidas. Explicamos que o Projeto atua em Tubiacanga há dois anos, conta com a participação dos anfitriões e o Engajamento Comunitário faz reuniões regulares em diversas associações do bairro, para informar a população sobre o andamento da pesquisa. Ficou claro que em geral, os participantes do Grupo, devido à episódios anteriores tem resistência à atuação (ou falta) do Poder Público no bairro.</p> <p>Após feitos os esclarecimentos, eles esperam que o Projeto dê certo. Disseram que agora se sentem mais confortáveis em apoiar o Projeto em Tubiacanga. Até mesmo porque os resultados na Austrália vêm se mostrando promissores.</p> <p>Os integrantes do grupo Pau Molão ficaram muito sensibilizados com a forma como a Equipe do Engajamento está trabalhando e ficou claro para eles claro que toda a equipe está muito envolvida e que prezamos pela transparência do Projeto perante os moradores.”</p>	Setembro de 2014
10	Relatório Maio de 2014	<p>“Gostaria de compartilhar com vocês sobre algumas novidades e algumas preocupações que tenho com Jurujuba após uma semana de reuniões e visitas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Temos uma grande resistência no PSF. A sorte é que a (nome de enfermeira), que é responsável pelo PSF, é parceira do projeto e está nos apoiando. 2. A comunidade em geral sabe muito pouco sobre o projeto, exceto os anfitriões e algumas lideranças locais. 3. A comunidade não vê com bons olhos a questão sobre soltura de mosquitos. 4. As pessoas são “legalistas”, querem ver as aprovações da prefeitura de Niterói, Anvisa, Ministério da Saúde, etc. Talvez após mostrarmos esses documentos a resistência diminua. 5. A Associação de Moradores acabou de ser eleita, já fiz apresentação do Projeto e eles gostaram muito, falaram que nos apoiam no que for preciso. Mas vamos ter que fazer mais reuniões com eles para consolidar a parceria. 6. A diretora do colégio estadual também se mostrou entusiasmada com o Projeto. Ela está na direção da escola há apenas quatro meses. 7. Os responsáveis pela creche, colégio municipal e a biblioteca pública municipal também aceitaram bem e apoiaram a ideia do projeto. 	Maio de 2014

		<p>8. A (NOME) da Administração Regional também disse conhecer e apoia o Projeto, mas precisamos conversar com o responsável por essa Regional.</p> <p>9. Fomos até a Fortaleza de Santa Cruz e conversamos com (NOME), que é das relações públicas, mas nos informou que temos que enviar um e-mail para o major (NOME) da comunicação social. Obs: já enviamos uma carta à Fortaleza de Santa Cruz, mas eles não se lembram nem da carta nem do Projeto. Nós temos a cópia da mesma.</p> <p>Acredito que uma das visitas mais importantes foi ao Projeto Grael.</p> <p>Lá conhecemos e tivemos uma longa conversa com a Sra. (NOME) e com a Sra. (NOME), elas não tinham conhecimento do nosso projeto.</p> <p>Elas se mostraram extremamente receptivas e após exposição sobre o Projeto ED elas colocaram a Instituição Grael à nossa disposição (para apoio político, como multiplicadores e também como apoio logístico se precisarmos). O Projeto Grael é estratégico para nós por três fatores:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sua importância e interação com a comunidade em Jurujuba - Sua localização - Por questões políticas, pois o Axel Grael (vice-prefeito de Niterói) é irmão do Torben Grael – Presidente do Projeto Grael <p>(...)</p> <p>Creio que teremos um trabalho bem grande em Jurujuba até a soltura dos mosquitos.”</p>	
11	Relatório Mensal – Agosto de 2015	<p>“Em dia 26 de agosto: Colocação de 25 DLOs em Tubiacanga (Grupo B), parte da manhã. Manoelli acompanhou a entomologia. Julia, Vinicius, Fredson e Jorge realizaram 14 palestras para 326 alunos do ensino fundamental, na Escola Lúcia Maria, em Jurujuba. A atividade durou o dia todo.</p> <p>Esta ação é fruto do envolvimento e parceria da equipe com o projeto “Jurujuba Mais Limpa”. A atividade foi realizada para os alunos do 1º ao 4º ano do ensino fundamental para os 2 (dois) turnos de funcionamento da escola (manhã e tarde).</p> <p>Assim a ação educativa contou com um breve bate-papo com os alunos. Para mediação desta atividade estavam presentes Jorge, Julia, Vinicius e Fredson. Após esse momento de bate-papo exibiu-se uma animação sobre a pesquisa. Finalmente cada professor recebeu cartilhas, News e balas para distribuição aos alunos.</p> <p>Durante toda atividade, em geral, as turmas sinalizavam bastante interesse e receptividade ao projeto. Não foram poucas as intervenções dos alunos e perguntas durante a ação. Fica bastante evidente que a escola desenvolve um grande esforço para incluir os temas saúde e meio ambiente em suas práticas educativas.</p> <p>Vale destacar que a Escola Lucia Maria recebe em seu quadro de alunos crianças com necessidades especiais. Em nossa atividade recebemos a presença de uma (1) professora e 3 (três) alunos não ouvintes. No entanto, não foi possível incluir esse público em nossa atividade por conta da ausência de utilização de recursos e apoio especializados para garantir a comunicação com os alunos com necessidades especiais.</p> <p>Foi possível perceber, em sua grande maioria, a receptividade dos professores e alunos. No entanto, percebemos a importância da produção recursos e apoio especializados para garantir a comunicação com os alunos com necessidades especiais.”</p>	Agosto de 2015
12	Termo de Referência – Comitê	<p>“Este termo de referência descreve os objetivos e funções do Comunitário de Jurujuba.</p> <p>O Comitê Comunitário tem caráter consultivo e seu objetivo principal é possibilitar uma comunicação direta e transparente entre o Projeto e os residentes de Jurujuba.</p>	2015

	Comunitário de Jurujuba	<p>Objetivos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – Representar os residentes de Jurujuba junto ao Projeto; 2 – Apoiar a divulgação de informações sobre o projeto aos residentes de Jurujuba; 3 – Auxiliar na definição e implementação das ações de engajamento comunitário; 4 – Auxiliar na identificação das dúvidas, preocupações e impressões dos residentes de Jurujuba sobre o Projeto; 5 – Auxiliar a garantir que o Projeto realize suas atividades de acordo com o mais alto padrão ético. <p>Composição inicial:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Moradores – apoiadores do Projeto; - Representante da Associação de Moradores; - Representante do comércio local; - Representante dos escoteiros; - Representante do CEU; - Representante do Instituto Graef; - Representante da área da saúde. <p>Os representantes do Comitê deverão:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – Ter interesse e conhecimento sobre questões que afetam o bairro; 2 – Ter interesse em obter informações sobre dengue; 3 – Ter interesse em discutir aspectos relacionados ao desenvolvimento da pesquisa; 4 – Ter habilidade de trabalhar em grupo; 5 – Ter disponibilidade de participar de reuniões presenciais e por conferência telefônica; 6 – Ter disponibilidade em participar de eventos relacionados ao Projeto no bairro. <p>O Projeto Eliminar a Dengue se Compromete a:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – Informar regularmente o Comitê sobre o desenvolvimento das atividades do Projeto e seus principais resultados; 2 – Esclarecer as dúvidas dos membros do Comitê a respeito do Projeto; 3 – Consultar o Comitê para o desenvolvimento de estratégias de engajamento comunitário e comunicação, voltadas diretamente ao bairro; 4 – Considerar as recomendações do Comitê e avaliar a possibilidade de incorporá-las nas ações do Projeto. <p>Participação no Comitê:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A participação no Comitê é completamente voluntária; - Nenhum pagamento está previsto para os membros do Comitê; - O Projeto se responsabiliza por providenciar reembolso de custos de transporte envolvidos com a participação nas reuniões; - Novos membros para o Comitê podem ser indicados pela equipe do Projeto, por representantes da comunidade ou pelos membros originais do Comitê. 	
--	-------------------------	--	--

		- A inclusão de novos membros só ocorrerá mediante a aprovação dos membros originais do Comitê.”	
13	Ata 005/15 Comitê Comunitário de Jurujuba	“Outro assunto abordado por Jorge foi qual seria a melhor forma dos moradores de Jurujuba se comunicarem com o Comitê Comunitário. Flávia sugeriu um e-mail, mas informou que este e-mail deveria ser gerido pelos membros do Comitê. Os mesmos acharam que esta forma de contato não serviria para os residentes, pois como é um bairro de pescadores e com muitos idosos, nem todos usam a internet. A sugestão feita pelos membros do Comitê Comunitário foi a colocação de “urnas”. Aline e Carmen sugeriram o CEU como um dos pontos. Bárbara ofereceu um espaço no posto de saúde e Maísa ficou de conversar com um comerciante da parte de baixo do Ponto Final para colocar uma urna também.”	Agosto de 2015
14	Comentários dos moradores nas Urnas em Jurujuba (respostas compiladas pela investigadora da dissertação)	<p style="text-align: center;"><u>Comentários dos moradores nas Urnas em Jurujuba</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Na Salina não ficamos sabendo sobre o projeto, mas fiquei sabendo que no bairro já existe. Acho super legal o projeto contra a dengue e gostaria de conhecer melhor o projeto. 2. Moro na entrada do Forte Rio Branco. Existe um valão na rua que fica sujo e cheio de lixo e entulho jogado pelos sobrados desse <u>quartel</u> (Fortaleza Imbutti e Rio Branco). É necessário que esses soldados recebam orientações no sentido de manter limpo esse <u>valão</u>. 3. Ainda há muitos mosquitos no bairro, mas o povo tem feito a parte de cada um. É necessário usar técnicas antigas como a da fumaça. 4. Todo projeto contra a dengue é sim muito bem-vindo. Porém acho que tem aumentado o número de mosquitos aqui na localidade. Sei que foi comprovado cientificamente que essa bactéria “implantada” nos mosquitos seja para o bem, é difícil acreditar que os mosquitos com essa bactéria não transmitam a dengue ou qualquer tipo de doença. Porém acredito muito nas antigas formas de tentar eliminar os focos de dengue e assim as fazemos em nossa residência. Infelizmente nem todos as fazem e assim acaba prejudicando também quem realmente se preocupa. 5. É uma boa este projeto, pois só Todas as coisas porque vigilância sanitária 100% no bairro 6. Elimina dengue bairro da Jurujuba. Elimina para todos nós, a dengue está matando gente. 7. O projeto ainda não chegou lá no meu bairro ainda não. Gostaria muito e conhecer. Muito obrigada. 8. Eu acho que está bom. Mas os moradores melhora (?) 9. Eu gostaria que esse projeto fosse mais divulgado na parte da Salinas onde moro porque lá tem muitas casas com caixas d’água mal tampadas e muito mato. Com o verão chegando isso me preocupa muito. Obrigada 10. É uma atitude viável para conter a quantidade de mosquitos no bairro. 11. O projeto só veio beneficiar os moradores desta localidade. Esperamos que haja continuidade deste trabalho para que possamos continuar tranquilos no que diz respeito a essa epidemia. 12. Jurujuba está com muitos mosquitos, às vezes penso que eles vão nos colocar para fora de casa. Por que tanto mosquito? O que podemos fazer para eliminar os mosquitos? Esses mosquitos são da dengue? 	2015

		<p>13. Não sou a favor do carro fumacê, gosto das equipes que dão atenção aos moradores. Projetos de educação e tratamento das águas para evitar a proliferação do mosquito. Incentivo as crianças a fiscalizar a comunidade na prevenção do mosquito. Fora que gostei muito desse projeto com mosquitos que são inférteis, porém tem muito receio.</p> <p>14. Eu acho que vocês deveriam publicar mais sobre esse projeto com mais folhetos, porque como eu posso dar a minha opinião sem saber melhor do seu projeto sobre a dengue. E sobre o projeto de vocês não tem como eu dar a minha opinião e falar sobre a minha crítica.</p> <p>15. Está bem. Estão fazendo projetos para combate ao foco da dengue e estão fazendo comunicação de combate contra a dengue.</p> <p>16. Enquanto não tiver educação e cooperação a dengue vai aparecer ou o povo age com cooperação ou vai haver a doença do dengue. O povo está muito descansado. Tem que ser mais ágil.</p> <p>17. A volta do carro fumacê.</p> <p>18. Passar o fumacê duas vezes por semana no mínimo.</p> <p>19. A volta do carro fumacê.</p> <p>20. O maior foco de dengue no nosso bairro é a fábrica de sardinha, seguido pela colônia Z8 e os terraços dos restaurantes, os moradores são em sua maioria os que menos contribuem para a dengue. Isso é o que eu acho aqui no Ponto Final.</p> <p>21. Não sou conhecedor desta operação enfim vou optar acho que agora temos que trabalhar para melhorar esta situação novas crises de dengue aparecendo vamos combater.</p> <p>22. Temos que orientar a população da caixa d'água bem fechada e limpa <u>periodicamente</u>.</p> <p>23. Enquanto nosso povo não for educado, a dengue será nossa febre amarela.</p> <p>24. Recomendo a difusão de predadores naturais das larvas. Barrigudinhos e outros.</p> <p>25. Todos, sem exceção, devemos combater esse mal que está vencendo os governos municipais, estaduais e a população são os maiores responsáveis por esta "praga" que outrora extinta está se fortalecendo com o descaso.</p> <p>26. Tenho visto bem esse trabalho. Só tenho a pedir mais materiais para os mesmos trabalhadores. Ex: telas para caixas d'água. Desde já agradeço. Estou muito satisfeita com o trabalho.</p>	
15	Análise de questões discursivas do questionário de	<p>Questão A13: Tem alguma preocupação (pública) com relação ao seu bairro? Se sim, qual:</p> <p>Pavimentação/asfalto: 8</p> <p>Lazer: 15</p> <p>Transporte: 74</p> <p>Lixo: 36</p> <p>Coleta de Lixo: 2</p>	2014

	<p>aceitação de 2014, em Tubiacanga.</p> <p>Respostas compiladas pela investigadora desta dissertação</p>	<p>Sujeira: 16 Saneamento: 35 Falta de água: 5 Entulho: 4 Limpeza da praia: 4 Mato: 9 Dengue: 9 Mosquito: 4 Rato: 13 Bichos soltos ou abandonados: 15 Educação: 12 Creche: 4 Vizinhos: 3 Remoção: 7 Comércio: 7 Padaria: 2 Farmácia: 11 Saúde/Falta de posto: 30 Serviços básicos: 2 Segurança: 11 Drogas: 7 Apropriação de terra/invasão: 2 Descaso público: 3 Falta de projetos: 1 Bagunça: 2 Qualidade de vida: 2 Não sabe: 3 Perigo na estrada: 2 Pipa com cerol: 1 Regulamentação da área: 1 Iluminação: 3 Infraestrutura: 1 Comunicação (internet): 1</p> <p>Questão A14: Se você tem alguma preocupação (pública), para quem comunica?</p> <p>Infraero: 2 TV: 1 Ninguém: 95 Associação de Moradores: 70 Prefeitura: 13</p>	
--	---	--	--

	<p>Não Sabe: 1 Vizinhos ou outras pessoas: 7 Vereador que mora no bairro: 1 Sedae: 1 Ministério Público, conselho tutelar: 1 Polícia: 1 PCdoB: 1 Zoonoses: 1 Órgãos regulatórios: 2 1746: 2 Não responde: 71</p> <p>Questão C9: Você pode nos indicar sobre o que se trata o Projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil? (respostas de quem marcou 6)</p> <p>Vão colocar alguma coisa no mosquito para morrer Vai soltar um mosquito diferente Usar armadilha para pegar mosquito, usar uma isca, liberar mosquito criado Soltar mosquito Lâmpada ou recipiente que atrai mosquitos Vai colocar o vírus da dengue em um mosquito que vai combater o outro. Vai soltar mosquito Um outro mosquito para combater o mosquito da dengue Armadilha Soltura de mosquito que mata a fêmea É um projeto que vai fazer um trabalho com a população Fazer a soltura de um mosquito da dengue do bem Soltar mosquitos que sejam imunes a dengue Macho cruza com a fêmea e impede que ela transmita a dengue Armadilha para diminuir Bactéria aumenta o mosquito Pegar um mosquito e colocar um veneno nele e uma bactéria para que ele seja um mosquito bom Um mosquito que vai matar os outros mosquitos da dengue É um trabalho muito importante para a comunidade Fazer uma modificação no mosquito e soltá-lo para que ele elimine o mosquito normal Consiste em colocar armadilhas para pegar o mosquito Fêmea e machos juntos irão bloquear Elimina o mosquito combatendo foco Solta mosquito para cruzar com outro mosquito para eliminar a dengue Não sabe ou não lembra – 22</p>	
--	---	--

		<p>Tudo – 2</p> <p>Questão C13 A: Gostaria de saber mais do Projeto? Se sim, o que você gostaria de saber?</p> <p>Não: 7</p> <p>Eficácia</p> <p>O método é eficaz? É arriscado?</p> <p>Porcentagem de erro dos mosquitos não bloquearem a dengue</p> <p>O projeto vai adiantar?</p> <p>Eficácia do projeto I I I</p> <p>Se funciona</p> <p>Se os mosquitos realmente vão reduzir o problema da dengue</p> <p>Se o projeto tem resultado eficaz em outras localidades ou está sendo aplicado primeiramente no Brasil</p> <p>Se fez efeito ou não. E o grau de eficiência</p> <p>Se já está comprovado cientificamente que o projeto vai ter o efeito esperado</p> <p>Segurança</p> <p>O método é eficaz? É arriscado?</p> <p>Se é perigoso</p> <p>O que pode acontecer com as pessoas que forem picadas</p> <p>Riscos: 8</p> <p>Segurança: 2</p> <p>Sobre o avanço do mosquito, se será prejudicial</p> <p>Se será prejudicial à saúde</p> <p>Se o mosquito transmite outra doença: 6</p> <p>Coisas negativas que podem acontecer se algo der errado</p> <p>Se tem os mesmos predadores naturais</p> <p>Qual o mal que pode trazer para a população. Como nosso organismo reage.</p> <p>Efeitos colaterais, se estão sendo cobaias</p> <p>Se não há perigo de não dar certo e o mosquito que for solto morder a gente e nós ficarmos doentes</p> <p>Saber o que é a armadilha, se tem que ficar olhando de tempo em tempo. Se for soltar o mosquito com a bactéria causa algum problema para as pessoas.</p> <p>Se não trás prejuízo para a saúde</p> <p>Se o mosquito depois não volta a transmitir</p> <p>Dengue e mosquito</p> <p>Tudo sobre o mosquito: 4</p>	
--	--	---	--

	<p>A vida do mosquito é curta? Como é feita a manutenção Como será a soltura e predadores do mosquito Como combater direitinho: 3 Como prevenir? Quais são as outras medidas para prevenir a dengue Como a dengue é transmitida: 2 Como fazer para evitar a doença? Tem vacina? Como agir caso pegue dengue? Como é a dengue hemorrágica? O que fazer? Diferença entre o mosquito da dengue e o pernilongo. O pernilongo pode causar doenças? Sobre a doença: 4 Porque não acaba logo a dengue Se os mosquitos se reproduzem em água suja ou limpa O que deveríamos fazer para evitar a dengue Conscientização acúmulo de lixo provocando a dengue Como pode prevenir a doença. Conscientização Porque ele se prolifera com facilidade e porque todo ano tem o mesmo problema</p> <p>Datas Quando vai começar? O resultado é rápido? Quanto tempo vai levar? Quando será feito Data de soltura Quando será a liberação Data de soltura Quando será a soltura Quando será feito Como funciona, quando será feito O tempo que irá acabar Quando: 2</p> <p>Resultados Resultados: 4 Se está dando certo Se diminuiu ou aumentou Queria saber se está dando certo, se vai eliminar mesmo a doença com a soltura do mosquito Qual a diferença que o mosquito liberado ocasionou para a comunidade Como funciona e resultados Se o projeto teve sucesso Se está funcionando</p> <p>Acompanhamento Andamento: 2</p>	
--	--	--

		<p> Novidades Nada, só que continuasse a atenção com a comunidade Gostaria de saber mais através de folhetos informativos Acompanhar os resultados Qualquer coisa boa Qualquer novidade Gostaria de ficar ciente do que está sendo feito Andamento do projeto Acompanhamento </p> <p> Geral Geral e andamento Tudo: 30 Informações gerais. Não chega informação nessa região Se realmente vai acontecer Qualquer coisa: 6 Todo tipo de informação: 3 Informações gerais: 4 Tudo: como funciona, possíveis resultados Tudo que for esclarecedor Sobre o mosquito que vai soltar Certificar do projeto, aspectos gerais sobre o projeto Mais detalhes: 2 </p> <p> Método A vida do mosquito é curta? Como é feita a manutenção Como será a soltura e predadores do mosquito Como o mosquito ajuda Se a quantidade de mosquitos vai aumentar Situação do projeto. Como funciona a pesquisa O início da descoberta do bloqueio. Fundamento De onde vem a verba? Quem é o responsável? Vai funcionar?: 2 Como que o mosquito bloqueia o outro: 2 Como os mosquitos vão se reproduzir Se vai ter fumacê para eliminar os mosquitos Como funciona/como será feito: 19 Se já foi desenvolvido em outros lugares Qual área de Tubiacanga será liberado Maior divulgação, porque escolheu o bairro </p>	
--	--	--	--

		<p> Como funciona? Como um mosquito vai eliminar a dengue? Como funciona o mosquito. Os prós e contras A consequência de soltar mosquito Como que o mesmo mosquito que transmite pode bloquear Detalhes da soltura Como que o mosquito bloqueia a dengue Como foi criado esse mosquito? De que forma ela vai combater a dengue? Detalhes sobre os mosquitos que serão soltos Se vai usar remédio para matar esses mosquitos Pontos importantes sobre o projeto Como vai ser a liberação e se realmente não haverá prejuízo para a população Quantidade de mosquitos liberados Sobre o mosquito. Retribuição do projeto e armadilha Como foi feito esse mosquito diferente que bloqueia o vírus Como foi desenvolvido o mosquito Como injetou a bactéria no mosquito Origem dos mosquitos. O que vai acontecer depois de soltar os mosquitos Funcionamento, forma de ação e preocupação com a picada Como vai ser, quem vai fazer Benefícios do projeto Como vai combater todos Credibilidade do estudo Se o mosquito que vai ser solto vai matar o mosquito da dengue Saber o que é a armadilha, se tem que ficar olhando de tempo em tempo Como funciona o processo A bactéria bloqueando o vírus, mais informações. Ação de bloqueio do vírus Onde que irão soltar os mosquitos Se é verdade o projeto: se a bactéria vai bloquear a dengue Se vai coletar sangue para verificar a infecção por dengue Entender melhor e fontes de leitura Mais detalhes sobre o mosquito O procedimento para combater </p> <p> Outros Como eu poderia ajudar Informação sobre o número de mosquitos de cada casa Gostaria que fosse feita mais divulgação aos moradores Como a população deve agir para ajudar o projeto Quando vai acabar com os mosquitos Preocupação com o grau de informação do vizinho </p>	
--	--	---	--

16	Análise de questões discursivas do questionário de aceitação de 2015, em Jurujuba. Respostas compiladas pela investigadora desta dissertação	<p>Questão A9: Você tem alguma preocupação (pública) com relação ao seu bairro? Se sim, qual:</p> <p>Água: 21 Saneamento básico: 47 Segurança: 35 Saúde: 19 Ônibus: 8 Crescimento industrial: 2 Animais: 5 Iluminação: 3 Dengue e mosquito: 5 Educação: 4 Estrutura, internet Difícil acesso Barcos Morro abandonado Praça: 2 Radiação da antena, câncer Vizinho não cuida da caixa d'água Não tem lugar para parar o carro Escadaria Projetos sociais Comércio Pedra caindo, quase mata as pessoas</p> <p>Questão A11: Se você tem alguma preocupação (pública), para quem comunica?</p> <p>Parente ou amigo: 2 Sim: 2 Prefeitura: 10 Ninguém: 27 Polícia: 3 Águas de Niterói: 4 Gerente da fábrica Secretaria regional e site Nossa Jurujuba Reunião: 4 Vereador: 3 Subsecretaria do município: 2 Zoonoses: 2 Órgão público: 3</p>	2015
----	--	---	------

		<p>Questão C9: Você pode nos indicar sobre o que se trata o Projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil? (respostas de quem marcou 6)</p> <p>Solta mosquitos: 1 Não sabe: 10 Armadilha: 7 Prevenir a Dengue Balde com mosquito Em benefício da população</p> <p>Questão C13 A: Gostaria de saber mais do Projeto? Se sim, o que você gostaria de saber?</p> <p>Como acaba com o mosquito Tudo / Geral / Visão Geral: 115 Rádio, tv, tudo Como transmite Mais sobre / detalhes: 11 Dengue Sobre a armadilha ou balde: 2 Sobre a liberação do mosquito: 2 Danos/riscos Como funciona/como está sendo feito: 6 Explicar de maneira clara e que a população se empenhasse em ajudar Como vai ser produzido o mosquito Como captura o mosquito Qual bactéria utiliza, qual a probabilidade da bactéria sofrer mutação, o que ocorre se a bactéria entra em contato com o humano, qual antibiótico combate a bactéria? Já sabe o necessário Acompanhar: 2 Material extra</p>	
17	Protocolo Projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil	<p>4. Projeto-piloto no Brasil (CAAE: 02524513.0.1001.0008)</p> <p>Conduzido no Brasil pela Fundação Oswaldo Cruz, desde 2011 o Projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil realizou, dentre outros experimentos (1) cruzamentos de mosquitos trazidos da Austrália com linhagens brasileiras (aprovação IBAMA Nº 11BR005873/DF); (2) testes de laboratório para verificar a capacidade de bloqueio das linhagens brasileiras de mosquitos contendo <i>Wolbachia</i> aos vírus dengue, chikungunya e zika circulantes em</p>	2016

	<p>Liberação em larga escala de mosquitos <i>Aedes aegypti</i> com a bactéria <i>Wolbachia</i> para a redução da transmissão dos vírus da dengue, chikungunya e Zika.</p>	<p>nosso território; (3) monitoramento contínuo das populações de <i>A. aegypti</i> locais visando um amplo conhecimento da ecologia deste mosquito, e (4) monitoramento nas localidades-alvo em relação ao apoio a novas abordagens de controle do <i>Aedes</i>.</p> <p>Com base em levantamentos de dados entomológicos, epidemiológicos e de aceitação das localidades sobre novas abordagens de controle do vetor, a equipe do Projeto definiu, em parceria com as secretarias municipais de saúde do Rio de Janeiro e Niterói, quatro áreas urbanas potenciais para a liberação de mosquitos <i>Aedes aegypti</i> com <i>Wolbachia</i> (Urca, Tubiacanga e Vila Valqueire no Rio de Janeiro e Jurujuba em Niterói) no projeto piloto.</p> <p>Após rigorosa avaliação sobre a segurança para a saúde e para o meio ambiente, o projeto piloto intitulado “Utilização da bactéria <i>Wolbachia</i> para o bloqueio de dengue em mosquitos <i>Aedes aegypti</i>.” foi aprovado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) que juntos emitiram o Registro Especial Temporário em 5 de Maio de 2014. Este Registro Especial Temporário vigente encontra-se no Anexo 2 e o processo de renovação do mesmo encontra-se em andamento. Além disso, o projeto piloto foi aprovado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) através do parecer número 546.422, datado de 5 de Março de 2014.</p> <p>O projeto-piloto contou com equipes de campo: uma dedicada ao monitoramento entomológico e outra voltada ao engajamento comunitário. Nas localidades onde o Projeto foi desenvolvido, um amplo e constante trabalho de comunicação e engajamento comunitário foi realizado com os moradores. Este trabalho incluiu, dentre outras atividades, a criação de Comitês Comunitários para o acompanhamento do Projeto, palestras em associações de moradores, escolas, unidades de saúde, ONGs, além de visitas guiadas dos moradores à Fiocruz.</p> <p>A primeira etapa de liberação foi realizada entre setembro de 2014 e janeiro de 2015 na localidade de Tubiacanga, na Ilha do Governador, RJ. Ao final de 20 semanas, 65% dos mosquitos <i>Aedes aegypti</i> continham a bactéria <i>Wolbachia</i>, o que configura um resultado satisfatório. Em seguida, iniciou-se a fase de monitoramento, quando os mosquitos <i>Aedes aegypti</i> eram coletados semanalmente e testados em laboratório para detecção da bactéria. Nesta fase foi detectada uma redução gradual no percentual de mosquitos com <i>Wolbachia</i>, que pode ter sido causada por fatores relacionados ao clima, como a atípica escassez de chuvas e as altas temperaturas no verão 2014 15, e pela susceptibilidade dos mosquitos ao uso de inseticidas.</p> <p>Com base nestes dados, a equipe do Projeto avaliou que liberações adicionais seriam necessárias e, após cruzamentos dos mosquitos com <i>Wolbachia</i> com mosquitos de campo para elevar a resistência aos inseticidas, juntamente com atividades de diálogo, informação e engajamento dos moradores, novas liberações foram iniciadas em agosto de 2015. É importante salientar que a população de mosquitos liberados nesta nova fase não era mais resistente do que a população de campo, mas bastante semelhante. A resistência dos mosquitos de campo e da colônia vêm sendo monitorada mensalmente e se mantendo constante.</p> <p>A segunda etapa de liberação, além de Tubiacanga, também incluiu a localidade de Jurujuba, situada no município de Niterói. Testes com novas metodologias de liberação, como a soltura de ovos, foram iniciados concomitantemente com a liberação de mosquitos adultos.</p> <p>Neste caso, cerca de 100-150 ovos de mosquitos <i>Aedes aegypti</i> com <i>Wolbachia</i> são colocados em um dispositivo de liberação de ovos (DLOs), juntamente com água e ração para as larvas, na casa de moradores que aceitaram participar como anfitriões e em locais públicos (Figura 2). O DLO fica por duas semanas no local, tempo suficiente para os mosquitos com <i>Wolbachia</i> saírem do dispositivo e cruzarem com os mosquitos de campo, disseminando assim a bactéria aos outros mosquitos. A grande vantagem deste método é a possibilidade do envio de ovos de mosquitos <i>Aedes aegypti</i> com <i>Wolbachia</i> para áreas remotas, sem a necessidade de existência de insetários para a produção de mosquitos.</p>	
--	---	---	--

18	Percepção dos Anfitriões sobre o DLO - Justificativa	<p><u>Percepções acerca do Dispositivo de Liberação de Ovos</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • As pessoas ainda não entenderam o objetivo do DLO. • Muitos confundem com uma armadilha ou algo que vai matar os mosquitos. • A mensagem deve se tornar mais simplificada e clara para que todos possam compreender o intuito do dispositivo. <p><u>Proposta</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Levantamento de impressões e percepções dos anfitriões em relação ao projeto e ao uso do DLO. • Objetivo: Investigar o entendimento dos moradores acerca do DLO para que o discurso possa ser adaptado posteriormente. <p><u>Metodologia</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Conversar com anfitriões seguindo algumas questões norteadoras: <ul style="list-style-type: none"> - Você conhece como funciona o projeto Eliminar a Dengue? E os outros moradores da casa? - O que te levou a ter um DLO em casa? - Você sabe o que o dispositivo faz? - Sentiu alguma diferença depois que colocou o DLO? <ul style="list-style-type: none"> • Deixar o anfitrião se expressar, sem corrigir ou elucidar quaisquer impressões incorretas no primeiro momento. • Produzir relatório completo, apontando os elementos que mais se repetem nos discursos. • Produzir um novo vídeo explicativo do DLO. Dessa vez com um morador do bairro, com sua própria linguagem. <p>Acreditamos que desta forma, podemos atingir melhor os moradores, com uma linguagem que vem deles. O vídeo nos aproxima das populações dos bairros e também traz a transparência do projeto, sendo inclusive, uma forma importante e eficaz de divulgação científica.</p>	2015
----	--	--	------

Apêndice 5: Percepção dos Anfitriões sobre o DLO – Tubiacanga

Perguntas do Questionário:

1A – Você conhece como funciona o projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil?

1B – E os outros moradores da casa?

2 – O que te levou a ter um DLO em casa?

3 – Você sabe o que o dispositivo faz?

4A – Você sentiu alguma diferença depois que colocou o DLO?

4B – Se sim, qual?

Observações

Data	Nº DLO	P.1A	P.1.B	P.2	P.3	P.4	P.4.B	OBS
25.11.15	1	Sim	Sim	Melhorar a saúde no bairro. Por mais que aumente mosquito agora, vai ser para o benefício depois.	Sim	Sim	Aumento muito grande no número de mosquitos.	
25.11.15	2	Sim	Sim	Para ajudar a pesquisa.	Sim	Sim	Aumento no número de mosquitos.	
12.11.15	3	Sim	Sim	Ajudar a combater a dengue.	Sim	Não	-----	Disse que sempre cuida para não deixar mais criadouros na casa. Percebe mais mosquitos à noite, não sente incômodo nenhum. Quer que continuemos o projeto e se coloca à disposição.
23.11.15	4	Sim	Não	Ajudar.	Não	Não	-----	Tem tela na casa e não percebe mosquitos
23.11.15	5	Sim	Não	Para ajudar o projeto. Além de ser algo importante para o bairro.	Sim	Não	-----	A moradora quase não fica em casa. Não percebeu a

								diferença à noite.
24.11.15	6	Sim	Sim	Ajudar a eliminar a dengue: “Tenho que fazer a minha parte, né?”	Sim	Não	-----	Não tem muita segurança para falar do projeto ou do DLO, mas sabe que sai mosquitos. Não se sente incomodada.
12.11.15	7	Sim	Sim	Sempre apoiaram e colaboraram com o projeto.	Sim	Não	-----	DLO da Associação de Moradores
12.11.15	8	Sim	Sim	Sempre apoiou e colaborou com o projeto.	Sim	Não	-----	Acredita que o problema da dengue está melhorando com o projeto. Se pudesse teria dois baldes.
12.11.15	9	Não	Sim	Falou com o outro bombeiro. Deixaram porque é um lugar bastante espaçoso (e não é deles).	Não	Sim	Diminuiu o número de mosquitos.	Quando pedimos permissão para o balde foi para o outro bombeiro.
12.11.15	10	Sim	Sim	“Ajudar a menina a fazer a pesquisa”. Perguntou se teria algum problema e nós dissemos que não, então ele deixou.	Sim	Não	-----	Entendeu o que faz e não sentiu diferença, pois o DLO fica em lugar aberto que não incomoda.
12.11.15	11	Não	Sim	Ajudar o projeto.	Sim	Sim	Aumento de mosquito.	É uma senhora idosa que não entende muito, mas sua filha é grande apoiadora e conhece todo o projeto. A filha mora em outra casa.
12.11.15	12	Sim	Sim	Sua esposa explicou o projeto e ele achou ótimo.	Sim	Sim	Acha que está muito melhor, fora isso não incomoda em nada.	É marido de multiplicadora do PSF.
12.11.15	13	Sim	Não	Cooperar com o problema da dengue. Disse que podemos	Sim	Sim	Aumento de mosquitos.	Mora só ele e o filho. O filho não conhece bem o

				contar com ele para qualquer coisa.				projeto e reclamou do aumento de mosquitos, mas Seu Josué disse que eles ligam o ventilador e melhora.
23.11.15	14	Sim	Sim	Para saber o que acontece no bairro e para ajudar o projeto.	Sim	Sim	Aumento no número de mosquitos.	Não reclamou do aumento do número de mosquitos. Disse que é comum por conta da chuva.
12.11.15	15	Sim	Sim	Sempre apoiou o projeto. Podemos contar com ela para tudo.	Sim	Não	-----	Grande apoiadora. Os mosquitos não a incomodam.
	16	?	?	?	?	?	?	?
02.12.15	17	Sim	Sim	Ajudar no controle da dengue.	Sim	Não	-----	Acha que tem poucos mosquitos no bairro.
23.11.15	18	Sim	Sim	Achou interessante.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	
12.11.15	19	Sim	Sim	Ver se a experiência ia dar certo – e está dando.	Sim	Sim	Inicialmente sentiu aumento de mosquitos e depois diminuição.	
12.11.15	20	Sim	Sim	Já tiveram balde teste e querem colaborar com o projeto.	Sim	Não	Não sentiu mais mosquitos, mas seus parentes que tem DLO em outra casa sim. Na casa dela diz que não sentiu. Mas achou bom que não teve casos de dengue.	Sabe da resistência dos mosquitos, que está maior agora.
23.11.15	21	Sim	Não responde	Para ajudar o projeto.	Sim	Sim	Aumentou o número de mosquitos.	Mora sozinha.
23.11.15	22	Sim	Sim	Ajudar o projeto. Não soube muito bem responder.	Sim	Sim	Aumento muito grande no número de mosquitos.	Disse que o filho é alérgico e usa inseticida e veneno para

								acabar com os bichos.
12.11.15	23	Sim	Sim	Ajudar nos estudos.	Não	Não	-----	Confundiu com armadilha. Disse que tem muito mosquito, mas sempre teve, vem das gigogas.
25.11.15	24	Sim	Sim	A neta já teve duas vezes. Desde que soltamos os mosquitos ela não teve mais.	Sim	Não	-----	Desde que soltamos os mosquitos o problema de dengue melhorou muito no bairro.
12.11.15	25	Sim	Não responde	Ajudar. A questão de saúde pública não está fácil.	Não	Sim	Acha que tem menos mosquitos. Acha que está matando os mosquitos.	Confunde com armadilha. Estava com pressa.
12.11.15	26	Sim	Sim	Já teve ovitrampa.	Sim	Não	-----	
24.11.15	27	Sim	Sim	Para ajudar o projeto.	Sim	Não	-----	
23.11.15	28	Sim	Sim	Não sabe, foi a mãe que autorizou	Não	Não	-----	A mãe conhece o projeto e sabe como o DLO funciona. Louise, que respondeu ao questionário, conhece o projeto, mas não sabia o que o balde faz.
23.11.15	29	Sim	Sim	Para ajudar o projeto.	Sim	Sim	Aumento no número de mosquitos.	
12.11.15	30	Sim	Sim	Não responde	Sim	Sim	Às vezes tem mais mosquitos.	
25.11.15	31	Sim	Sim	Para ajudar o projeto.	Sim	Sim	Aumentou o número de mosquitos.	
23.11.15	32	Sim	Sim	Ajudar o projeto.	Sim	Não	-----	Não sentiu diferença, só disse: “pelo menos eu não tive dengue, nem ninguém aqui”.

12.11.15	33	Sim	Não	Porque Fiocruz pediu.	Não	Sim	Mais mosquitos.	
23.11.15	34	Sim	Sim	Ver se a pesquisa dá certo.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	
12.11.15	35	Sim	Não sabe	Ajudar o projeto.	Sim	Sim	O problema da dengue melhorou no bairro.	
12.11.15	36	Sim	Sim	Para contribuir.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	
12.11.15	37	Sim	Sim	Porque já teve ovitrampa.	Não	Não	-----	Disse que tem poucos mosquitos em sua casa de forma geral.
12.11.15	38	Sim	Sim	Já teve ovitrampa.	Não	Não	-----	Confundiu com ovitrampa. Menos mosquitos.
24.11.15	39	Sim	Sim	Para ajudar o projeto.	Sim	Não	-----	Já teve dengue duas vezes. Não percebeu a presença de mosquitos coloridos.
23.11.15	40	Sim	Sim	Para ver os resultados e combater a dengue.	Sim	Não	-----	Acredita muito no projeto.
23.11.15	41	Sim	Sim	Sempre foi parceiro do projeto. É anfitrião de BG e ajuda de todas as formas.	Sim	Sim	Desde que o projeto chegou no bairro o problema de dengue melhorou.	É membro da Associação de Moradores.
12.11.15	42	Sim	Sim	Boa vontade de querer ajudar.	Sim	Não	A quantidade de mosquitos está parecida.	
23.11.15	43	Sim	Não responde	Pelo engajamento.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	Mora sozinho.
23.11.15	44	Sim	Não responde	Para ajudar o projeto.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	Mora sozinho.
23.11.15	45	Sim	Sim	Ajudar.	Sim	Não	-----	Vizinho de Licínio, colaborador do projeto. Bem informado.
23.11.15	46	Sim	Sim	A nora já teve dengue há um tempo.	Sim	Sim	Sente mosquito, mas só às vezes.	
23.11.15	47	Sim	Sim	Para ajudar.	Sim	Sim	Menos dengue no bairro.	

25.11.15	48	Sim	Sim	Para ajudar a pesquisa.	Sim	Não	----	Acha que diminui o número de casos de dengue no bairro.
23.11.15	49	Sim	Não responde	Para ajudar o bairro. E acabar com a dengue.	Sim	Não	----	Mora sozinho.
12.11.15	50	Não	Não	Para ajudar a pesquisa.	Não	Não	----	Foi engajada, porém esqueceu as informações dadas. Reforço a premissa do projeto.
TOTAL	49	SIM: 46 NÃO: 3	SIM: 38 NÃO: 5 NÃO RESPONDE: 6		SIM: 40 NÃO: 9	SIM: 24 NÃO: 25		

Apêndice 6: Percepção dos Anfitriões sobre o DLO – Jurujuba

Perguntas do Questionário:

1A – Você conhece como funciona o projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil?

1B – E os outros moradores da casa?

2 – O que te levou a ter um DLO em casa?

3 – Você sabe o que o dispositivo faz?

4A – Você sentiu alguma diferença depois que colocou o DLO?

4B – Se sim, qual?

Observações

Data	Nº DLO	P.1A	P.1.B	P.2	P.3	P.4	P.4.B	OBS
17.11.15	0	Sim	Sim	“Porque é muito bom. Quem não quer acabar com a dengue?”	Sim	Não	----	Já teve dengue há 20 anos, mas foi fraca. Disse que não sentiu diferença com o DLO, mas não sabe se as outras pessoas da casa sentiram.

10.11.15	1	Sim	Sim	Ajudar o projeto para tentar acabar com a dengue.	Sim	Sim	Aumentou o número de mosquito, mas sempre teve muito.	Perguntou se poderia utilizar inseticidas.
09.11.15	3	Sim	Não	Ajudar.	Sim	Sim	Aumento no número de mosquitos. Os mosquitos não a picam, mas o resto da casa sente e reclama.	A moradora já é idosa e não sabe explicar bem e provavelmente nem todas as pessoas da casa conhecem. Porém querem ajudar e nos recebem muito bem. Acredito que D. Almira não saiba ler.
16.11.15	4	Sim	Não	Os moços pediram.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	
09.11.15	5	Sim	Sim	“Porque todos precisamos fazer a nossa parte”.	Sim	Sim	Aumento de mosquitos.	Estava ocupada, mas foi solícita.
09.11.15	6	Não	Não	Não responde. (Não foi ela quem autorizou).	Não	Sim	Aumento muito grande de mosquitos. Ela e o marido estão reclamando.	Disse que ninguém nunca explicou o projeto para ela, apenas colocaram o balde lá. Depois que expliquei ela entendeu e achou interessante, mas disse que vai explicar para o marido para ver se eles mantem ou retiram o balde. (Atualização: o balde foi retirado e outro anfitrião substituiu).
09.11.15	7	Sim	Sim	Não responde.	Sim	----	-----	Já viu o projeto na televisão, sabe como tudo funciona. Cortou a conversa porque estava com comida no fogo. Parecia impaciente e não sabia onde era o PSF nem o CEU.

10.11.15	8	Não	Não	Achou que fosse acabar com os mosquitos.	Não	Sim	Aumento no número de mosquitos.	Expliquei o projeto e a finalidade do balde mais uma vez, mas acredito que ela ainda não tenha entendido totalmente. É uma senhora idosa que já tem BG.
10.11.15	9	Sim	Sim	Pelos mosquitos. Já tinha uma BG, gostou e quis colocar o DLO também.	Não	Sim	Diminuiu o número de mosquitos.	Diz que sabe como o DLO funciona. Quando eu disse que saía mosquitos ela concordou, mas acredito que esteja confundindo com armadilha. É uma senhora idosa que já tem BG.
09.11.15	10	Sim	Sim	Achou fantástico o projeto e acredita que a comunidade deve abraçar o ED, que é um grande benefício para a comunidade de forma gratuita.	Sim	Sim	Tem mais mosquitos perto do local do balde, mas não chega a incomodar.	Gosta e apoia o projeto, explicou para todos na casa. Disse que havia muitos casos de dengue no bairro, então o projeto é muito importante. Quando perguntei, disse que não ouviu nenhum caso esse ano.
16.11.15	11	Sim	Sim	Ajudar o projeto e melhorar o problema de dengue no bairro. Parceiros do projeto há muito tempo. Anfitriões de BG.	Sim	Sim	Aumento de mosquitos.	O dono da casa é o Tarcísio, mas ele não mora sempre lá. A Cleide que fica mais.
10.11.15	12	Sim	Sim	Ajudar a acabar com a dengue.	Sim	Não	-----	Apoia muito o projeto e acredita que deveria haver mais investimento em pesquisa.
17.11.15	14	Sim	Sim	Ajudar. Já é anfitriã de BG.	Não	Não	-----	Não tem muita mobilidade (é idosa e tem problemas de saúde). Deixa tudo por conta da "mocinha que vem aqui". Sentiu que

								os mosquitos ficaram “alvorçados” quando retiramos as armadilhas por um período.
10.11.15	16	Sim	Sim	Ajudar o projeto que é muito importante para o bairro. Já é anfitriã de BG e é parceira desde o início, até ajudou a fazer os saquinhos de BG.	Sim	Sim	Aumento muito grande no número de mosquitos.	Diz que aumentou muito o número, mas sabe que é um projeto bom que vai ajudar a comunidade.
17.11.15	17	Sim	Sim	Ajudar a acabar com a dengue.	Sim	Sim	Aumento grande no número de mosquitos, mas é para o bem.	
10.11.15	18	Não	Não	Achou que fosse uma armadilha.	Não	Não	-----	O projeto já havia sido explicado para Dona Maria Roza. Novamente expliquei e ela pareceu satisfeita. Disse que não sentiu diferença pois sempre deixa o ventilador ligado, o que espanta os mosquitos.
17.11.15	19	Sim	Sim	Para colaborar.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	Filho da anfitriã Jeane. Estuda meio ambiente e compreendeu bem o projeto. Indagou se no verão, época do auge dos mosquitos, a liberação continuará. Informo o limite de 30 semanas.
01.12.15	20	Sim	Sim	Para ajudar o projeto.	Sim	Não	-----	
10.11.15	21	Não	Não	Pedimos para colocar e ela quis ajudar.	Não	Não	-----	O projeto foi explicado novamente, mas Dona Alda, sua irmã e sua prima

								não entenderam totalmente. Dona Alda é idosa e analfabeta.
16.11.15	22	Sim	Sim	Ajudar.	Sim	Sim	Muitos mosquitos, que parecem mutantes, invadem a casa.	Pediu para mudar o DLO de lugar.
01.12.15	25	Sim	Sim	Ajudar o projeto.	Sim	Sim	Mais um pouco de mosquito.	
16.11.15	26	Sim	Sim	Ajudar o projeto e a melhorar o problema de dengue no bairro, que recebe pouca atenção.	Sim	Sim	Aumento no número de mosquitos.	Já havia perguntado anteriormente o que fazer para afastar um pouco os mosquitos sem atrapalhar o projeto.
01.12.15	27	Sim	Sim	Os moços explicaram.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	
17.11.15	28	Sim	Não	Ajudar o projeto. Não atrapalha nada a ela e também ajuda a comunidade.	Sim	Não	-----	O DLO fica em uma parte isolada e a moradora nem vai lá. Também é anfitriã de BG.
10.11.15	29	Sim	Sim	Para ajudar e colaborar.	Sim	Sim	“Os mosquitos entravam em casa e tínhamos que matar com SBP. Mas mudamos o lugar do balde e melhorou”.	Compreendeu bem a pesquisa.
01.12.15	30	Sim	Não responde	Para ajudar o projeto.	Sim	Não	-----	Mora sozinho.
16.11.15	31	Sim	Sim	Ajudar o projeto e tentar controlar a dengue. Já é parceira há bastante tempo com BG.	Sim	Sim	Sai muito mosquito do balde.	Trabalha na casa do Tarcísio e é quem toma conta da casa na maior parte do tempo.
01.12.15	32	Sim	Não	Porque tem muito mosquito.	Sim	Sim	Diminuiu o número de mosquitos.	Falei que o balde sai mosquitos, mas ela acha que diminuiu.
17.11.15	34	Sim	Sim	Porque pediram.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	

01.12.15	35	Sim	Sim	Para combater a dengue.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	
01.12.15	37	Não	Não	Mãe que colocou.	Não	Não	-----	
10.11.15	38	Sim	Sim	Não soube falar.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	Dificuldade de estabelecer conversa, parecia ocupado.
16.11.15	40	Não	Não	Carine que autoriza.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	
01.12.15	41	Sim	Sim	Importante lutar contra a dengue.	Sim	Sim	Muito mais mosquitos.	
10.11.15	43	Sim	Sim	Tem medo da dengue e quer lutar contra ela.	Sim	Não	-----	Tem muitos mosquitos em sua casa, é provável que esse seja o motivo de não notar muita diferença.
01.12.15	44	Sim	Sim	Para colaborar com o controle da dengue.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	Colaboradora do projeto.
16.11.15	45	Sim	Sim	Pois o filho pegava dengue com frequência.	Sim	Sim	Menos mosquitos.	Confundia noção da presença e diminuição de mosquitos com o projeto.
16.11.15	46	Não	Sim	Porque os moços da Fiocruz pediram.	Sim	Sim	Mosquitos a mais.	Normalmente não estava em casa na troca do balde/manutenção. Reforço nossas premissas básicas.
10.11.15	47	Sim	Sim	Os agentes da Fiocruz explicaram o projeto e sua filha mais nova já teve grave caso de dengue.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	Parceira do projeto.
09.11.15	48	Sim	Sim	Porque os moços pediram e para combater a dengue.	Não	Sim	Mosquitos diminuíram.	Acreditava que no balde tinha remédio contra o mosquito.
10.11.15	49	Não	Não	Porque os agentes da Fiocruz pediram.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	Trabalha pela manhã e nunca encontra os agentes que fazem a manutenção do balde.
10.11.15	50	Sim	Sim	É bom poder contribuir.	Sim	Não	-----	Genro de Marisa e cunhado da

								Bárbara, parceiros do projeto.
09.11.15	51	Não	Não	“Porque o mosquito não transmite doença, para ajudar”.	Sim	Sim	Sai muito mosquito do balde.	Mora com a esposa. Terreno com muitas casas e muitas pessoas, inclusive crianças.
10.11.15	52	Sim	Sim	Lutar contra a dengue.	Sim	Sim	Estamos com menos mosquitos agora.	Dificuldades de compreensão.
10.11.15	53	Sim	Sim	Pelo engajamento, gostei do projeto e resolvi ajudar.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	Compreende bem a premissa básica do projeto.
10.11.15	54	Não	Não	Colaborar com o projeto.	Sim	Não	-----	Anfitriã estava ocupada, lavando roupa, não pode dar muita atenção à conversa. Conversei com vizinha, expliquei e ela quer ser anfitriã também.
10.11.15	55	Sim	Sim	Avó do namorado teve dengue hemorrágica; ajudar em uma pesquisa científica; consciência que temos que ter alternativas para combater a dengue.	Sim	Não	-----	Anfitriã é atleta parolímpica, tem poucas dúvidas sobre a <i>Wolbachia</i> e como explicar isso.
09.11.15	57	Não	Não responde	Porque todo mundo aceitou. Ele não tinha porque dizer não.	Não	Não	-----	Mora sozinho. Zelador da Igreja Assembleia de Deus.
09.11.15	58	Não	Não	O marido que “definiu”.	Não	Sim	Diminuiu o número de mosquitos.	Mora com marido e um filho.
10.11.15	59	Sim	Sim	A maneira como foi explicado e a vontade de ajudar.	Sim	Sim	Aumentou muito o número de mosquitos.	Anfitriã é alérgica aos mosquitos. Foi explicado que o projeto ficará por até 30 semanas no bairro, com os DLOs podendo ser retirados e colocados em qualquer momento.

10.11.15	60	Sim	Sim	Já foi anfitriã de ovitrampa.	Sim	Sim	Aumentou mosquitos, mas não incomoda.	Tem baixa compreensão, mas apoia muito o projeto, se coloca à disposição para ajudar.
09.11.15	61	Sim	Sim	Explicação do projeto.	Sim	Não	-----	Reside com um filho. Entende bem o projeto, precisa de um pouco mais de explicação sobre a <i>Wolbachia</i> .
10.11.15	63	Não	Não	Para ajudar.	Não	Sim	Mosquitos.	Tem dificuldade de compreensão. Reforcei a premissa do projeto e o objetivo do balde.
17.11.15	65	Sim	Sim	Para lutar contra a dengue.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	Oficina.
10.11.15	66	Não	Sim	Melhorar a situação da saúde, principalmente na questão dengue.	Não	Sim	Aumento de mosquitos.	Apoiam o projeto. Sem compreensão.
17.11.15	67	Sim	Sim	Lutar contra a dengue.	Sim	Não	-----	Quintal bem espaçado. Deve ter aliviado a dispersão dos mosquitos.
10.11.15	68	Não	Sim	Ajudar a combater a dengue. “Tudo que faz para a saúde é bom”.	Não	Sim	Aumentou mosquito, mas não incomoda.	Pessoa idosa. Mora com o marido. Baixa compreensão. Apoia o projeto.
01.12.15	69	Sim	Sim	Para ajudar a pesquisa.	Sim	Não	-----	
09.11.15	70	Sim	Sim	Para ajudar.	Sim	Não	-----	Com as próprias palavras explicou bem o projeto: “o mosquito que sai daí não passa a doença e faz os que estão aqui não passarem também”.
09.11.15	71	Sim	Sim	Para ajudar o projeto a controlar a dengue.	Sim	Sim	Mosquitos aumentaram.	Parceiros do projeto. Compreendem bem os princípios básicos.
08.11.15	72	Sim	Sim	Para ajudar a pesquisa.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	Mora sozinha, mas divide o quintal com parentes.

09.11.15	73	Não	Não	Ajudar a controlar o mosquito. Disse que o balde tem uma substância que ajuda a acabar com a doença.	Não	Não	----	Apoia e gosta do projeto, mas não entendeu direito. Acha importante explicar a todos da casa e está disposto a ajudar sempre.
01.12.15	74	Sim	Sim	Para ajudar o projeto.	Sim	Não	----	
17.11.15	75	Sim	Sim	Ajudar a acabar com essa doença, porque não dá para contar com o serviço público.	Sim	Sim	Aumento de mosquitos. Disse que são bem pequenos.	Disse que ia comprar inseticida, mas não comprou para não interferir no baldinho. Passou as informações do projeto para todos os motoristas.
24.11.15	77	Sim	Sim	Os moços da Fiocruz pediram.	Sim	Sim	Menos mosquitos.	Vizinha de porta de anfitrião.
16.11.15	78	Sim	Sim	Ajudar.	Sim	Não	----	Não faz diferença nenhuma. Sempre vai alguém lá, troca e vai embora. Disse que sempre tem muito mosquito.
08.12.15	79	Sim	Sim	Ajudar.	Não	Não	----	
01.12.15	76	Não	Sim	Marido deixou.	Sim	Sim	Mais mosquitos.	
09.11.15	80	Não	Não	Porque era importante. “Tem muito pernilongo”.	Não	Sim	“Mosquito quase não tem”.	Anfitriã cega. Quer resolver os problemas de pernilongo.
17.11.15	82	Sim	Sim	Qualquer projeto que ajude a população é bom. O Brasil precisa de mais projetos que busquem a cura para doenças, que matam tantas pessoas.	Sim	Sim	“Melhorou”.	É irmão de Bárbara. Disse que conversou com a esposa sobre o projeto.
TOTAL	70	SIM: 52 NÃO: 18	SIM: 51 NÃO: 17 SOZINHOS: 2		SIM: 54 NÃO: 16	SIM: 47 NÃO: 22 Não responde: 1		

ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1: Primeiro panfleto do projeto ED.....	3
Anexo 2: “Newsletter” – Panfleto informativo direcionado para o bairro. Tubiacanga.	5
Anexo 3: “Newsletter” – Panfleto informativo direcionado ao bairro. Jurujuba.	6
Anexo 4: Panfleto – Comum a todos os bairros e instituições visitadas	7
Anexo 5: Cartaz – Venha Participar Conosco.	8
Anexo 6: Cartaz – Resultados Parcial e Final Tubiacanga – Primeira Liberação.....	9
Anexo 7: Cartaz – Resultado Final Tubiacanga – Segunda liberação.....	10
Anexo 8: Cartaz – Esclarecimento – Monitoramento pós liberação.	10
Anexo 9: Panfleto Resultados Parciais Tubiacanga	10
Anexo 10: Panfleto de esclarecimento	12
Anexo 11: Exemplo de Cartão Comemorativo entregue aos anfitriões	13
Anexo 12: Exemplo de Carta entregue aos moradores	14
Anexo 13: Cartilha de atividades para crianças (apenas a capa).....	15
Anexo 14: Materiais simples de divulgação.....	16
Anexo 15: Gráfico – Monitoramento de mosquitos em Tubiacanga	17
Anexo 16: Gráfico – Monitoramento de mosquitos em Jurujuba.	17
Anexo 17: Matéria de Jornal Ilha Notícias, 2015	18
Anexo 18: Questionário de Aceitação – Tubiacanga.	19
Anexo 19: Questionário de Aceitação – Jurujuba.	26


Anexo 1: Primeiro panfleto do projeto ED.

Prezado(a) morador(a),

Estamos contentes em trazer ao seu bairro o projeto "Eliminar a Dengue: Desafio Brasil", uma iniciativa científica pioneira em andamento em cinco países e tráfego ao Brasil pela Fiocruz.

Essa é uma nova estratégia de pesquisa para o controle da dengue, que utiliza a bactéria *Wolbachia* para bloquear a transmissão do vírus da dengue pelo mosquito *Aedes aegypti* de forma natural e autossustentável. Eu, pessoalmente, participei das descobertas envolvendo essa bactéria, em colaboração com pesquisadores da Universidade de Monash, na Austrália.

Nesse folder mostramos, de forma resumida, o que é o projeto e quais etapas vamos percorrer. A transparência na relação com os moradores dos bairros estudados é uma prioridade para o projeto. Por isso, sinta-se à vontade para entrar em contato e solicitar a visita de um dos especialistas envolvidos no projeto, que estão presentes semanalmente nos bairros em estudo. Os dados de contato e as informações adicionais estão no verso do folder.

Cordialmente,

Luciano Moreira
Pesquisador da Fiocruz – Coordenador do Projeto "Eliminar a Dengue: Desafio Brasil".

O PROJETO

O projeto "Eliminar a Dengue: Desafio Brasil" integra o esforço internacional sem fins lucrativos do Programa "Eliminate Dengue: Our Challenge" (Eliminar a Dengue: Nosso Desafio), que testa o método na Austrália, no Vietnã, na Indonésia e, agora, no Brasil. Trata-se de um programa de pesquisa liderado pela Universidade de Monash (Melbourne, Austrália) com diversos colaboradores internacionais. O projeto estuda a viabilidade de usar a bactéria *Wolbachia* como método de controle da dengue.

A *Wolbachia* é capaz de bloquear a transmissão do vírus da dengue pelo mosquito *Aedes aegypti*. Em localidades na Austrália, mosquitos que recebem a *Wolbachia* em laboratório têm sido soltos de forma sistemática desde 2011 e, nestes locais, a presença de mosquitos com a bactéria bloqueadora do vírus se tornou predominante de forma autossustentável.


Esta metodologia natural, segura, autossustentável e sem fins lucrativos está sendo testada em quatro bairros no Brasil, nas cidades do Rio de Janeiro e de Niterói.

OBJETIVO FINAL

Tornar o programa de pesquisa científica "Eliminar a Dengue" uma alternativa real para o controle da dengue e para a melhoria da saúde da população.


NATURAL

Naturalmente presente em cerca de 70% dos insetos no mundo, a *Wolbachia* (indicada por setas na figura ao lado) é uma bactéria intracelular e não existem evidências de qualquer risco para a saúde humana ou para o ambiente. Estudos recentes demonstraram que essa bactéria é amplamente presente entre os invertebrados, incluindo borboletas e diversos mosquitos, como o *Culex*, (o "pernilongo").



SEGURO

Como é uma bactéria intracelular, a *Wolbachia* apenas pode ser transmitida de mãe para filho, no processo de reprodução dos mosquitos. Testes realizados na Austrália comprovaram que mosquitos com *Wolbachia* não transmitem a bactéria porque, como é intracelular, a *Wolbachia* não atravessa o estreito duto salivar do mosquito. Muitos insetos, incluindo diversas espécies de mosquitos, naturalmente carregam cepas diferentes de *Wolbachia*. Esses mosquitos comumente picam pessoas sem efeitos negativos – como o pernilongo comum, por exemplo. Durante cinco anos, pesquisadores do programa "Eliminar a Dengue", na Austrália, voluntariamente alimentaram uma colônia de mosquitos com *Wolbachia*, resultando em centenas de milhares de picadas de mosquitos nessa equipe sem que fossem detectadas reações alérgicas.



AUTOSSUSTENTÁVEL

O método de controle é baseado na soltura programada dos mosquitos com *Wolbachia* que, ao se reproduzirem na natureza com mosquitos locais, passam a *Wolbachia* de mãe para filho através dos ovos. Com o passar do tempo, a expectativa é de que a maior parte da população local de mosquitos tenha *Wolbachia* e seja incapaz de transmitir dengue. Como conseguem transmitir a *Wolbachia* de geração em geração através dos ovos e possuem vantagens reprodutivas (tendo maiores chances de deixar prole) nos testes em andamento na Austrália, em poucas semanas os mosquitos com *Wolbachia* se tornaram predominantes nas populações locais de *Aedes aegypti*. Ou seja, por ser autossustentável, o método exige solturas pontuais e limitadas, dispensando a soltura continuada de mosquitos.

SEM FINS LUCRATIVOS

Além de todas as vantagens e garantias científicas, o programa "Eliminar a Dengue: Nosso Desafio" possui um diferencial único por ser uma iniciativa sem fins lucrativos. Como essa é uma exigência dos financiadores do projeto, existe a garantia absoluta de que os mosquitos com *Wolbachia* nunca serão vendidos e que, em nenhum momento, haverá qualquer tipo de custo ou de cobrança para os moradores dos bairros em estudo.


ETAPAS CUMPRIDAS

Cooperação e financiamento

Em 2011, foi estabelecido acordo de cooperação científica entre as instituições australianas e a Fiocruz e teve início o levantamento de recursos junto ao Ministério da Saúde para a viabilização do projeto.

Criação de mosquitos em colônias

Os primeiros ovos de *Aedes aegypti* com *Wolbachia* foram importados da Austrália com autorização do IBAMA. Estes ovos foram ecidiados em laboratório, dando origem a mosquitos adultos, que estão mantidos no insetário da Fiocruz. Os mosquitos se reproduzem com *Aedes aegypti* coletados no Brasil, em um processo chamado "backcrossing". Assim, dão origem a ovos que nascem naturalmente com *Wolbachia* e que são armazenados.




Anúncio do projeto

O projeto foi divulgado nos veículos de comunicação em setembro de 2012.

AÇÕES EM ANDAMENTO

Atividades de campo

Equipes de Entomologia de Campo e de Engajamento Comunitário atuam semanalmente nas áreas estudadas. Os mosquitos de cada localidade estão sendo estudados com base na captura em armadilhas especiais, que estão instaladas nas residências de moradores voluntários (os "anfitriões" do projeto). A informação e o engajamento dos moradores se dá por meio de reuniões, eventos, visitas e outras atividades realizadas pela equipe de Engajamento Comunitário.



Atividades de laboratório

Nos laboratórios da Fiocruz, são realizados estudos para testar a capacidade de bloqueio da *Wolbachia* em mosquitos experimentalmente infectados com os tipos de vírus da dengue que circulam no país.

Aprovação regulatória

Obter, junto aos órgãos competentes, aprovação para a realização das próximas etapas programadas.

PRÓXIMAS ETAPAS

Obtenção de autorização para os testes em campo

Previamente ao início dos testes de campo, os moradores dos bairros estudados serão informados sobre o andamento do projeto e convidados a fornecer sua autorização para a continuidade dessa etapa.

Testes em campo

Os testes em campo consistem na soltura de *Aedes aegypti* com *Wolbachia* nas áreas estudadas, esperando-se bloquear a transmissão do vírus.

Acompanhamento de dados científicos

Os mosquitos serão estudados para verificação da sua capacidade de se reproduzir com os mosquitos locais, gerando populações de mosquitos com *Wolbachia* e, portanto, incapazes de transmitir a dengue.

A descoberta

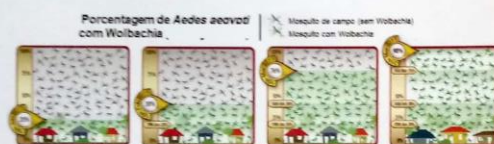
Tudo começou com estudos realizados por pesquisadores da Universidade de Monash (Austrália) com a participação do pesquisador da Fiocruz Luciano Moreira, líder do projeto "Eliminar a Dengue: Desafio Brasil". Os cientistas demonstraram em laboratório que, quando é introduzida no *Aedes aegypti*, a Wolbachia atua como uma 'vacina' para o mosquito, bloqueando a multiplicação do vírus dentro do inseto. Como consequência, a transmissão do vírus é impedida.

A ideia

A partir da descoberta veio uma ideia simples: soltar na natureza mosquitos com Wolbachia. Após se reproduzirem com mosquitos da localidade, eles passarão a característica para as próximas gerações, dando origem a uma população de mosquitos *Aedes aegypti* incapaz de transmitir a dengue. Para isso, os cientistas injetam a Wolbachia em ovos de *Aedes aegypti* por um sistema de microinjeção, dentro de laboratório. Depois disso, o processo é autossustentável: a Wolbachia será transmitida no processo natural de reprodução dos mosquitos.

O Programa "Eliminar a Dengue: Nosso Desafio"

O programa internacional começou na Austrália. Lá, desde 2011, é realizada a soltura de mosquitos com Wolbachia em localidades no norte daquele país, sempre com autorização dos moradores. Como conseguem transmitir a Wolbachia de geração em geração através dos ovos e possuem vantagens reprodutivas (tendo maiores chances de deixar prole), em poucas semanas, os mosquitos com Wolbachia se tornaram predominantes nas populações locais de *Aedes aegypti*.



O projeto no mundo

Atualmente, o programa "Eliminar a Dengue: Nosso Desafio" está presente em cinco países, atuando em diferentes fases em cada um deles.

Projeto internacional 'Eliminar a Dengue'	Estudos de viabilidade Preparação em laboratório	Testes de campo Avaliação	Objetivo
AUSTRÁLIA			Uso em campo como uma prática de controle da dengue
VIETNÃ			
INDONÉSIA			
BRASIL	2012 e 2013		
CHINA			

Nosso compromisso

A transparência junto aos moradores dos bairros estudados é uma prioridade para o projeto "Eliminar a Dengue: Desafio Brasil". Estamos disponíveis para esclarecer qualquer dúvida ou fornecer materiais adicionais sobre esse projeto comprometido com a saúde do Brasil e do mundo.

Nossos agradecimentos

A equipe do projeto agradece a todos os moradores que colaboram como "anfitriões", acolhendo nas suas residências as armadilhas que permitem monitorar e estudar os mosquitos que circulam em cada área.

Parceiros locais

A Secretaria Municipal de Saúde de Niterói e a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro colaboram com o projeto, disponibilizando agentes de saúde que atuam em campo.

Financiadores

O projeto "Eliminar a Dengue: Desafio Brasil" conta com financiamento da Fiocruz, do Ministério da Saúde (Secretaria de Vigilância em Saúde – SVS e Departamento de Ciência e Tecnologia da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos – DECI/SCITE), Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (CNPq) e Foundation for the National Institutes of Health (Estados Unidos).

Mais informações

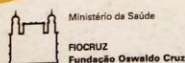
O endereço www.fiocruz.br/eliminaradengue disponibiliza informações detalhadas sobre o projeto e um vídeo de cinco minutos, que explica todo processo de forma simples e divertida.



Contato

engajamento@icict.fiocruz.br
Telefones: (21) 3865-3245 e (21) 9643-4805
Atendimento de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h

Realização:



Anexo 2: “Newsletter” – Panfleto informativo direcionado para o bairro. Tubiacanga.

ELIMINAR A DENGUE
DESAFIO BRASIL

FALA TUBIACANGA!

Muitas pessoas já estão envolvidas no projeto 'Eliminar a Dengue: Desafio Brasil'. Veja o que alguns dos moradores de Tubiacanga têm a dizer sobre a iniciativa.

Figura antiga na comunidade pesqueira, nascido e criado em Tubiacanga, Odilon do Nascimento é um anfitrião do projeto 'Eliminar a Dengue: Desafio Brasil'. Em sua casa, está instalada uma das armadilhas usadas para coletar mosquitos, o que é fundamental para os estudos preliminares que os pesquisadores da Fiocruz estão conduzindo.

"A Fiocruz é uma instituição muito séria, e a comunidade apoia inteiramente o serviço que a equipe vem prestando nessa comunidade."

"Os alunos estão muito empenhados nessa ação. A equipe tem estado aqui conosco, mostrando material concreto, explicando o objetivo desse desafio, que é um desafio para todos nós."

Diretora da Escola Municipal Cmte. Guilherme Fischer Presser, Rita de Cássia Almeida sabe que a dengue é um assunto para todas as idades. Ela abriu as portas da escola para receber a equipe do projeto.

PARA SABER MAIS

INTERNET
Acesse as informações sobre o projeto em www.fiocruz.br/eliminaradengue

KIT DO PROJETO
Para receber a pasta com informações detalhadas do projeto, solicite por e-mail ou telefone.

EMAIL
engajamento@icict.fiocruz.br

TELEFONE
Atendimento de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h, nos telefones (21) 3865-3245 ou (21) 99643-4805.

DESENHO ANIMADO
O passo-a-passo do projeto está explicado no desenho animado que publicamos no nosso site.

ENCONTROS E REUNIÕES
Basta entrar em contato com nossa equipe para marcarmos uma visita individual ou em grupo.

Este informativo foi produzido em fevereiro de 2014 pela equipe da Fiocruz que coordena o projeto 'Eliminar a Dengue: Desafio Brasil'.
Tiragem: 3 mil exemplares | Contato: engajamento@icict.fiocruz.br

Ministério da Saúde
FIOCRUZ Fundação Coordenação
Ministério da Saúde
GOVERNO FEDERAL
BRASIL
MOSQUITO DO BEM

ELIMINAR A DENGUE
DESAFIO BRASIL

POR DENTRO DO PROJETO

INFORMATIVO DO PROJETO ELIMINAR A DENGUE: DESAFIO BRASIL
COORDENADO PELA FIOCRUZ | PUBLICADO EM FEVEREIRO DE 2014

TUBIACANGA RECEBE PROJETO DA FIOCRUZ CONTRA A DENGUE

Bairro é o primeiro do país a receber os testes do projeto ELIMINAR A DENGUE: DESAFIO BRASIL, desenvolvido pela Fiocruz. O estudo científico usa o próprio mosquito para combater a doença: um *Aedes* 'do bem'.

ELIMINAR A DENGUE
DESAFIO BRASIL

PARA COMBATER A DENGUE, UM MOSQUITO 'DO BEM'

Tubiacanga será palco dos primeiros testes do projeto 'Eliminar a Dengue: Desafio Brasil', que estuda uma forma inovadora para combater a doença. Ao invés de tentar eliminar os mosquitos, nossa estratégia é usar o próprio *Aedes aegypti*. Para isso, o projeto científico coordenado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) vai soltar no bairro mosquitos que possuem uma bactéria natural chamada *Wolbachia*, com esta bactéria, o *Aedes* não consegue transmitir a vírus da dengue, interrompendo o ciclo da doença. Esta metodologia natural, segura e autossustentável é uma das estratégias mais inovadoras em estudo em todo o mundo. Veja o que já foi feito e conheça os próximos passos do projeto.

A ESCOLHA DE TUBIACANGA

Além de Tubiacanga, o projeto também está sendo realizado nos bairros da Urca e Vila Valqueire (Rio de Janeiro) e em Jurujuba (Niterói).

ETAPA DE ACOMPANHAMENTO

Para conhecer os mosquitos que existem nos bairros, surgiram os anfitriões do projeto: moradores que abrigam em suas casas armadilhas para captura dos mosquitos. Semanalmente a equipe da Fiocruz leva os mosquitos para o laboratório, onde são contados e identificados.

COMUNIDADE

As equipes de Engajamento Comunitário e de Entomologia atuam junto aos moradores informando sobre o projeto.

DESCOBERTA CIENTÍFICA

Tudo começou em estudos realizados por pesquisadores da Austrália. Os cientistas descobriram que, quando é introduzida no *Aedes aegypti*, a bactéria *Wolbachia* bloqueia a transmissão do vírus da dengue. A partir da descoberta veio uma ideia simples: soltar na natureza mosquitos com *Wolbachia*. Após se reproduzirem com mosquitos da localidade, eles passarão a característica para as próximas gerações.

ELIMINAR A DENGUE: NOSSO DESAFIO

O programa internacional 'Eliminar a Dengue: Nosso Desafio' foi criado para testar a viabilidade de usar a *Wolbachia* como um método de controle da dengue em larga escala. Além da Austrália e do Brasil, o programa é desenvolvido na Vietnã, Indonésia, China e Colômbia. Os mosquitos com *Wolbachia* são testados na Austrália desde 2011. Nos lugares em que foram soltos, os mosquitos com *Wolbachia* permanecem predominantes.

SOLTURA

Atualmente, estamos preparando a fase de soltura dos mosquitos com *Wolbachia* em Tubiacanga, ainda no primeiro semestre de 2014.

EXPECTATIVA

A previsão é que, como aconteceu na Austrália, os mosquitos com *Wolbachia* soltos pela equipe do projeto irão se reproduzir com os *Aedes aegypti* que existem no bairro, dando origem a filhotes que já nascem com o *Wolbachia*.

E DEPOIS?

Após a fase de soltura, faremos o monitoramento das populações dos mosquitos e vamos acompanhar os dados de ocorrência da dengue no bairro. Estes resultados serão divulgados para os moradores de Tubiacanga.

criação

Os mosquitos com *Wolbachia* são criados por uma equipe especializada nos Laboratórios da Fiocruz.

ELIMINAR A DENGUE
DESAFIO BRASIL

PALAVRA DO PESQUISADOR

LUCIANO MOREIRA

O pesquisador Luciano Moreira é um parceiro antigo do programa internacional 'Eliminar a Dengue: Nosso Desafio': ele, pessoalmente, participou de diversas descobertas iniciais dos cientistas da Austrália, enquanto realizava parte de sua formação científica no exterior. Especialista em *Aedes aegypti*, ele coordena todas as atividades do projeto no Brasil. Veja as respostas de Luciano para algumas das dúvidas mais comuns sobre o projeto.

O uso do *Wolbachia* é seguro?
Usamos o *Wolbachia*, que é uma bactéria natural, sem nenhuma modificação genética. Ela está presente em quase 70% de todos os insetos, inclusive no pernilongo, que pica o homem há séculos. Os estudos científicos sobre o assunto mostram que não há indicativos sobre nenhum tipo de problema.

Por que Tubiacanga foi um dos bairros escolhidos para receber o projeto?
Tubiacanga já recebe os pesquisadores da Fiocruz há anos para atividades de pesquisa sobre insetos. Por isso foi um dos bairros incluídos no projeto.

Será necessário soltar mosquitos com *Wolbachia* sempre?
Um dos diferenciais do projeto é ser autossustentável: existe uma característica na reprodução dos mosquitos com *Wolbachia* que leva todos os filhotes a já nascerem com a bactéria. Em pouco tempo, cerca de 10 a 20 semanas, os mosquitos com *Wolbachia* se estabelecem e tendem a manter esta estabilidade.

Haverá algum tipo de custo para os moradores?
Não existe nenhum custo para os moradores. O projeto tem financiamento da Fiocruz, Ministério da Saúde, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e da Universidade de Monash, na Austrália.

DIA A DIA DA EQUIPE

Para que o projeto seja um sucesso, nossas equipes trabalham nos Laboratórios da Fiocruz e, nos bairros que participam dos estudos, temos um pessoal simpático e animado que vai semanalmente a cada local. Conheça nossa equipe dedicada a Tubiacanga!

No Laboratório da Fiocruz, na Avenida Brasil, Vanessa Lopes trabalha na preparação do projeto. Ela atua na equipe responsável por fazer a criação de mosquitos com *Wolbachia*.

Este é o Gabriel Silvestre, fazendo uma das coisas de que mais gosta: falando sobre dengue. Ele é parte da equipe de Entomologia (os nossos especialistas em insetos), que trabalha no Laboratório, monitora os mosquitos nas casas dos anfitriões e esclarece as questões científicas para os moradores.

O grupo insubstituível de Engajamento Comunitário é formado por Maria Aparecida Assis (à esquerda), Michele Nacif, Kalline Russo e Nathalia Silva. Para apresentar o projeto e tirar todas as dúvidas, elas fazem uma maratona percorrendo casas, igrejas, escolas e comércio (veja os contatos na página 4).


Anexo 3: “Newsletter” – Panfleto informativo direcionado ao bairro. Jurujuba.

ELIMINAR A DENGUE


DESAFIO BRASIL

POR DENTRO DO PROJETO


INFORMATIVO DO PROJETO ELIMINAR A DENGUE: DESAFIO BRASIL, COORDENADO PELA FIOCRUZ, PUBLICADO EM JUNHO DE 2015.



JURUJUBA PARTICIPA COM A FIOCRUZ EM PROJETO INOVADOR CONTRA A DENGUE



É a vez do bairro de Jurujuba receber as atividades do projeto científico ELIMINAR A DENGUE: DESAFIO BRASIL. Liderado pela FioCruz, o estudo usa o próprio mosquito para combater a doença.



OPINIÃO DE QUEM PARTICIPA

Maísa Vasconcelos, dona de casa

“Torçemos para que tudo dê certo. Nós temos que abrir as portas para que esse mosquito possa eliminar a dengue em nossa comunidade.”

Evelyn Fernandes, enfermeira chefe da Clínica Médica de Família de Jurujuba

“No início a gente se assustou um pouco com a ideia de soltar mosquitos. Mas depois eu comecei a conhecer mais o projeto e agora acredito que é uma ótima iniciativa. Acho que esses mosquitos vão favorecer bastante a população de Jurujuba.”

Barbara Lima, agente de saúde

“É um projeto novo que vem dando certo já em outros lugares, como na Austrália. E acredito que pode funcionar aqui em Jurujuba também. No começo tive dúvidas, mas consegui resolver todas elas com o pessoal da FioCruz.”

Firmino José de Oliveira, comerciante

“O trabalho de informação da FioCruz foi muito satisfatório, nos explicando o projeto com os filmes nas reuniões e os panfletos explicativos. A integração é muito importante, porque vizinhos não fazemos nada.”

PARA SABER MAIS

INTERNET

Acesse as informações sobre o projeto em www.fiocruz.br/eliminaradengue

DESENHO ANIMADO

No nosso website, um desenho animado apresenta o passo-a-passo do projeto

ENCONTROS E REUNIÕES

Basta entrar em contato com nossa equipe para marcarmos uma visita individual ou em grupo.

EMAIL

engajamento@fiocruz.br

TELEFONE

(21) 3882-9265 ou (21) 99643-4805
Atendimento de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h e das 13h às 17h. Recebemos ligações à cobrar.

Este informativo foi produzido em junho de 2015 pela equipe de FioCruz que coordena o projeto “Eliminar a Dengue: Desafio Brasil”. FioCruz, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Ministério de Saúde, Secretaria de Planejamento Regional e Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), a Secretaria Municipal de Saúde de Rio de Janeiro e a Secretaria Municipal de Saúde de Jurujuba.

UM ESTUDO INOVADOR PARA COMBATER A DENGUE

O bairro de Jurujuba recebe os estudos do projeto “Eliminar a Dengue: Desafio Brasil”, que pesquisa uma forma inovadora para combater a doença. Ao invés de tentar eliminar os mosquitos, nossa estratégia é usar o próprio *Aedes aegypti*. Para isso, o projeto científico coordenado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) vai liberar no bairro mosquitos que possuem uma bactéria natural chamada Wolbachia, que é capaz de reduzir a sobrevivência do vírus da dengue pelo mosquito. Essa abordagem natural, segura, sem fins lucrativos e sustentável é uma das estratégias mais inovadoras em estudo em todo o mundo.

DESCOBERTA CIENTÍFICA

Os estudos em andamento realizados por pesquisadores da Austrália com participação do pesquisador brasileiro Luciano Moreira, da FioCruz. Eles descobriram que, quando é introduzido no *Aedes aegypti*, a bactéria Wolbachia reduz a transmissão do vírus da dengue. A partir da descoberta, surgiu a ideia de soltar na natureza mosquitos com Wolbachia. Após ser reproduzidos com mosquitos da localidade, os filhotes já nasceram com a bactéria.

SEM MODIFICAÇÃO GENÉTICA

O projeto não usa organismos transgênicos.

ELIMINAR A DENGUE: NOSSO DESAFIO

O programa internacional “Eliminar a Dengue: Nosso Desafio” foi criado para estudar a viabilidade de usar a Wolbachia como um método de controle da dengue em larga escala. Além da Austrália e do Brasil, o programa é desenvolvido no Vietnã, Indonésia e Colômbia.

PARTICIPAÇÃO DE JURUJUBA

Além de Jurujuba (Niterói), o projeto é realizado nos bairros de Tubacanga, Urca e Vila Valqueire (Rio de Janeiro).

ANFITRIÕES

Para combater os mosquitos que existem nos bairros estudados, a FioCruz conta com o apoio dos anfitriões do projeto: moradores que abrigam em suas casas armadilhas para captura dos mosquitos. Semanalmente a equipe da FioCruz coleta e leva os mosquitos para o laboratório, onde são contados e identificados.

Em Jurujuba, Maria Aparecida da Silva está entre os moradores que recebem mosquitos.

TRANSPARÊNCIA

As equipes de Relações com a Comunidade e de Entomologia atuam junto aos moradores informando sobre o projeto.

PRIMEIROS ESTUDOS NO BRASIL


O bairro da Tubacanga, na Ilha do Governador, recebeu os primeiros estudos de campo do projeto no país, em 2014.

EXPECTATIVA

A previsão é de que, como aconteceu na Austrália, os mosquitos com Wolbachia liberados pela equipe da primeira ilha se reproduziram com os *Aedes aegypti* que existem no bairro, dando origem a filhotes que já nasceram com a Wolbachia.

E DEPOIS?

Após a fase de liberação, vamos acompanhar a presença dos mosquitos com Wolbachia no bairro. Estes resultados serão divulgados para os moradores.



PALAVRA DO PESQUISADOR

LUCIANO MOREIRA

O pesquisador Luciano Moreira é um parceiro antigo do programa internacional “Eliminar a Dengue: Nosso Desafio”: ele participou de diversas descobertas iniciais com os cientistas da Austrália, enquanto realizava parte de sua trajetória científica no exterior. Especialista em *Aedes aegypti*, ele coordena as atividades do projeto no Brasil. Veja as respostas de Luciano para algumas das dúvidas mais comuns sobre o projeto.

Por que Jurujuba foi um dos bairros escolhidos para receber o projeto?

Nós partimos de quase 30 localidades no Rio de Janeiro e 6-bairros a escolha a partir de critérios entomológicos, ambientais e de ocupação humana, entre outros.

Será necessário soltar mosquitos com Wolbachia sempre?

Um dos diferenciais do projeto é ser autossustentável: existe uma característica na reprodução dos mosquitos com Wolbachia que leva todos os filhotes a já nascerem com a bactéria.

Haverá algum tipo de custo para os moradores?


O projeto não tem fins lucrativos e não existe nenhum custo para os moradores. No Brasil, o projeto tem financiamento do Ministério da Saúde, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e CNPq. O projeto conta, ainda, com recursos diretos da Fundação Bill & Melinda Gates e da Universidade de Monash (Austrália), e com contrapartida da FioCruz em estrutura, recursos humanos e equipamentos. Todos os financiamentos estão detalhados no nosso site.

O uso da Wolbachia é seguro?


Usamos a Wolbachia, que é uma bactéria natural, sem nenhuma modificação genética. Ela está presente em cerca de 60% de todos os insetos, inclusive no pernilongo, que pica o homem há séculos. Os estudos científicos sobre o assunto mostram que não há indícios sobre nenhum tipo de problema.

DIA A DIA DA EQUIPE


Para que o projeto seja um sucesso, nossas equipes trabalham nos Laboratórios da FioCruz e, nos bairros que participam dos estudos, temos um pessoal simpático e animado que vai semanalmente a cada local. Conheça nossa equipe!



No Laboratório da FioCruz, na Avenida Brasil, a equipe trabalha na criação de mosquitos *Aedes aegypti* com Wolbachia, num processo que requer dedicação permanente.



A equipe de Entomologia faz reuniões semanais em locais estratégicos para discutir o projeto e os resultados dos estudos.



O grupo de Relações com a Comunidade é responsável por apresentar o projeto e tirar dúvidas. Eles fazem visitas domiciliares para explicar o projeto, esclarecer dúvidas e coletar mosquitos para análise.

Anexo 4: Panfleto – Comum a todos os bairros e instituições visitadas.

PARA SABER MAIS

Temos o compromisso de informar todos os moradores dos bairros onde os estudos são realizados sobre o andamento do projeto 'Eliminar a Dengue: Desafio Brasil'. Para isso, criamos diversas alternativas e contamos com uma equipe de engajamento da comunidade.



INTERNET

No site, confira as informações e o passo-a-passo do projeto em desenho animado
www.fiocruz.br/eliminaradengue



ENCONTROS E REUNIÕES

Basta entrar em contato com nossa equipe para marcarmos uma visita



KIT DO PROJETO

Para receber informações detalhadas do projeto, solicite por email ou telefone



EMAIL

engajamento@iciet.fiocruz.br

TELEFONE

(21) 3865-3245 ou (21) 99643-4805 (segunda a sexta-feira, das 9h às 17h)



ELIMINAR A DENGUE

DESAFIO BRASIL

IMAGINE UM MOSQUITO QUE NÃO TRANSMITE A DENGUE
EM BREVE, A **FIOCRUZ** VAI TESTAR UMA NOVA FORMA DE CONTROLE DA DENGUE NO SEU BAIRRO

VENHA PARTICIPAR CONOSCO!



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Ministério da Saúde
GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

OBJETIVO

A proposta do projeto científico 'ELIMINAR A DENGUE: DESAFIO BRASIL' é bloquear a transmissão do vírus da dengue pelo mosquito *Aedes aegypti* de uma forma natural, segura, autossustentável e sem fins lucrativos.

NATURAL

A pesquisa usa uma bactéria natural chamada *Wolbachia*, que está presente em mais de 70% dos insetos.



BLOQUEIO DA DENGUE

Cientistas demonstraram em laboratório que, quando é introduzida no *Aedes aegypti*, a *Wolbachia* bloqueia a transmissão do vírus da dengue pelo inseto.



TESTES EM CAMPO

Nos testes em campo, que serão realizados no Brasil e já aconteceram com sucesso na Austrália e Vietnã, faremos a soltura de *Aedes aegypti* com *Wolbachia*, com a expectativa de reduzir a transmissão do vírus da dengue nas áreas estudadas.



NO BRASIL

Os bairros de Tubiacanga, Urca, Vila Valqueire (no Rio de Janeiro) e Jurujuba (em Niterói) recebem o projeto liderado pela Fiocruz.



NO MUNDO

O projeto também é realizado na Austrália, Vietnã, Indonésia, China e Colômbia.



Anexo 5: Cartaz – Venha Participar Conosco.

ELIMINAR A DENGUE
DESAFIO BRASIL

IMAGINE UM MOSQUITO QUE NÃO TRANSMITE A DENGUE

Em breve, a **Fiocruz** vai testar uma nova forma de controle da dengue no seu bairro

Usamos um mosquito *Aedes aegypti* 'do bem', que bloqueia a transmissão do vírus

VENHA PARTICIPAR CONOSCO!

PARA SABER MAIS

A participação da comunidade é fundamental. Por isso, nossa equipe está pronta para atender os moradores por telefone, email ou visita. Agende conosco!

SITE: www.fiocruz.br/eliminaradengue

EMAIL: engajamento@iciet.fiocruz.br

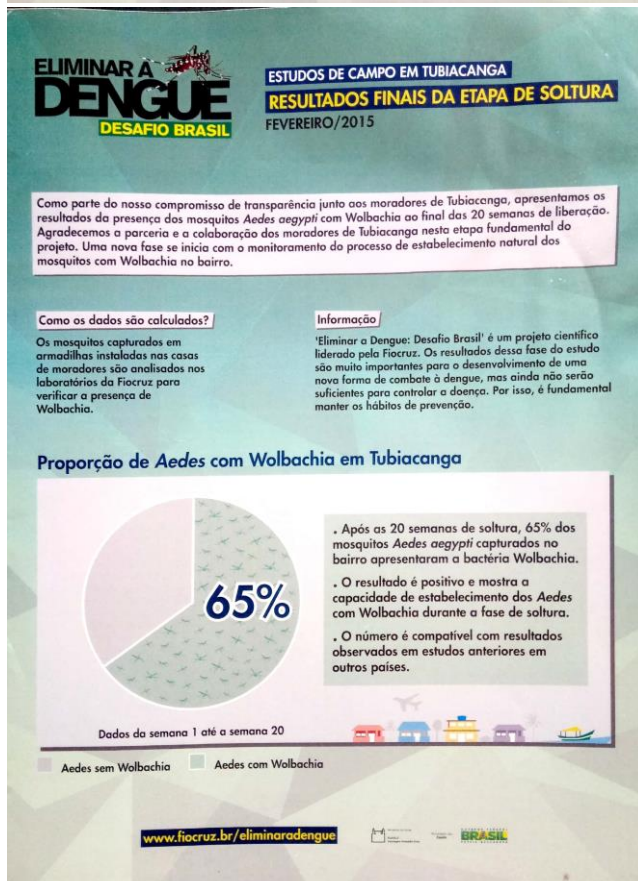
TELEFONES: (21) 3865-3245 ou (21) 99643-4805
(atendimento de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h)

Ministério da Saúde
Fiocruz
Fundação Oswaldo Cruz

Ministério da Saúde

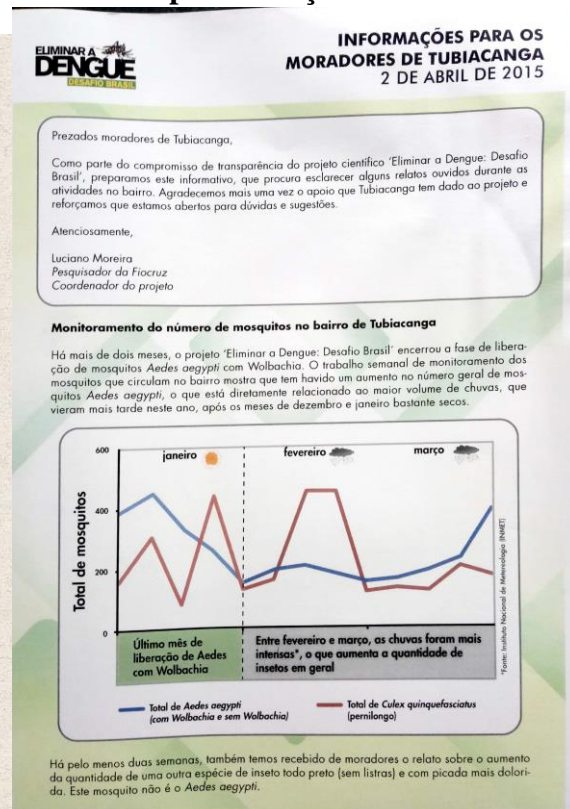
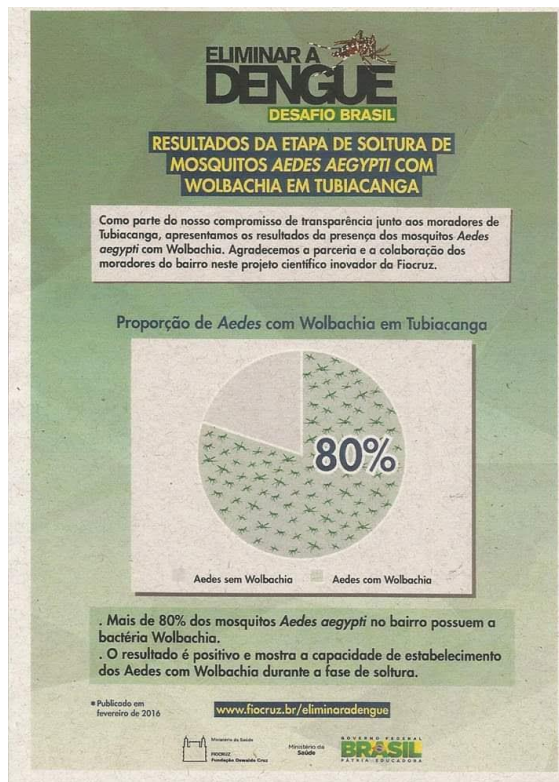
GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAZ, SEGURANÇA E JUSTIÇA

Anexo 6: Cartaz – Resultados Parcial e Final Tubiacanga – Primeira Liberação.



Anexo 7: Cartaz – Resultado Final Tubiacanga – Segunda liberação.

Anexo 8: Cartaz – Esclarecimento – Monitoramento pós liberação.



Anexo 9: Panfleto Resultados Parciais Tubiacanga – Entregues em todas as casas (frente e verso).

Como os dados são calculados?

Os mosquitos capturados nas armadilhas instaladas nas casas de moradores são analisados nos laboratórios da Fiocruz para checarmos a presença de *Wolbachia*.

Informação

'Eliminar a Dengue: Desafio Brasil' é um projeto de pesquisa. Os resultados dessa fase do estudo são muito importantes para o desenvolvimento de uma nova forma de combate à dengue, mas ainda não serão suficientes para controlar a doença. Por isso, é fundamental manter os hábitos de prevenção.

Contato

Converse com nossa equipe de Relações com a Comunidade!
engajamento@fiocruz.br
(21) 97281-4532

Atendimento por telefone de segunda a sexta-feira (9h às 17h), incluindo ligações a cobrar

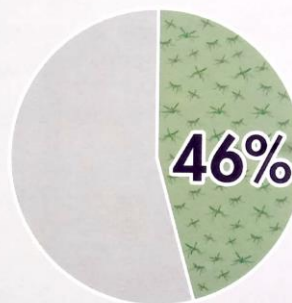
www.fiocruz.br/eliminaradengue

Ministério da Saúde
Fiocruz Fundação Coordenação de Controle
Ministério da Saúde
Fiocruz Fundação Coordenação de Controle
BRASIL
PAZ E BEM-ESTAR



ESTUDOS DE CAMPO EM TUBIACANGA: RESULTADOS PARCIAIS
DEZEMBRO/2014

ELIMINAR A DENGUE
DESAFIO BRASIL

Como parte do nosso compromisso de transparência junto aos moradores de Tubiacanga, apresentamos os resultados parciais da presença dos mosquitos *Aedes aegypti* com Wolbachia. Eles são liberados no bairro como parte de um projeto científico que busca reduzir os casos de dengue de forma natural e segura. Agradecemos a parceria e a colaboração dos moradores de Tubiacanga nesta etapa fundamental do projeto.



Dados da semana 1 até a semana 12

 Aedes sem Wolbachia  Aedes com Wolbachia

Proporção de *Aedes* com Wolbachia em Tubiacanga

Após doze semanas, 46% dos mosquitos capturados nas armadilhas apresentaram a bactéria Wolbachia. O resultado é positivo e esperamos observar crescimento nas próximas semanas. Novos dados serão divulgados em breve.





Anexo 10: Panfleto de esclarecimento – diferença entre mosquito da dengue e pernilongo comum (entregue para cada morador).

Contato

Em caso de dúvidas, converse com
nossa Equipe de Relações com a
Comunidade:
engajamento@fiocruz.br
(21) 97281-4532

Atendimento por telefone de
segunda a sexta-feira (9h às 17h),
incluindo ligações a cobrar

www.fiocruz.br/eliminaradengue

ELIMINAR A DENGUE
DESAFIO BRASIL

Esclarecimento

Nas últimas semanas, moradores de Tubiacanga informaram sobre aumento no número de mosquitos. Como nosso projeto possui armadilhas em todo o bairro, identificamos um

grande aumento do pernilongo doméstico.

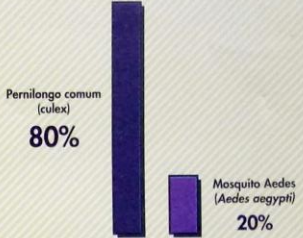
Como mostramos ao lado:

80% eram pernilongos

20% eram mosquitos *Aedes*

Lembramos que o mosquito do bem é o *Aedes* com *Wolbachia*

Total de mosquitos coletados nas armadilhas em Tubiacanga (Novembro de 2014)



mosquito	Porcentagem
Pernilongo comum (<i>Culex</i>)	80%
Mosquito <i>Aedes</i> (<i>Aedes aegypti</i>)	20%

DIFERENÇAS: PERNILONGO COMUM E AEDES

Pernilongo (*Culex quinquefasciatus*)




Foto: Kirby Knutley/UC Davis Department of Entomology

Nome comum: Pernilongo doméstico
Nome científico: *Culex quinquefasciatus*
Cor: Marrom claro, sem listras no corpo.
Quando pica: Principalmente à NOITE e dentro das casas. São responsáveis pelo "zumbido" nos ouvidos durante o sono.
Criadouros: Depositam os ovos em água parada de aspecto sujo e mau cheiroso (bueiros, valas, canaletas e buracos no solo), principalmente nos meses quentes e chuvosos.

Aedes aegypti




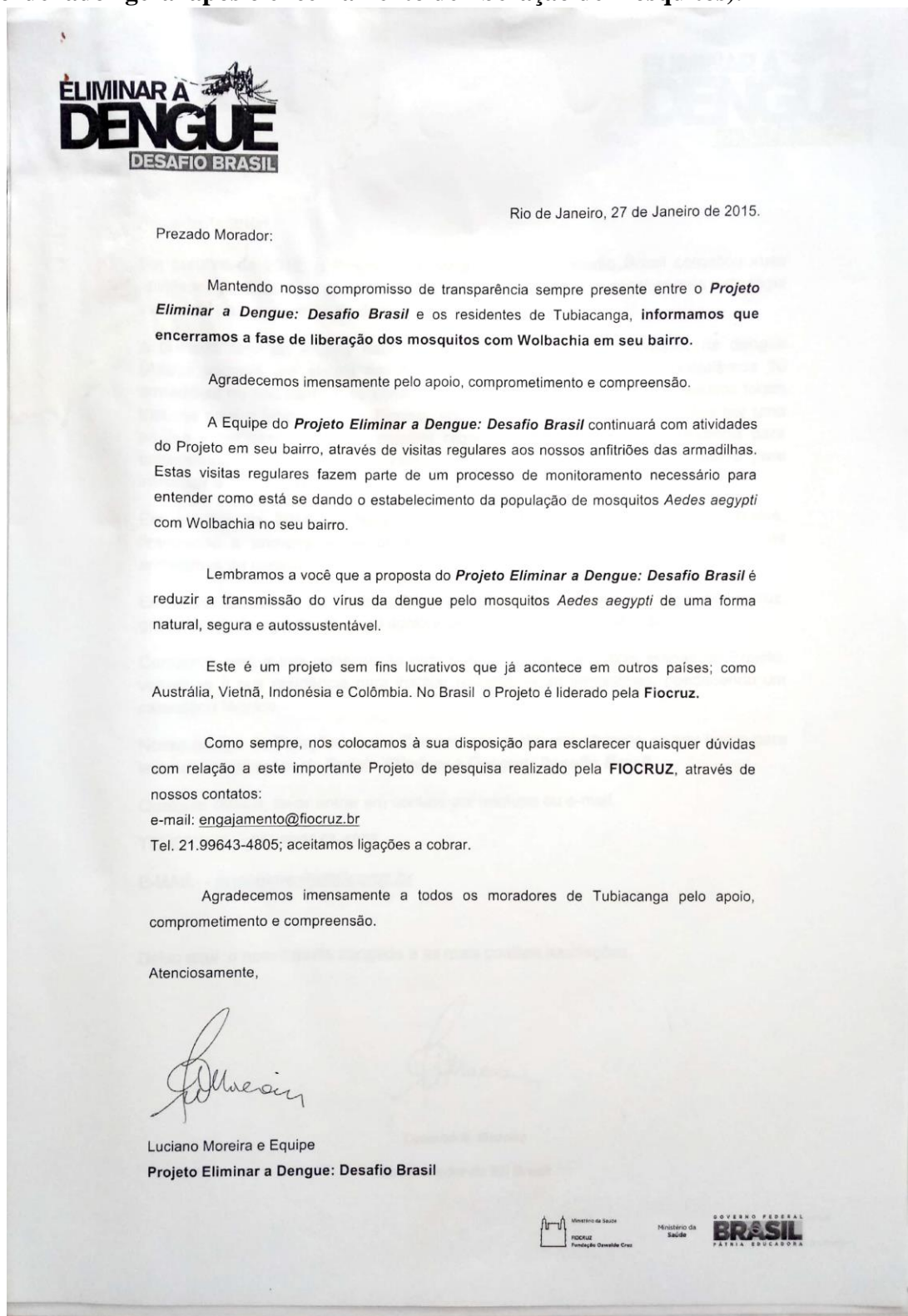
Foto: Genilton Vieira/IOC

Nome comum: Mosquito da dengue
Nome científico: *Aedes aegypti*
Cor: Marrom escuro com listras brancas no corpo e nas pernas
Quando picam: Durante o DIA de maneira discreta, raramente é notado quando se alimenta de sangue.
Criadouros: Próximos às casas, em água limpa parada (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, tonéis, etc.)

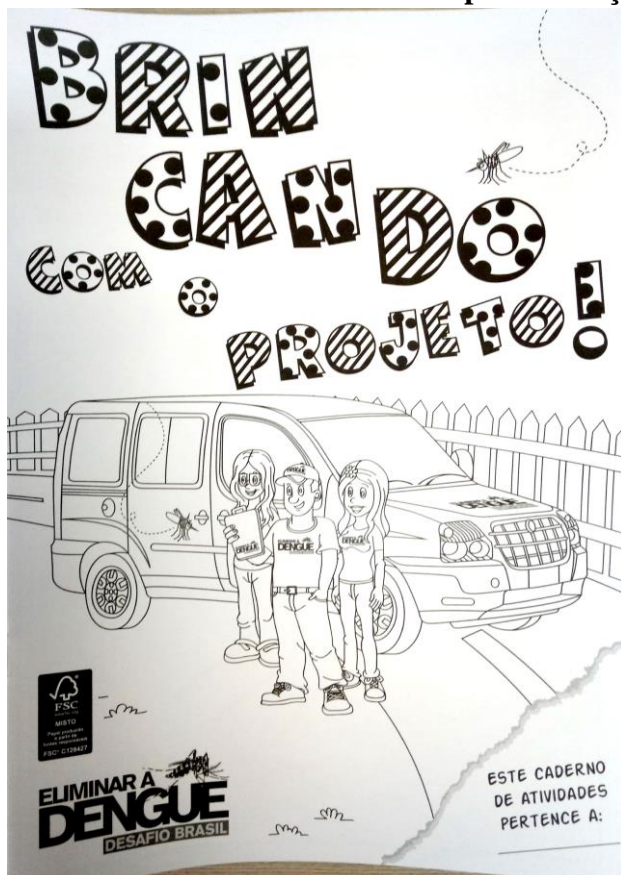
Anexo 11: Exemplo de Cartão Comemorativo entregue aos anfitriões (no caso, dia da mulher)



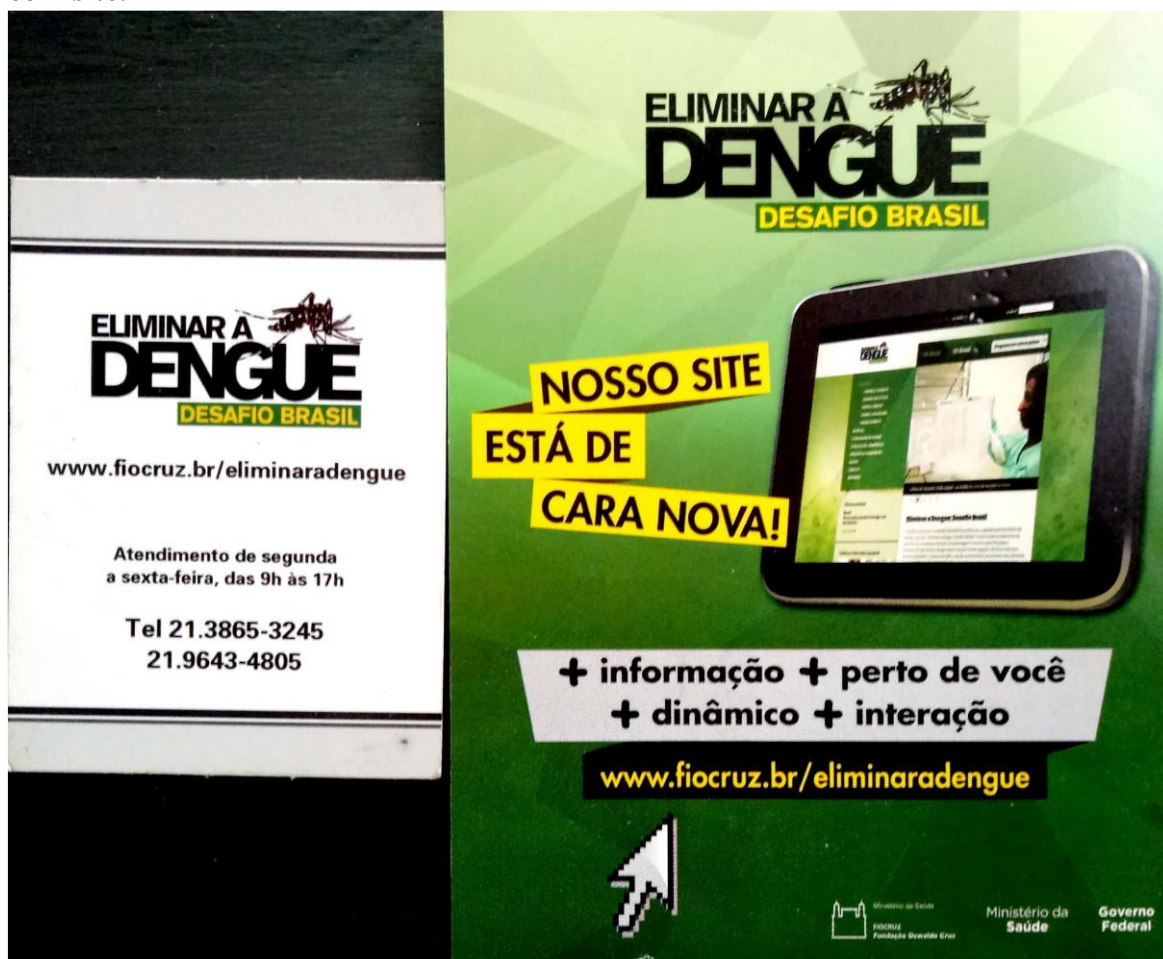
Anexo 12: Exemplo de Carta entregue aos moradores (no caso, agradecimento do coordenador geral após o encerramento de liberação de mosquitos).



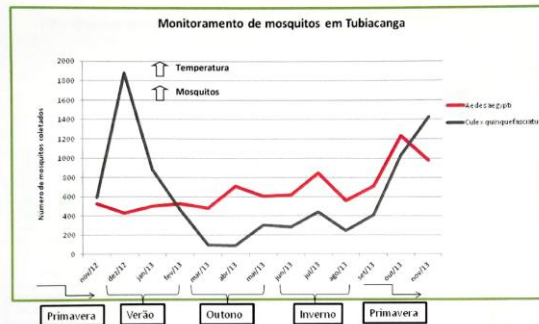
Anexo 13: Cartilha de atividades para crianças (apenas a capa).



Anexo 14: Materiais simples de divulgação – Imã de geladeira com telefone e panfleto com site.



Anexo 15: Gráfico – Monitoramento de mosquitos em Tubiacanga (exemplo de um dos gráficos entregues aos anfitriões).



• O gráfico apresenta o número de mosquitos capturados por semana nas armadilhas. No início, o monitoramento era feito com 15 armadilhas. Na semana 24 dobramos este número, portanto o monitoramento atualmente é feito com 30 armadilhas.

• É por meio do acompanhamento e coleta dos mosquitos nas armadilhas que conhecemos as populações naturais dos mosquitos, as espécies existentes e a quantidade de mosquitos durante as estações do ano. Os resultados irão orientar posteriormente a soltura dos mosquitos com wolbachia.

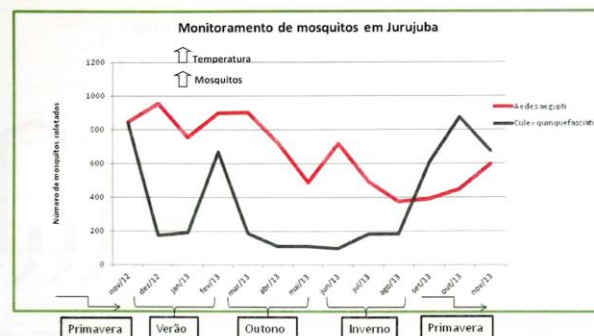
• Nota-se que o clima influencia a quantidade de mosquitos capturados.

• As principais espécies de mosquitos capturados são: *Aedes aegypti* = a fêmea transmite Dengue | *Culex quinquefasciatus* = "pernilongo" não transmite Dengue.

• Os dados apresentados neste gráfico foram produzidos pela equipe da Fiocruz que atua no projeto 'Eliminar a Dengue: Desafio Brasil' como informação parcial referente ao trabalho de campo. Os dados buscam auxiliar o estudo científico em andamento e não substituem as taxas oficiais de presença de *Aedes aegypti*, obtidas a partir de outras metodologias.

Contatos: engajamento@icict.fiocruz.br - telefones: (21) 3865-3245 e (21) 9643-4805
atendimento de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h.

Anexo 16: Gráfico – Monitoramento de mosquitos em Jurujuba (exemplo de um dos gráficos entregues aos anfitriões).



• O gráfico apresenta o número de mosquitos capturados por semana nas armadilhas. No início, o monitoramento era feito com 13 armadilhas. Na semana 24 dobramos este número, portanto o monitoramento atualmente é feito com 26 armadilhas.

• É por meio do acompanhamento e coleta dos mosquitos nas armadilhas que conhecemos as populações naturais dos mosquitos, as espécies existentes e a quantidade de mosquitos durante as estações do ano. Os resultados irão orientar posteriormente a soltura dos mosquitos com wolbachia.

• Nota-se que o clima influencia a quantidade de mosquitos capturados.

• As principais espécies de mosquitos capturados são: *Aedes aegypti* = a fêmea transmite Dengue | *Culex quinquefasciatus* = "pernilongo" não transmite Dengue.

• Os dados apresentados neste gráfico foram produzidos pela equipe da Fiocruz que atua no projeto 'Eliminar a Dengue: Desafio Brasil' como informação parcial referente ao trabalho de campo. Os dados buscam auxiliar o estudo científico em andamento e não substituem as taxas oficiais de presença de *Aedes aegypti*, obtidas a partir de outras metodologias.

Contatos: engajamento@icict.fiocruz.br - telefones: (21) 3865-3245 e (21) 9643-4805
atendimento de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h.

Anexo 17: Matéria de Jornal – exemplo enviado por morador de Tubiacanga (Jornal Ilha Notícias, 2015).

6 DE NOVEMBRO DE 2015 ILHA NOTÍCIAS PÁGINA 19

Dengue não preocupa Tubiacanga

Fiocruz não dá trégua aos mosquitos

A Fundação Oswaldo Cruz continua com os estudos de campo na comunidade de Tubiacanga na tentativa de criar método alternativo para erradicar o mosquito *Aedes Aegypti* (transmissor da dengue) através da bactéria *Wolbachia*.

Atualmente duas metodologias estão sendo estudadas: a liberação de mosquitos adultos e a liberação de ovos – neste caso,

é usado o Dispositivo de Liberação de Ovos (DLO), um recipiente plástico com tampa e pequenos furos nas laterais. O DLO contém ovos de *Aedes Aegypti* com *Wolbachia*, água e alimento para as larvas nascerem. O equipamento é alojado nas próprias residências dos moradores.

De acordo com Luciano Moreira, pesquisador da Fiocruz e coordenador do Projeto no Brasil, o uso

dos dois métodos é parte da busca por soluções que sejam eficazes e baratas.

— Devido à facilidade da logística e ao menor custo, o DLO permite que, no futuro as áreas de combate ao mosquito da dengue sejam ampliadas — explicou o pesquisador.

Tubiacanga é o único lugar no Rio de Janeiro que o projeto estuda o método de liberação de mosquitos *Aedes Aegypti* adultos com *Wolbachia* combinado ao uso de DLO e a experiência tem dado certo.

O morador Toni Salgado participa do Projeto Eliminar a Dengue: Desafio Brasil e, ele assim como vários outros membros da comunidade, aloca em sua casa os baldinhos com os ovos de mosquito portadores da bactéria *Wolbachia*. “Sinto-me orgulhoso em colaborar com um trabalho tão importante como este. Ti-

nhamos grandes índices de dengue aqui em Tubiacanga e depois que a Fundação Oswaldo Cruz iniciou esses estudos, há um ano, não tivemos mais nenhum caso da doença. Sempre que os pesquisadores quiserem vou colaborar”, disse o morador.

De acordo com o pesquisador Gabriel Sylvestre, estudos recentes apontam que mais da metade dos mosquitos *Aedes Aegypti* capturados em Tubiacanga já possuem a bactéria *Wolbachia*. “É um resultado muito bom e que vai melhorar ainda mais. Vale ressaltar que esta iniciativa da Fiocruz é mais uma tentativa de evitar a proliferação da dengue”, orienta o Sylvestre, destacando, entretanto, que para a erradicação do mosquito da dengue, a comunidade deve continuar com os hábitos de manter ruas e casas limpas evitando acúmulo de água parada.



Equipe da Fundação Oswaldo Cruz em Tubiacanga.



Toni Salgado mostra um dos captadores de mosquitos.

Anexo 18: Questionário de Aceitação – Tubiacanga.

QUESTIONÁRIO

Engajamento comunitário e pesquisa em saúde: por uma agenda de pesquisa para o controle da dengue

Número de identificação: _____

Entrevistador: _____

Data da entrevista: ____/____/____

Hora de início: _____

Hora de término: _____

A. Identificação e contexto sócio demográfico

A1. Data de nascimento: ____/____/____

A2. |__| Sexo

(1) Masculino
(2) Feminino

A3. Residência (bairro): _____

A4. |__| |__| Tempo que mora no bairro (em anos)

A5. |__| Estado civil:

(1) Casado
(2) Desquitado ou separado judicialmente
(3) Divorciado
(4) Viúvo
(5) Solteiro

A6. Religião: _____

A7. |__| Cor da pele:

(1) Branca
(2) Preta
(3) Parda
(4) Amarela
(5) Indígena
(6) Não deseja declarar

A8. |__| |__| Grau de escolaridade (última série concluída)

(00) Sem escolaridade
(01) Ensino fundamental incompleto
(02) Ensino fundamental completo
(03) Ensino médio incompleto

- (04) Ensino médio completo
 (05) Ensino técnico incompleto
 (06) Ensino técnico completo
 (07) EJA – Educação de jovens e Adultos
 (08) Superior incompleto
 (09) Superior completo

A9. Ocupação: _____

A10. Renda familiar: _____

A11. Número de pessoas residentes no domicílio: _____

A12. |__| Tem estudante/pessoa em idade escolar morando na residência?

- (1) Sim
 (2) Não (*pular para questão A13*).

A12.A. Em caso afirmativo, preencher a tabela	Grau de escolaridade * vide tabela questão A8
__ __	Estudante 1
__ __	Estudante 2
__ __	Estudante 3
__ __	Estudante 4
__ __	Estudante 5

A13. |__| Você tem alguma preocupação (pública) com relação ao seu bairro?

- (1) Sim
 (2) Não (**pular para questão 15*)
 (3) Não sabe (**pular para questão 15*)
 (4) Não responde (**pular para questão 15*)

A13.A. Se sim (1), qual? _____

A14. Se você tem alguma preocupação (pública), para quem você comunica?

A15. |__| Você trabalha fora do bairro?

- (1) Sim
 (2) Não (** pular para questão A16*)

A15.A. Se sim (1) , em qual região? _____

B. Dengue

B1. |__| |__| Você ou alguém próximo do seu convívio já teve dengue?

- (1) Sim
- (2) Não (* pular para questão B2)

B1.A. Se sim (1), quem? _____

B1.B. Em sua opinião, onde ela contraiu a dengue? _____

B2. |__| |__| Em uma escala de 0 a 10, qual é o grau de importância que você dá para o problema da dengue no seu bairro?

Pouco importante

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Muito importante

B3. |__| |__| Em uma escala de 0 a 10, qual o seu grau de preocupação de contrair dengue?

Não me preocupa

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Me preocupa muito

B4. |__| |__| Você sabe como a dengue é transmitida?

- (1) Sim
- (2) Não (*pular para questão B6)

B5. |__| |__| Como a dengue é transmitida?

- (1) Pessoa a pessoa
- (2) Pela água
- (3) Pelo ar
- (4) Por mosquitos
- (5) Pela saliva
- (6) Sexualmente
- (7) Não sei

B6. |__| |__| Na sua opinião, a dengue pode levar à morte?

- (1) Sim
- (2) Não
- (3) Não sabe
- (4) Não responde

B7. |__| |__| O que você faz para prevenir a dengue?

- (1) Elimina criadouros
- (2) Chama o fumacê
- (3) Usa repelente
- (4) Usa raquete
- (5) Usa inseticida
- (6) Usa alguma receita caseira
- (7) Denuncia os vizinhos para instâncias do governo
- (8) Outros. Quais? _____

B8. |__| **Você conhece quais medidas o município utiliza contra a dengue?**

- (1) Sim
- (2) Não (*pular para questão B9)

B8.A. **Se sim (1) , quais (pode marcar mais de uma opção)?**

- (1) Sensibilização/orientação/ educação / informação
- (2) Destruição de criadouros
- (3) Uso de larvicida biológico
- (4) Aplicação de larvicida na água potável
- (5) Fumacê

B9. |__| |__| **Qual a nota que você dá para o seu conhecimento de dengue?**

Pouco conhecimento

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Muito conhecimento

C. Engajamento e o projeto "Eliminar a dengue: desafio Brasil"

C1. |__|

Você já ouviu falar sobre o projeto de pesquisa "Eliminar a Dengue: Desafio Brasil"?

- (1) Sim
- (2) Não (* pular para questão C10)

C2. |__|

Você tem conhecimento que o projeto é desenvolvido aqui no seu bairro?

- (1) Sim
- (2) Não

C3. Em caso afirmativo para C1 ou C2, como você tomou conhecimento deste projeto? (pode marcar mais de uma opção)

- (1) Material impresso de divulgação (folhetos, panfletos, cartazes, jornais do bairro)
- (2) Mídia eletrônica (e-mail, sites, boletins eletrônicos, mala direta, vídeos)
- (3) Televisão
- (4) Conversa com moradores do bairro
- (5) Conversa com agentes comunitários de saúde
- (6) Conversa com agentes de vigilância em saúde
- (7) Reuniões e eventos do projeto no bairro
- (8) Conversa com a equipe de engajamento comunitário da Fiocruz
- (9) Escolas
- (10) Igrejas
- (11) Unidade básica de saúde
- (12) Outros. Quais: _____

C4. |__|

Você sabe qual a instituição responsável pelo projeto?

- (1) Secretaria de Estado de Saúde e de Defesa Civil
- (2) Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz
- (3) Secretaria Municipal de Saúde
- (4) Ministério da Saúde

C5. |__|

Você conhece as pessoas responsáveis pelo projeto?

- (1) Sim
- (2) Não (*pular para questão C7)

C6. |__|

Com que frequência você os encontra?

- (1) Semanalmente
- (2) Quinzenalmente
- (3) Mensalmente
- (4) Nunca
- (5) Outra _____

C7. |__|

Você sabe que o projeto usa um tipo de armadilha para capturar mosquitos?

- (1) Sim
- (2) Não

- (1) Sim
- (2) Não (* pular para a questão C14)

C13A. Se sim (1), o que você gostaria de saber?

C14. ☐ ☐ Como gostaria de ser informado sobre o andamento do projeto de pesquisa "Eliminar a Dengue: Desafio Brasil"?

- (1) Televisão
- (2) Radio
- (3) Jornal
- (4) Telefone/torpedos
- (5) Informativos via correio
- (6) Jornal
- (7) Material Informativo impresso(revistas, cartazes, folhetos, faixas)
- (8) Reuniões na comunidade
- (9) Assistir a uma apresentação
- (10) Internet (email, redes sociais e sites)
- (11) Através de informes nas escolas pelas crianças
- (12) Associação de bairro

Muito obrigada(o) pela sua atenção e colaboração. A sua participação será muito importante para as etapas futuras do projeto.

Anexo 19: Questionário de Aceitação – Jurujuba.

QUESTIONÁRIO

Engajamento comunitário e pesquisa em saúde: por uma agenda de pesquisa para o controle da dengue

Número de identificação: 001

Entrevistador: [REDACTED]

Data da entrevista: 17/08/15

Hora de início: 14:20

Hora de término: 14:30

A. Identificação

A1. Data de nascimento: [REDACTED]

A2. 1 | 1 | Sexo

(1) Masculino
(2) Feminino
(9) Não responde

A3. Residência (bairro): [REDACTED]

A4. 2 | 0 | Tempo que mora no bairro (em anos)

A5. 0 | 0 | Grau de escolaridade (última série concluída)

(00) Sem escolaridade
(01) Ensino fundamental incompleto
(02) Ensino fundamental completo
(03) Ensino médio incompleto
(04) Ensino médio completo
(05) Ensino técnico incompleto
(06) Ensino técnico completo
(07) EJA – Educação de jovens e Adultos
(08) Superior incompleto
(09) Superior completo
(99) Não responde

A6. Ocupação: pecaador

A7. 0 | 6 | Número de pessoas residentes no domicílio:

A8. 1 | Tem estudante/pessoa em idade escolar morando na residência?

(1) Sim
(2) Não (pular para questão A9)
(9) Não responde

A8.A. | 0 | 1 | Quantos estudantes/ pessoa em idade escolar moram na residência ?

A9. | 2 | Você tem alguma preocupação (pública) com relação ao seu bairro?

- (1) Sim
- (2) Não (*pular para questão 12)
- (3) Não sabe (*pular para questão 12)
- (4) Não responde (*pular para questão 12)

A10.A. Se sim (1), qual? _____

A11. Se você tem alguma preocupação (pública), para quem você comunica?

A12. | 1 | Você trabalha fora do bairro?

- (1) Sim
- (2) Não
- (3) Não responde

B. Dengue

B1. | 1 | Você ou alguém próximo do seu convívio já teve dengue?

- (1) Sim
- (2) Não (* pular para questão B2)
- (9) Não responde

B1.A. Se sim (1), quem? sebrinha

B1.B. Em sua opinião, onde ela contraiu a dengue? na rua

B2. | 1 | 0 | Em uma escala de 0 a 10, qual é o grau de importância que você dá para o problema da dengue no seu bairro?

Pouco importante

Muito importante

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

B3. | 1 | 0 | Em uma escala de 0 a 10, qual o seu grau de preocupação de contrair dengue?

Não me preocupa

Me preocupa muito

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

B4. 1

Você sabe como a dengue é transmitida?

- (1) Sim
- (2) Não (*pular para questão B6)

B5. 4

Como a dengue é transmitida?

- (1) Pessoa a pessoa
- (2) Pela água
- (3) Pelo ar
- (4) Por mosquitos
- (5) Pela saliva
- (6) Sexualmente
- (7) Não sei
- (8)

B6. 1

Na sua opinião, a dengue pode levar à morte?

- (1) Sim
- (2) Não
- (3) Não sabe
- (4) Não responde

B7. 1

O que você faz para prevenir a dengue?

- (1) Elimina criadouros
- (2) Chama o fumacê
- (3) Usa repelente
- (4) Usa raquete
- (5) Usa inseticida
- (6) Usa alguma receita caseira
- (7) Denuncia os vizinhos para instâncias do governo
- (8) Outros. Quais? _____

B8. 1

Você conhece quais medidas o município utiliza contra a dengue?

- (1) Sim
- (2) Não (*pular para questão B9)

B8.A.

Se sim (1), quais (pode marcar mais de uma opção)?

- (1) Sensibilização/orientação/ educação / informação
- (2) Destruição de criadouros
- (3) Uso de larvicida biológico
- (4) Aplicação de larvicida na água potável
- (5) Fumacê

B9. 1

Qual a nota que você dá para o seu conhecimento de dengue?

Pouco conhecimento

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Muito conhecimento

C. Engajamento e o projeto "Eliminar a dengue: desafio Brasil"

C1. | 1 | Você já ouviu falar sobre o projeto de pesquisa "Eliminar a Dengue: Desafio Brasil"?

- (1) Sim
- (2) Não (* pular para questão C10)

C2. | 1 | Você tem conhecimento que o projeto é desenvolvido aqui no seu bairro?

- (1) Sim
- (2) Não

C3. Em caso afirmativo para C1 ou C2, como você tomou conhecimento deste projeto? (pode marcar mais de uma opção)

- (1) Material impresso de divulgação (folhetos, panfletos, cartazes, jornais do bairro)
- (2) Mídia eletrônica (e-mail, sites, boletins eletrônicos, mala direta, vídeos)
- (3) Televisão
- (4) Conversa com moradores do bairro
- (5) Conversa com agentes comunitários de saúde
- (6) Conversa com agentes de vigilância em saúde
- (7) Reuniões e eventos do projeto no bairro
- (8) Conversa com a equipe de engajamento comunitário da Fiocruz
- (9) Escolas
- (10) Igrejas
- (11) Unidade básica de saúde
- (12) Outros. Quais: _____

C4. | 1 | Você sabe qual a instituição responsável pelo projeto?

- (1) Secretaria de Estado de Saúde e de Defesa Civil
- (2) Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz
- (3) Secretaria Municipal de Saúde
- (4) Ministério da Saúde

C5. | 1 | Você conhece as pessoas responsáveis pelo projeto?

- (1) Sim
- (2) Não (*pular para questão C7)

C6. | 1 | Com que frequência você os encontra?

- (1) Semanalmente
- (2) Quinzenalmente
- (3) Mensalmente
- (4) Nunca
- (5) Outra _____

6 ou 7

C7. 1

Você sabe que o projeto usa um tipo de armadilha para capturar mosquitos?

- (1) Sim
- (2) Não

C8. 2

Você tem armadilha na sua casa?

- (1) Sim
- (2) Não

C9.

Você pode nos indicar do que se trata o projeto "Eliminar a Dengue: Desafio Brasil"?

- (1) Inseticida
- (2) Destruição de criadouros
- (3) Larvicida
- (4) Mosquito com bactéria que pode bloquear o vírus da dengue
- (5) Fumacê
- (6) Outro. Qual? _____

C10. 1

Você sabe que no projeto de pesquisa está prevista, no seu bairro, a liberação de mosquitos com uma bactéria que podem bloquear o vírus da dengue?

- (1) Sim
- (2) Não
- (3) Não sabe
- (4) Não responde

C11. 1

Você é a favor da liberação de mosquitos que podem bloquear a dengue prevista no projeto de pesquisa "Eliminar a Dengue: Desafio Brasil"?

- (1) Sim
- (2) Não
- (3) Não sabe
- (4) Não responde

C11.A. 1 10

Se sim (1), qual é o seu grau de apoio?

Não apoio

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Apoio fortemente

C12. 11 | 10 | Qual a nota que você dá para o seu conhecimento sobre o projeto de pesquisa "Eliminar a Dengue: Desafio Brasil"?

Pouco conhecimento

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Muito conhecimento

C13. 1 | 1 | Você gostaria de saber mais sobre o projeto?

- (1) Sim
- (2) Não (* pular para a questão C14)

C13A. Se sim (1), o que você gostaria de saber?

Como acaba com o mosquito

C14. 10 | 1 | Como gostaria de ser informado sobre o andamento do projeto de pesquisa "Eliminar a Dengue: Desafio Brasil"?

- (1) Televisão
- (2) Rádio
- (3) Jornal
- (4) Telefone/torpedos
- (5) Informativos via correio
- (6) Jornal
- (7) Material Informativo impresso(revistas, cartazes, folhetos, faixas)
- (8) Reuniões na comunidade
- (9) Assistir a uma apresentação
- (10) Internet (email, redes sociais e sites)
- (11) Através de informes nas escolas pelas crianças
- (12) Associação de bairro

Muito obrigada(o) pela sua atenção e colaboração. A sua participação será muito importante para as etapas futuras da pesquisa no seu país.